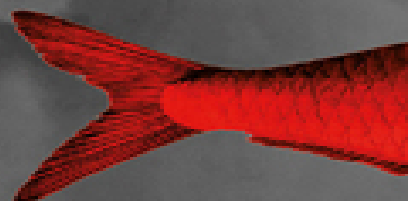


ALFAGUARA



Haruki Murakami

Caçando carneiros

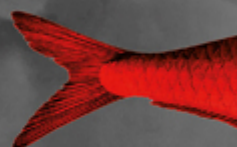




ALFAGUARA

Haruki Murakami

Caçando carneiros



ALFAGUARA

Haruki Murakami

Caçando carneiros

Tradução do japonês
Leiko Gotoda

Copyright © 1982 by Haruki Murakami

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Hitsuji o meguru Boken

Capa

Retina_78

Preparação

Marcelo Rondinelli

Angel Bojadsen

Revisão

Ana Kronemberger

Juliana Souza

1ª Edição: Estação Liberdade, 2001

2ª Edição: Editora Objetiva, 2014

Proibida a venda em Portugal

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M944c

Murakami, Haruki

Caçando carneiros [recurso eletrônico] / Haruki Murakami ; tradução Leiko Gotoda. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Hitsuji o meguru Boken*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

303 p. ISBN 978-85-7962-317-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção japonesa. 2. Livros eletrônicos. I. Gotoda, Leiko. II. Título.

14-12058 CDD: 895.63

CDU: 821.521-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Caçando carneiros](#)

[Capítulo I 25/11/1970](#)

[1 O piquenique das tardes de quarta-feira](#)

[Capítulo II Julho de 1978](#)

[1 A respeito dos dezesseis passos](#)

[2 Ela, as fotos e a combinação desaparecem](#)

[Capítulo III Setembro de 1978](#)

[1 O pênis da baleia e a mulher das três profissões](#)

[2 Das orelhas liberadas](#)

[3 Das orelhas liberadas – Continuação](#)

[Capítulo IV Em busca do carneiro I](#)

[1 Do estranho homem – Introdução](#)

[2 Do estranho homem](#)

[3 A respeito do Chefe](#)

[4 Contando carneiros](#)

[5 O carro e o motorista I](#)

[6 O mundo da minhoca](#)

[Capítulo V As cartas do Rato e os acontecimentos seguintes](#)

[1 A primeira carta do Rato \(carimbo de 21 de dezembro de 1977\)](#)

[2 A segunda carta do Rato \(carimbo de ? de maio de 1978\)](#)

[3 A canção chega ao fim](#)

[4 Ela me fala do marulhar das ondas enquanto bebe seu salty dog](#)

[Capítulo VI Em busca do carneiro II](#)

[1 A estranha história de um estranho homem I](#)

[2 A estranha história de um estranho homem II](#)

[3 O carro e o motorista II](#)

[4 Fim de verão e começo de outono](#)

[5 1/5000](#)

[6 O piquenique da tarde de domingo](#)

7 A respeito do raciocínio limitado e persistente

8 O nascimento do Sardinha

Capítulo VII O Hotel do Golfinho

1 A viagem termina num cinema; rumo ao Hotel do Golfinho

2 Entra em cena o Doutor Carneiro

3 O Doutor Carneiro come muito e fala muito

4 Deixamos o Hotel do Golfinho

Capítulo VIII Em busca do carneiro III

1 Fundação, progresso e decadência da cidade de Junitaki

2 Cidade de Junitaki: decadência adicional e os carneiros

3 Uma noite em Junitaki

4 Contornando a curva sinistra

5 Ela abandona a montanha; a fome me atormenta

6 O que achei na garagem e o que pensei no meio da campina

7 A chegada do homem-carneiro

8 O caminho do vento

9 Coisas que o espelho reflete e coisas que o espelho não reflete

10 E as horas vão passando

11 Habitantes das trevas

12 O Rato que deu corda ao relógio

13 Os fios verdes e vermelhos; a gaivota congelada

14 De volta à curva sinistra

15 Reunião ao meio-dia

Epílogo

Caçando carneiros

Capítulo I

25/11/1970

O piquenique das tardes de quarta-feira

Soube de sua morte por um amigo. Ele viu a notícia quando passava os olhos pelas páginas de um matutino, e a leu lentamente para mim ao telefone. Texto simples. Tipo do artigo em geral delegado a repórteres recém-formados à guisa de treino.

No dia tanto do mês tal, um caminhão dirigido por alguém atropelou outro alguém em certa esquina. Alguém estava sendo investigado por homicídio involuntário.

Parecia um poema curto, desses de primeira página de revista.

— Onde vai ser o enterro? — perguntei.

— Não faço ideia — respondeu. — Para começo de conversa, ela tinha casa e família?

Tinha, é claro.

Liguei no mesmo dia para a delegacia de polícia e obtive seu endereço e o número do telefone. Chamei o número em seguida e me informei a respeito dos detalhes do enterro. Quase tudo se consegue com um pequeno esforço, já disse alguém.

Sua casa ficava na parte baixa da cidade. Abri um mapa regional de Tóquio e marquei a área com esferográfica vermelha. Típico bairro de cidade baixa. Linhas férreas, de metrô e de ônibus entrecruzavam-se como fios de uma teia tecida por aranha desnorteada. Incontáveis ruas e canais atulhavam a área e agarravam-se à crosta terrestre como rugas em casca de melão.

No dia do enterro tomei um bonde em Waseda. Saltei perto do fim da linha e consultei o mapa, que, naquelas condições, me foi quase tão útil quanto o mapa-múndi. Até chegar ao meu destino, eu já tinha perdido a conta dos maços de cigarro comprados em troca de informações.

Era uma casa velha de madeira circundada por uma cerca de tabuinhas marrom. À esquerda do portão havia um jardim minúsculo, de utilidade discutível, e a um canto, abandonado, um velho fogareiro portátil de cerâmica

com quase quinze centímetros de água de chuva estagnada. A terra do jardim era preta e úmida.

Ela tinha saído de casa aos dezesseis anos. Isso podia explicar o clima melancólico do funeral. Estavam presentes apenas os familiares, gente idosa em sua maioria. A cerimônia foi presidida pelo irmão mais velho, ou quem sabe cunhado, um homem aparentando pouco mais de trinta anos.

O pai devia andar pela casa dos cinquenta. Era miúdo e usava faixa de luto na manga do terno preto. Em pé ao lado do portão, manteve-se quase imóvel durante todo o tempo. Seu aspecto lembrava asfalto depois que a água da enchente escoou.

*

Conheci-a no outono de 1969. Eu tinha vinte anos na época, e ela, dezessete. Havia uma pequena cafeteria perto da faculdade onde eu costumava reunir-me com colegas. Não era grande coisa de estabelecimento, mas ali você podia sempre tomar um café horroroso ao som de hard rock.

Ela se sentava sempre no mesmo lugar, cotovelos fincados na mesa, absorta na leitura de um livro qualquer. Usava óculos que lembravam aparelho ortodôntico e tinha mãos esqueléticas, mas conseguia ser de algum modo atraente. Seu café estava sempre frio, e o cinzeiro, sempre cheio de pontas de cigarro. As únicas variantes eram os livros. Ora Mickey Spillane, ora Kenzaburo Oe, ora Allen Ginsberg. Não lhe importavam autores ou temas, bastava-lhe apenas que fossem livros, quase sempre emprestados de estudantes que frequentavam o local. Ela os lia vorazmente de cabo a rabo, como se roesse uma espiga de milho. Naquela época as pessoas emprestavam com prazer, de modo que nunca lhe faltou material para leitura.

Eram tempos também do The Doors, dos Stones, dos Byrds, do Deep Purple e dos Moody Blues. Havia certa dose de tensão e instabilidade no ar, dando a impressão de que um bom pontapé seria capaz de deitar abaixo quase tudo.

Passávamos os dias bebendo uísque barato, praticando um sexo chocho, discutindo sem chegar a conclusão alguma ou emprestando livros uns aos outros. Enquanto isso, a cortina caía rangendo sobre a década de sessenta, de incômoda memória.

Esqueci o nome dela.

Posso procurar o recorte do jornal e verificar, mas nome é o que menos importa agora. Eu o esqueci. Só isso.

Veja ou outra acontece de me reunir com velhos amigos e de, por acaso, ser ela o assunto da conversa. Ninguém se lembra do nome dela. Dizem, naqueles velhos tempos tinha uma garota que dormia com qualquer um, lembra, como era mesmo o nome dela?, esqueci completamente, eu mesmo dormi com ela algumas vezes, por onde estará agora, ia ser engraçado topar com ela de repente no meio da rua.

“Era uma vez uma garota que dormia com qualquer um.” Eis o seu nome.

*

Estritamente falando, não dormia com qualquer um, é claro. Devia ter seus critérios.

Por outro lado, e objetivamente falando, era também inegável que ela dormia com *quase todo mundo*.

Eu quis saber desses critérios uma única vez, por pura curiosidade.

— Bem... — disse ela. Trinta segundos de silêncio pensativo se seguiram.
— Não é que eu aceite dormir com qualquer um, é claro. Alguns me enojam, às vezes. No fundo, talvez eu esteja apenas querendo conhecer as pessoas. Ou talvez seja desse modo que o mundo passe a fazer sentido para mim.

— Dormindo com homens?

— A-hã.

Foi minha vez de pensar por instantes.

— E... fez sentido, por acaso?

— Algum — respondeu.

*

Quase não a vi desde o inverno de 1969 até o verão de 1970. Paralisações e lockouts alternavam-se na universidade, e eu mesmo enfrentava dificuldades de natureza pessoal.

Quando tornei a pôr os pés na cafeteria no outono do ano seguinte, a clientela tinha mudado por completo, sendo o dela o único rosto que reconheci. Hard rock era ainda o pano de fundo, mas já não havia eletricidade

no ar. Apenas ela e o café abominável permaneciam iguais. Sentei-me na cadeira diante dela e falamos sobre a turma antiga enquanto bebíamos café.

A maioria tinha abandonado a faculdade. Um havia cometido suicídio, outro desaparecera sem deixar vestígios. Esse tipo de papo.

— E você, que andou fazendo durante o ano passado? — perguntou-me ela.

— Muita coisa — respondi.

— Tirou proveito?

— De certa forma...

Nessa noite, dormimos juntos pela primeira vez.

*

Não sei quase nada da sua vida. Tenho a impressão de que alguém me contou o pouco que sei, ou talvez ela mesma tenha me falado sobre isso na cama. No verão da primeira série do curso secundário teve uma briga memorável com o pai, abandonou a casa — e, de quebra, a escola. Se bem me lembro, era essa a história. Onde morava ou o que fazia para viver ninguém sabia.

Passava os dias sentada numa cadeira da cafeteria, ouvindo rock, bebendo incontáveis xícaras de café e fumando sem parar enquanto virava as páginas de um livro, esperando que alguém lhe surgisse para pagar a conta do café e dos cigarros (na época, quantia nada desprezível para sujeitos como nós), para depois tipicamente acabar na cama desse alguém.

Isso era tudo que eu sabia a seu respeito.

A partir do outono desse ano até a primavera seguinte passou a surgir uma vez por semana, todas as noites de terça-feira, em meu apartamento, nas proximidades de Mitaka. Comia os jantares simples que eu preparava, enchia meus cinzeiros de pontas de cigarro e depois fazia sexo comigo com o rádio sintonizado na estação FEN tocando rock a todo vapor. Acordávamos na manhã de quarta, atravessávamos o bosque a pé até o campus da Universidade Cristã Internacional, parávamos no refeitório e almoçávamos. À tarde, tomávamos um café aguado na saleta dos estudantes e, se o tempo estivesse bom, deitávamo-nos no gramado do campus e contemplávamos o céu.

Nossos piqueniques das tardes de quarta, dizia ela.

— É como estar num piquenique de verdade.

— Piquenique?

— Veja este espaço aberto, a relva que se estende a perder de vista e as pessoas de aparência descontraída...

Sentada na grama, ela riscava inúmeros fósforos e acendia enfim o cigarro.

— O sol sobe alto e depois cai, as pessoas vêm e vão, e o tempo passa como uma brisa. Não lhe parece um piquenique?

Na época, eu tinha vinte e um anos, faria vinte e dois em algumas semanas. Não via nenhuma perspectiva de me formar proximamente, tampouco um motivo convincente para abandonar a faculdade. Apanhado nas malhas de circunstâncias estranhas e deprimentes, fiquei meses imobilizado, incapaz de dar o primeiro passo libertador.

Parecia-me que o mundo continuava a girar e só eu permanecia no mesmo lugar. No outono de 1970 tudo ao meu redor adquiriu um tom desolador, as cores esmaecendo rapidamente diante dos meus olhos. A luz do sol, o cheiro da grama e até o mais leve tamborilar da chuva me enervavam.

Sonhei muitas vezes que pegava um trem noturno. Sempre o mesmo sonho. Um noturno asfixiante em virtude da fumaça dos cigarros, do cheiro do banheiro e do ranço de corpos humanos, apinhado a ponto de não poder me mexer, bancos manchados com restos de vômito ressecado. Não suporto. Levanto-me e desço numa estação qualquer. Estou numa localidade deserta, não vejo nem uma única luz indicando residências próximas. Não vejo agentes ferroviários, nem relógio, nem a tabela de horário dos trens, nada — prosseguia o sonho.

Guardo a impressão de que a tratei com agressividade naqueles dias. Hoje, já não sei ao certo em que consistiu essa agressividade. Pode até ser que eu estivesse apenas agredindo a mim mesmo. Seja como for, ela não dava a mínima importância. Ou então (posso estar exagerando agora) até se divertia com isso. Por quê, não sei. Chego à conclusão de que ela não procurava carinho em mim. Estranhos sentimentos me assaltam ainda hoje quando penso nisso. Como se minha mão esbarrasse de repente numa parede invisível que flutua no espaço. A tristeza me invade.

*

Ainda me lembro com nitidez daquela estranha tarde de 25 de novembro de 1970. Folhas dos gincos derrubadas por chuvas torrenciais tingiam de amarelo

a vereda que cortava o bosque, dando-lhe o aspecto de um rio seco. Ela e eu dávamos voltas e voltas por essa vereda, mãos nos bolsos. Nenhum som além do ruído das folhas que nossos pés esmagavam e dos gritos agudos dos pássaros.

— O que você tanto remói? — perguntou ela de repente.

— Nada de mais — respondi.

Alguns metros adiante, sentou-se à beira da vereda e fumou.

— Você tem tido pesadelos frequentes?

— Tenho tido *um monte* de pesadelos. Quase sempre em torno de máquinas que engolem minhas moedas.

Riu e descansou a mão no meu joelho, mas logo a retirou.

— Não quer falar sobre isso, certo?

— Sei que não vou conseguir me explicar direito...

Jogou o cigarro meio fumado e o esmagou cuidadosamente com a sola do sapato.

— Não é fácil falar sobre coisas que realmente nos importam, não é verdade?

— Sei lá — murmurei.

Dois pássaros levantaram voo perto dali e foram tragados por um céu sem nuvens. Por instantes, contemplamos em silêncio o ponto em que desapareceram. Então, ela apanhou um galho seco e começou a desenhar padrões incompreensíveis na lama.

— Às vezes, sinto uma tristeza imensa quando durmo com você.

— Lamento — eu disse.

— Você não tem culpa. E também não é porque pensa em outra enquanto fazemos sexo. Isso não tem importância, realmente. Eu... — Parou no meio da frase e traçou lentamente três linhas retas no chão. — Ah, sei lá.

— Nunca tive a intenção de excluí-la, você sabe — eu disse depois de algum tempo. — Acontece que nem eu estou entendendo direito o que aconteceu. Pretendo avaliar uma série de coisas do modo mais justo possível. Não quero exagerar, e também não quero ser mais realista que o necessário. E isso toma tempo.

— Quanto tempo?

Sacudi a cabeça.

— Não sei. Talvez um ano, talvez dez.

Lançou o galho no chão e se ergueu, espanando os pedacinhos de grama seca agarrados ao casaco.

— Dez anos... Parecem uma eternidade, não parecem?

— Concordo — eu disse.

Caminhamos pelo bosque até o campus da UCI, sentamo-nos como sempre na saleta e mastigamos alguns cachorros-quentes. Eram duas da tarde e fotos de Yukio Mishima surgiam em repetidos flashes na TV da saleta. O controle do som estava quebrado e não conseguíamos ouvir quase nada do que estava sendo dito. De qualquer modo, não nos interessava. Um estudante subiu numa cadeira e manipulou o botão do volume por algum tempo, mas acabou desistindo e se foi.

— Eu quero você — eu disse.

— Está bem — respondeu ela, e sorriu.

E assim mergulhamos nossas mãos uma vez mais nos bolsos de nossos casacos e voltamos para o apartamento a passos lentos.

Quando acordei, ela chorava mansamente, em silêncio. Seu corpo esguio tremia sob as cobertas. Liguei o aquecedor e consultei o relógio. Duas da madrugada. Uma lua espantosamente branca brilhava no centro do firmamento.

Esperei até vê-la parar de chorar, fervei água numa chaleira e fiz chá preto de saquinho. Nós dois o tomamos, sem açúcar, leite ou limão. Apenas chá preto, bem quente. Acendi em seguida dois cigarros e passei-lhe um. Inalou e expeliu a fumaça três vezes em rápida sucessão e se desfez num acesso de tosse.

— Diga-me: alguma vez sentiu vontade de me matar? — perguntou.

— Matá-la?

— A-hã.

— Por que a pergunta?

Cigarro ainda na boca, esfregou a pálpebra com a ponta de um dedo.

— Perguntei por perguntar.

— Não, nunca — respondi.

— Está sendo sincero?

— Estou. Por que haveria eu de querer matá-la?

— Está certo — disse, com um jeito cansado. — É que me passou de repente pela cabeça que talvez não fosse tão mau ser assassinada. No meio de um sono pesado, por exemplo.

— Não tenho índole homicida, sinto muito.

— Não?

— Até onde sei...

Ela riu. Enterrou o cigarro no cinzeiro, bebeu mais um gole de chá e acendeu um novo cigarro.

— Vou viver até os vinte e cinco anos — declarou. — E então morrer.

*

Em julho de 1978 ela estava morta, aos vinte e seis anos de idade.

Capítulo II

Julho de 1978

A respeito dos dezesseis passos

Esperei o silvo do ar comprimido indicar que as portas do elevador tinham-se fechado às minhas costas antes de cerrar os olhos deliberadamente. E então juntei os cacos do meu consciente e andei dezesseis passos pelo corredor em direção à porta do meu apartamento. Olhos cerrados, exatos dezesseis passos. Nem um a mais ou a menos. Cabeça girando como um parafuso sem rosca em virtude do uísque, boca recendendo a nicotina.

Por mais bêbado que esteja, consigo caminhar esses dezesseis passos tão reto quanto numa linha traçada a régua. É o prêmio por muitos anos de autodisciplina inútil. Qualquer que seja o grau da bebedeira, jogo os ombros para trás, endireito a espinha, ergo a cabeça e encho os pulmões com o ar frio da manhã e os cheiros do corredor de concreto. Depois, fecho os olhos e caminho dezesseis passos em linha reta através da névoa do uísque.

Dentro das fronteiras desse mundo de dezesseis passos, obtive o título de “O Mais Cortês dos Bêbados”. Uma conquista simples. Basta apenas aceitar, pelo valor de face, o fato de que se está embriagado.

Sem “contudos”, “poréns” ou “ainda assins”. Eu estou bêbado, e ponto.

É desse modo que me transformo no Bêbado Mais Cortês. O passarinho que mais cedo madruga, o último vagão da composição a cruzar a ponte.

Cinco, seis, sete...

No oitavo passo paro, abro os olhos e inspiro profundamente. Um leve zumbido nos ouvidos. Como o da brisa marinha assobiando através de uma tela de arame enferrujado. Por falar nisso, faz muito tempo que não vou à praia.

Vejamos. 24 de julho, 6h30 da manhã. Época do ano ideal para ir à praia, hora ideal. Ninguém a poluiu ainda. Pegadas de pássaros se espalham na beira da arrebentação como agulhas de pinheiros que a brisa derrubou.

A praia, humm...

Recomeço a andar. Esqueça a praia. Tudo isso foi há muito tempo.

No décimo sexto passo parei, abri os olhos e me encontrei plantado exatamente diante da maçaneta da minha porta, como sempre. Apanhei jornais de dois dias e dois envelopes da caixa de correio, e os meti debaixo do braço. Depois, pesquei as chaves do fundo do bolso e, com elas na mão, encostei a testa na porta de ferro gelada. De algum lugar atrás de minhas orelhas, um estalido. Eu mesmo sou um chumaço de algodão encharcado de álcool. Não tenho certeza absoluta de estar consciente.

Que beleza.

Quase um terço da porta aberta, escorreguei para dentro, fechando-a atrás de mim. Vestíbulo silencioso. Mais do que devia.

E foi então que notei os escarpins vermelhos aos meus pés. Escarpins vermelhos que me eram familiares. Instalados entre um par de tênis enlameado e outro de sandálias de praia baratas, lembravam um presente natalino fora de hora. O silêncio flutuava sobre eles, fino como pó.

Ela estava debruçada sobre a mesa da cozinha. A testa descansava sobre os braços, e os cabelos pretos e lisos ocultavam-lhe o perfil. Um pedaço da pele branca do pescoço aparecia entre as mechas do cabelo. Pelo decote do vestido estampado — esse eu não conhecia — espiava um pedacinho da alça do sutiã.

Despi o paletó, desfiz o nó da gravata e removi o relógio, mas ela não se mexeu. Olhar para suas costas despertou lembranças. Coisas de um tempo anterior àquele em que a conheci.

— Olá — eu disse alto, mas a voz não era minha. Parecia vir de longe, com um propósito determinado. Não houve resposta, conforme esperava.

Ela podia estar dormindo, chorando ou morta.

Sentei-me diante dela e pressionei os olhos com a ponta dos dedos. O sol invadia o aposento e o deslumbrante clarão cortava a mesa em duas. Eu estava no claro, e ela, na penumbra. Penumbra sem cor. Um vaso de gerânio murcho restava sobre a mesa. Lá fora, alguém lavava a calçada. Água batendo no pavimento, cheiro de asfalto molhado.

— Quer café?

Nenhuma resposta ainda.

Certifiquei-me de que ela não responderia, ergui-me e fui moer grãos para duas xícaras. Em seguida, liguei o rádio transistorizado. E só quando terminei

de moer o café ocorreu-me que, na verdade, eu queria era um copo de chá gelado. Estarei para sempre percebendo as coisas tarde demais.

O rádio tocava uma sucessão de músicas pop inócuas, perfeita trilha sonora matinal. Ouvindo-as, tive a impressão de que nada no mundo mudara nesses últimos dez anos. Apenas os cantores e os títulos das canções. E eu, que envelhecera dez anos.

Depois de me certificar de que a água fervera, apaguei o gás, deixei a água esfriar durante trinta segundos e derramei-a sobre o café moído. O pó absorveu a água plenamente e, no instante em que começou a intumescer, um aroma generoso se espalhou pelo aposento.

— Você está aqui desde a noite de ontem? — perguntei, chaleira na mão.

Sobre a mesa, seus cabelos se moveram quase imperceptivelmente.

— Quer dizer que passou a noite em claro, à minha espera?

Nenhuma resposta.

O aposento tinha esquentado em virtude do vapor da chaleira e do sol forte. Fechei a janela sobre a pia, liguei o condicionador de ar e deposei duas xícaras de café sobre a mesa.

— Beba — eu disse. Aos poucos minha voz voltava ao normal.

Silêncio.

— Acho melhor beber.

Trinta segundos se passaram antes que ela erguesse a cabeça num único movimento fluido. Contemplou em seguida o vaso, com um olhar ausente. Havia alguns fios finos de cabelo aderidos ao rosto molhado e uma sugestão de umidade pairando como aura em torno dela.

— Não se preocupe comigo — disse ela. — Não tinha nenhuma intenção de chorar.

Apresentei-lhe uma caixa de lenços de papel. Ela assoou o nariz mansamente, e depois afastou os cabelos do rosto com impaciência.

— Na verdade, planejava estar longe daqui quando você retornasse. Eu não queria vê-lo.

— Mas mudou de ideia, ao que parece.

— Não é isso. Eu só perdi a vontade de ir a outros lugares. Mas já estou de saída, não se preocupe.

— Seja como for, tome o café.

Beberiquei o café ouvindo as notícias de trânsito e cortei com uma tesoura os envelopes das duas cartas. A primeira, de uma loja de móveis, comunicava

que me concediam vinte por cento de desconto em qualquer compra. A segunda era de uma pessoa de quem eu não queria nem me lembrar, muito menos saber o que escrevera. Amassei as duas cartas, joguei-as no cesto de lixo e mordisquei as últimas bolachas de queijo. Ela envolveu a xícara de café com as mãos, como se procurasse aquecer-se, e fixou o olhar em mim, lábios levemente pressionados contra a borda da xícara.

— Tem salada na geladeira — avisou.

— Salada? — eu disse, erguendo a cabeça e olhando para ela.

— Tomates e vagens. Foi só isso que achei. Joguei fora os pepinos porque estavam estragados, ouviu?

— A-hã.

Fui até a geladeira, retirei a saladeira azul de Okinawa e borrifei os últimos cinco milímetros de molho que restavam no fundo de um frasco. Os tomates e as vagens estavam gelados, como sombras. Sombras insípidas. Aliás, nem o café nem as bolachas tinham gosto. Talvez por causa daquela claridade. A luz da manhã desintegra tudo. Desisti do café pela metade, desenterrei do bolso um cigarro amassado e o acendi com um fósforo tirado de uma caixinha que não me era familiar. A ponta do cigarro crepitou. Um fio de fumo azulado, cor de alfazema, desenhou arabescos na luz matinal.

— Eu tinha ido a um enterro. Depois do funeral, fui a Shinjuku, e fiquei por lá bebendo sozinho o tempo todo.

O gato surgiu não sei de onde, bocejou longamente e saltou em seguida com agilidade para o colo dela. Ela lhe coçou atrás das orelhas.

— Não precisa me explicar — acrescentou. — Não tenho mais nada a ver com isso.

— Não estou explicando. Só estou conversando.

Com um leve movimento de ombro, ela escondeu a alça do sutiã sob o vestido. Seu rosto tinha perdido toda a expressão. Lembrou-me a cidade submersa que vi certa vez numa foto.

— Era uma pessoa que conheci nos velhos tempos. Você não chegou a conhecê-la.

— É mesmo?

No colo dela, o gato esticou as patas com gosto e arrematou o gesto com um brusco suspiro.

Com a boca fechada, observei a ponta do cigarro em brasa.

— Como foi que essa pessoa morreu?

— Atropelada. Treze ossos fraturados.

— Jovem ainda?

— A-hã.

O noticiário das sete e das condições das estradas chegou ao fim, e o rádio voltou à sua programação de light rock. Ela depôs a xícara sobre a mesa e me encarou.

— Diga-me: você vai beber desse jeito quando eu morrer?

— A morte dela não teve nada a ver com a minha bebedeira. Ou melhor, teve apenas nas duas primeiras doses, se tanto.

Outro dia começava lá fora. Outro dia quente. Da janela da cozinha eu via um grupo de arranha-céus. Os prédios brilhavam mais que habitualmente.

— Quer beber alguma coisa gelada?

Ela sacudiu a cabeça.

Tirei uma Coca da geladeira e a tomei diretamente da latinha num único fôlego.

— Ela costumava dormir com qualquer um — eu disse.

Parecia obituário: a falecida costumava dormir com qualquer um.

— Por que está me contando isso?

Por que, realmente? Eu não fazia ideia.

— E então? A garota dormia com qualquer um? — perguntou.

— Dormia.

— Mas não com você, certo?

Havia um quê diferente em sua voz. Ergui o olhar da saladeira e a fitei de esguelha por cima do vaso.

— Acha que não?

— Não sei por quê, mas acho que não — respondeu baixinho. — Você é assim.

— Assim como?

— Você tem esse algo indefinível. Como uma ampulheta, sabe? Quando a areia acaba de escorrer, sempre surge alguém que a vira de novo.

— Acha mesmo?

Seus lábios se abriram num leve sorriso e tornaram a decair.

— Vim para pegar o resto das minhas coisas. Meu casaco de inverno, meus chapéus, essas coisas. Pus tudo numa caixa de papelão. Você a levaria à transportadora quando tiver um tempo livre?

— Levo-a eu mesmo à sua casa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Não quero que vá. Você entende, não entende?

Ela estava certa. Falo demais, sem pensar.

— Tem o meu endereço? — perguntou.

— Tenho.

— Era só isso. Desculpe se me demorei mais do que devia.

— E quanto aos documentos: aquilo foi tudo?

— A-hã. Tudo acabado.

— Não imaginava que fosse tão fácil. Eu esperava complicações.

— Quem nunca passou por esta experiência espera mesmo. Mas, quando acaba, vê-se que tudo é realmente muito simples — disse ela voltando a coçar a cabeça do gato. — Divorcie-se duas vezes e já será um entendido.

Olhos fechados, o gato arqueou as costas e se esticou. Depois, aninhou mansamente a cabeça na curva do braço dela. Joguei as canecas de café e a saladeira dentro da pia e juntei os farelos da bolacha num canto, com a ajuda de uma fatura qualquer. Meus olhos latejavam por causa da claridade.

— Fiz uma lista detalhada no bloco em cima da sua escrivaninha. Onde guardei documentos, quais os dias do lixo, essas coisas. Ligue-me se não entender alguma coisa.

— Obrigado.

— Você queria filhos?

— Não. Não posso dizer que quisesse filhos.

— Pois eu confesso que cheguei a pensar nisso seriamente. Mas, do jeito como tudo acabou, foi melhor não tê-los. Acha que as coisas não chegariam a este ponto se os tivéssemos?

— Existem muitos casais com filhos que se divorciam.

— Tem razão — disse ela, brincando com meu isqueiro. — Eu ainda amo você. Mas a questão talvez não seja mais essa, não é verdade? Sei disso muito bem.

Ela, as fotos e a combinação desaparecem

Bebi outra Coca depois que ela se foi, tomei um banho de chuveiro bem quente e me barbeei. Sabonete, xampu, creme de barbear — quase tudo estava por acabar.

Saí do chuveiro, penteiei os cabelos, passei loção para o corpo e limpei os ouvidos. Depois, fui à cozinha requeentar o café restante. Não havia mais ninguém sentado à mesa diante de mim. Enquanto contemplava fixamente a cadeira em que ninguém se sentava, senti-me uma criancinha numa pintura de De Chirico, sozinha e abandonada num país estranho. Criancinha eu já não era, é evidente. Decidi não pensar em coisa alguma, e depois de gastar um longo tempo bebendo o café, acendi um cigarro.

Sentia-me surpreendentemente desperto para alguém que não pregava os olhos havia vinte e quatro horas. Estava com o corpo exausto, mas a mente continuava a nadar veloz pelos canais espiralados do consciente, como um inquieto organismo aquático habituado a esses meandros.

Enquanto fitava a cadeira vaga diante de mim, lembrei-me de um romance norte-americano que li algum tempo atrás. A história de um marido que, abandonado pela mulher, mantém durante meses a combinação dela estendida sobre a cadeira da sala de jantar. Pensei bem, e a história fez sentido naquele momento. Talvez não ajudasse, mas era muito melhor que ter esse vaso de gerânio seco sobre a mesa. Até o gato se sentiria mais confortável, tendo as coisas dela por perto.

Vasculhei o quarto abrindo uma após outra as gavetas dela, tudo vazio. Apenas um lenço velho comido por traças, três cabides e um pacote de naftalinas. Ela tinha levado todas as suas coisas, sem exceção. Artigos de toalete usualmente espalhados pelo banheiro, cosméticos, rolos para o cabelo, escova de dentes, secador, sortimento de pílulas, absorventes, todos os calçados, incluindo botas, sandálias e chinelos, caixas de chapéu, bijuteria suficiente para encher uma gaveta, bolsas de mão e a tiracolo, maletas, carteiras, as sempre bem arrumadas roupas de baixo, meias, cartas, tudo com cheiro minimamente feminino se fora. Perguntei-me se ela não teria apagado até as impressões

digitais. Um terço dos livros e discos também desaparecera das prateleiras — tudo que ela própria comprara ou eu lhe dera.

Do álbum de fotografias, suas fotos tinham sido destacadas, todas sem exceção. As imagens dela, recortadas com a precisão dos instantâneos em que nós dois aparecíamos juntos, restando apenas as minhas. Fotos em que eu aparecia sozinho, ou as de montanhas e de animais, tinham sido deixadas intactas. Os três álbuns registravam agora um passado rigorosamente revisto. Ali estava eu, sempre só, intercalado de montanhas, rios, cervos e gatos. Sozinho desde o nascimento, sozinho todos os dias até hoje, sozinho até o fim dos meus dias. Fechei o álbum e fumei dois cigarros.

Ela podia ao menos ter me deixado uma combinação.

Mas o problema era dela, não me cabia intervir. Ela escolhera não deixar para trás nenhum traço de sua existência. Só me restava aceitar. Isso, ou convencer-me de que ela nunca existira, conforme imagino tivesse sido sua intenção. Se ela nunca existiu, tampouco existiu a combinação.

Mergulhei o cinzeiro na água, desliguei o ar-condicionado e o rádio, pensei um pouco mais a respeito da combinação, depois desisti e fui dormir.

Um mês se passou desde que concordei com o divórcio e ela se mudou. Um mês que não foi. Desfocado e despercebido, morno mês gelatinoso. Eu não conseguia notar mudança alguma, e de fato nenhuma mudança ocorrera.

Levantava-me às sete, preparava café e torradas, saía para o trabalho, jantava fora, bebia duas ou três doses, ia para casa, lia na cama por uma hora, apagava as luzes e dormia. Aos sábados e domingos, em vez de sair para o trabalho, rondava cinemas desde cedo para matar o tempo. Em seguida, jantava sozinho como sempre, bebia algumas doses, lia e ia dormir. E assim vivi esse mês, do mesmo jeito que certas pessoas eliminam uns após outros os dias do calendário, rasurando-os.

Em certo sentido, seu desaparecimento tinha sido inevitável. E o que passou passou. Por mais que a nossa convivência tivesse sido boa nesses últimos quatro anos, isso já não importava. Não mais que o álbum saqueado.

Tampouco importava que ela viesse dormindo regularmente com meu amigo, e que um dia tivesse simplesmente resolvido morar com ele. Tudo isso estava dentro da esfera das probabilidades, e de fato acontecia com muita

frequência. Assim sendo, eu não conseguia achar que sua partida constituía um acontecimento extraordinário. Resumindo, o problema era dela.

— Resumindo, o problema é seu — eu disse.

Era uma tarde de domingo do mês de junho, e ela me pediu o divórcio enquanto eu brincava com a argola da latinha de cerveja.

— Quer dizer que, para você, tanto faz? — perguntou. Falava muito lentamente.

— Não estou dizendo que tanto faz — respondi. — Estou apenas dizendo que o problema é seu.

— Sinceramente falando, eu não queria me separar de você — disse ela depois de um momento.

— Não se separe, então — retruquei.

— Mas já vi que não consigo chegar a lugar algum ficando com você.

Ela não disse mais nada, mas pareceu-me entender o sentido de suas palavras. Eu ia fazer trinta anos dentro de alguns meses, e ela, vinte e seis. E, em vista da imensidão do que estava por vir dali para a frente, as bases assentadas até então eram insignificantes. Tudo o que tínhamos feito juntos nos últimos quatro anos era consumir nossas economias.

Culpa minha, na maior parte. Não devia nunca ter me casado. Ao menos, *ela* não devia ter se casado comigo.

No começo, ela se achou socialmente inadequada e me achou socialmente adequado. Ambos representamos nossos papéis relativamente bem. E quando imaginamos que o arranjo seria duradouro, algo desmoronou. Algo mínimo, apenas uma sugestão, mas que nunca se recuperou. Já estávamos num beco sem saída, calmo e expandido. E esse foi o nosso fim.

Eu já estava perdido para ela. Podia até ser que ela ainda me amasse, mas o problema já era outro. Estávamos excessivamente afeitos aos respectivos papéis. Eu não tinha mais nada a lhe oferecer. Ela sabia disso instintivamente, e eu, empiricamente. De um jeito ou de outro, não havia mais esperanças.

E foi assim que ela desapareceu para sempre, levando consigo as combinações. Algumas coisas são esquecidas, outras desaparecem, outras ainda morrem. Não é nenhuma tragédia.

24 de julho, 8h25 da manhã.

Conferi os números no relógio digital, fechei os olhos e dormi.

Capítulo III

Setembro de 1978

O pênis da baleia e a mulher das três profissões

Dormir com uma mulher pode parecer um acontecimento de extrema importância ou, ainda, pode não parecer absolutamente nada. Em outras palavras, existe sexo como autoterapia e sexo como passatempo.

Existe sexo do tipo autoterapia do começo ao fim e existe sexo do tipo passatempo de cabo a rabo; sexo que é terapêutico no começo, apenas para terminar como passatempo, e vice-versa. É difícil explicar, mas nossa vida sexual difere fundamentalmente da vida sexual de uma baleia.

Não somos baleias — é uma proposição de suma importância em minha vida sexual.

*

Quando eu era pequeno, existia um aquário a trinta minutos de bicicleta da minha casa. Um silêncio gelado, aquático, reinava no local, onde apenas se ouvia um ocasional espadanar. Eu era quase capaz de sentir um monstro semimarinheiro respirando em algum canto do corredor escuro.

Cardumes de atum circulavam inúmeras vezes pela enorme piscina. Esturjões percorriam regularmente seu próprio estreito curso aquático, piranhas cravavam dentes cortantes como navalha em nacos de carne, e enguias elétricas bruxuleavam insignificantes lanternas.

Havia também inúmeros outros peixes, com nomes, escamas e barbatanas diferentes. Eu não conseguia imaginar por que cargas-d'água existiam tantas espécies de peixe.

Não mantinham baleias no aquário, naturalmente. Eram grandes demais e não caberiam ali, mesmo que todas as paredes fossem derrubadas, transformando o aquário inteiro num único tanque. Em vez disso, mantinham um pênis de baleia em exposição. Um sucedâneo, por assim dizer.

Desse modo, passei os anos mais impressionáveis de minha infância contemplando não uma baleia, mas um pênis de baleia. Toda vez que me cansava de perambular pelos frios corredores do aquário, ia para o meu sofá no

silêncio estanque da sala de exposição de pé-direito alto e ali permanecia horas a fio contemplando aquele pênis de baleia.

Às vezes ele me lembrava uma palmeira-anã enrugada; em outras, uma gigantesca espiga de milho. De fato, não fosse pela placa — GENITÁLIA DE BALEIA: MACHO —, ninguém haveria de perceber que aquilo era um pênis de baleia. Mais parecia uma relíquia desenterrada do deserto da Ásia Central que produto do oceano Atlântico. Não tinha semelhança alguma com o meu pênis, nem com nenhum que eu já tivesse visto. Além disso, o pênis amputado exsudava uma singular e de alguma maneira indescritível aura de tristeza.

Esse gigantesco pênis me veio à mente depois da minha primeira experiência sexual com uma garota. Que caprichos do destino, que tortuosas rotas marítimas o teriam trazido àquela cavernosa sala de exposição? Meu peito doía ao pensar naquilo. Não havia vislumbre de esperança. Mas eu tinha apenas dezessete anos e era obviamente jovem demais para me desesperar por tudo. E a partir de então passei a pensar da seguinte maneira:

Não somos baleias.

Agora, na cama com uma nova namorada e correndo os dedos por seus cabelos, pensei na baleia por um longo tempo.

No aquário das minhas lembranças, é sempre fim de outono. O vidro do tanque está gelado e eu visto uma malha grossa. Do outro lado da janela panorâmica da sala de exposição, o mar é escuro, cor de chumbo, as incontáveis ondas de espumante crista branca lembrando golas de renda em vestidos de meninas.

— Em que você está pensando? — perguntou-me.

— Em algo muito antigo — respondi.

*

Ela tinha vinte e um anos, atraente corpo esguio e um par de orelhas das mais perfeitas, fascinantes. Era revisora freelance numa pequena editora, modelo fotográfico de orelhas e garota de programa num elegante clube, do tipo composto apenas por gente fina, bem conhecida. Qual das três ocupações era a principal eu não sabia. Nem ela. No entanto, se me perguntassem qual delas revelava seu verdadeiro perfil, eu diria que ela se apresentava com maior naturalidade no papel de modelo de orelhas. Assim pensava eu, e ela

concordava. Mas o campo de trabalho de uma modelo de orelhas era restrito, baixo o status profissional e pequena a compensação financeira. Para o homem da agência de publicidade, para o fotógrafo, para o maquiador artístico e para o repórter da revista, ela era apenas a “dona das orelhas”. As orelhas eram dissecadas, e corpo e espírito, descartados silenciosamente.

— Mas não é assim, na realidade — explicava ela. — Eu sou as orelhas, as orelhas são eu.

Nem o “eu” revisora, nem o “eu” garota de programa mostravam, nem sequer por um segundo, as orelhas.

— Porque esses não são o “eu” verdadeiro — explicou.

O escritório desse clube de prostitutas (por conveniência registrado como “Clube de Talentos”) localizava-se em Akasaka e era dirigido por uma inglesa grisalha, a quem todo mundo chamava de Sra. X. Ela morava no Japão havia trinta anos, falava japonês com fluência e era capaz de ler a maioria dos ideogramas básicos.

A Sra. X mantinha um curso de inglês intensivo para mulheres a apenas quinhentos metros do escritório do clube de prostitutas e usava o local para escolher rostinhos promissores e convidá-los a integrar o clube. Inversamente, acontecia também de muitas garotas de programa frequentarem seu curso de inglês. Com desconto nas mensalidades, é claro.

A Sra. X chamava todas as suas garotas de programa de *dear*. Suaves como tardes de primavera soavam seus *dear*.

— Nunca se esqueça de usar uma boa lingerie com rendas, *dear*. E nada de meias-calças. — Ou ainda: — Seu chá é com creme, não é, *dear*?

Tinha perfeito controle sobre a clientela, composta em sua maioria de abastados empresários em seus quarenta ou cinquenta anos. Dois terços estrangeiros, o restante, japoneses. A Sra. X tinha aversão por políticos, velhos, perversos e pobres.

Minha nova namorada era o exemplar menos atraente e mais simples na dúzia de belas flores prontas a atender a um chamado. De fato, com as orelhas ocultas, ela chegava a ser banal. Eu não conseguia entender por que a Sra. X a havia escolhido. Talvez tivesse detectado um brilho especial em sua banalidade, ou talvez julgasse interessante ter ao menos uma garota comum no meio das suas beldades. Seja como for, a mira da Sra. X fora precisa, e minha namorada logo tinha vários clientes fixos. Ela usava vestidos, maquiagem e roupa de baixo

simples, e dirigia-se a hotéis como o Hilton, Okura ou Prince cheirando a sabonete comum, a fim de dormir com um ou dois homens por semana, obtendo desse modo o suficiente para passar o mês.

Metade das noites restantes ela dormia de graça comigo. Quanto à outra metade, não tenho ideia de como passava.

Sua vida de revisora freelance era mais simples ainda. Três dias por semana ela se dirigia ao terceiro andar de um pequeno prédio de escritórios em Kanda, e das nove às cinco revisava, fazia chá ou descia as escadas (não havia elevador no prédio) para comprar borrachas ou outra coisa qualquer. Era a única mulher jovem e solteira da empresa, mas ninguém tomava liberdades com ela. Como um camaleão, transformava-se de acordo com o local e as circunstâncias, capaz de evidenciar ou de conter à vontade aquele brilho especial só dela.

Conheci-a (ou melhor, as suas orelhas) no começo de agosto, logo depois que me separei da minha mulher. Eu redigia um material publicitário para certa firma especializada em softwares, trabalho que me fora repassado por uma agência de publicidade e que me pôs frente a frente, por assim dizer, com suas orelhas.

O diretor da agência de publicidade depositou uma proposta de campanha e três fotos grandes em preto e branco sobre a minha escrivaninha, pedindo-me três opções de título até o final da semana. Todas as fotos eram closes gigantescos de uma orelha.

Orelha?

— Por que orelha? — perguntei.

— Como vou saber? Uma orelha é uma orelha. Você tem uma semana para pensar em orelhas.

De modo que vivi uma semana inteira contemplando a orelha. Preguei as três gigantescas orelhas na parede diante da minha mesa e as observei enquanto fumava, tomava café, comia sanduíches ou aparava as unhas.

Terminei o trabalho em uma semana, mas as fotos continuaram pregadas na parede. Parte por ser trabalhoso demais retirá-las dali, parte porque as contemplar acabou tornando-se um hábito para mim. Mas o verdadeiro motivo por que não as retirei da parede para lançá-las no fundo da gaveta foi o fascínio que aquelas orelhas passaram a exercer sobre mim. Orelhas cujos formatos eram um verdadeiro sonho. Cem por cento perfeitas. Nunca

nenhuma parte ampliada do corpo humano (incluindo as genitálias) representou tamanha atração para mim. Fazia-me pensar em gigantescos, fatídicos remoinhos.

Uma curva espantosa, de inimaginável audácia, rasgava com nitidez o plano da foto, outras se enrolavam em delicadas filigranas, compondo sombras sutis, enquanto outras ainda reconstituíam, como num mural antigo, inúmeras lendas de eras passadas. Mas a delicada textura do lóbulo superava todas as curvas, a carne tenra eclipsando todas as demais formas de vida.

Alguns dias depois, liguei para o fotógrafo para obter o nome e o número do telefone da dona daquelas orelhas.

— Que é isso agora? — perguntou o fotógrafo.

— Apenas curiosidade. Essas orelhas são realmente admiráveis.

— Bom, acho que você está certo com relação a elas — resmungou o fotógrafo. — Mas a dona delas não tem nada de mais. Se você gosta das novinhas, eu lhe apresento a modelo de maiôs que fotografei alguns dias atrás.

— Não, muito obrigado — eu disse, desligando.

*

Telefonei às duas, seis e dez horas, mas ninguém atendeu. Pelo jeito, ela era a seu modo uma pessoa bastante ocupada.

Foi só às dez da manhã seguinte que consegui enfim completar a ligação. Apresentei-me em poucas palavras e disse-lhe em seguida que precisávamos conversar a respeito do material publicitário de dias atrás. Ela não gostaria de jantar comigo?

— Mas me disseram que esse trabalho já está pronto — disse ela.

— Já concluímos o trabalho, é verdade — eu disse. Ela pareceu um pouco intrigada, mas não perguntou mais nada. Ficamos de nos encontrar na tarde seguinte em Aoyama.

Liguei para o mais fino de todos os restaurantes franceses que eu conhecia e reservei uma mesa. Na tarde combinada, estreei uma camisa nova, perdi um bom tempo escolhendo a gravata e passei os braços pelas mangas de um blazer que usara apenas duas vezes anteriormente.

Conforme advertira o fotógrafo, nada havia de especial em sua aparência. Tinha um rosto comum e vestia-se com simplicidade, mais ou menos como

uma cantora de coral em faculdade de segunda linha. Obviamente, isso não me incomodou. O que realmente me decepcionou foi ver que ela ocultava por completo as orelhas debaixo dos cabelos lisos, caídos sobre os ombros.

— Você escondeu as orelhas — comentei em tom abusado.

— A-hã — disse ela, também abruptamente.

Tínhamos chegado antes do horário combinado, de modo que éramos os primeiros clientes do restaurante. As luzes foram diminuídas, um garçom riscou um fósforo longo e foi de mesa em mesa acendendo velas, um maître com olhar arenque passou em cuidadosa revista a disposição dos guardanapos, pratos e talheres. O piso de tábuas de carvalho dispostas em padrão espinha de peixe estava impecavelmente encerado e sobre ele andava o garçom, fazendo ressoar de maneira agradável o salto dos sapatos. Aliás, estes últimos pareciam muito mais caros que os meus. Flores frescas nos vasos, e na parede branca, uma pintura moderna, e original, como se percebia logo ao primeiro olhar.

Escolhi o vinho mais suave da carta de vinhos e pedi *hors d'œuvres de pâté de canard, terrine de dorade e foie de boudoir à la crème fraîche*. Ela estudou o menu cuidadosamente e pediu *potage de tortue, salade verte e mousse de sole*, e eu, *potage d'oursin, rôti de veau garni au persil e salade de tomate*. Lá se ia metade do dinheiro que eu reservava mensalmente para as despesas com comida e bebida.

— Gostei deste lugar — disse ela. — Costuma vir sempre?

— Vez ou outra, a negócios. Para falar a verdade, sou mais de frequentar bares e de comer qualquer coisa que me sirvam nesses lugares quando estou sozinho. Fico mais à vontade. Sem preocupações desnecessárias, sabe como é.

— E o que você costuma comer nesses barzinhos?

— Entre outras coisas, omeletes e sanduíches, na maioria das vezes.

— Omeletes e sanduíches — repetiu. — Você come omeletes e sanduíches todos os dias, em bares?

— Não todos os dias. A cada três dias, costumo cozinhar para mim.

— Quer dizer que em dois a cada três dias você come omeletes e sanduíches?

— Bons bares costumam servir omeletes e sanduíches muito gostosos.

— Sei... — disse ela. — Meio excêntrico, não?

— Não acho — respondi.

Sem saber como abordar o assunto, contemplei em silêncio por algum tempo as pontas de cigarro, no cinzeiro sobre a mesa.

— Você queria falar de negócios — ajudou-me ela.

— Como já lhe disse ontem, o trabalho foi totalmente concluído. Não houve problemas também. Portanto, nada tenho a falar sobre esse assunto.

Ela retirou um fino cigarro mentolado de uma divisão da bolsa, acendeu-o com o fósforo do restaurante e fitou-me com ar interrogativo.

No momento em que me dispunha a falar, o maître se aproximou de nossa mesa com passadas confiantes. Sorrindo orgulhosamente, mostrou-me o rótulo do vinho, como se exibisse a foto de um filho único. Quando me viu assentir com um movimento de cabeça, fez a rolha saltar com um discreto e agradável estampido e verteu um pouco em cada copo. O aroma do vinho equivalia ao preço de toda a refeição.

Quando o maître se retirou, dois garçons o substituíram e depositaram sobre a mesa três travessas e dois pratos. Depois que se foram, estávamos novamente sozinhos.

— Eu precisava ver suas orelhas de qualquer jeito — eu disse com sinceridade.

Ela serviu-se de patê e de *foie de boudoir* e tomou um gole de vinho.

— Estou sendo inconveniente? — perguntei.

Sorriu com discrição.

— Este delicioso jantar não tem nada de inconveniente.

— Incomoda-se de discutir suas orelhas?

— Não muito. Depende do ângulo.

— Será do ângulo que lhe agrada.

Levou o garfo à boca e sacudiu a cabeça.

— Fale francamente. Esse é o ângulo que mais me agrada.

Por instantes mantivemo-nos em silêncio, apreciando o vinho e dando continuidade à refeição.

— Viro uma esquina — eu disse. — E, então, percebo que alguém à minha frente acabou de dobrar a próxima esquina. Não vejo quem é. A única coisa que vislumbro é um pedacinho da manga branca. Mas a alvura dessa manga queima por muito tempo na retina, não consigo me livrar dela. Sabe do que estou falando?

— Acho que sim.

— Suas orelhas me passam essa sensação.

Tornamos a comer em silêncio. Verti mais um pouco de vinho em seu copo e no meu.

— Você não está falando de uma cena que lhe vem à mente, mas de uma *sensação*, certo? — perguntou ela.

— Certo.

— Já sentiu algo parecido anteriormente?

Pensei alguns instantes e depois sacudi a cabeça:

— Nunca.

— E são as minhas orelhas que provocam essa sensação?

— Não posso afirmar com certeza. E de que jeito poderia? Além do mais, nunca ouvi falar de uma orelha que provocasse sempre a mesma sensação em determinada pessoa.

— O nariz da Farrah Fawcett-Majors sempre provoca espirros em alguém que conheço. Espirros têm um forte componente psicológico, sabia? Uma vez estabelecida a relação entre causa e efeito, fica difícil livrar-se deles.

— Não sei muita coisa sobre o nariz da Farrah Fawcett — eu disse bebendo um novo gole. E então perdi o fio da meada.

— Mas não é disso que você está falando, certo? — tornou ela a me ajudar.

— Certo. Não é bem disso — respondi. — A sensação que suas orelhas me transmitem é incrivelmente vaga, mas ao mesmo tempo bastante sólida, de algum modo — expliquei, afastando as mãos a quase um metro uma da outra, para depois aproximá-las a quase cinco centímetros.

— Não consigo explicar direito.

— Um fenômeno sólido originado em fatores vagos.

— Isso mesmo — eu disse. — Você é quase sete vezes mais inteligente que eu.

— Fiz um curso por correspondência.

— Curso por correspondência?

— Exato. De psicologia.

Repartimos o patê restante. Tornei a perder o fio da meada.

— E você não consegue ver claramente a correlação entre as minhas orelhas e essa sensação, acertei?

— Acertou — respondi. — Em suma, não consigo perceber se são as suas orelhas que exercem atração direta sobre mim, ou se alguma outra coisa serve-se delas para me atrair.

Com as duas mãos sobre a mesa, ela moveu os ombros levemente.

— Essa sensação é agradável ou desagradável?

— Nenhuma das duas. Ou ambas. Sei lá.

Ela envolveu o copo com as mãos e me contemplou por instantes.

— Você tem de aprender a expressar melhor suas emoções, sabia?

— E também a descrevê-las — acrescentei.

Ela sorriu.

— Mas não importa. Acho que compreendi em linhas gerais o que você quis dizer.

— E então, diga-me: que devo fazer?

Ela calou-se por um longo tempo. Seus pensamentos pareciam estar longe. Sobre a mesa, restavam cinco pratos vazios. Cinco pratos lembrando uma constelação extinta.

— Escute — disse ela quebrando o silêncio. — Acho que devíamos ser amigos. Isto é, se você concordar, naturalmente.

— Claro que concordo — respondi.

— Amigos muito, muito íntimos — acrescentou ela.

Acenei concordando.

E assim nos tornamos amigos muito, muito íntimos. Nem trinta minutos depois de nos conhecermos.

*

— Na qualidade de amigo íntimo, gostaria de lhe fazer uma pergunta — eu disse.

— Pergunte.

— Em primeiro lugar, quero saber por que você não mostra suas orelhas. Em segundo, se elas algum dia exerceram um *poder especial* sobre alguém que não eu.

Ela se manteve em silêncio contemplando fixamente as próprias mãos sobre a mesa.

— São diversos os motivos — disse ela com calma.

— Diversos?

— A-hã. Mas, resumindo, deve ser porque acabei me habituando com o “eu” que não mostra as orelhas.

— Quer dizer que o “eu” que mostra as orelhas é diferente do “eu” que não as mostra?

— Assim me parece.

Os dois garçons recolheram nossos pratos e nos serviram a sopa.

— Não quer me falar um pouco sobre o “eu” que mostra as orelhas?

— O fato se deu há tanto tempo que acho difícil falar sobre isso. Para ser sincera, nunca mais mostrei as orelhas a ninguém desde os meus doze anos.

— Mas você as mostra quando trabalha como modelo fotográfico, certo?

— Certo — disse ela. — Mas aquelas não são minhas orelhas verdadeiras.

— Como não são?

— São orelhas bloqueadas.

Sorvi duas colheradas da sopa, ergui o rosto e a encarei.

— Não quer me falar mais um pouco sobre as orelhas bloqueadas?

— Orelhas bloqueadas são orelhas mortas. Eu mesma as mato. Isto é, interrompo a comunicação intencionalmente... Compreendeu?

Não muito, na verdade.

— Faça perguntas — ordenou.

— Quando você diz que mata as orelhas, está querendo dizer que deixa de ouvir?

— Nada disso. Continuo ouvindo muito bem. Mas as orelhas estão mortas. Você também consegue.

Depositou a colher de sopa na mesa, corrigiu a postura, ergueu os ombros quase cinco centímetros, apertou com força o queixo contra o peito e permaneceu nessa posição por dez segundos, findos os quais deixou cair os ombros bruscamente.

— Pronto. Minhas orelhas morreram. Experimente.

Refiz três vezes o processo, mas não senti coisa alguma morrendo. Apenas o vinho pareceu circular mais rápido dentro de mim.

— Minhas orelhas não querem morrer — comentei decepcionado.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não faz mal. Para que haveria você de matá-las sem necessidade?

— Posso fazer mais algumas perguntas?

— Às ordens.

— Recapitulando o que me contou: até os 12 anos de idade, você costumava andar com as orelhas à mostra. E então um dia as ocultou. E desde esse dia até hoje não as mostrou sequer uma única vez. E, quando tem de mostrá-las, você interrompe a via de comunicação entre o seu consciente e as orelhas. O resumo está correto?

Ela me sorriu com doçura.

— Perfeito.

— E o que aconteceu às suas orelhas aos doze anos de idade?

— Não me apresse — disse ela. Estendeu o braço e tocou de leve nos dedos da minha mão esquerda. — Por favor.

Despejei o vinho restante em quantias iguais nos dois copos e esvaziei o meu lentamente em seguida.

— Antes de mais nada, gostaria de saber um pouco mais sobre você — pediu ela.

— Diga-me o quê.

— Tudo. Por exemplo, que tipo de criação você teve, qual é a sua idade, em que trabalha, essas coisas.

— Minha história é banal. Tão banal que você vai acabar pegando no sono enquanto ouve.

— Gosto de histórias banais.

— Mas esta é do tipo que não agrada a ninguém.

— Não importa. Fale-me dez minutos dela.

— Nasci em 24 de dezembro de 1948. Véspera de Natal. Não é a melhor data para se nascer. As pessoas tendem a dar um único presente, pelo Natal e pelo aniversário, compreende? É mais econômico. Sou do signo de Capricórnio, grupo sanguíneo A. Este tipo de combinação favorece carreiras do tipo bancário ou funcionário público. Sagitário, Libra e Aquário não devem ter afinidade comigo. Prenuncia uma vida monótona, não acha?

— Acho muito interessante.

— Cresci numa cidadezinha comum e me formei numa escola comum. Fui uma criança calada, que cresceu e se transformou num garoto entediado. Conheci uma menina comum e tive uma primeira paixão comum. Aos dezoito anos, entrei para a faculdade e vim para Tóquio. Logo depois de me formar, associei-me a um amigo e abri um pequeno escritório de traduções, vivendo disso precariamente. Há quase três anos comecei a ampliar o campo de atividades fazendo alguns trabalhos de propaganda e publicidade com razoável

sucesso. Casei-me há quatro anos com uma funcionária do meu escritório e divorciei-me há dois meses. Não posso explicar por que em poucas palavras. Tenho um gato velho. Fumo quarenta cigarros por dia. Não consigo abandonar o hábito. Tenho ainda três ternos, seis gravatas e uma coleção de quinhentos discos que saíram de moda. Sei os nomes de todos os criminosos dos livros de Ellery Queen. Tenho a série inteira de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, mas só li a metade. Bebo cerveja no verão e uísque no inverno.

— E come sanduíches e omeletes em dois dias a cada três?

— A-hã — respondi.

— A mim me parece que você leva uma vida bem interessante.

— Monótona até agora e sem perspectivas de mudança futura. O que não significa que eu não esteja satisfeito com isso. De todo modo, não tenho como escapar.

Consultei o relógio. Nove minutos e vinte segundos.

— Mas o que acaba de me contar não é toda a sua vida, é?

Fiquei olhando para as minhas mãos sobre a mesa por alguns instantes.

— É óbvio que não. Dez minutos nunca seriam suficientes para resumir uma vida, por mais monótona que ela fosse.

— Posso dar minha opinião?

— À vontade.

— Quando sou apresentada a uma pessoa, costumo pedir-lhe que fale sobre si durante dez minutos. E então procuro vê-la pelo ângulo oposto ao apresentado. Estou errada?

— Não está — respondi, sacudindo a cabeça. — Esse talvez seja um bom método.

Um garçom se aproximou e colocou os pratos sobre a mesa, um outro serviu-nos, o encarregado dos molhos espalhou-os sobre a comida. *Shortstop* para a segunda base, segunda base para a primeira, como num jogo de beisebol.

— Aplicando meu método ao seu caso, descobrimos — continuou ela, enterrando a faca em sua *mousse de sole* — que sua vida não é monótona. Ao contrário, é você que procura uma vida monótona. Concorde comigo?

— Talvez seja exatamente como você diz. Talvez minha vida não seja monótona e eu é que esteja buscando uma vida monótona. Mas no fim dá na mesma. Já a estou vivendo, de um jeito ou de outro. Todos procuram fugir da monotonia, mas eu, ao contrário, tento enterrar-me nela. Como o sujeito que

trafega na contramão no horário de pico. É por isso que não me queixo da monotonia da minha vida. O máximo que me aconteceu foi minha mulher ter se aborrecido e me largado.

— Foi por isso que se divorciou?

— Como disse antes, não posso explicar em poucas palavras. Nietzsche, porém, já disse que até os deuses fogem da monotonia. É isso.

Comemos calmamente. Ela repetiu o molho, eu me servi de mais pão. Pensamos sobre outros assuntos até terminar o prato principal. O serviço foi retirado e nos trouxeram em seguida *sorbet* de amoras. Com o café expresso, acendi um cigarro. A fumaça flutuou por um breve instante e foi logo sugada pelo duto do silencioso sistema de ventilação. Algumas mesas estavam sendo ocupadas. Um concerto de Mozart fluía de amplificadores no teto.

— Quero fazer mais algumas perguntas sobre suas orelhas.

— Se elas têm ou não um poder especial. Acertei?

Assenti balançando a cabeça.

— Quanto a isso, prefiro que você descubra sozinho — disse ela. — Mesmo porque, se eu tentasse explicar, estaria dando apenas uma versão realmente limitada dos fatos, não o ajudaria em nada.

Tornei a concordar balançando a cabeça.

— Posso descobrir as orelhas para você — disse ela quando terminou seu café. — Mas, se isso lhe será de alguma valia, nem eu posso saber. Talvez você venha a se arrepender.

— Por quê?

— Porque a monotonia de que você tanto se queixa pode não ser tão consistente quanto pensa.

— Tanto pior — eu disse.

Ela estendeu o braço sobre a mesa e pousou a mão sobre a minha.

— Mais uma coisa. Não me deixe durante algum tempo, alguns meses, talvez. Concorda?

— Concordo.

Apanhou na bolsa uma presilha preta e a segurou com os dentes. Arrepanhou os cabelos com as mãos e os levou para trás, torceu-os agilmente e os prendeu com a presilha.

— Que tal?

Contemplei estupefato, sem fôlego. Boca seca, a voz me sumiu por completo. A parede revestida de gesso branco ondulou por um breve instante. Vozes e sons de pratos e talheres batendo se dissolveram em rala neblina e no momento seguinte retornaram à normalidade. Ondas murmuraram, o cheiro de um entardecer distante me chegou carregado de nostalgia. Tudo isso, porém, era apenas parte do que senti naquela centésima fração de segundo.

— É... impressionante! — consegui gemer a muito custo. — Você é outra pessoa!

— Você está absolutamente certo — observou.

Das orelhas liberadas

— Você está absolutamente certo — disse ela.

Sua beleza era agora quase irreal. Beleza que eu nunca vira, de um tipo que jamais imaginara que pudesse existir. Expandida, abrangente como o universo, e ao mesmo tempo condensada como uma geleira. Arrogantemente superlativa, e ao mesmo tempo toda despojada. Aquela beleza ultrapassava qualquer conceito que eu conhecesse. As orelhas e ela eram agora uma unidade a escorrer pela rampa do tempo como um remoto feixe de luz.

— Você é extraordinária — eu disse com dificuldade depois de recuperar o fôlego.

— Sei disso — replicou. — Esta é a minha aparência quando libero as orelhas.

Pessoas voltavam-se de outras mesas e nos contemplavam absortas. O garçom que se preparava para reabastecer nossas xícaras de café perdeu a desenvoltura. Um estranho silêncio reinou na sala. Apenas a bobina do gravador continuava a girar lentamente.

Ela retirou um cigarro mentolado da bolsa e o pôs na boca. Aproximei às pressas o isqueiro e o acendi.

— Quero dormir com você — disse ela.

E, assim, dormimos.

Das orelhas liberadas – Continuação

Mas ainda não era chegado o tempo do seu verdadeiro esplendor. Depois dessa noite, ela expôs as orelhas ocasionalmente por apenas dois ou três dias. Em seguida, tornou a ocultar as deslumbrantes, miraculosas esculturas sob a massa dos seus cabelos, voltando ao seu “eu” costumeiro e banal. Ela havia feito apenas uma experiência do tipo andar alguns dias sem casaco nos dias ainda frios do começo de março.

— Não era hora de mostrar as orelhas — comentou. — Ainda não consigo avaliar direito o meu poder, compreende?

— Não faz mal — eu disse. Não fazia mesmo, já que ela era bem interessante também com as orelhas cobertas.

*

Ela continuou descobrindo as orelhas vez por outra, quase sempre em situações sexuais. Fazer sexo com ela de orelhas à mostra tinha um encanto especial. Se chovia, o cheiro da chuva me chegava puro. Se pássaros trinavam, eu os ouvia com clareza. Não sei me expressar melhor, mas era o que acontecia.

— Você não mostra as orelhas quando dorme com outros homens? — perguntei em certa ocasião.

— Claro que não — respondeu. — Desconfio que eles nem saibam que as tenho.

— Como é fazer sexo com as orelhas cobertas?

— Apenas uma obrigação. Insosso, como mastigar um pedaço de jornal. Mas não me incomoda. Afinal, sempre há o prazer do dever cumprido.

— Mas o prazer é muito maior com elas de fora, certo?

— Certo.

— Descubra-as, então — sugeri. — Por que não tirar sempre o máximo proveito, se pode?

Ela me encarou seriamente por alguns momentos e depois suspirou.

— Já vi que não entendeu nada, realmente.

Pensando bem, eu não entendia quase nada, realmente.

Em primeiro lugar, não entendia por que me tratava de modo especial. Eu não podia ser melhor que outros homens, ou diferente em nenhum aspecto.

Quando lhe disse isso, ela sorriu.

— Muito simples — disse. — Você me procurou. Esse é o principal motivo.

— E se um outro a tivesse procurado?

— Neste momento, é você que está me procurando. Além disso, você não faz ideia de quanto é atraente.

— E por que não faria?

— Porque vive apenas pela metade — explicou com simplicidade. — A outra metade permanece intacta em algum lugar.

— Sei...

— Nesse sentido, somos até parecidos. Eu cubro as orelhas, você vive pela metade. Não acha?

— Posso até achar, mas a metade que eu não vivo não tem o esplendor das suas orelhas.

— É mais provável — comentou ela sorrindo — que você não tenha entendido nada, realmente.

Ainda sorrindo, ela ergueu os cabelos e desabotoou a blusa.

*

Naquela tarde de setembro, fim de verão, não fui trabalhar e pensei longamente sobre o pênis da baleia enquanto alisava os cabelos dela. Mar escuro, cor de chumbo, vento batendo asperamente contra a vidraça. Teto alto, ninguém na sala de exposição. O pênis, extirpado da baleia para sempre, tinha perdido sua função irremediavelmente.

Depois, tornei a pensar na combinação da minha mulher. Agora, porém, já não conseguia lembrar se ela um dia possuía alguma. A combinação estendida sobre uma cadeira era apenas uma cena vaga e irreal agarrada a um canto da minha mente, cujo sentido já não conseguia precisar. Era como se eu tivesse vivido durante muitos anos a vida de outra pessoa.

— Escute, você não usa combinação? — perguntei, sem nenhum propósito.

Ela ergueu a cabeça do meu ombro e me fitou com olhar vago.

— É que eu não tenho nenhuma.

— Entendi... — eu disse.

— Mas se acha que, se eu usar, você...

— Não, está enganada — acrescentei às pressas. — Não disse com essa intenção.

— Não fique constrangido. Falo sério. Na minha profissão, a gente se habitua a ouvir esse tipo de pedido. Não se acanhe. Peça qualquer coisa, insisto.

— Não quero nada. É verdade. Não quero nada, além de você e das suas orelhas.

Ela sacudiu a cabeça com um ar decepcionado e voltou a repousá-la no meu ombro. Quinze segundos depois tornou a soerguer-se.

— Escute. Daqui a dez minutos você vai receber um telefonema importante.

— Telefonema?

Olhei para o aparelho preto ao lado da cama.

— A-hã. O telefone vai tocar.

— É capaz de prever?

— Sou.

Ainda com a cabeça sobre o meu ombro nu, fumou um cigarro mentolado. Segundos se passaram e um pouco de cinza caiu ao lado do meu umbigo. Ela fez um biquinho com os lábios e soprou as cinzas para fora da cama. Prendi sua orelha entre dois dedos. Sensação maravilhosa. Inúmeras imagens indefinidas surgiram e desapareceram em minha mente nublada.

— É a respeito de um carneiro — disse ela. — Um carneiro em meio a muitos.

— Carneiro?

— A-hã — disse, e passou-me o cigarro fumado até a metade.

Traguei uma vez e o apaguei, apertando-o contra o fundo do cinzeiro.

— E então vai começar uma fantástica aventura — completou.

*

Momentos depois, o telefone da cabeceira tocou. Lancei um olhar de esguelha para o rosto dela, e vi que dormia profundamente com a cabeça sobre o meu peito. Deixei a campainha tocar quatro vezes antes de erguer o fone.

— Venha cá imediatamente — disse meu sócio. A voz soava tensa. — O assunto é da maior importância para nós.

— Do que se trata?

— Venha e saberá — disse ele.

— É a respeito de um maldito carneiro, certo? — ensaiei. Não devia. O telefone gelou na minha mão.

— Como soube? — perguntou meu sócio.

E assim teve início minha desvairada busca por um carneiro.

Capítulo IV

Em busca do carneiro I

Do estranho homem – Introdução

Um homem é levado ao hábito de beber desmedidamente pelos mais diversos motivos. Os motivos podem ser diversos, mas conduzem quase sempre a um mesmo resultado.

Em 1973, meu sócio era um bêbado feliz. Em 1976 tinha se transformado num bêbado ligeiramente infeliz e, no verão de 1978, ele enfim manuseava desajeitado a maçaneta da porta que leva ao alcoolismo. Quando sóbrio, meu sócio era — do mesmo modo que a maioria dos alcoólatras — um sujeito se não esperto, ao menos bom e decente. Era consenso quase unânime entre os que o conheciam. Ele próprio se julgava assim. E por isso bebia. Afinal, era nos momentos de embriaguez que se sentia mais próximo à autoimagem do sujeito bom e decente.

Tudo correu bem no começo. O passar dos anos e o gradual aumento da ingestão de bebidas alcoólicas originaram, porém, uma estranha espécie de desvio, que por sua vez cavou um profundo abismo. A autoimagem do sujeito bom e decente caminhou mais rápido que devia, deixando-o para trás, incapacitado de alcançá-la. Caso típico, acontece todos os dias. Mas a maioria das pessoas é incapaz de se aceitar como um caso típico, que acontece todos os dias. Principalmente se a pessoa não é esperta. Na tentativa de reencontrar o que tinha perdido de vista, meu sócio passou a vagar em meio a vapores cada vez mais densos. A situação piorou.

Apesar dos pesares, ele se mantinha sóbrio até o pôr do sol por enquanto. E, uma vez que eu vinha nos últimos anos evitando propositadamente encontrar-me com ele depois desse horário, até onde me dizia respeito ele continuava sendo um indivíduo sóbrio. Contudo, ambos sabíamos muito bem que não se podia contar com ele depois do pôr do sol. E, embora evitássemos tocar no assunto, cada um de nós tinha plena consciência de que o outro também sabia. Desse modo, continuávamos a nos entender como sempre, embora já não fôssemos tão amigos quanto um dia tínhamos sido.

Não posso afirmar que nos compreendíamos cem por cento (nem setenta, para dizer a verdade), mas ele era a única amizade que me restava dos tempos

da faculdade. Para mim, era penoso vê-lo acabar-se aos poucos sob as minhas vistas. Mas é isso que a idade nos reserva, suponho.

Meu sócio já tinha tomado uma dose de uísque quando cheguei ao escritório. Enquanto se contentava com uma dose, ele permanecia sóbrio, mas ninguém era capaz de garantir que um dia não passaria a beber duas. Quando esse dia chegar, suponho que desfarei a sociedade e procurarei outra ocupação.

Em pé na saída do ar-condicionado, deixei o fluxo frio secar-me o suor enquanto bebia o chá de cevada gelado que a funcionária trouxera. Meu sócio e eu encaramo-nos em silêncio. Fortes raios solares desse fim de tarde incidiam sobre o piso de linóleo, formando um fantástico nevoeiro. Lá embaixo, o parque era uma extensa mancha verde, e sobre a relva minúsculas figuras humanas deitavam-se placidamente ao sol. Meu sócio batia de leve a ponta da esferográfica na palma da mão esquerda.

— Soube que você se divorciou — disse ele, rompendo o silêncio.

— Só agora? Foi há quase dois meses — repliquei, ainda contemplando a paisagem externa pela janela. Removi os óculos escuros e a claridade me ofuscou.

— Por quê?

— Problemas pessoais.

— Sei disso — replicou em tom paciente. — Nunca soube de divórcios que não acontecessem por problemas pessoais.

Não respondi. Nada perguntar sobre os assuntos pessoais um do outro fazia parte de um acordo tácito estabelecido no decorrer dos longos anos de convivência.

— Não quis me intrometer em seus problemas — justificou-se. — Mas sou amigo dela também, não se esqueça, e foi um choque para mim saber que se separaram. Além disso, sempre imaginei que vocês se dessem bem.

— Nós nos dávamos muito bem. Aliás, foi uma separação amigável.

Ele se calou com uma expressão constrangida, ainda batendo com a ponta da esferográfica na palma da mão. Usava uma camisa nova, de cor azul-clara, e gravata preta, cabelos cuidadosamente penteados. Água-de-colônia e loção pós-barba combinando. Eu vestia uma camiseta com estampa do Snoopy carregando uma prancha de surfe, jeans Levi's velho quase branco de tanto

lavar e calçava um par de tênis cheio de barro. Aos olhos de qualquer um, ele pareceria mais sério que eu.

— Lembra-se do tempo em que nós três trabalhávamos juntos?

— Muito bem — repliquei.

— Bons tempos, aqueles — murmurou.

Afastei-me do condicionador de ar, aproximei-me do centro da sala e deixei-me cair numa confortável poltrona sueca azul-celeste. Apanhei um Pall Mall com filtro da caixa de cigarros e o acendi com o pesado isqueiro de mesa.

— E então? — eu disse.

— Começo a achar que expandimos demais nossos negócios.

— Você se refere aos anúncios e às revistas?

Concordou com um aceno de cabeça. Percebi que lhe custava admiti-lo e senti pena dele. Sopesei o isqueiro, girei a pedra para ajustar o comprimento da chama.

— Até compreendo seu ponto de vista — eu disse, devolvendo o isqueiro à mesa. — No entanto, gostaria de lembrar-lhe: quem saiu em busca desse tipo de serviço foi você, e não eu; quem se propôs aceitá-lo foi você, e não eu. Concorda?

— As circunstâncias me obrigaram a isso. Além do mais, estávamos ociosos na época.

— E ganhamos um bom dinheiro.

— E ganhamos um bom dinheiro. Graças ao novo trabalho, mudamo-nos para um escritório maior e pudemos contratar mais funcionários. Comprei carro novo, um apartamento, e consegui matricular meus dois filhos numa escola particular cara. Acho que tenho um padrão de vida razoavelmente bom para um sujeito na casa dos trinta.

— Fruto do seu esforço. Não tem do que se envergonhar.

— Quem disse que me envergonho? — replicou. Tornou a apanhar a esferográfica que lançara no centro da escrivaninha e a bater com ela de leve na palma da própria mão. — Mas... quando penso nos velhos tempos, tudo me parece irreal. Quero dizer, nos tempos em que vivíamos endividados, correndo atrás de serviços de tradução, distribuindo panfletos em estações de trem...

— Nada nos impede de voltar a distribuir panfletos; basta querer.

Meu sócio ergueu o rosto e me encarou.

— Ei, estou falando sério — disse ele.

— Eu também — repliquei.

Por alguns instantes mantivemos silêncio.

— Tanta coisa mudou... — murmurou. — Falo do nosso modo de viver e de pensar. Veja bem, não temos sequer ideia de quanto ganhamos na realidade. O contador aparece, produz uma papelada incompreensível, e lá vamos nós deduzindo isso, depreciando aquilo, isentando mais aquilo.

— É o que todos fazem.

— Sei disso. Sei também que tem de ser feito, e é o que fazemos realmente. Ainda assim, era melhor nos velhos tempos.

— *Pois a sombra do cárcere em torno aos poucos se adensa/ A cada instante de um novo dia que vivemos* — declamei o trecho de um velho poema.

— Como é?

— Nada, nada — repliquei. — Continuando...

— Continuando, ultimamente eu me sinto parte de um vasto esquema de exploração.

— Esquema de exploração? — repeti, erguendo a cabeça espantado. Estávamos distantes cerca de dois metros um do outro, e o rosto do meu sócio aparecia quase vinte centímetros acima do meu, em virtude da altura dos nossos respectivos assentos. Era a primeira vez que eu via a litografia na parede, logo atrás da cabeça dele. Representava um peixe alado. O peixe não parecia nada feliz com as asas nas costas. Talvez não soubesse como usá-las.

— Esquema de exploração? — tornei a perguntar, desta vez para mim mesmo.

— Exploração, sim.

— Quem explora quem?

— Todo mundo, um pouco.

Sentado na poltrona azul-celeste, pernas cruzadas, contemplei fixamente a mão dele e a esferográfica que ele empunhava na altura dos meus olhos.

— Seja como for, penso que mudamos. Concorde? — perguntou.

— Não mudamos, não. Nada nem ninguém mudou.

— É isso que pensa, de verdade?

— É. Não existe nenhum esquema de exploração. Isso é lenda. Você também não acredita que o mundo se salvará ao toque das trombetas do Exército da Salvação, acredita? Viu, você está imaginando coisas!

— Está bem, está bem. Talvez eu esteja mesmo imaginando coisas — concordou meu sócio. — Mas na semana passada você... digo, nós

produzimos o material publicitário da margarina, lembra? Um material muito bom, realmente. Teve boa aceitação e tudo o mais. Mas diga-me a verdade: quantos anos faz que você não come margarina?

— Muitos. Detesto margarina.

— Idem. Está vendo? Mas não era assim nos velhos tempos. Naquela época tínhamos ao menos certeza do que fazíamos e nos orgulhávamos do nosso trabalho. Não é o que acontece hoje em dia. Hoje em dia apenas espalhamos palavras vazias ao vento.

— A margarina é um alimento saudável. É gordura vegetal, tem baixo teor de colesterol. Retarda o surgimento de distúrbios geriátricos e anda bastante saborosa nos últimos tempos. É barata e tem boa durabilidade.

— Nesse caso, por que você não come?

Afundi-me um pouco mais na macia poltrona e estendi devagar pernas e braços.

— Que diferença faz? Comamos ou não margarina, no fim dá tudo na mesma. Tanto os austeros trabalhos de tradução como a propaganda enganosa da margarina são basicamente iguais. Talvez estejamos lançando palavras vazias ao vento, conforme diz você. Mas já viu palavras que não sejam vazias? Preste atenção: trabalho honesto não existe. Do mesmo modo que nunca existiu hálito honesto ou miço honesto.

— Você perdeu a inocência, com o passar dos anos.

— Pode ser — comentei, esmagando o cigarro no cinzeiro. — Em algum lugar deve existir ainda uma pequena vila cheia de inocência, onde um inocente açougueiro corta um inocente presunto. Se você acha que beber uísque em pleno dia é sinal de inocência, esteja à vontade.

Esferográfica batendo na mesa foi o único ruído a reinar na sala por longo tempo.

— Peço desculpas — eu disse. — Não quis ser rude.

— Não faz mal — replicou. — Você pode estar certo.

O termostato do ar-condicionado emitiu um pequeno estalo. Tarde horivelmente silenciosa.

— Tenha mais confiança no que faz — eu disse. — Esqueceu-se de que chegamos a este ponto à custa do nosso próprio esforço? Não devemos nada a ninguém. Somos um bocado diferentes dessa turma de empinados que só tem títulos ou padrinhos famosos.

— Fomos amigos nos velhos tempos, não fomos? — disse meu sócio.

— Ainda somos — afirmei. — Viemos até aqui juntando nossas forças.

— Eu não queria que vocês se divorciassem.

— Sei disso — respondi. — Mas já não é hora de me falar do carneiro?

Meu sócio assentiu com um movimento de cabeça. Depositou a esferográfica no descanso e esfregou a pálpebra com a ponta do dedo.

— Eram onze horas quando o sujeito apareceu por aqui — disse ele.

Do estranho homem

Eram onze horas quando o sujeito apareceu. Empresas de pequeno porte como a nossa têm dois tipos de onze horas: de total frenesi ou de total ócio. Não existe meio-termo. De modo que às onze da manhã ou estamos trabalhando desvairadamente sem pensar em nada ou estamos sonhando em doce ócio, ainda sem pensar em nada. O meio-termo (se existir) é reservado para a parte da tarde.

Quando o homem nos procurou, estávamos em pleno segundo tipo de onze horas. Aliás, um segundo tipo memorável, de ócio digno de registro. A primeira quinzena de setembro tinha sido de atividade enlouquecedora, finda a qual não pintou nem um único serviço. Três funcionários, inclusive eu, tiraram férias com um mês de atraso, e mesmo assim restara para os funcionários remanescentes pouco mais que o trabalho de apontar lápis. Meu sócio tinha ido ao banco, um funcionário matava o tempo ouvindo uma braçada de novos lançamentos numa loja de equipamentos de áudio próxima, e a única funcionária que permanecera no escritório para atender ao telefone lia a página “Penteados deste outono” numa revista feminina.

O homem abriu silenciosamente a porta do escritório e fechou-a atrás de si também silenciosamente. Ele, porém, não se movera em silêncio de propósito. Todos os seus gestos pareciam naturais. Tão naturais que a funcionária a princípio não se deu conta da presença dele. Quando percebeu, o homem já estava em pé do outro lado da escrivaninha e a fitava de cima a baixo.

— Anuncie-me ao diretor, faça-me o favor — disse o homem. Algo em seu tom de voz fazia pensar numa luva espanando o pó de cima da escrivaninha.

A moça não estava entendendo nada. Ergueu a cabeça e o fitou. Pareceu-lhe que o desconhecido tinha o olhar agudo demais para ser um simples cliente, vestia-se bem demais para ser fiscal do Imposto de Renda e possuía um ar culto demais para inspetor de polícia. Além dessas profissões, não lhe ocorreu mais nenhuma. Ele havia surgido do nada e estava em pé diante dela, barrando-lhe a passagem como uma notícia refinada e sinistra.

— Ele não está no momento — disse a moça, fechando a revista às pressas. — Mas disse que voltaria dentro de trinta minutos — acrescentou.

— Vou esperar — informou o homem sem um segundo sequer de hesitação. Dava a entender que já estava a par de tudo.

Por instantes, a funcionária hesitou entre perguntar-lhe o nome ou não, mas logo desistiu e o levou à sala de espera. O homem sentou-se na poltrona azul-celeste, cruzou as pernas, dirigiu o olhar ao relógio elétrico na parede oposta e se imobilizou. Não desperdiçava nenhum gesto. Momentos depois, quando a moça voltou com um copo de chá de cevada gelado, o desconhecido continuava naquela posição e não se mexia.

— Bem aí, nesse mesmo lugar onde você se senta agora — disse meu sócio. — E aí ele se deixou ficar na mesma posição, contemplando o relógio durante todos os trinta minutos.

Baixei o olhar para o sofá em que me sentava, transferi-o para o relógio de parede e depois voltei-o uma vez mais para o rosto do meu sócio.

Apesar do intenso calor dessa tarde, atípico para uma segunda quinzena de setembro, o homem vestia-se com esmero. Das mangas do terno cinza bem-talhado espiavam correntes punhos brancos de um centímetro e meio, o nó da gravata de listras, cujas cores variavam sutilmente, fora dado com extrema atenção, de modo a apresentar leve assimetria, os sapatos de cordovão preto brilhavam.

Devia ter entre trinta e cinco e quarenta anos, pouco mais que um metro e setenta e cinco de altura e nem um grama de gordura excedente. Não havia vestígios de rugas nas mãos finas, e os dez dedos longos pareciam um bando de animais que, apesar de domados em anos de intenso treinamento, retinham na memória lembranças de uma era primitiva. Muito tempo e cuidado tinham sido dispensados às unhas, que constituíam dez maravilhosas elipses nas pontas dos dedos. Eram mãos belas, sem dúvida alguma, mas estranhas. Denotavam alta especialização num campo de atividade bem determinado. Qual campo, ninguém saberia dizer.

Comparado às mãos, o rosto não contava quase nada. Bonito e de traços regulares, era no entanto monótono e destituído de expressão. As linhas retas do nariz e dos olhos pareciam resultar de uma correção posterior a estilete, e os

lábios eram finos e secos. O bronzado uniforme da pele evidenciava logo à primeira vista que o homem não o conseguira numa apressada exposição ao sol em quadras de tênis ou em praias. Apenas sol de um tipo por nós desconhecido, brilhando alto em alguma localidade por nós desconhecida, era capaz de produzir um bronzado dessa qualidade.

O tempo passou a correr com espantosa lentidão. Trinta minutos rijos, gelados, que faziam imaginar um solitário parafuso no topo de um gigantesco mecanismo apontado para o espaço. Quando meu sócio retornou do banco, a atmosfera no aposento era pesada. Não seria exagero dizer que tudo na sala parecia fixado com pregos ao chão.

— Apenas parecia, é claro — ressaltou meu sócio.

— É claro — concordei.

Exausta, a única funcionária do escritório estava a ponto de perder os sentidos. Ainda sem compreender inteiramente a situação, meu sócio entrou na sala de visitas e se apresentou ao desconhecido como diretor da empresa. Só então o homem desfez a postura, retirou um cigarro fino do bolso interno do paletó, acendeu-o e expeliu a fumaça com expressão aborrecida. A tensão na sala baixou ligeiramente.

— Não tenho muito tempo, de modo que vou direto ao assunto — disse o homem com calma. Tirou da carteira um cartão de visitas rígido e de bordas cortantes e depositou-o sobre a mesa. Feito de um papel especial que lembrava plástico, o cartão era anormalmente branco. Havia um nome impresso nele em tipos negros e miúdos. Apenas um nome de quatro ideogramas, sem profissão, endereço ou número telefônico. Os olhos doíam, só de contemplá-los. Meu sócio virou o cartão e confirmou: não havia absolutamente nada impresso no verso. Desvirou-o então, passou os olhos uma vez mais pelo nome e tornou a contemplar o rosto do homem.

— Conhece o nome, não conhece? — perguntou o desconhecido.

— Conheço — respondeu meu sócio.

O homem moveu a ponta do queixo alguns milímetros e assentiu de leve. O olhar, porém, continuou perfeitamente fixo.

— Queime, por favor.

— Queimar? — disse meu sócio boquiaberto, procurando o olhar do estranho.

— Queime o cartão imediatamente — repetiu o homem em tom cortante.

Meu sócio apanhou às pressas o isqueiro de mesa e pôs fogo num dos cantos do cartão, mantendo-o entre os dedos até ver metade dele consumir-se. Só então depositou-o no centro de um cinzeiro de cristal, ficando a observá-lo em companhia do estranho até vê-lo transformado num punhado de cinzas brancas. Depois disso um pesado silêncio, como o que sobrevém a um morticínio, envolveu a sala.

— Vim aqui investido de plenos poderes por essa pessoa — disse o homem rompendo o silêncio momentos depois. — Em outras palavras, tudo que vou dizer doravante é a expressão da sua vontade e em cumprimento aos seus desejos.

— Desejos...? — indagou meu sócio.

— A palavra desejo é o modo mais elegante de expressar a postura básica de um ser em relação a um determinado objetivo. Naturalmente — continuou o homem — existem outras formas de expressão. Fui claro?

Meu sócio traduziu mentalmente a fala do estranho para uma linguagem mais objetiva.

— Foi — respondeu em seguida.

— Isto não significa que nossa conversa será de teor conceitual ou político. Falaremos estritamente de business.

O estranho pronunciou corretamente *bízines*, e não *bijines*, como a maioria dos japoneses. Nissei norte-americano, provavelmente.

— Você é um homem de negócios. Eu também sou um homem de negócios. Objetivamente falando, business é o que nos interessa, nada mais. Deixemos para outros os assuntos não objetivos. De acordo?

— De pleno acordo — disse meu sócio.

— Nossa função é atribuir formatos sofisticados a esses fatores não objetivos e inseri-los no plano objetivo. Mas faz parte da natureza humana deixar-se levar pela não objetividade. Isto porque — disse o estranho, tocando na pedra verde do anel no dedo médio da mão esquerda com a ponta dos dedos da outra mão — a não objetividade parece mais simples. E com frequência a não objetividade parece sobrepujar a objetividade. Business,

porém, inexistente no plano não objetivo. Isto significa que nós, homens de negócios, somos a espécie humana destinada a contornar essa dificuldade. De modo que — interrompeu-se o estranho momentaneamente para mexer no anel uma vez mais — você terá de relevar se o que trataremos a seguir demandar de você atitudes ou resoluções difíceis.

Mesmo sem compreender direito, meu sócio assentiu em silêncio com um movimento de cabeça.

— Isto posto, vou expor o que a parte aqui representada por mim realmente deseja. Primeiro, que suspenda de imediato a publicação da revista publicitária da Companhia P de Seguros, editada por sua firma.

— Mas...

— Segundo — interrompeu-o o desconhecido —, que me permita falar diretamente com a pessoa responsável por este anúncio.

Assim dizendo, o homem retirou um envelope branco de um dos bolsos do paletó, dele extraíndo um pedaço de papel dobrado em quatro, que entregou ao meu sócio. Este pegou o pedaço de papel, desdobrou-o e o contemplou. Era sem dúvida uma página destacada de uma revista publicitária da referida companhia de seguros, editada por nós. Apenas uma paisagem comum da região de Hokkaido — neve, montanhas, carneiros e relva — acrescida de um poema bucólico de inspiração duvidosa, transcrito de algum lugar.

— Estes são os dois desejos da parte que represento. Com referência ao primeiro, é muito mais fato consumado que desejo propriamente dito. Falando com clareza, já tomamos medidas que consideramos plenamente satisfatórias para nós. Se duvida, ligue mais tarde para o encarregado do departamento de divulgação.

— Não diga... — murmurou meu sócio.

— Contudo, posso imaginar com facilidade que danos resultantes deste tipo de problema representem considerável dor de cabeça para uma empresa do seu porte. Felizmente, a parte que represento, como você muito bem sabe, é poderosa neste ramo de negócios. De modo que ela estará pronta a ressarcir-lo dos danos que porventura você venha a sofrer caso atenda a seu segundo desejo, e o responsável por este material publicitário lhe forneça certa informação que procuramos. Posso até adiantar-lhe que será muito mais que um simples ressarcimento.

O silêncio voltou a reinar na sala.

— Caso, porém, seus dois desejos não sejam atendidos — disse o homem —, você e sua firma podem considerar-se expulsos do ramo. E desse momento em diante não encontrarão sequer uma brecha por onde se infiltrar uma vez mais neste mercado.

Silêncio outra vez.

— Alguma pergunta?

— O problema é apenas esta foto, certo? — indagou meu sócio temerosamente.

— Certo — disse o homem. Gesticulou, como se escolhesse cuidadosamente algumas palavras sobre a palma da mão. — Absolutamente certo. Contudo, nada mais posso lhe adiantar. Não me foi concedido esse poder.

— Vou entrar em contato com o responsável por esta propaganda. Acredito que às três horas ele já estará aqui.

— Perfeito — disse o homem lançando um olhar ao relógio. — Mandarei um carro buscá-lo às quatro horas. Para finalizar, um aviso importante: você está absolutamente proibido de comentar este caso com quem quer que seja. Compreendido?

E assim se despediram *businesslike*.

A respeito do Chefe

— E isso é tudo — finalizou meu sócio.

— Não entendi nada — eu disse com o cigarro que ainda não acendera pendendo da boca. — Não sei quem é o indivíduo do cartão de visitas. Não sei também por que a foto dos carneiros o incomoda. E, por último, não sei como esse indivíduo seria capaz de suspender a veiculação de um material que produzimos.

— O indivíduo do cartão de visitas é um figurão da direita. Evita expor-se, a si mesmo e ao seu nome, de modo que é quase desconhecido para o grande público. Contudo, não há ninguém que não o conheça em nosso meio, excetuando você, talvez.

— Conhecimentos gerais não são o meu forte — justifiquei-me.

— Eu disse figurão da direita, mas não da direita convencional. Ou melhor, ele nem sequer é da direita.

— Cada vez entendo menos.

— Para falar a verdade, ninguém sabe ao certo quais são suas convicções. Não tem obras publicadas, não faz discursos. Não concede entrevistas e não permite que o fotografem. Misterioso a ponto de ninguém saber com certeza se é vivo ou morto. Cinco anos atrás, o repórter de uma revista começou a investigar certo caso de financiamento irregular em que o indivíduo tinha se envolvido. O repórter foi instantaneamente afastado da investigação.

— Vejo que anda bem informado.

— O repórter em questão era amigo de um amigo meu.

Peguei o isqueiro e acendi o cigarro ainda preso em minha boca.

— E o que faz esse repórter hoje em dia?

— Foi remanejado para o departamento comercial e passa os dias arquivando documentos. Contrário ao que a maioria pensa, o universo da mídia é pequeno. De modo que casos iguais a esse funcionam como uma espécie de advertência. Mais ou menos como a caveira na entrada do povoado de uma tribo africana primitiva.

— Sei... — eu disse.

— Mas da sua vida pré-guerra sabemos algo. O nosso homem nasceu em 1913, na região de Hokkaido. Mal se formou na escola primária, veio para Tóquio, tentou uma profissão após outra e se engajou em atividades da direita. Penso que foi para a cadeia uma vez. Ao sair, foi para a Manchúria, onde fez amizade com o comando do exército de Kanto, fundando uma organização dedicada à prática de estelionatos. Não sei ao certo como funcionava essa organização. Sei apenas que ele começa a se transformar num indivíduo cercado de mistério mais ou menos a partir dessa época. Dizem que lidava com drogas, e acho que é verdade. E depois de percorrer o continente chinês praticando todo tipo de desmandos, retornou à pátria embarcado num contratorpedeiro da Marinha japonesa duas semanas antes de a Rússia entrar na guerra. Naturalmente trazendo consigo uma fortuna incalculável em ouro e metais preciosos.

— Nosso homem tem, no mínimo, um refinado senso de oportunidade...

— Realmente, ele é um oportunista nato. Sabe como poucos o momento exato de avançar e de recuar. E tem olho clínico para descobrir bons negócios. Preso pelas tropas de ocupação como criminoso de guerra Classe A, teve as investigações suspensas no decorrer do processo. Motivo: doença. Este episódio, porém, nunca ficou devidamente esclarecido. Supõe-se que negociou a própria liberdade com as tropas norte-americanas. Lembre-se de que MacArthur estava de olho no continente chinês.

Meu sócio tornou a apanhar a esferográfica do descanso sobre a mesa e a girou entre os dedos.

— Uma vez fora da prisão de Sugamo, nosso homem dividiu em duas a fortuna que ocultara em algum lugar. Com uma parte comprou o Partido Conservador inteiro, e com a outra, a indústria publicitária. Isso numa época em que publicidade era ainda sinônimo de distribuição de folhetos, veja bem.

— Um homem de visão, realmente. Mas não o processaram por omitir declarações sobre a fortuna pessoal?

— Está brincando? Processar um homem que comprou um partido político inteiro?

— Está certo — eu disse.

— O fato é que, com esse dinheiro, o nosso homem passou a controlar um partido político e o mundo da propaganda. Essa estrutura funciona até hoje. E se ele nunca aparece é porque não tem necessidade. Nada é impossível

para um homem que está no centro do poder político e do universo publicitário. Você tem ideia do que significa controlar a propaganda?

— Não.

— Significa ter em mãos quase toda a mídia impressa e falada. Sem propaganda, não há informação escrita nem falada. Um aquário sem água. Fique sabendo que noventa e cinco por cento das informações que lhe chegam já passaram por um processo de compra e seleção.

— Continuo não entendendo — reclamei. — Que ele controla o mundo da informação compreendi muito bem. Mas de que jeito exerce esse controle sobre uma revista publicitária veiculada por uma companhia de seguros? Aquilo foi um contrato direto, não nos foi repassado por nenhuma grande agência de publicidade.

Meu sócio pigarreou e tomou o resto do chá de cevada, a essa altura completamente morno.

— Ações — disse ele. — O capital do nosso homem é basicamente composto de ações. Manipulação do mercado, aquisições desenfreadas, tomadas de controle, o que você imaginar. Seus informantes recolhem o material, que ele seleciona. Apenas uma mínima parte de tudo isso chega ao conhecimento do público em geral. O resto, o Chefe (é assim que o homem do terno preto se refere ao nosso homem) guarda para si. A chantagem faz parte de suas atividades, sem sua participação direta, é claro. Se a chantagem não funcionar, a informação é passada para os políticos, que a usam para alavancar decisões.

— E já que toda firma tem seu ponto fraco...

— Nenhuma companhia quer ver informações explosivas tumultuando suas assembleias de acionistas. De modo que concordam com a maioria das exigências. Resumindo, o Chefe está estabelecido sobre um robusto tripé composto por políticos, gente da área da informação e do mercado de ações. Compreendeu agora por que tirar de circulação uma revista publicitária e transformar-nos numa dupla de desempregados é para ele mais simples que descascar um ovo cozido?

— Humm...! — gemi. — Mas continuo querendo saber por que uma simples foto de uma região de Hokkaido incomoda um figurão desse calibre.

— Boa pergunta — disse meu sócio sem muito entusiasmo. — Exatamente a mesma que eu queria lhe fazer.

Calamo-nos por instantes.

— Por falar nisso, como soube que se tratava de carneiros? — perguntou meu sócio de repente. — Como foi isso? Quero saber o que está acontecendo sem o meu conhecimento.

— Só um bando de anões urdindo tramas sem parar no vão debaixo da minha varanda.

— Como é que é?

— Sexto sentido, companheiro.

— Que beleza! — disse meu sócio suspirando. — Mudando de assunto, tenho duas informações bem recentes. Liguei para o repórter da tal revista a que me referi há pouco e ele me contou. Boatos dão conta de que o Chefe teve um derrame e está inconsciente. Não há meios de confirmar esta informação. A outra diz respeito ao homem do terno preto que esteve aqui. Ele é o primeiro secretário do Chefe, e também quem de fato administra os negócios da organização. Em suma, o número dois do grupo. É nissei norte-americano formado por Stanford e trabalha há 12 anos para o Chefe. Misterioso, mas excepcionalmente inteligente pelo que dizem. Isso é tudo que consegui saber.

— Muito obrigado — eu disse.

— Não tem de quê — respondeu meu sócio sem sequer olhar para mim.

Sóbrio, ele era muito mais confiável que eu, sob todos os pontos de vista. Era mais prestativo, mais puro, e raciocinava com mais clareza. Mas cedo ou tarde ele se embriagaria. Era triste pensar nisso. Gente muito melhor que eu ia se acabar antes de mim.

Depois que meu sócio se foi, abri a gaveta da sua escrivaninha, tirei a garrafa de uísque e bebi sozinho.

Contando carneiros

Podemos afirmar que vagamos sem destino por um mundo de coincidências. Mais ou menos como uma semente alada ao sabor da brisa na primavera.

Mas ao mesmo tempo podemos também afirmar que coincidências não existem. O que aconteceu aconteceu, é claramente passado, assim como o que ainda não aconteceu ainda não aconteceu, e é claramente futuro. Em suma, somos entidades passageiras presas entre o “tudo” que já aconteceu e o “nada” que ainda não aconteceu, e onde coincidências ou probabilidades não existem.

Na verdade, porém, não existe grande diferença entre esses dois pontos de vista. São (como, aliás, a maioria dos pontos de vista antagônicos) pratos idênticos conhecidos por nomes diferentes.

Metaforicamente falando.

O ter eu usado a fotografia dos carneiros para ilustrar a revista publicitária é, do ponto de vista (a), mera coincidência, e do ponto de vista (b) não é mera coincidência.

(a) Eu procurava uma foto adequada para ilustrar a página daquela revista. Por *coincidência*, a foto dos carneiros estava no fundo da minha gaveta. E eu a usei. Uma coincidência pacífica de um mundo pacífico.

(b) A foto dos carneiros aguardava por mim no fundo da gaveta. Se eu não a usasse para ilustrar a revista, tê-la-ia usado para outra coisa.

Pensando bem, estas fórmulas são aplicáveis a quase todas as circunstâncias da minha vida. Com um bom treinamento talvez eu seja capaz de coordenar uma vida do tipo (a) com a mão direita, e outra vida do tipo (b) com a mão esquerda. Não que isso tenha muita relevância. Do mesmo jeito que o buraco no meio de uma rosquinha. Você pode entender que o buraco da rosquinha é uma ausência, como também pode entender que é uma presença. É uma questão puramente metafísica, que em nada altera o gosto da rosquinha.

O aposento tornou-se repentinamente deserto depois que meu sócio saiu para atender a outros compromissos. Apenas os ponteiros do relógio elétrico continuaram a deslocar-se em silêncio. Faltava ainda um bocado para as quatro da tarde, hora combinada para o carro me pegar, mas eu nada tinha para fazer. Silêncio total na sala ao lado.

Sentado no sofá azul-celeste, eu bebia uísque e contemplava o relógio elétrico sentindo-me leve como uma semente alada voando ao sabor da agradável brisa do ar-condicionado. Desde que eu continuasse contemplando o relógio, o mundo continuaria a se mover. Podia não ser grande coisa de mundo, mas movia-se. E, enquanto tivesse percepção de que o mundo se movia, eu existiria. Podia não ser grande coisa de existência, mas eu existia. Pareceu-me então estranho que uma pessoa só tivesse percepção da própria existência por intermédio dos ponteiros de um relógio. Deviam existir outros meios de percepção no mundo. Por mais que pensasse, porém, nenhum me veio à mente.

Desisti e provei outro gole do uísque, que desceu queimando garganta abaixo, percorreu a parede do esôfago e atingiu prontamente o fundo do estômago. Fora, o céu de verão se estendia profundamente azul, manchado de nuvens brancas. Céu esplêndido, mas que de alguma forma me lembrou um artigo de segunda mão, desgastado pelo uso. Céu de segunda mão, lustrado momentos antes do leilão com um pano embebido em álcool. Um brinde ao céu, a esse céu que num passado remoto fora novo. Nada mau este uísque escocês. E o céu também, desde que me habituassem a ele. Um jato cruzou lentamente o espaço da janela, da esquerda para a direita. Lembrava um inseto revestido de brilhante couraça.

Quando terminei meu segundo copo de uísque, uma repentina dúvida me assaltou: que diabos fazia eu ali?

E em que diabos eu estivera pensando?

Carneiros.

Ergui-me da poltrona, apanhei a página ilustrada sobre a escrivania do meu sócio e retornei à poltrona. E então contemplei fixamente a foto por cerca de vinte segundos, pensando com estoica persistência sobre o seu significado enquanto revolvía na boca o pedaço de gelo com gosto de uísque.

A foto retratava um rebanho de carneiros e um prado. Um bosque de vidoeiros surgia a partir do ponto em que o prado terminava. Vidoeiros gigantes, característicos da região de Hokkaido, e não do tipo raquítico,

plantado à porta dos consultórios de dentistas, apenas para constar. Robustos, capazes de suportar quatro ursos afiando simultaneamente as garras em seus troncos. O aspecto das copas dava a perceber que era primavera. Ainda havia neve nos cumes das montanhas ao fundo. O mesmo acontecia nos vales, à meia altura das encostas. Cenário típico dos meses de abril e maio. Época do ano em que o solo se torna barrento em virtude do degelo. No céu azul (a foto monocromática não me permitia afirmar categoricamente, mas devia ser azul, ou rosa-salmão, talvez), nuvens brancas e finas ondulavam sobre a crista das montanhas. E o rebanho de carneiros nada mais era que um rebanho de carneiros, assim como o bosque de vidoeiros nada mais era que um bosque de vidoeiros e as nuvens brancas nada mais eram que nuvens brancas, por mais tratos que desse à imaginação.

Lancei a foto sobre a mesa, fumei um cigarro e bocejei. Tornei a apanhar a foto e, desta vez, contei os carneiros. Mas o prado era extenso demais e os carneiros se espalhavam como pessoas num piquenique. Quanto mais se distanciavam, mais incertos se tornavam e mais difícil ficava dizer com segurança se eram carneiros ou manchas brancas, manchas brancas ou ilusões de óptica e, finalmente, ilusões de óptica ou simplesmente nada. Não me restou outro recurso senão contar, apontando com uma esferográfica, as imagens que eram com certeza carneiros. Trinta e dois foi o número que obtive. Trinta e dois carneiros. Uma foto notável por sua banalidade. Nenhuma obra-prima de composição, nenhum traço de originalidade.

Mas havia algo nela, com certeza. Cheiro de contratempos. Cheiro que eu já sentira desde o instante em que vira a foto pela primeira vez, cheiro que vim sentindo nestes últimos três meses.

Estiquei-me agora em posição quase deitada sobre a poltrona, ergui a foto acima da cabeça e tornei a contar os carneiros. Trinta e três.

Trinta e três?

Fechei os olhos, sacudi a cabeça e esvaziei a mente. Não importa, pensei. Alguma coisa podia estar por acontecer, mas ainda não acontecera. Ou, se alguma aconteceu, já tinha acontecido.

Quase deitado sobre a poltrona, tornei a contar os carneiros. E assim caí em sono profundo, o tipo do sono com gosto de dose dupla de uísque. Segundos antes de adormecer pensei nas orelhas da minha garota.

O carro e o motorista I

O carro chegou pontualmente às quatro horas, conforme combinado. Pontual como um relógio cuco. A secretária me arrastou para fora de um profundo poço de sono. Lavei o rosto no lavabo, mas não consegui me livrar da sonolência. Bocejei três vezes dentro do elevador, a caminho do térreo. Bocejos que pareciam acusar, mas era eu o único acusado e também o acusador.

A banheira flutuava na rua diante do prédio como um submarino emergido. Tão grande que sob o capô viveria uma família bem-comportada. Janelas de vidro opaco azul-escuro para impedir que o interior fosse devassado, pintura preta impecavelmente polida, sem uma mancha sequer nos para-choques ou nas calotas.

Um motorista de meia-idade usando camisa branca imaculada e gravata cor-de-laranja perfilava-se ao lado da banheira. Um motorista de verdade. Aproximei-me e ele abriu a porta em silêncio, só a fechando depois de me ver corretamente acomodado no banco dos passageiros. Em seguida, ele próprio foi para trás da direção e fechou a porta do seu lado. Nada no interior do carro soava mais alto que o virar de um baralho novinho em folha. Comparado ao interior do fusquinha velho de quinze anos que eu comprara usado de um amigo, este era silencioso como estar no fundo de um lago com tampões nas orelhas.

A decoração também era impressionante. O gosto não era dos melhores, como acontece à maioria dos acessórios de automóveis, mas não deixava de ser impressionante. No meio do vasto banco de passageiros havia um telefone embutido de linhas elegantes e, ao lado dele, acendedor prateado, cinzeiro e porta-cigarros, tudo combinando. No dorso do banco do motorista tinham sido instalados uma mesinha dobrável e um gabinete pequeno, possibilitando ao passageiro fazer anotações ou refeições ligeiras. O ar saía do condicionador de modo natural e silencioso, e o tapete era macio.

Quando me dei conta, o carro já se tinha posto em movimento. Senti-me deslizando numa barrica de ouro sobre um lago de mercúrio. Tentei calcular o valor investido no carro, mas logo desisti: era inútil e ultrapassava os limites da minha capacidade imaginativa em todos os sentidos.

— Quer música, senhor? — perguntou-me o motorista.

— Do tipo que dá sono, de preferência — respondi.

— Perfeitamente.

Tateou sob o banco, escolheu uma fita cassete e apertou uma tecla no painel do carro. Um solo de violoncelo fluiu de alto-falantes destramente ocultos. Som e melodia de qualidade indiscutível.

— Faz parte de suas obrigações apanhar pessoas com este carro? — indaguei.

— Sim — respondeu o homem em tom cuidadoso. — Não tenho feito outra coisa nos últimos tempos.

— Interessante — comentei.

— Este veículo era de uso exclusivo do Chefe, originariamente — disse o motorista, passados instantes. Pelo jeito, era mais extrovertido do que parecia. — Mas desde que adoeceu nesta primavera, o Chefe não tem mais saído, e como é uma pena deixar este veículo parado... Ademais, carros precisam ser movimentados de tempos em tempos, conforme deve ser do seu conhecimento. Do contrário, deixam de funcionar a contento.

— Está certo — eu disse.

Pelo jeito, a doença do Chefe não era nenhum segredo de Estado. Apanhei um cigarro do estojo e o examinei. Cigarro sem marca, original, sem filtro. Levei-o ao nariz e o aroma lembrou os de fabricação russa. Hesitei por instantes, sem saber se o fumava ou se o guardava no bolso, mas pensei melhor e o devolvi ao estojo. No centro do isqueiro e da caixa de cigarros havia um brasão elaborado. Um brasão com a figura de um carneiro.

Carneiro?

Parecia inútil pensar, de modo que sacudi a cabeça e fechei os olhos. Muita coisa parecia escapar ao meu controle desde aquela tarde em que vi pela primeira vez as fotos da orelha.

— Quanto tempo falta para chegarmos? — perguntei.

— Entre trinta e quarenta minutos. Depende da situação do tráfego.

— Nesse caso, diminua a intensidade do frio, por favor. Vou continuar minha sesta.

— Perfeitamente.

O motorista ajustou os controles do ar-condicionado e pressionou um dos diversos botões no painel. Uma divisória de vidro grosso subiu silenciosamente, separando o banco do motorista da área dos passageiros. Exceto pela música de

Bach, o silêncio agora era quase total. A essa altura, porém, nada mais me espantava. Rosto enterrado no encosto, adormeci profundamente.

E sonhei com uma vaca leiteira. Jeitosinha, a vaca, mas com um certo ar sofrido de quem já experimentou de tudo na vida. Cruzamo-nos sobre uma ponte, num agradável fim de tarde de primavera. A vaca levava um ventilador velho numa das patas e me perguntou se não queria comprá-lo bem baratinho. Não tenho dinheiro, respondi. E não tinha mesmo.

A vaca então propôs permutar o ventilador pelo alicate. Proposta interessante. Retornei à casa em companhia da vaca e procurei o alicate desesperadamente, mas não o encontrei.

— Estranho! — comentei. — Estava bem aqui até ontem.

E no momento em que fui buscar um banquinho para dar uma busca nas prateleiras superiores, o motorista bateu no meu ombro e me acordou.

— Chegamos — disse ele lacônico.

A porta estava aberta e o sol do fim da tarde batia em cheio no meu rosto. Milhares de cigarras cantavam como se estivessem dando corda a relógios. Cheiro de terra.

Desci do carro, estiquei-me e respirei profundamente, rezando para que o sonho não tivesse conotação simbólica.

O mundo da minhoca

Existem sonhos simbólicos e realidades que simbolizam tais sonhos. Ou ainda, existem realidades simbólicas e sonhos que simbolizam tais realidades. O símbolo é, por conseguinte, o prefeito honorífico do universo da minhoca. No universo da minhoca não se estranha que uma vaca leiteira esteja à procura de um alicate. Em algum momento a vaca leiteira há de conseguir o alicate. O problema não era meu.

Suponhamos agora que a vaca estivesse me usando para obter o alicate. As circunstâncias, nesse caso, seriam totalmente outras. Eu estaria sendo lançado num universo onde o raciocínio seria completamente diferente. E o maior inconveniente de ser lançado nesse universo de raciocínio diferente é que a história se torna desnecessariamente longa. Eu pergunto à vaca leiteira: por que quer um alicate? A vaca responde: porque estou faminta. Pergunto: e por que precisa de um alicate quando está faminta? A vaca responde: para dependurar no galho do pessegueiro. Pergunto: por que no galho do pessegueiro? Responde a vaca: mas não lhe dei o ventilador em troca? Seria uma sucessão interminável de perguntas e respostas. E, nunca terminando, eu me veria aos poucos odiando a vaca, e vice-versa. Esse é o universo da minhoca. Para escapar desse universo é preciso sonhar um novo sonho simbólico.

Em certa tarde de setembro de 1978, a enorme banheira de quatro rodas me trouxe para o próprio centro de um desses universos de minhoca. Quer dizer, minhas preces não tinham sido atendidas.

Lancei o olhar em torno e suspirei sem querer. Aquilo valia realmente um bom suspiro.

O carro estacionara no topo de uma colina. Um caminho de cascalho, por onde o automóvel devia ter vindo, se estendia às minhas costas e descia a colina serpenteando de modo forçado, conduzindo ao portão visível a distância. Nos dois lados do caminho ciprestes e postes com lâmpadas a vapor de mercúrio pareciam porta-lápis dispostos a intervalos irregulares. Andando devagar, uma pessoa levaria quase quinze minutos para chegar até o portão. E em cada

tronco de cipreste agarravam-se incontáveis cigarras, esbravejando como se o mundo tivesse começado a rolar rumo ao fim.

O caminho ladeado por ciprestes cortava um gramado bem aparado em declive, por onde se espalhavam azáleas, hortênsias e uma profusão inconsequente de plantas das mais diferentes espécies. Um bando de estorninhos saltava a esmo sobre o gramado, movimentando-se da direita para a esquerda com a incerteza de seixos rolando.

Dos dois lados da colina havia escadarias estreitas. Descendo a da direita chegava-se a um jardim em estilo japonês, com direito a lanternas de pedra e lago. Descendo a da esquerda, chegava-se a um pequeno campo de golfe, a cujo lado se erguia um gazebo cor de sorvete de passas ao rum. Além dele, havia uma estátua de uma divindade grega qualquer e, mais para a frente, uma gigantesca garagem, diante da qual outro motorista jogava água com uma mangueira em outro carro. Àquela distância não consegui distinguir a marca do carro, mas de uma coisa eu tive certeza: não era um Volkswagen de segunda mão.

Braços cruzados, passei o olhar uma vez mais em toda a minha volta. Era um jardim de que ninguém poderia reclamar, mas me dava uma leve dor de cabeça.

— Onde fica a caixa de correio? — perguntei, apenas para satisfazer uma curiosidade. Começava a me preocupar com a sina do sujeito que tinha de descer até o portão todas as manhãs e tardes em busca de jornais e cartas.

— No portão de serviço — respondeu o motorista.

Claro. Tinha de haver um portão de serviço nos fundos da casa.

Terminada a inspeção do jardim, voltei-me e dirigi o olhar para a construção que se erguia à minha frente.

Era, não tenho definição melhor, um prédio dolorosamente único. Suponha, por exemplo, um conceito. Ele abriga em seu meio pequenas exceções. Com o passar do tempo, porém, as exceções ampliam-se como mancha, para afinal se transformarem em outro conceito. Que por sua vez origina, tempos depois, outras exceções. Em poucas palavras, assim era o prédio. Visto de um outro ângulo, parecia uma forma de vida antiga que evoluiu cegamente.

A construção original havia seguido, ao que tudo indicava, o estilo arquitetônico europeu, comum no período Meiji.¹ Um prédio de dois andares

de cor creme fora construído abraçando o pórtico de pé-direito alto e estilo clássico. As janelas eram do tipo antiquado, altas e de folhas duplas, repintadas diversas vezes. O telhado fora, como seria de esperar, revestido de telhas de cobre, e as calhas pareciam sólidas como aquedutos romanos. Este conjunto era até apresentável. Tinha certo ar respeitável e elegante, que falava dos velhos e bons tempos.

O problema era que, certo dia, um arquiteto — gaiato com certeza — pespegara-lhe à direita uma construção nova com características e tons semelhantes. Ele havia mirado ao alvo certo, mas o resultado fora desastroso: as duas construções nada tinham em comum. Pareciam sorvete e brócolis servidos numa única travessa de prata. Dezenas de anos se passaram sem que o infeliz conjunto sofresse alterações. E então, certo dia, um apêndice em forma de torreão feito de pedras lhe foi acrescido. E, no topo do torreão, um para-raios com intenção decorativa. O toque final do mau gosto. Pena que um raio não o tivesse destruído de verdade.

Do torreão partia um extenso corredor coberto, que conduzia em linha reta, sem hesitações, a uma nova ala. Pois a ala constituía outro fenômeno. Agora, porém, percebia-se a recorrência de um tema de certa forma mais consistente. “A Natureza Conflitante de Algumas Ideias” podia ser o título. Certo ar de profundo desgosto pairava por ali, como o que cerca o cadáver do burrico que, posto entre dois cochos igualmente cheios, morreu de fome por não saber de qual se alimentar primeiro.

À esquerda do prédio principal e em evidente contraste com ele estendia-se outra vista construção térrea, esta em estilo japonês. Lá estavam a cerca viva, o pinheiro bem-cuidado, o longo e elegante corredor, reto como uma pista de boliche.

Seja como for, essas construções todas acomodadas em sequência no topo da colina como três filmes mais trailer em sessão da tarde constituíam uma visão e tanto. Se aquilo era um projeto desenvolvido em longos meses e anos de cuidadoso cálculo com o intuito de espantar de vez restos de embriaguez e sono de um certo indivíduo, afirmo que atingiu em cheio o objetivo. Mas não podia ser, é claro. Esse tipo de visão costuma resultar da fusão de muito dinheiro com vários tipos de talentos duvidosos, surgidos no decorrer de diversas épocas.

Por certo eu havia estado observando a mansão e o jardim por tempo inusitadamente longo, pois nesse momento dei-me conta do motorista parado

rente a mim, olhando o relógio. O gesto sugeria hábito. Dava a entender que a maioria das pessoas que ele trazia até ali costumava parar naquele mesmo lugar e contemplar a vista no mesmo silêncio estupefato.

— Olhe à vontade, senhor — disse-me ele. — Temos ainda quase oito minutos.

— É grande, não? — comentei por não achar nada melhor para dizer.

— Três mil, oitocentos e oitenta e sete metros quadrados — precisou o motorista.

— Um vulcão ativo era o tipo da coisa que iria bem neste local — graciei. Mas o gracejo se perdeu. Pelo jeito, não gracejavam naquele lugar.

E os minutos se passaram.

*

Fui introduzido num aposento de quase quinze metros quadrados, logo à esquerda do pórtico, e decorado em estilo ocidental. O forro do teto exageradamente alto tinha sido contornado com gesso decorativo na junção com a parede. Sofás e mesa de centro antigos e sóbrios compunham o mobiliário, e na parede havia uma natureza-morta que poderia ser classificada como cúmulo do realismo. Maças, vaso e um cortador de papel. Partir a maçã com o vaso e, depois, descascá-la com o cortador de papel? E guardar sementes e miolo dentro do vaso, talvez. Da janela pendia uma cortina de renda sobreposta a outra de tecido grosso, ambas arrepanhadas para os lados com cordões. Por entre as cortinas, avistava-se um pedaço relativamente apresentável de jardim. O assoalho era de carvalho e brilhava discretamente. O tapete, que forrava quase metade do aposento, estava descolorido pela ação do tempo, mas a felpa continuava firme.

Nada mau o aposento. Nada mau, realmente.

Uma empregada de meia-idade vestindo quimono entrou no aposento, depositou sobre a mesa um copo de suco de uva e saiu em silêncio. A porta se fechou às suas costas com um leve estalido. Em seguida, silêncio.

Sobre a mesa, isqueiro, estojo de cigarros e cinzeiro de prata, do mesmo tipo que eu já vira no interior do carro. E, gravado em cada um deles, o brasão do carneiro. Tirei meu próprio cigarro com filtro do bolso, acendi-o com o isqueiro de prata e soltei uma baforada na direção do teto distante. E depois bebi o suco de uva.

Dez minutos depois a porta tornou a se abrir e um homem alto de terno preto entrou. O homem não me deu as boas-vindas, nem se desculpou por me ter feito esperar. Eu também nada disse. O homem sentou-se em silêncio à minha frente, pendeu de leve a cabeça para o lado e me observou, como se avaliasse uma mercadoria. Meu sócio estava certo: o rosto do homem era inexpressivo.

Mais alguns instantes se passaram.

[1](#) 1868-1912. (N.T.)

Capítulo V

As cartas do Rato e os acontecimentos
seguintes

1

A primeira carta do Rato

(carimbo de 21 de dezembro de 1977)

Como vai você?

Tenho a impressão de que não o vejo há muito tempo. Quantos anos?

Em que ano estamos, por falar nisso?

Aos poucos, estou perdendo a noção do tempo. Tenho um pássaro negro e achatado batendo asas em cima da minha cabeça, e ele me impede de contar mais que três. Sinto, mas você terá de se encarregar do cálculo.

Fui-me embora da cidade sem avisar ninguém, e isso talvez o tenha incomodado. Também não sei se o irritei pelo fato de ter me ido sem ao menos me despedir. Tentei justificar-me diversas vezes, mas não consegui. Escrevi muitas cartas e as rasguei. Pensando bem, isso é mais que natural. Como explicar aos outros o que não consigo explicar direito nem mesmo a mim?

Deve ser isso.

Nunca fui muito de escrever. Vivo invertendo a ordem dos fatos, ou me atrapalhando e empregando palavras de sentido oposto ao que pretendo. Por isso, escrever cartas me deixa muitas vezes mais confuso do que já sou. Ademais, me falta senso de humor, o que me faz sentir desgosto de mim mesmo enquanto escrevo.

Se bem que um indivíduo capaz de escrever belas cartas não precisaria escrevê-las, para começo de conversa. Sabe por quê? Porque viveria satisfatoriamente dentro do próprio contexto. É apenas uma opinião minha, particular. Talvez seja impossível viver dentro de um contexto.

Neste instante, faz um frio danado e estou com as mãos dormentes. Nem parecem minhas. E, por falar nisso, o cérebro também não parece meu. Está nevando. Uma neve que se parece com cérebro dos outros. E se acumula como cérebro dos outros. (Esta parte não faz sentido.)

Exceto pelo frio, estou passando muito bem. E você, como vai? Não vou revelar meu endereço, mas não se ofenda. Não estou tentando esconder nada de você. Gostaria que você compreendesse. Esta questão é crucial para mim.

Porque, no instante em que eu lhe disser onde estou, sinto que alguma coisa vai mudar dentro de mim. Desculpe se não consigo me explicar melhor.

Mas você sempre foi capaz de compreender todas as coisas que não consigo explicar direito. O problema é que, quanto mais aumenta sua capacidade de me compreender, menor fica a minha de me explicar. Devo ter um defeito congênito qualquer.

Todo mundo tem defeitos, é claro.

Mas no meu caso o maior defeito é que, com o passar dos anos, meu defeito fica cada vez maior. Como se eu estivesse criando uma galinha dentro de mim. A galinha bota ovos, os ovos transformam-se em novas galinhas, essas galinhas tornam a botar ovos. Será que um ser humano consegue continuar vivendo com tantos defeitos dentro de si? Claro que consegue. E esse é o problema, no fim das contas.

De um jeito ou de outro, não vou lhe dizer onde moro. Será melhor assim, com certeza. Tanto para mim quanto para você.

Acho que devíamos ter nascido na Rússia do século XIX. Eu seria o Duque-de-Tal, e você, o Conde-Não-Sei-do-Quê. Juntos passaríamos os dias caçando, duelando, disputando amores, discutindo questões metafísicas e contemplando o pôr do sol à beira do mar Negro, bebendo cerveja. E, quando chegássemos à idade madura, faríamos parte da Revolução-Também-Não-Sei-do-Quê e seríamos ambos deportados para a Sibéria, onde morreríamos. Espetacular, não acha? Até eu teria sido capaz de escrever romances dignos de admiração se tivesse nascido no século XIX. Talvez não chegasse a um Dostoievski, mas seria com certeza um escritor conhecido, desses bem populares. E você, como se sairia? Você continuaria sendo provavelmente o Conde-Não-Sei-do-Quê por toda a vida. Ser simplesmente o Conde-Não-Sei-do-Quê por toda a vida também não deixa de ser interessante. Típico século XIX.

Vou parar por aqui e voltar ao século XX.

Deixe-me falar de cidades.

Não da nossa, onde você e eu nascemos, mas de outras, desconhecidas.

Existem no mundo cidades de todos os tipos, realmente. Cada uma com suas particularidades incompreensíveis, e são elas que me atraem. Por essa razão tenho percorrido diversas cidades nestes últimos anos.

Desço numa estação qualquer e vejo diante de mim uma pequena rotatória, um mapa da cidade e uma rua com o comércio local. É assim em todas as cidades. Até os cachorros se parecem. Começo dando uma volta pelas vizinhanças e, depois, entro numa imobiliária e peço que me indiquem uma pensão barata. Ninguém me conhece, é claro, e uma vez que pequenas cidades costumam ser xenófobas, olham para mim com desconfiança a princípio. Mas eu sei ser cativante quando quero, disso você sabe muito bem. De modo que quinze minutos me são suficientes para fazer amizade com a maioria das pessoas. Agora, já tenho lugar para ficar e informações sobre a localidade.

O próximo passo é procurar emprego. Isso também se consegue fazendo amizades. A esta altura, sei que você já estaria desgostoso (não que eu não esteja), mas qual é, só vou ficar uns quatro meses! Faço amizade com qualquer um, pouco importa. Primeiro, procuro o bar ou o café onde se reúne a rapaziada local (estes pontos existem infalivelmente, são os umbigos das cidades), frequento-o, conheço pessoas e peço-lhes que me indiquem um serviço. Naturalmente tenho de inventar um nome e uma história qualquer para mim. Você não faz ideia de quantos nomes e histórias diferentes possuo hoje em dia. Tantos que chego a me esquecer de quem sou realmente.

Você não faz ideia também de quantos empregos já tive. A maioria monótona, mas ainda assim é bom trabalhar. Os mais frequentes eram de frentista em posto de gasolina. Em seguida, de balconista em lanchonetes. Já tomei conta de livrarias e já trabalhei até em emissoras de rádio. Já fiz trabalhos braçais e já fui vendedor de produtos de beleza. Como vendedor, não fui de se jogar fora. Ah, e também dormi com uma porção de garotas. Não se deixa de ser interessante dormir com elas dando nomes e histórias diferentes de cada vez.

Minha vida tem sido a repetição disso.

E, repetindo-me, fiz vinte e nove anos. Vou fazer trinta dentro de nove meses.

Ainda não sei se este tipo de vida é talhado para mim. Para começar, nem sei se essa minha tendência ao nomadismo vai ser uma constante em minha vida. Já disse alguém que, para ser nômade por excelência, o indivíduo tem de ter pelo menos uma destas três inclinações: religiosa, artística ou psicológica. Sem uma das inclinações, não existiria a figura do vagamundo. Não acho, porém, que meu caso não se enquadre em nenhuma dessas três inclinações. (Quando muito, podia... Não, vou parar por aqui.)

Ou talvez eu tenha aberto uma porta errada, e agora não possa mais voltar atrás. Mas, já que a porta está aberta, só me resta ir em frente e me sair bem. Ademais, não posso continuar comprando fiado para sempre, posso?

É isso.

Como já disse antes (ou não disse?), começo a vacilar quando penso em você. Talvez porque você me faça lembrar o sujeito normal que eu fui um dia.

P.S.: Mando anexo o romance que escrevi. Faça dele o que quiser, não significa mais nada para mim.

Vou postar esta carta de modo que chegue às suas mãos no dia 24 de dezembro. Espero que dê certo.

De qualquer modo, feliz aniversário, meu amigo.

E um maravilhoso Natal Branco para você.

*

A carta do Rato me alcançou em 29 de dezembro, bem perto do fim do ano. Encontrei-a amarfanhada, enfiada na minha caixa de correio. Tinha duas papeletas de repostagem coladas. Ele a mandara para o meu endereço anterior. Inevitável, já que não tive meios de avisá-lo.

Reli três vezes as quatro folhas verde-claras que meu amigo preencheria de alto a baixo e examinei depois o carimbo postal meio borrado no envelope. O carimbo trazia o nome de uma cidade de que eu nunca ouvira falar. Peguei um mapa em minha estante e procurei a cidade pelo nome. Guiado pelo sentido da carta, restringi a área de busca para o entorno do extremo norte de Honshu. Contrariando minhas expectativas, a cidade ficava na província de Aomori, a quase uma hora de trem da cidade do mesmo nome. De acordo com a tabela da ferrovia, cinco composições paravam diariamente na referida cidade: duas pela manhã, uma no meio do dia e duas à tarde. Eu já conhecia os dezembros de Aomori. O frio lá é rigoroso. Até semáforos costumam congelar.

Mostrei a carta para minha mulher. “Coitado!”, disse ela. Talvez quisesse dizer “Coitados!”. Agora, porém, tanto faz.

Quanto ao manuscrito de quase duzentas páginas, lancei-o no fundo da gaveta sem sequer ler o título. Não me deu vontade, nem sei bem por quê. Bastava-me a carta.

Sentado diante do aquecedor, fumei três cigarros.

*

Em maio do ano seguinte, recebi a segunda carta do Rato.

A segunda carta do Rato (carimbo de ? de maio de 1978)

Tenho a impressão de que falei demais na carta passada. Mas já não consigo me lembrar do que falei.

Mudei de novo para outra cidade. Esta é bem diferente da anterior. Muito tranquila. Se quer saber, tranquila demais para o meu gosto.

Este lugar é, sob certos aspectos, o fim da linha para mim. Às vezes acho que cheguei até aqui naturalmente porque este era o meu lugar, ou que cheguei até aqui com muito esforço, apesar de este não ser o meu lugar. Não consigo emitir um juízo correto sobre a questão.

Isto está muito mal-escrito. Tão vago que você não entendeu nada, provavelmente. Ou então talvez ache que exagero o sentido do meu próprio destino. Mas a culpa por você pensar assim é toda minha, claro.

O que eu quero que você compreenda de verdade é que, quanto mais me esforço para lhe explicar a essência da situação em que me encontro, mais confusa se torna a carta. Mas sossegue: eu mesmo estou bem, aliás melhor que nunca.

Vou falar mais objetivamente.

Esta área, conforme já disse antes, é tranquila demais. Como não tenho o que fazer, passo os dias lendo (são tantos os livros que nem em dez anos daria conta de todos eles) ou ouvindo músicas em estações FM ou discos (são muitos os discos também). Não me lembro de ter ouvido tanta música de uma só vez nos últimos dez anos. Os Rolling Stones e os Beach Boys continuam na moda, o que não deixa de ser surpreendente. Tempo é uma coisa irremediavelmente encadeada, não é? Nós é que tendemos a nos confundir às vezes porque estamos habituados a cortá-lo de acordo com o nosso tamanho.

Mas aqui não existe isso de tamanho só meu. Nem gente que elogie ou despreze o tamanho dos outros com base no próprio. O tempo corre naturalmente, como um rio de águas cristalinas. Ficando aqui, sinto-me livre, livre até o plano protoplasmático. Por exemplo, ponho os olhos num carro, mas me acontece às vezes de levar alguns segundos até que me venha a

percepção de que aquilo é um carro. Tenho, é claro, uma percepção subjetiva, que no entanto não se casa direito com a objetiva. Esse tipo de coisa tem me acontecido com frequência cada vez maior nos últimos tempos. Deve ser porque vivi muito tempo em completa solidão.

Estou a quase uma hora e meia da cidade mais próxima, andando de carro. Não é bem uma cidade, é um fragmento de uma cidade assustadoramente pequena. Acho que você nem seria capaz de imaginar. Mas é uma cidade, de um jeito ou de outro. Posso adquirir roupa, comida e gasolina. Se quiser, posso também ver pessoas.

Durante o inverno, a estrada congela e impede quase totalmente a passagem de veículos. A estrada corta uma área pantanosa, que congela superficialmente adquirindo a consistência de um picolé. E por cima disso cai a neve, tornando impossível saber onde acaba a estrada e começa o pântano. É uma paisagem de fim de mundo.

Cheguei no começo de março. Percorri essa paisagem de jipe com corrente nas rodas. Como um condenado a desterro na Sibéria, sabe? É maio agora, e a neve derreteu por completo. Durante o mês passado, avalanches estrondearam com frequência para os lados das montanhas. Você já ouviu o ribombo de uma avalanche? Depois, quando a neve assenta, sobrevém um silêncio pesado, absolutamente perfeito. Silêncio total, tão completo que faz você perder a noção de onde está. A calma é grande.

Faz quase três meses que não durmo com uma garota porque estou preso no meio destas montanhas. Não vejo nada de mais nisso, mas, a continuar assim, sou capaz de perder o interesse pela própria humanidade, e isso não é exatamente o que eu quero. Decidi, portanto, sair em busca de mulheres assim que o tempo esquentar um pouco mais. Não tenho nenhuma intenção de me gabar, mas arrumar mulheres nunca representou problema para mim. Sou capaz de fazer aflorar boa dose de sex appeal, é só querer. (Por sinal, parece-me que vivo ultimamente num mundo de “é só querer”.) De modo que garotas não são o problema. O problema é que eu próprio não me sinto à vontade com essa minha capacidade. Melhor explicando, a uma certa altura já não consigo distinguir onde eu termino e onde começa o meu sex appeal. Mais ou menos como não saber onde Laurence Olivier termina e o Otelo começa. E, como não consigo voltar atrás no meio do caminho, acabo mandando tudo às favas. E incomodando muita gente no processo. Até agora, minha vida tem sido uma sucessão de episódios semelhantes.

Mas, para minha felicidade (é realmente uma felicidade), não tenho nada para mandar às favas neste momento. Esta sensação é espetacular. Se existe alguma coisa digna de ser mandada às favas, essa coisa sou eu. A ideia não deixa de ser atraente. Este trecho está trágico demais. O pensamento em si nada tem de trágico, mas posto em palavras torna-se.

Paciência.

Do que eu falava mesmo?

De mulheres, é claro.

Toda mulher já nasce acoplada com uma gavetinha atulhada de bugigangas que não têm muito sentido. Eu as adoro por isso. Sou capaz de puxar cada uma das bugigangas para fora das gavetinhas, espanar a poeira acumulada e investigar-lhes o sentido. Nisso consiste, acho eu, a verdadeira natureza do meu sex appeal. E daí? Daí, nada. Só me resta deixar de ser o que sou.

Por essas e por outras, penso neste momento apenas em sexo, pura e simplesmente. Se concentro todo o interesse neste único alvo, sexo, não tenho de me preocupar se estou sendo trágico ou não.

É o mesmo que beber cerveja à beira do mar Negro.

Releio a carta e acho que está escrita com muita honestidade, apesar dos trechos um tanto ou quanto desprovidos de nexos. Sobretudo, gostei da monotonia.

E, pensando bem, esta carta não foi sequer escrita para você. Ela foi provavelmente escrita para o correio. Mas não me censure. Daqui até a agência do correio é uma hora e meia de jipe.

A partir deste trecho, escrevo para você, realmente.

Tenho dois pedidos a lhe fazer. Nenhum é de natureza urgente, de modo que você poderá desincumbir-se deles quando lhe for mais conveniente. Eu lhe serei grato para sempre. Três meses atrás eu provavelmente não teria coragem de lhe pedir coisa alguma. Hoje, sinto-me capaz disso. É um sinal de progresso, ao menos.

Um dos pedidos é de natureza sentimental. Tem relação com o “passado”. Cinco anos atrás, quando parti da nossa cidade, eu estava com muita pressa e bastante perturbado. Por isso, esqueci-me de me despedir de algumas pessoas. Objetivamente falando, de você, de J e de uma garota que você não conhece. Com relação a você, sinto que vou encontrá-lo uma vez mais, quando então me despedirei formalmente. Quanto aos outros dois, acho que não terei essa

oportunidade. De modo que, se algum dia você retornar à nossa cidade, gostaria que se despedisse deles por mim.

Sei muito bem que estou abusando. Na verdade, eu deveria escrever uma carta para os dois. Mas, falando com franqueza, prefiro que você vá até lá e se encontre com eles pessoalmente. Acho que assim transmito melhor o que sinto do que por intermédio de uma carta. Anexa, mando outra folha com o endereço e o telefone dela. Se ela tiver mudado de endereço ou se casado, deixe quieto. Não a procure. Mas, se ainda mora no mesmo lugar, encontre-se com ela e diga-lhe que mandei lembranças.

E lembranças também ao J. Beba a minha cota de cerveja com ele.

Esse é o primeiro pedido.

O segundo é um tanto inusitado.

Anexo à carta uma fotografia. Uma foto de carneiros. Quero que você a exponha publicamente. Tenho consciência de que este também é um pedido abusivo, mas não tenho mais ninguém a quem recorrer. Posso lhe legar em troca todo o meu sex appeal, mas por favor, atenda a este pedido. A foto é muito importante para mim. Espero poder explicar-lhe por que num futuro próximo.

Anexo também um cheque. Use-o para cobrir futuras despesas. Não se preocupe com minha situação financeira. Não tenho onde gastar, morando aqui. Além do mais, é tudo que posso fazer no momento.

E lembre-se: beba minha cota de cerveja à minha saúde.

*

Descolei a etiqueta de repostagem e descobri que o carimbo do correio tinha ficado quase ilegível. Dentro do envelope, havia ainda um cheque no valor de cem mil ienes, o endereço da garota e uma foto monocromática de carneiros.

Eu havia retirado a carta da caixa de correio ao sair para o trabalho e a li sentado à escrivaninha do escritório. Tinha sido escrita no mesmo papel verde-claro da anterior, e o cheque era de um banco em Sapporo. Isso significava que o meu amigo Rato estava agora em Hokkaido.

O trecho sobre as avalanches não fez muito sentido, mas, no geral, a carta fora escrita com bastante sinceridade, conforme o próprio Rato observava. Além disso, ninguém manda um cheque de cem mil ienes à toa. Abri a gaveta da escrivaninha e nela lancei o envelope e todos os papéis.

Aquela primavera não estava sendo das melhores para mim, em parte porque me achava em vias de me separar da minha mulher. Já fazia quase quatro dias que ela não vinha para casa. O leite começava a cheirar mal dentro da geladeira, e o gato vivia esfomeado. A um canto da pia do banheiro, a escova de dentes dela estava seca e petrificada. E era nesse ambiente que o morno sol de primavera se infiltrava. O sol, ao menos, era sempre gratuito.

Um beco sem saída expandido. Ela talvez estivesse certa.

A canção chega ao fim

Era junho quando retornei à minha cidade.

Tirei três dias de férias a pretexto de qualquer coisa e parti sozinho no trem-bala de certa manhã de terça-feira. Camisa esporte branca de manga curta, bermuda de algodão verde puída na altura dos joelhos, tênis brancos nos pés, nenhuma bagagem e barba por fazer, já que não me lembrara disso ao acordar de manhã. Os calcanhares do tênis que havia muito eu não usava estavam desgastados e deformados de forma inacreditável. Na certa eu estivera pisando torto sem perceber.

Era agradável embarcar sem bagagens numa viagem de longa distância. Como estar passeando certa manhã sem pensar em nada e se descobrir de repente pilotando um ágil caça apanhado numa distorção do espaço-tempo. Nada existe nessa condição. Nem hora marcada no dentista, nem problemas aguardando solução dentro da gaveta. Tampouco relacionamentos que foram longe demais e já não permitem retorno. Ou pequenos favores que uma longa amizade demanda. Eu tinha jogado tudo isso no fundo de um inferno particular momentâneo. A única coisa que possuo é um par de tênis de solas desgastadas e deformadas. Em meus pés, o par de tênis agarrava-se firmemente como uma vaga lembrança de um outro mundo perdido no espaço-tempo, mas isso também não queria dizer nada. Nada que algumas latinhas de cerveja e outros tantos sanduíches secos de presunto não conseguissem expulsar prontamente.

Fazia quatro anos que eu não retornava à minha cidade. Quatro anos antes eu fora até lá em busca de alguns documentos tendo em vista o meu casamento. Mas a viagem — simples formalidade burocrática para mim — perdeu o sentido, porque ninguém exceto eu a viu dessa maneira. Pontos de vista diferentes, em suma. Uma pessoa podia considerar um caso encerrado, e outra não. Só isso. Mas pequenas diferenças em pontos de vista podem trazer inesperadas consequências mais tarde.

Desde então, eu não tinha mais o que pudesse ser chamado de “minha cidade”. Já não havia lugar algum aonde retornar. Ao me dar conta disso, senti

um grande alívio. Não havia mais ninguém ansiando por me ver. Ninguém mais estava à minha procura, nem esperava ser procurado por mim.

Esgotei duas latinhas de cerveja e dormi cerca de trinta minutos. Quando acordei, a sensação inicial de leveza e liberdade tinha desaparecido por completo. Conforme o trem avançava, o céu foi adquirindo a vaga coloração acinzentada característica das estações chuvosas. Debaixo dele, estendia-se uma paisagem de invariável monotonia. Não havia como escapar dessa monotonia, por mais que o trem corresse. Ao contrário, quanto mais o trem corria, mais se aprofundava no seu âmago. Assim é a natureza da monotonia.

Ao meu lado, um assalariado com seus vinte e tantos anos estava sentado quase imóvel, absorto na leitura de um jornal financeiro. Terno de verão azul-marinho impecável e sapatos pretos. Camisa branca que viera direto da lavanderia. Dei algumas baforadas do cigarro enquanto olhava para o teto. Para matar o tempo, fui enumerando um a um os títulos de todas as canções gravadas pelos Beatles. Parei no número setenta e três, e não consegui me lembrar de mais nenhum. E Paul McCartney? De quantos ele lembraria?

Contemplei a paisagem por mais algum tempo e voltei a olhar para o teto.

Eu tinha vinte e nove anos. Dentro de seis meses, diria adeus à casa dos vinte. Uma década vazia. Nada do que eu conquistara tinha valor, nada do que eu realizara tinha sentido. Tédio era tudo que eu obtivera.

Nem me lembrava mais do que houvera no começo. Mas no começo tinha havido algo, com certeza. Algo que me fizera o coração disparar, algo que por intermédio do meu coração fizera o dos outros disparar. Mas no final tudo se perdera. Fora inevitável. Afinal, que outro recurso eu tivera, que outro recurso além de abrir mão de tudo?

Mas eu sobrevivi, ao menos. Podia até ser que índio bom fosse índio morto, mas eu tive de sobreviver, de qualquer modo.

Para quê?

Para continuar contando velhas lendas para as paredes?

Ora, faça-me o favor!

*

— Por que está num hotel? — estranhou J quando lhe passei a caixinha de fósforos com o telefone do hotel anotado no verso. — Você tem sua casa nesta cidade. Por que não vai para lá?

— Porque ela já não é mais minha.

J não insistiu.

Com três pratos de salgadinhos diferentes postos diante de mim, bebi meia lata de cerveja e só depois entreguei a J as duas cartas que eu recebera do Rato. J enxugou as mãos na toalha e passou os olhos rapidamente por elas. Em seguida, tornou a lê-las cuidadosamente, palavra por palavra.

— Quem diria! — exclamou, admirado. — Ele está vivo, então!

— Claro! — eu disse, bebendo um novo gole de cerveja. — Mudando de assunto, quero fazer a barba. Me empreste creme e aparelho de barbear.

— Com prazer — disse J. Curvou-se atrás do balcão e apanhou um estojo de viagem. — Você pode usar a pia, mas não tenho torneira de água quente.

— Contento-me com água fria — repliquei. — Só espero que não tenha nenhuma garota de pileque, caída no chão do banheiro. Nada contra, mas fica mais difícil fazer a barba.

J's Bar, o barzinho do meu amigo, estava irreconhecível.

O antigo era pequeno e úmido e ficava no subsolo de um prédio velho à beira de uma rodovia. Nas noites de verão, a corrente fria expelida pelo ar-condicionado chegava a transformar-se em névoa, ensopando a camisa de quem se demorava um pouco mais.

J era chinês, e seu nome, longo e difícil de ser pronunciado. O apelido J lhe fora dado pelos soldados norte-americanos na época em que ele trabalhava numa base militar, depois da guerra.

De acordo com a história que consegui arrancar muito tempo atrás do próprio J, ele tinha largado o serviço na base militar em 1954 e aberto um barzinho nos arredores. Esse foi o primeiro J's Bar, e teve boa aceitação. A maior parte da clientela era composta de oficiais da Força Aérea norte-americana, de modo que o ambiente era muito bom. Quando seus negócios se estabilizaram, J casou-se. Cinco anos mais tarde, ela faleceu. J nunca me disse de quê.

Em 1963, quando a guerra do Vietnã se intensificou, J vendeu o ponto e mudou-se para longe, para a minha cidade. E ali abriu seu segundo J's Bar.

Era tudo o que eu sabia a seu respeito. Ele tinha um gato, fumava um maço de cigarros por dia e não bebia nem uma única gota de bebida alcoólica.

Até conhecer o Rato, eu costumava frequentar o bar do J sozinho. Ali eu ficava bebericando minha cerveja, fumando, introduzindo moedas na vitrola automática e ouvindo discos. Nessa época, o barzinho andava quase sempre às moscas, e J e eu conversávamos muito, com o balcão entre nós. Já não consigo me lembrar do que tanto falávamos. Que tipo de assunto poderia ter havido entre um colegial introvertido de dezessete anos e um chinês viúvo?

Quando abandonei a cidade, aos dezoito anos, o Rato tomou o meu lugar e continuou a beber cerveja no barzinho. Em 1973, o Rato também partiu da cidade e não deixou ninguém para ocupar o nosso lugar. Meio ano depois, os trabalhos de alargamento da rodovia obrigaram J a mudar seu bar de lugar. E aqui termina a história da minha relação com o segundo J's Bar de lugar.

O terceiro estabelecimento ficava a pouco mais de quinhentos metros do anterior, à beira de um rio. Não era muito grande, e funcionava no terceiro andar de um prédio moderno de quatro andares, provido de elevador. Chegar ao J's Bar de elevador era uma experiência um tanto desconcertante. Avistar as luzes noturnas da cidade sentado ao balcão também era.

Nas paredes oeste e sul do novo J's Bar havia janelas grandes, a partir das quais se tinha uma vista das montanhas e do local onde antigamente existira o mar. O mar fora aterrado havia alguns anos, e na área conquistada enfileiravam-se agora, uns após outros, prédios altos que faziam pensar em túmulos. Em pé diante da janela, observei a paisagem noturna por alguns instantes e retornei em seguida ao balcão.

— Se fosse há alguns anos, daria para se ver o mar daqui — comentei.

— Daria mesmo — disse J.

— Eu costumava nadar nesta área.

— A-hã — disse J, pondo um cigarro na boca e acendendo-o com um isqueiro de aspecto pesado. — Sei muito bem o que você está sentindo. Eles aplainam montanhas para construir prédios, transportam a terra das montanhas e aterram o mar, e depois, tornam a construir prédios no aterro. E ainda tem gente achando que isso é uma grande proeza.

Bebi a cerveja em silêncio. De alto-falantes no teto vinha o último sucesso dos Boz Scaggs. A vitrola automática tinha desaparecido. Os frequentadores eram, em sua maioria, casais de estudantes universitários. Limpos e bem-arrumados, bebiam *highball* em pequenos goles educados. Nenhuma das

garotas parecia propensa a cair de bêbada, nem havia no ar a efervescência dos fins de semana. De volta à casa, aquela gente com certeza trocava de roupa e vestia pijamas, escovava os dentes metodicamente e dormia. Nada contra. É bom ser limpo e bem-arrumado. Para começar, quem disse que o mundo em geral e os bares em particular têm de ser de um determinado jeito?

J acompanhara a direção do meu olhar durante todo o tempo.

— E então? O bar mudou tanto que você já não se sente à vontade. Acertei?

— Nada disso — respondi. — O caos mudou de forma, só isso. A girafa e o urso trocaram de chapéus entre si, e o urso e a zebra, de cachecóis.

— Você não mudou nada — disse J rindo.

— Os tempos mudaram — comentei. — E, quando os tempos mudam, muita coisa muda com eles. Mas é assim que tem de ser. As coisas perdem seu lugar e outras as substituem. Você não pode reclamar.

J manteve-se em silêncio.

Abri uma nova latinha de cerveja, J acendeu um novo cigarro.

— Como vai a vida? — perguntou.

— Nada mal — respondi com simplicidade.

— E como vai você com sua mulher?

— Não sei ao certo. Depende de duas pessoas, não depende? Às vezes me parece que tudo vai dar certo, em outras, nem tanto. Nisso se resume um casamento, não acha?

— Sei lá — respondeu J embaraçado, coçando o nariz com a ponta do dedinho. — Faz tanto tempo que já nem lembro direito como é ser casado.

— E o gato, como vai?

— Morreu há quatro anos. Pouco depois que você se casou, acho eu. Problemas intestinais, esse tipo de coisa. Mas na verdade a hora dele tinha chegado. Viveu doze anos. Mais que os anos que passei com minha mulher. Doze anos são um bocado de tempo, concorda?

— Acho que sim.

— Existe um cemitério para animais de estimação no topo da montanha, sabe, e foi lá que o enterrei. De lá você pode ter uma vista aérea dos arranha-céus. Aonde quer que vá, você só vê arranha-céus neste canto do mundo. Não que isso faça agora grande diferença para o gato.

— Você deve estar sentindo falta dele.

— Sinto, realmente. Senti sua morte muito mais que a de qualquer ser humano. Você não acha isso estranho?

Sacudi a cabeça.

Entreti-me montando um quebra-cabeça de origem escandinava que encontrei sobre o balcão enquanto J preparava um coquetel complexo e uma salada César para outro freguês. O quebra-cabeça das três borboletas voando sobre uma plantação de trevos tinha de ser montado no interior de uma caixinha de vidro. Depois de tentar cerca de dez minutos, desisti e abandonei o jogo.

— Você não quer filhos? — perguntou J, retornando nesse momento. — Está na hora, não está?

— Não quero.

— É mesmo?

— Já pensou se me sai um parecido comigo? Não vou saber lidar com ele.

J riu como se acabasse de ouvir uma piada muito divertida e despejou mais cerveja no meu copo.

— Você tem imaginação fértil e tendência a sofrer por antecipação — disse.

— Não é isso. O que eu quero dizer é que não sei se é certo dar origem a novas vidas. Os filhos crescem e as gerações se renovam. E depois? Mais montanhas serão destruídas, maior faixa marítima será aterrada. Carros cada vez mais velozes serão fabricados, um número cada vez maior de gatos será atropelado. Só isso!

— Esse é o lado sombrio das coisas. Mas existem também coisas boas acontecendo, e gente boa nascendo.

— Cite três exemplos de cada caso e eu acredito em você — repliquei.

J pensou por instantes e depois riu.

— Mas quem vai julgar é a geração dos seus filhos, e não você. A geração de vocês...

— ... chegou ao fim, não é?

— Num certo sentido...

— A canção chegou ao fim, mas a melodia continua no ar.

— Você e suas tiradas felizes.

— Gosto de me exibir, só isso — eu disse.

Quando o movimento no barzinho começou a aumentar, dei boa-noite ao J e saí. Eram nove da noite. O rosto continuava a arder da barba feita com água fria. Em parte porque usei vodca em vez de loção pós-barba. J disse que dava tudo na mesma, mas agora meu rosto inteiro tresandava a vodca.

A noite estava estranhamente morna, e o céu continuava nublado. Um vento úmido proveniente do sul soprava sem muita força. Como sempre. Cheiro de maresia misturado com prenúncio de chuva, ar carregado de lânguida nostalgia. O cri-cri dos grilos, ocultos nas moitas das margens do rio, ressoava intenso em toda parte. Mais um pouco e começaria a chover. Seria uma chuva fina, quase imperceptível, mas ainda assim capaz de ensopar.

O rio surgiu à luz incerta e esbranquiçada da iluminação a vapor de mercúrio. Um rio raso, que só vinha até a altura do tornozelo. A água era cristalina, como antigamente. Não tinha como se poluir, porque corria diretamente do topo da montanha até ali. O leito era forrado de pedregulhos e areia solta que a correnteza trazia da montanha. Pequenas barreiras dificultavam aqui e ali o escoamento dos pedregulhos, represavam a água e formavam quedas-d'água em miniatura. Debaixo delas, tinham se formado poços fundos, onde nadavam pequenos peixes.

Na seca, a correnteza é totalmente absorvida pelo leito arenoso, restando apenas uma vereda de areia branca ligeiramente úmida. Anos atrás, eu costumava acompanhar essa vereda rumo à nascente no topo da montanha, em busca do exato ponto em que a correnteza desaparecia, sugada pelo leito do rio. Nesse ponto, o último filete de água em que o riacho se transformara detinha-se de súbito como se acabasse de fazer uma descoberta e, no momento seguinte, desaparecia. O escuro ventre da terra o engolia mansamente.

A trilha à beira do rio era a minha preferida. Eu caminhava com a correnteza. E, caminhando, sentia o rio pulsar. Os rios vivem. Foram eles os verdadeiros criadores das cidades. Foram eles que, no decorrer de milhares de anos, solaparam montanhas, carregaram terra, aterraram mares e ali fizeram crescer árvores frondosas. Eram eles os verdadeiros donos das cidades desde o princípio, e continuariam sendo para sempre.

Por causa das chuvas recentes, o riacho corria ininterrupto até o mar, sem risco de ser tragado pelo leito arenoso. O ar recendia impregnado do cheiro e do verde das folhas que brotavam em todas as árvores à beira do rio. Sobre a relva, casais abraçavam-se, idosos passeavam com seus cães, um colegial parara a bicicleta para fumar. Era uma noite de começo de verão igual a tantas outras.

Comprei duas latinhas de cerveja num bar próximo, pedi que as embalassem num saquinho de papel e, com este na mão, andei em direção ao mar. O riacho desaguava naquilo que se parecia com uma minúscula baía ou, ainda, um canal semiaterrado. Ali estava o pequeno trecho de quase cinquenta metros da antiga praia, o pouco que dela restara. A areia era a mesma de sempre. Pequenas ondas chegavam até ela e lançavam tocos de árvores. Maresia. No quebra-mar de concreto, as mesmas pichações de sempre, feitas com pontas de pregos e com tinta spray. Cinquenta metros que me restavam da saudosa praia. A nesga de praia estava firmemente embutida no meio de dois paredões de concreto de quase dez metros de altura, e os paredões, sempre prendendo entre eles uma estreita faixa de mar, avançavam quilômetros oceano adentro em linha reta. Nas áreas conquistadas erguiam-se luxuosos conjuntos residenciais. Excetuando aqueles cinquenta metros, o mar tinha sido eliminado por completo.

Afastei-me do rio e andei para o leste acompanhando o antigo caminho que beirava o mar. Era estranho, mas o velho quebra-mar permanecia intato. Um quebra-mar despojado do mar era um ente sem sentido. Parei mais ou menos na altura do local onde antigamente costumava estacionar o carro para contemplar o oceano, sentei-me no quebra-mar e bebi as cervejas. Diante de mim estendia-se, em vez do oceano, uma extensa área arrebatada ao mar com fileiras de prédios de apartamentos. Os prédios, de monótono formato retangular, lembravam traves de uma fantástica ponte que conduziria a uma malograda cidade aérea, ou incubadoras onde bebês prematuros ansiosamente aguardavam o retorno dos pais.

Ruas asfaltadas costuravam entre os prédios, enormes áreas de estacionamento surgiam aqui e ali, pontos de ônibus pontilhavam por toda parte. Havia também um supermercado, postos de gasolina, amplos parques e um majestoso centro comunitário. Tudo novo, e artificial. A terra transportada das montanhas tinha uma coloração fria, típica de aterro. Parte dela, de destinação ainda incerta, estava totalmente coberta de ervas daninhas trazidas pelo vento. Com admirável rapidez as ervas daninhas tinham se enraizado no novo continente e procuravam infiltrar-se por toda parte, parecendo escarnecer das árvores e da grama artificialmente plantada pelo homem à beira dessas mesmas ruas asfaltadas.

Uma paisagem desoladora.

Mas eu não tinha o direito de me queixar, tinha? Um novo jogo com novas regras já havia começado ali. E ninguém seria capaz de detê-lo.

Terminei de beber as cervejas e lancei com toda a força, uma a uma, as latinhas vazias na direção do aterro que um dia fora o oceano. As latinhas foram tragadas pelo mar de ervas daninhas que fremia ao vento. Em seguida, fumei.

E quando já estava acabando de fumar, um homem portando uma lanterna surgiu caminhando lentamente na minha direção. O homem devia ter seus quarenta anos e usava camisa, calça e boné cinza. Devia ser um dos vigilantes da comunidade.

— Você jogou alguma coisa há pouco, não jogou?

— Joguei — respondi.

— O que, exatamente?

— Coisas cilíndricas, feitas de material metálico, com tampa — informei.

O segurança pareceu momentaneamente aturdido.

— Por que fez isso?

— Nenhum motivo especial. Venho fazendo isso há doze anos. Cheguei a jogar meia dúzia dessas coisas de uma só vez, mas esta é a primeira que alguém reclama.

— O passado é passado — retorquiu o segurança. — Hoje, esta área é propriedade municipal. E é proibido abandonar lixo em propriedades municipais.

Eu não disse nada por instantes. Alguma coisa dentro de mim estremeceu; depois parou.

— O problema — eu disse — é que você está sendo mais lógico que eu.

— É isso que manda a lei — acrescentou o homem.

Suspirei e apanhei o pacote de cigarros de dentro do bolso.

— Que devo fazer?

— Não posso mandar você apanhar o que acabou de jogar, posso? Está escuro, e começando a chover, além de tudo. Prometa nunca mais fazer isso, e estamos conversados.

— Prometo — eu disse. — Boa noite.

— Boa noite — respondeu o guarda, afastando-se em seguida.

Deitei-me sobre o quebra-mar e contemplei o céu. Uma chuva fina começava a cair, conforme dissera o guarda. Fumei mais um cigarro e

recapitulei o diálogo. Achei que dez anos atrás eu teria sido mais duro. Talvez apenas parecesse. Tanto fazia.

No momento em que retornei à estrada que beirava o rio e apanhei um táxi, a chuva tinha se transformado numa garoa fina, semelhante a cerração. Pedi ao motorista que me levasse ao hotel.

— Está de passagem? — perguntou-me o homem, um velho.

— A-hã.

— É a primeira vez que vem para estes lados?

— A segunda — respondi.

Ela me fala do marulhar das ondas enquanto bebe seu *salty dog*

— Tenho uma carta para você — eu disse.

— Para mim? — perguntou ela.

Sua voz era distante e havia chiados na linha, de modo que me vi obrigado a falar alto. Por causa disso, as palavras perdiam nuances importantes. Era como se eu estivesse no topo de um morro castigado pelo vento, conversando com alguém através da gola erguida do meu casaco.

— Na verdade, a carta veio para mim, mas pareceu-me que o verdadeiro destinatário era você.

— Apenas pareceu, não é?

— Isso mesmo — eu disse. Mal disse isso, senti-me um tolo.

Ela se manteve em silêncio por alguns instantes. Enquanto isso, os chiados cessaram.

— Não sei que tipo de relação você e o Rato mantinham, mas a verdade é que ele me pediu que a visse pessoalmente, e por isso lhe telefonei. Além do mais, acho que você tem de ler a carta.

— E veio de Tóquio até aqui só para isso?

— Só para isso.

Ela pigarreou e se desculpou.

— E também porque são amigos? — perguntou em seguida.

— Também por isso.

— E por que ele não escreveu diretamente para mim?

Ela tinha razão.

— Não faço ideia — respondi sinceramente.

— Nem eu. Está tudo acabado entre nós, não está? Ou não?

Essa resposta eu desconhecia também. Disse-lhe que não sabia. Deitado na cama do hotel, eu contemplava o teto do aposento. Era como estar deitado no fundo do mar, contando as sombras dos peixes que passavam sobre minha cabeça. Não tinha ideia de quantos teria de contar para chegar ao fim.

— Ele desapareceu há cinco anos. Na época, eu tinha vinte e sete anos. —
A voz era absolutamente calma, mas vibrava como se viesse do fundo de um poço. — Tudo muda, em cinco anos.

— É verdade — respondi.

— Ou pode ser que nada tenha mudado, mas não consigo pensar assim. Isto é, não quero pensar. Porque, se pensar, fico sem ter para onde me voltar. E por isso me esforço em pensar que tudo mudou.

— Acho até que a compreendo — tornei eu.

Permanecemos em silêncio por algum tempo. Foi ela que o rompeu.

— Quando foi que o viu pela última vez? — perguntou.

— Na primavera de cinco anos atrás, pouco antes de ele desaparecer.

— Ele lhe disse qualquer coisa? Sobre os motivos por que saía da cidade, por exemplo?

— Não — respondi.

— Foi embora sem dizer nada, então?

— É isso.

— E o que você sentiu, na ocasião?

— Por ele desaparecer sem dizer nada?

— Sim.

Ergui-me da cama e me apoiei à parede.

— Bom... Achei que se aborreceria logo e estaria de volta em meio ano. Ele não me parecia do tipo capaz de persistir numa decisão.

— Mas persistiu e não voltou.

— Não.

Pela linha, veio-me a impressão de que ela hesitava. Sua respiração calma e pausada ressoava junto ao meu ouvido.

— Onde você está neste momento? — perguntou.

— Num hotel.

— Amanhã, na cafeteria do seu hotel, às cinco da tarde. Oitavo andar. Está bom para você?

— Ótimo — respondi. — Estarei usando camisa esporte branca, bermuda verde de algodão. Meus cabelos são curtos e...

— Já tenho uma ideia — interrompeu-me ela calmamente. Em seguida, desligou.

Repus o telefone no gancho e pensei no sentido da frase “já tenho uma ideia”. Não entendi. Aliás, eram muitas as coisas que eu não entendia. A idade

não me deixara mais esperto também. O caráter do ser humano pode se alterar com o passar dos anos, mas nunca a sua mediocridade, já disse certo autor russo. Os russos às vezes são muito perspicazes. Talvez pensem muito durante os longos invernos.

Tomei um banho de chuveiro, lavei os cabelos molhados da chuva, enrolei uma toalha nos quadris e assisti a um velho filme norte-americano de submarinos na TV. A trama era deprimente: o comandante e o subcomandante não se entendiam, o submarino era da idade da pedra, e tinha um personagem que sofria de claustrofobia, mas no fim tudo dava certo. O tipo de filme “a guerra não pode ser tão ruim, já que no fim tudo dá certo”. Daqui a pouco, vão fazer um filme em que a humanidade se envolve numa guerra nuclear e é exterminada, mas no fim tudo dá certo.

Desliguei a televisão, mergulhei nas cobertas e, dez segundos depois, tinha adormecido.

*

A chuva fina continuava caindo às cinco horas da tarde seguinte. Chegou depois de quatro ou cinco dias de sol que prenunciavam um glorioso verão, bem na hora em que todos julgavam enfim terminado o deprimente período chuvoso. Da janela do oitavo andar, a terra parecia preta e molhada até o último recanto. Na via expressa elevada, carros que se dirigiam do oeste para o leste estavam parados num gigantesco congestionamento de alguns quilômetros. Contemplando-os fixamente, pareceu-me que a chuva os dissolvia aos poucos. Aliás, a cidade inteira começava a dissolver-se. O cais no porto, os guindastes, os prédios enfileirados e, debaixo dos guarda-chuvas pretos, as pessoas. O verde das montanhas também se dissolvia e escorria silenciosamente rumo à base. Mas, ao fechar os olhos por alguns segundos e reabri-los, a cidade tinha-se reconstituído misteriosamente. Os seis guindastes continuavam com seus braços erguidos na direção do céu escuro carregado de nuvens cinzentas, a fila de carros despertava de súbito e lembrava de mover-se vez ou outra rumo leste, os pedestres de guarda-chuva cruzavam o asfalto, o verde das montanhas absorvia com satisfação a copiosa chuva junina.

No centro do espaçoso saguão havia uma área rebaixada, onde tinham instalado um piano de cauda azul-marinho. Sentada a ele, estava uma mulher com um vestido cor-de-rosa vistoso, tocando uma típica peça de saguão de

hotel, repleta de arpejos e síncope. A execução era até razoável, mas não deixava nenhuma impressão depois que o último acorde se perdia no espaço.

Já passava das cinco, e ela não aparecia. Sem ter o que fazer, tomei uma segunda xícara de café contemplando distraidamente a garota ao piano. Ela teria seus vinte anos e usava os cabelos abundantes cortados na altura dos ombros e arrumados com rigidez, como cobertura de bolo. Balançavam prazerosamente da esquerda para a direita ao ritmo da melodia e voltavam para o centro ao término de cada número. E então ela começava uma nova peça.

Fez-me lembrar certa garota que conheci no tempo em que eu frequentava o terceiro ano primário e aprendia piano. Ela e eu tínhamos idade e nível de aprendizado semelhantes e, por causa disso, treinamos juntos algumas vezes. Já não sabia como se chamava ou qual era a sua aparência. Recordava-me apenas de seus dedos, longos e brancos, dos cabelos bonitos e do vestido vaporoso. Não consegui me lembrar de mais nada além desses detalhes.

Que estranho, pensei. Eu lhe havia extirpado os dedos, os cabelos e o vestido, e o que restara dela devia viver ainda em algum lugar. Impossível, naturalmente. O mundo continuava a girar, independente de mim. Independente de mim, as pessoas cruzavam o asfalto, apontavam lápis, locomoviam-se para o leste à velocidade de cinquenta metros por minuto ou executavam perfeitamente melodias de conteúdo zero em saguões de hotel.

Mundo. A palavra tinha o dom de me trazer sempre à mente a imagem da tartaruga e dos elefantes gigantesco sustentando um disco monumental. Os elefantes não percebem o papel da tartaruga, a tartaruga por sua vez não percebe o que os elefantes fazem, e nenhum deles tem noção do que vem a ser o mundo.

— Desculpe-me se o fiz esperar — disse uma mulher atrás de mim. — Fiquei presa no trabalho, não consegui me livrar.

— Não tem importância. Eu não tinha mesmo nada para fazer hoje.

Ela colocou sobre a mesa a chave do armário dos guarda-chuvas e pediu um suco de laranja sem consultar o menu.

Não consegui saber sua idade só de olhar. E nunca saberia, se ela não me tivesse contado ao telefone.

Mas, já que ela me afirmara ter trinta e três anos, trinta e três anos ela teria. E, pensando bem, ela aparentava trinta e três anos, realmente. Mas se ela me tivesse dito vinte e sete, sem dúvida pareceria ter vinte e sete anos.

Seu modo simples de se vestir causava boa impressão. Usava calças de algodão brancas e folgadas, uma camisa xadrez laranja e amarelo de mangas dobradas até os cotovelos, e tinha uma bolsa de couro ao ombro. Nenhuma das peças era nova, mas todas mostravam que tinham sido bem cuidadas. Não usava anéis, colares, pulseiras ou brincos. Franja curta jogada para o lado.

As rugas nos cantos dos olhos não pareciam pés de galinha, davam a entender que estavam ali desde o dia em que ela nascera. Apenas o pescoço fino e branco que surgia pela gola da camisa desabotoada até o terceiro botão e a pele das costas das mãos que repousavam sobre a mesa denunciavam-lhe sutilmente a idade. Pequenos, na verdade minúsculos, pontos dão uma pista da idade. E, como manchas irremovíveis, esses pontos se espalham lentamente por todo o corpo.

— Falando em trabalho, qual é o seu? — perguntei.

— Sou arquiteta e trabalho já faz um bom tempo no mesmo escritório.

O assunto terminou nesse ponto. Tirei lentamente os cigarros do meu bolso e acendi um, também com lentidão. A garota do piano fechou a tampa do instrumento e se levantou, retirando-se para descansar. Invejei-a só um pouco.

— Desde quando vocês se conhecem? — perguntou-me ela.

— Desde onze anos atrás. E você?

— Dois meses e dez dias — respondeu sem hesitar. — Quero dizer, desde o dia em que o conheci até o dia em que desapareceu. Dois meses e dez dias. Sei disso porque mantenho um diário.

Trouxeram o suco de laranja e levaram minha xícara de café vazia.

— Esperei durante três meses: dezembro, janeiro e fevereiro. Os meses mais frios do ano. Você lembra se aquele inverno foi especialmente frio?

— Não lembro — respondi. Do jeito que ela falava, parecia estar se referindo ao frio de cinco dias atrás.

— Acaso já esperou desse jeito por uma menina?

— Nunca — eu disse.

— Você concentra a espera num período determinado e, depois de um certo tempo, nota que nada mais importa. Cinco ou dez anos, ou ainda um mês, tanto faz. É tudo a mesma coisa.

Eu balancei a cabeça concordando.

Ela bebeu metade do seu suco.

— Meu primeiro casamento também foi assim. Sempre coube a mim a tarefa de esperar. Cansei-me de esperar e, no fim, tanto fazia. Casei-me com vinte e um anos, divorciei-me com vinte e dois e, depois, vim para esta cidade.

— Foi assim também com a minha mulher.

— Assim como?

— Casou-se com vinte e um e divorciou-se com vinte e dois.

Ela me fitou por alguns instantes. Depois, agitou o suco de laranja com o canudinho. Senti que tinha falado demais.

— É traumático casar cedo e divorciar-se em seguida — disse ela. — A gente simplesmente começa a procurar coisas superficiais e irreais. Mas o que é irreal dura pouco. Concorda?

— Pode ser.

— Desde o meu divórcio cinco anos atrás até o dia em que o conheci, eu vivia sozinha nesta cidade, de modo um tanto irreal. Não conhecia quase ninguém, não tinha namorado, nem vontade de sair. Acordava, ia para o escritório, desenhava plantas, fazia compras no supermercado a caminho de casa e jantava sozinha. Deixava o rádio ligado numa estação FM, lia livros, atualizava o diário e lavava as meias no banheiro. O apartamento ficava perto da praia, e eu era capaz de ouvir o marulhar constante das ondas. Vida fria e solitária.

Ela bebeu o resto do suco de laranja.

— Você não deve estar achando graça alguma na minha conversa.

Sacudi a cabeça em silêncio.

Passava das seis e, com a hora dos coquetéis chegando, diminuíram a claridade no saguão. Na cidade, luzes e os pequenos pontos vermelhos nos topos dos guindastes começavam a se acender. Uma chuva fina como agulha continuava a cair ao lusco-fusco.

— Não quer um drinque? — ofereci.

— Vodca com suco de uva. Como é mesmo o nome desse coquetel?

— *Salty dog*.

Chamei o garçom e pedi um *salty dog* e um Cutty Sark com gelo.

— Onde foi que parei?

— Em vida fria e solitária.

— Nem tão fria e solitária, para falar a verdade — continuou ela. — Era o marulhar constante que dava um pouco essa impressão. Quando eu aluguei o

apartamento, o zelador me disse que logo me acostumaria. Mas não foi bem assim.

— Agora, o mar já não está mais lá.

Ela sorriu suavemente. As rugas nos cantos dos olhos moveram-se de modo quase imperceptível.

— Tem razão. É como você diz. O mar já não está mais lá. Mas às vezes ainda tenho a impressão de ouvir o marulhar das ondas. O som deve estar entranhado em meus ouvidos.

— E aí surge o Rato.

— Isso. Mas eu nunca o chamei desse jeito.

— Como, então?

— Pelo nome. Não é assim que costumam fazer as pessoas?

Ela tinha razão. Rato era um apelido infantil, pensando bem.

— Tem razão — eu disse.

O garçom trouxe nossas bebidas. Ela bebeu um gole do seu *salty dog* e limpou restos de sal dos lábios. Seu batom sujou de leve o guardanapo de papel. Ela o prendeu entre dois dedos e o dobrou habilmente.

— Ele era, por assim dizer, bastante irreal. Entende o que quero dizer?

— Acho que sim.

— Eu precisava do seu irrealismo para poder vencer o meu lado irrealista. Foi o que pensei no momento em que o conheci. E por isso o amei. Ou então pensei nisso depois que comecei a amá-lo. De um modo ou de outro, dá tudo na mesma.

A garota do piano retornou e pôs-se a tocar trilhas sonoras de filmes antigos. Trilha sonora errada para a cena errada.

— Fico imaginando às vezes se, afinal de contas, eu não o teria usado. E se ele não sabia disso desde o princípio. Que acha?

— Não sei — respondi. — Isso é um problema entre vocês dois.

Ela nada disse.

Quase vinte segundos de silêncio depois, percebi que a história dela chegara ao fim. Bebi o último gole do uísque, pesquei as cartas do Rato do fundo do bolso e as depus no centro da mesa. As duas cartas permaneceram ali por algum tempo.

— Tenho de lê-las aqui mesmo?

— Leve-as para casa e leia. Ou, se não quiser ler, jogue-as fora.

Ela assentiu com um movimento de cabeça e guardou-as na bolsa. Um agradável estalo metálico indicou que fechara a bolsa. Acendi meu segundo cigarro e pedi um segundo drinque. O segundo drinque é sempre o melhor para mim. Com o primeiro você se descontrai, com o segundo sua mente clareia. A partir do terceiro, perdem o gosto. Você apenas os manda para dentro do estômago.

— Veio de Tóquio só por causa disso? — perguntou ela.

— Praticamente.

— Você é muito gentil.

— Nunca pensei em mim nesses termos. Acho que é muito mais uma questão de hábito. E ele faria o mesmo por mim, se as posições estivessem invertidas.

— Já fez?

Sacudi a cabeça.

— Mas viemos os dois nos incomodando mutuamente com nossas irrealidades. Se demos ou não soluções reais a elas, é uma outra questão.

— Não deve haver muita gente que pense desse modo.

— Talvez.

Ela me sorriu com gentileza e se ergueu com a conta na mão.

— Deixe-me ao menos pagar isto para compensar os quase quarenta minutos de atraso.

— Se prefere... — eu disse. — Posso fazer-lhe uma única pergunta?

— Claro.

— Você me disse há pouco ao telefone que já sabia como eu era.

— É verdade. O que eu realmente quis dizer foi que tinha ideia do seu jeito de ser.

— E então? Você me localizou logo?

— Num instante — respondeu.

A chuva continuava a cair com a mesma intensidade. Da janela do hotel, eu via o néon do prédio vizinho. E no meio do clarão esverdeado e artificial a chuva corria em direção à terra, formando incontáveis riscos. Em pé à beira da janela, olhei para baixo. Os riscos pareciam convergir todos para um único ponto da superfície terrestre.

Rolei sobre a cama e fumei dois cigarros. Depois chamei a recepção e pedi que me reservassem um lugar no trem da manhã seguinte. Nada mais me restava a fazer naquela cidade.

A chuva caiu sem cessar até o meio da noite.

Capítulo VI

Em busca do carneiro II

A estranha história de um estranho homem I

O secretário do terno preto sentou-se numa poltrona e me contemplou em silêncio. Seu olhar não era nem avaliador nem desdenhoso, tampouco penetrante. Nem frio, nem caloroso, nem ao menos intermediário. Seu olhar não denotava nenhuma emoção que eu pudesse reconhecer. O homem apenas olhava para mim, ou talvez para a parede às minhas costas. Mas, como eu me achava sentado diante da parede, o homem me olhava, só isso.

Ele apanhou a caixa de cigarros sobre a mesa de centro, abriu-a, pegou um cigarro sem filtro, deu alguns piparotes na ponta para ajeitá-lo e acendeu-o com o isqueiro, soprando a fumaça obliquamente diante de si. Devolveu então o isqueiro à mesa e cruzou as pernas. E durante todo o tempo seu olhar não se moveu sequer milimetricamente.

O homem correspondia nos mínimos detalhes à descrição do meu sócio. Vestia-se bem demais, tinha os cabelos arrumados demais, seus dedos eram delgados demais. Não fossem as pálpebras, de formato agressivo, e os olhos, frios como bolas de gude, ele teria a aparência perfeita de um homossexual. Mas, por causa dos olhos, ele não parecia nem homossexual, nem nada. Não lembrava ninguém e também não se prestava para associações.

Observadas de perto, as pupilas tinham uma cor estranha. Preto-acastanhadas, havia nelas uma ligeira sugestão de azul. Mas a intensidade desta última cor variava de um olho para o outro, dando a impressão de que o olho direito pensava numa coisa e o esquerdo em outra. Sobre as coxas, os dedos moviam-se quase imperceptivelmente. De repente, fui assaltado por uma fantasia em que os dez dedos soltavam-se das mãos e caminhavam na minha direção. Dedos estranhos. E agora eles se moviam lentamente em direção à mesa e apagavam o cigarro no cinzeiro. Dentro do meu copo, o gelo derretia, e a água cristalina aos poucos se misturava com o suco de uva. Mistura desigual.

Um silêncio inexplicável reinava na sala. Existe um tipo de silêncio por vezes perceptível no interior das grandes mansões. Deriva do fato de haver pessoas de menos num ambiente grande demais. Mas o silêncio daquela sala

era de uma espécie diferente. Pesado demais, e impositivo. Eu já havia vivenciado esse tipo de silêncio em algum lugar no passado. Levou-me algum tempo até que a lembrança se aclarasse. Cheguei a ela consultando minha memória, como quem vira as páginas de um velho álbum. Aquele era o silêncio que envolve o leito de um doente terminal. Trazia em si a sensação de morte inevitável. O ar cheira a poeira, é repleto de significado.

— Todos morrem — disse o homem calmamente, ainda me fixando. Até parecia que ele lia meus pensamentos. — Cedo ou tarde, todos morrem.

Depois, o homem tornou a mergulhar num silêncio pesado, agônico. As cigarras continuavam cantando. Frenéticas, friccionavam os corpos e cantavam na tentativa de chamar de volta a estação prestes a partir.

— Pretendo conversar com você do modo mais honesto possível — disse ele. A frase soou como tradução literal de um texto oficial. Correta tanto na escolha das palavras quanto gramaticalmente, mas carente de expressão.

— Mas falar honestamente e falar a verdade são duas questões diferentes. A honestidade está para a verdade assim como a proa de um barco está para a sua popa. Primeiro, surge a honestidade e, por último, a verdade. E o tempo que intermedeia um e outro surgimento está diretamente relacionado ao tamanho do barco. A verdade das grandes questões surge com dificuldade. Muitas vezes ela só surge depois que morremos, e a muito custo. De modo que, se eu não lhe mostrar a verdade, isso não será culpa minha nem sua.

Não havia como responder, de modo que permaneci mudo. O homem certificou-se de que eu nada falaria antes de prosseguir.

— Pedi-lhe que viesse até aqui com a finalidade de fazer o barco avançar. Nós o faremos avançar, você e eu. Conversaremos honestamente. E assim nos aproximaremos, nem que seja um passo, da verdade. — Nesse ponto, o homem pigarreou e lançou um olhar de esguelha à própria mão sobre o braço da poltrona. — Mas meu modo de falar é subjetivo demais. De maneira que voltaremos ao terreno objetivo e para o primeiro problema desse terreno: o anúncio que você criou. Já lhe falaram a respeito dele, não falaram?

— Já.

O homem assentiu. E depois de uma ligeira pausa voltou a falar.

— Tenho quase certeza de que o problema o espantou deveras. Qualquer pessoa se sentiria ultrajada se alguém destruísse um produto que lhe demandara muitos dias de intenso trabalho. Mais ainda se o produto era também seu meio de subsistência. A perda real é grande. Concorda?

— Plenamente — respondi.

— E é a respeito dessa perda real que eu quero ouvir.

— Perdas reais e empreendimentos do nosso ramo andam sempre de mãos dadas. Não são raros os casos em que clientes recusam nossos trabalhos apenas porque estão de mau humor. Esse tipo de situação pode ser fatal para nós, empresas de pequeno porte. De modo que, para evitar isso, trabalhamos cem por cento de acordo com os desejos dos nossos clientes. Não é exagero dizer que checamos com o cliente o teor de uma revista, linha por linha. Desse modo evitamos riscos desnecessários. Não é um trabalho dos mais agradáveis, mas somos lobos solitários, e nossos recursos são magros.

— É assim que todos começam — consolou o homem. — Isso posto, posso interpretar suas palavras como uma declaração de que sua empresa sofreu considerável dano financeiro pelo fato de eu ter obstruído a circulação daquela revista promocional?

— Exato. A revista já está impressa e encadernada, de modo que teremos de pagar a impressão e a encadernação dentro de um mês. Temos também de pagar aos colaboradores externos. Em dinheiro, a perda corresponde a cerca de cinco milhões de ienes. Infelizmente, porém, essa quantia já estava destinada a amortizar algumas dívidas. Investimos pesado em equipamentos cerca de um ano atrás.

— Sei disso — afirmou o homem.

— Futuramente, teremos também problemas contratuais com o nosso cliente. Estamos em posição bastante desvantajosa, e clientes em geral evitam trabalhar com agências de publicidade que já lhes tenham causado problemas alguma vez. Com a companhia de seguros em questão, temos firmado um acordo de um ano para a publicação da revista. Se o perdermos, estaremos efetivamente arruinados. Isso porque somos uma empresa pequena, sem contatos, que veio se expandindo graças ao bom nome e à propaganda boca a boca. Qualquer tipo de notícia negativa nos será fatal nestas circunstâncias.

O homem continuou a me fitar em silêncio mesmo depois que parei de falar. Em seguida, disse:

— Você fala com muita honestidade. E tudo o que fala corresponde aos fatos que investigamos. Ponto para você. E agora, que acontecerá se eu lhe pagar incondicionalmente o valor correspondente ao que deixou de ganhar da companhia de seguros com o cancelamento da publicação e intervir junto a ela no sentido de manter o contrato futuro com vocês?

— Nada. Apenas voltaremos ao nosso ramerrão monótono, fazendo-nos para sempre esta simples pergunta: que diabos significou tudo isso?

— Posso acrescentar ainda um prêmio. Basta eu escrever uma única palavra no verso do meu cartão de visitas e sua empresa conseguirá trabalho suficiente para sustentá-los pelos próximos dez anos. E não será um serviço mesquinho de panfletagem, note bem.

— Está me propondo um negócio?

— Uma troca de favores. Eu fiz o favor de informar ao seu sócio que a circulação da revista publicitária tinha sido suspensa. Se você em troca me fizer outro, eu retribuirei com mais um. Que acha disso? Meus favores costumam ser muito vantajosos. Você também não quer trabalhar para sempre com esse seu sócio incompetente e beberrão, quer?

— Somos amigos — eu disse.

Seguiu-se um silêncio pesado, como o de uma pedra caindo num poço fundo, muito fundo. Trinta segundos se passaram até que a pedra atingisse a base do poço.

— Você é quem sabe — disse o homem. — O problema é seu. Esmiucei sua vida e achei-a bastante interessante sob certos aspectos. Grosso modo, a humanidade pode ser dividida em dois grupos: o dos medíocres realistas e o dos medíocres não realistas. Você pertence claramente ao segundo grupo. Saiba que vai encontrar no seu caminho muita mediocridade irreal. Guarde bem minhas palavras.

— Guardarei — respondi.

O homem sacudiu a cabeça. Tomei metade do meu suco de uva quase sem gelo a essa altura.

— Nesse caso, vamos ao que nos interessa — disse o homem. — Carneiros.

*

O homem moveu o corpo, extraiu uma grande foto monocromática de dentro de um envelope e a posicionou sobre a mesa voltada para mim. Pareceu-me que um pouco de realismo introduzia-se no ambiente.

— Esta é a foto de carneiros publicada em sua revista.

A definição era muito boa, considerando que a imagem fora ampliada diretamente de uma foto publicada em revista, e não a partir do seu negativo.

Tinham usado uma técnica especial, com certeza.

— Por tudo que sei, você obteve esta foto pessoalmente de uma fonte desconhecida e a usou na revista. Estou certo?

— Certíssimo.

— Pesquisas feitas por nós indicam que ela foi tirada nos últimos seis meses por um amador. A câmera usada é do tipo barato, de bolso. O fotógrafo não é você. Você possui uma Nikon SLR, e é capaz de serviços bem melhores. E também não esteve em Hokkaido nestes últimos cinco anos. Correto?

— Quem sabe? — eu disse.

— Humm... — disse o homem, calando-se em seguida por algum tempo. Parecia estar avaliando a qualidade do silêncio reinante. — Não tem importância. Nós queremos três informações. Onde e de quem você obteve esta foto. E por que divulgou um trabalho tão primitivo na revista.

— Não posso dá-las — respondi com uma simplicidade que chegou a me espantar. — Jornalistas têm o direito de preservar suas fontes.

Mantendo o olhar fixo em mim, o homem contornou os próprios lábios com o dedo médio da mão esquerda. Repetiu algumas vezes o gesto e só depois repôs a mão sobre a coxa. Por alguns instantes ainda houve silêncio na sala. Um cuco bem que podia cantar em algum lugar, pensei. Mas nenhum se habilitou. Cucos não costumam cantar ao entardecer.

— Você é um homem bastante estranho — comentou. — Não sei se percebeu, mas eu tenho o poder de alijá-lo do mundo dos negócios. E então você nem será mais um jornalista. Isso pressupondo-se que se possa chamar de jornalismo esse lamentável serviço de panfletagem que você faz no momento.

Pensei outra vez em cucos. Por que não cantam ao entardecer?

— Além disso, existem diversas maneiras de obrigar sujeitos do seu tipo a falar.

— Acredito — eu disse. — Mas isso toma tempo, e eu não vou falar até então. Mesmo que fale, não direi tudo. E você não tem meios de saber quanto é tudo. Será que estou errado?

Eu blefava, mas estava no caminho certo. O silêncio ambíguo que se seguiu mostrou que eu marcara um ponto.

— É estimulante conversar com você — comentou. — Seu irrealismo tem laivos patéticos. Tudo bem. Vamos mudar de assunto.

O homem tirou uma lente de aumento do bolso e a depositou sobre a mesa.

— Examine a foto com isto. À vontade.

Peguei a foto com a mão esquerda e, com a lente na direita, examinei-a cuidadosamente. Alguns carneiros estavam voltados para a câmera, outros para direções diferentes, e alguns pastavam alheios a tudo. Instantâneo de uma reunião de ex-colegas de turma que não decolou. Focalizei a lente sobre os carneiros, um por um, observei a densidade da relva, o bosque de vidoeiros e as montanhas ao fundo, assim como um floco de nuvem branca que boiava no céu. Nada excepcional. Tirei os olhos da lente e da foto e voltei-me para o homem.

— Percebeu algum detalhe diferente?

— Nenhum — respondi.

O homem não pareceu desanimar.

— Você se formou em biologia na faculdade, não foi? — perguntou. — O que sabe a respeito de carneiros?

— O mesmo que nada. Especializei-me principalmente em inutilidades.

— Diga apenas o que sabe.

— Ordem dos artiodátilos, herbívoro, gregário. Tenho a impressão de que foram introduzidos no Japão no início do período Meiji. Gado lanígero e de corte. É tudo.

— Exato — disse o homem. — Vou apenas corrigir pequenos detalhes. Carneiros foram introduzidos no Japão não no período Meiji, mas durante o período Ansei.² Anteriormente, não existiam no país, conforme você disse. Há uma outra versão, segundo a qual eles teriam sido trazidos da China ainda no período Heian,³ mas se isso é verdade esses espécimes desapareceram por completo. De modo que até o período Meiji pode-se dizer que a quase totalidade dos japoneses nunca tinha visto um carneiro, nem fazia ideia do seu aspecto. Embora lhes fossem até familiares por serem um dos símbolos do zodíaco chinês, ninguém sabia como eram os carneiros de verdade. Em outras palavras, eram seres imaginários, assim como dragões e tapires. Tanto é verdade que os carneiros retratados por pintores de períodos anteriores ao Meiji são todos sem exceção figuras estrambólicas, ridículos substitutos do animal verdadeiro. Sabiam de carneiros tanto quanto H.G. Wells de marcianos. E ainda hoje é espantosa a ignorância dos japoneses em matéria de carneiros. Ou seja, do ponto de vista histórico, carneiros nunca tomaram parte do cotidiano do povo. Foram importados dos Estados Unidos por decisão governamental,

criados e, em seguida, abandonados. Esta é a história desses animais. A vantagem de criá-los no Japão tornou-se quase nula a partir do fim da guerra, quando foi liberada a importação do pelo e da carne ovina de países como Austrália e Nova Zelândia. Coitados, não? São a própria imagem do Japão moderno. É claro, porém, que não pretendo fazer um discurso a respeito da vacuidade dos tempos modernos. O que eu estou tentando dizer é que, até o fim do xogunato dos Tokugawa, não havia sequer um carneiro no Japão, e que depois disso o governo federal controlou rigorosamente, um a um, todos os animais importados. Estes são os dois pontos que quero salientar. E o que significam eles exatamente?

A pergunta tinha sido dirigida a mim.

— Que todas as espécies ovinas existentes neste país estão controladas.

— Exato. Posso ainda acrescentar que carneiros são como cavalos de corrida: o segredo deles está no cruzamento. Portanto, é possível retrair facilmente quase todas as espécies existentes no Japão até a sua origem, algumas gerações atrás. Em outras palavras, este é um animal vigiado de perto. Cruzamentos com outras espécies são também fáceis de verificar. Não existe contrabando, já que não existe excêntrico disposto a isso. Quanto às variedades, existem no Japão carneiros das raças southdown, spanish merino, cotswold, chinesa, shropshire, corriedale, cheviot, romanovsky, ostofresian, border leicester, romney marsh, lincoln, dorset horn e suffolk. Isso posto — disse o homem —, quero que olhe a foto mais uma vez, com cuidado.

Tornei a pegar a foto e a lente de aumento.

— Observe o terceiro carneiro a partir da direita, na primeira fileira.

Focalizei a lente sobre o terceiro carneiro da direita. Observei o animal do lado e voltei uma vez mais a atenção para o terceiro da fileira.

— E agora, percebeu alguma coisa? — perguntou.

— É de uma raça diferente — respondi.

— Isso mesmo. Excetuando o terceiro a partir da direita, os demais são todos carneiros comuns da raça suffolk. Esse é o único diferente. É mais robusto que um suffolk, e seu pelame é de cor diferente. Sua cara não é preta. Dá a impressão de ser muito mais poderoso. Mostrei a foto a diversos especialistas em carneiros. Todos chegaram à mesma conclusão: não existem carneiros desta espécie no Japão. Nem no mundo todo, provavelmente. De modo que você está vendo agora um carneiro que não devia existir.

Analisei uma vez mais o terceiro carneiro da direita com a lente de aumento. Observando melhor, ele tinha uma mancha clara no meio das costas, como se alguém lhe tivesse derramado café. A mancha tinha contornos indefinidos. Tanto podia ser defeito de filme como ilusão de óptica. Ou talvez alguém tivesse realmente derramado um pouco de café nele.

— Ele tem uma mancha clara nas costas.

— Não é mancha — atalhou o homem. — É uma marca em forma de estrela. Compare com isto.

Retirou uma fotocópia de dentro do envelope e passou-a diretamente às minhas mãos. Uma figura de carneiro. Aparentemente, fora feita com lápis preto de ponta macia, pois restavam manchas de dedos em torno da figura. Era um desenho infantil de um modo geral, mas parecia denunciar alguma coisa. Os detalhes tinham sido retratados com estranha precisão. Comparei os dois carneiros, o da foto e o do desenho. Eram iguais, sem dúvida alguma. O do desenho tinha nas costas uma marca em forma de estrela que correspondia à da foto.

— E veja isto também — disse o homem retirando agora um isqueiro do bolso da calça. Era um pesado Dupont prateado, feito sob encomenda. Nele havia um brasão com estampa de carneiro, o mesmo que eu vira no interior do carro. No lado de trás, uma marca em forma de estrela.

Minha cabeça começou a doer um pouco.

[2](#) 1854-1860, período em que reinou o imperador Ansei. (N.T.)

[3](#) 794-1868. (N.T.)

A estranha história de um estranho homem II

— Há pouco, falei a você de mediocridade — disse o homem. — Mas com isso não pretendi criticar a sua. Dito de forma simples, o mundo inteiro é um poço de mediocridade, e dele provém naturalmente a sua. Não pensa assim?

— Não sei dizer.

— O mundo é medíocre. Não há engano possível quanto a isso. Mas, nesse caso, teria o mundo sido medíocre desde o começo? Não. No começo, havia apenas o caos. E o caos não é medíocre. A mediocrização teve início a partir do momento em que a humanidade estabeleceu distinção entre cotidiano e meios de produção. E Karl Marx assentou a mediocridade ao instituir o proletariado. E, por isso mesmo, o stalinismo tem ligação direta com o marxismo. Eu concordo com Marx. Ele é uma das poucas genialidades que têm consciência do caos primordial. Concordo, nesse mesmo sentido, com Dostoievski. Mas não aprovo o marxismo. Aquilo é medíocre demais.

Um som débil partiu da garganta do homem.

— Eu estou falando com muita honestidade neste momento. Pago assim à minha moda a sua honestidade de há pouco. Vou responder agora àquela pergunta que você classificou como simples. Mas fique sabendo que, no momento em que acabar de respondê-la, suas opções de escolha estarão bastante limitadas. Esteja certo disso. Falando com simplicidade, você acaba de elevar as apostas. Concorda?

— Que outro recurso me resta? — eu disse.

*

— Neste momento, há um velho à beira da morte no interior desta mansão — disse o homem. — A causa é clara. Ele tem uma gigantesca bolha de sangue no cérebro. Grande a ponto de deformar o próprio cérebro. Quais os seus conhecimentos de neurologia?

— Quase nenhum.

— Explicando com simplicidade, é uma bomba de sangue. Um vaso sanguíneo intumescceu porque a circulação foi obstruída. Ficou com o aspecto

de uma cobra que engoliu uma bola de golfe. Se explodir, as funções cerebrais serão interrompidas. Mas não é possível intervir cirurgicamente: ao menor estímulo, a bomba é capaz de detonar. Isto quer dizer, em termos realistas, que o único recurso que lhe resta é esperar a morte. Talvez viva ainda uma semana, talvez um mês. Ninguém sabe.

O homem franziu os lábios e expeliu lentamente o ar pela boca.

— A morte em si nada tem de extraordinária. Ele é velho, e a causa está bem definida. Difícil é explicar *como ele conseguiu viver até agora*.

Não entendi o que ele estava querendo dizer.

— Na verdade, ninguém teria estranhado se ele tivesse morrido há trinta e dois anos — continuou. — Ou há quarenta e dois. Quem primeiro detectou essa bolha de sangue foi um médico do Exército norte-americano que realizou exames físicos em criminosos de guerra Classe A no outono de 1946, ou seja, pouco antes da abertura do Tribunal de Guerra de Tóquio. Ao ver a radiografia da bolha, o médico assustou-se: como podia um homem não só continuar vivo como também manter um padrão de vida mais ativo que o das pessoas normais carregando uma bolha de sangue daquele tamanho no cérebro? O fenômeno ultrapassava qualquer explicação científica. E então ele foi transferido da prisão de Sugamo para o hospital São Lucas, à época requisitado pelo Exército norte-americano, a fim de ser examinado minuciosamente.

Os exames continuaram por cerca de um ano, mas não revelaram nada além do fato de que o paciente podia morrer a qualquer instante e de que era um mistério ele estar vivo ainda. E ele continuou a viver depois disso sem nenhum tipo de restrição, com bastante vitalidade. A atividade cerebral também era admiravelmente normal. Por que, ninguém sabia. Um beco sem saída para os pesquisadores, já que um homem teoricamente morto continuava vivo e andando por todos os lados.

Mas alguns detalhes clínicos tornaram-se conhecidos. Ele tinha fortes enxaquecas, que duravam três dias e ocorriam ciclicamente a cada quarenta dias. Segundo ele próprio declarou, as crises tiveram início em 1936, ano que os médicos acreditam ter sido o da erupção da bolha. As enxaquecas eram terrivelmente fortes, e analgésicos lhe eram administrados enquanto duravam. Em outras palavras, narcóticos. Os narcóticos eliminavam a dor, não havia dúvida, mas em troca provocavam alucinações. Alucinações condensadas, realistas, cuja verdadeira natureza só ele conhecia. De uma coisa, porém, se

sabia com alguma certeza: não eram nada agradáveis. O Exército norte-americano guardou os registros referentes a essas alucinações. Um médico as descreveu detalhadamente. Eu obtive esses registros por meios nem sempre legais e os reli diversas vezes. Apesar da linguagem científica, descrevem um quadro horripilante. Acredito que sejam muito poucas as pessoas capazes de experimentar periodicamente tais alucinações e sobreviver.

Ninguém era capaz de saber por que essas alucinações ocorriam. Os médicos supunham que a bolha de sangue irradiava uma espécie de energia ciclicamente e que as enxaquecas seriam as reações orgânicas a essa irradiação. E no momento em que a enxaqueca, que funcionava como uma espécie de anteparo, era removida pela ação dos narcóticos, a referida energia estimulava diretamente certa área do cérebro, que por sua vez provocava as alucinações. Não passavam de hipóteses, mas o Exército norte-americano mostrou vivo interesse por elas. E baseado nelas iniciou uma pesquisa minuciosa. Aliás, pesquisa altamente secreta, levada a cabo pelo Serviço de Informações, veja você. Até hoje não se sabe por que a Inteligência norte-americana interessou-se pela existência de uma bolha no cérebro de um simples cidadão, mas posso aventar algumas hipóteses. Primeiro, que, camuflados sob o título de pesquisa médica, realizavam uma delicada espécie de interrogatório. Em outras palavras, queriam estabelecer firme controle sobre as rotas da espionagem e do ópio no continente chinês. Lembre-se de que os Estados Unidos estavam em vias de perder a conexão com a China continental, porque o poder de Chiang Kai-chek declinava lentamente. Estavam ávidos por deitar a mão às rotas do Chefe. Você há de convir que este tipo de interrogatório não pode ser oficial. E realmente, depois de uma bateria de exames, o Chefe foi libertado sem ir a julgamento. Imagina-se que houve um acordo qualquer nos bastidores. Informações em troca da liberdade. Segundo, que tentavam estabelecer clara correlação entre sua excêntrica atuação como figurão da direita e a existência da bolha. Pretendo explicar melhor o ponto mais tarde, mas esta ideia é muito interessante. E no final das contas não conseguiram descobrir nada. Como haveriam, se não conseguiam sequer descobrir por que ele ainda vivia? Só mesmo através de uma biópsia. De modo que isto também terminou num beco sem saída. Terceiro, que tentavam uma lavagem cerebral. Essa ideia de que estimulando partes do cérebro com ondas magnéticas se obtêm determinadas reações, entende? Na época, era o tipo da coisa muito em voga. E, realmente, sabe-se hoje que naquele tempo os Estados Unidos tinham

formado grupos de estudo que realizavam pesquisas desse gênero. Não sei direito em qual dessas três hipóteses se concentrou a Inteligência americana. Ignoro também a que tipo de conclusão chegaram. Tudo isso ficou para trás, enterrado na História. Devem saber da verdade apenas um punhado de oficiais do Exército norte-americano e o próprio Chefe. E ele fez questão de não falar disso a ninguém, nem mesmo a mim, e tampouco falará daqui para a frente, pelo que sei. De modo que tudo que lhe contei até o momento não passa de suposições.

Nesse ponto, o homem pigarreou com delicadeza. Eu não fazia ideia de quanto tempo se passara desde o momento em que entrara naquele aposento.

— No entanto, conheço com mais detalhes algumas circunstâncias da época em que a bolha de sangue surgiu, isto é, do ano de 1936. No inverno de 1932, o Chefe foi para a cadeia, acusado de cumplicidade num plano que visava a assassinar um figurão. Ele ficou confinado até junho de 1936. Existem ainda hoje registros oficiais e médicos de sua passagem pela cadeia, e vez por outra o próprio Chefe nos fazia referências ao caso. Resumindo, é o seguinte: logo depois que foi para a cadeia, o Chefe começou a sofrer de insônia. Não uma insônia comum, mas de nível extremo e perigoso. Ele não conseguia dormir durante três, quatro dias e noites consecutivos, ou ainda uma semana inteira em certas ocasiões. Na época, a polícia costumava arrancar confissões de presos políticos suprimindo-lhes o sono por longos períodos. Principalmente em casos como o do Chefe, que envolveu uma disputa entre simpatizantes do imperialismo e do militarismo, o interrogatório costumava ser severo. Se o preso começava a cair no sono, jogavam-lhe um balde de água fria, espancavam-no, lançavam luzes potentes em seus olhos, desestruturando por completo seu padrão de sono. Submetidos a esse tipo de tortura por alguns meses, a maioria dos presos se acabava. Seus nervos se estilhaçavam. Morriam, enlouqueciam ou passavam a sofrer forte insônia. Este foi o caso do Chefe. E, quando enfim se recuperou por completo da insônia, já era primavera de 1936. Ou seja, época em que surgiu a bolha. O que você pensa a respeito disso?

— Que por algum motivo a severa insônia obstruiu a circulação do sangue no cérebro. Certo?

— Essa é a explicação mais sensata. Se ocorre até a um amador, não pode ter escapado à equipe médica do Exército norte-americano. Mas essa explicação não é suficiente. Creio que falta nela um fator de importância primordial. Fico imaginando se o surgimento da bolha de sangue não seria um fenômeno

subordinado a esse fator. Pense bem: tanta gente tem esse tipo de anormalidade, mas ninguém apresenta os sintomas que descrevi. Além disso, a explicação não esclarece por que o Chefe viveu tanto tempo.

Havia certa lógica no que o homem dizia.

— Há ainda um estranho detalhe envolvendo a bolha: a partir da primavera de 1936, veja bem, o Chefe tornou-se literalmente um outro homem. Até então o Chefe tinha sido, em suma, um medíocre partidário da direita. Terceiro filho de uma família pobre de lavradores de Hokkaido, saiu de casa aos doze anos, foi para a Coreia, mas não conseguiu obter sucesso e voltou para a pátria, tornando-se um militante de direita. Era um sujeito exaltado e vivia brandindo uma espada japonesa, você conhece o tipo. Acho que nem ler sabia direito. Mas no verão de 1936, logo depois que saiu da prisão, o Chefe saltou para a liderança da ala direitista, destacando-se sob todos os aspectos. Em sua nova personalidade, o Chefe transformou-se num indivíduo carismático, capaz de aprisionar o espírito das pessoas, dono de uma lógica cuidadosa, de uma oratória inflamada capaz de levantar multidões, de uma capacidade ímpar de prever os rumos políticos, e também de um espírito decidido. Acima de tudo, ele tinha agora a capacidade de usar a fraqueza das multidões como alavanca para mover a sociedade.

O homem parou para respirar e pigarreou de leve.

— Naturalmente, sua ideologia direitista e sua percepção do mundo eram superficiais e tolas. Mas essas coisas não têm muita importância. Importante era saber até que ponto ele conseguiria organizar suas novas capacidades. Tal como Hitler conseguiu organizar conceitos tolos como o de *Lebensraum* e o da supremacia racial em plano nacional. Mas o Chefe não escolheu o caminho percorrido por Hitler. Ele optou por um caminho secundário, um caminho à sombra. Preferiu a existência invisível, que manipula a sociedade dos bastidores. E, para tanto, ele foi para o continente chinês em 1937. Mas deixemos esse assunto de lado e retornemos à bolha. Estou querendo dizer que o período em que ela surgiu e o da miraculosa transformação pessoal do Chefe coincidem perfeitamente.

— Segundo sua teoria — interrompi eu —, a bolha de sangue e a transformação pessoal do seu Chefe não têm relação de causa e efeito. Têm, isto sim, uma relação paralela e, ainda segundo sua teoria, acima delas está o fator misterioso, certo?

— Sua capacidade perceptiva é admirável — disse o homem. — Exata e concisa.

— E onde entra o carneiro?

O homem tirou o segundo cigarro da caixa sobre a mesa, acertou a ponta com a unha e só então o prendeu entre os lábios, mas não o acendeu.

— Vamos por partes — disse.

Um silêncio pesado seguiu-se às suas palavras.

— E então construímos um reino — prosseguiu ele. — Um poderoso reino subterrâneo, que abrange quase tudo. Política e economia, comunicação de massa, órgãos governamentais e culturais, coisas que você nem sequer é capaz de imaginar. Até mesmo grupos que nos fazem oposição. Tudo, começando pelo poder e passando pela oposição. A maioria não tem noção alguma de pertencer ao nosso mundo. Ou seja, nossa organização é assustadoramente sofisticada. E essa imensa organização foi construída única e exclusivamente pelo Chefe no pós-guerra. Em outras palavras, o Chefe governa sozinho o porão deste gigantesco navio chamado nação. Se ele tira a tampa, o barco afunda. Os passageiros vão se ver lançados no mar antes mesmo de saber o que lhes está acontecendo.

Nesse momento, ele acendeu o cigarro.

— Mas existe um limite para a organização: a morte do rei. Se o rei morrer, o reinado desmoronará. Porque o reinado, veja bem, ergueu-se à custa da genialidade de um único indivíduo, o rei, e por ele vinha sendo mantido. Ou, segundo suponho, à custa de um certo fator misterioso. Se o Chefe morrer, estará tudo acabado. Isso porque a nossa não é uma organização governamental, mas sim uma máquina perfeita em cujo comando está o cérebro de um indivíduo. E aí está o verdadeiro significado da nossa organização, bem como o seu ponto fraco. Ou, antes, estavam. Com a morte do Chefe, a organização cedo ou tarde se desestruturará, submergindo num mar de mediocridade como valhala envolta em chamas. Ninguém está apto a substituir o Chefe. A organização se fragmentará, será um palácio demolido dando lugar a centenas de alojamentos populares, a um mundo homogêneo e previsível. Nele não haverá espaço para a vontade se exercer. Pode ser que você considere isso correto. Quero dizer, a fragmentação. Mas pense um pouco. Você acha justo que o Japão inteiro se transforme numa superfície totalmente plana, sem montanhas, praias ou lagos, e que nessa planície surjam fileiras e fileiras homogêneas de casas populares?

— Não sei — respondi. — Para começar, nem sei se a pergunta é pertinente.

— Muito sagaz — disse o homem, entrelaçando os dedos sobre as próprias coxas. Em seguida, moveu-os em ritmo lento. — A história das casas populares é apenas um exemplo, claro. Falando com maior exatidão, nossa organização está dividida em duas partes: uma que avança e outra que faz avançar. Existem outras partes que exercem diversas outras funções, mas grosso modo a organização é constituída por essas duas partes principais. As demais são quase insignificantes. A parte que avança é a da Vontade, e a parte que faz avançar, a dos Lucros. Toda vez que a figura do Chefe é discutida, as pessoas veem apenas a parte dos Lucros. E, depois que ele morrer, o que as pessoas vão disputar será ainda uma fatia dos Lucros. Ninguém se interessa pela Vontade porque ninguém é capaz de compreendê-la. Aí está o que eu quis dizer com fragmentação. Porque a Vontade não pode ser fragmentada. Ou é integralmente passada adiante, ou desaparece integralmente.

Os dedos do homem continuavam a bater de modo ritmado nos seus joelhos. Exceto por esse detalhe, ele permanecera do mesmo jeito desde o começo da entrevista: olhar cujo alvo eu não podia precisar, pupilas geladas, rosto destituído de expressão voltado para mim no mesmo ângulo do começo ao fim.

— O que é a Vontade? — perguntei.

— Vontade é um conceito que controla o vazio, controla o tempo e controla as possibilidades.

— Não entendi.

— Ninguém entende, é claro. Só o Chefe tinha uma percepção, digamos, instintiva do assunto. Em termos mais radicais, é a negação do autoconhecimento. Só assim se concretiza a revolução perfeita. Em termos simples e para facilitar-lhe a compreensão, uma revolução em que trabalho implique capital, e capital implique trabalho.

— Uma fantasia.

— Pelo contrário, o conhecimento é que constitui uma fantasia — interrompeu o homem. — Naturalmente, tudo que lhe disse até agora são apenas palavras. E, por mais que as use, nunca conseguirei explicar a forma da Vontade do Chefe. Minhas explicações nada mais fazem que mostrar a relação existente entre mim e a Vontade através de uma outra relação de natureza verbal. Negar o conhecimento tem a ver também com negar a linguagem.

Quando o conhecimento individual e a evolução contínua, dois pilares do humanismo ocidental, perderem o sentido, a linguagem também perderá. O ser não existe como um indivíduo, e sim como caos. Esse ser denominado “você” não é um indivíduo, mas apenas caos. Meu caos é também o seu, e o seu caos, também o meu. Ser é comunicar, e comunicar é ser.

De repente, me pareceu que a sala esfriava violentamente e que havia uma cama quentinha ao meu lado. Alguém me convidava a deitar nela. Tudo ilusão, naturalmente. Estávamos em setembro, e lá fora dezenas de cigarras continuavam a cantar.

— O movimento de conscientização que a sua geração empreendeu, ou melhor, tentou empreender na segunda metade da década de sessenta terminou em estrondoso fracasso porque tinha raízes na individualidade. Quer dizer, tentar maior conscientização sem promover mudanças na qualidade do indivíduo só pode terminar em desilusão. É esse o sentido da mediocridade a que me referi. Mas, por mais que eu explique, você provavelmente não entenderá. Aliás, nem eu estou em busca de compreensão. Apenas me esforcei por lhe falar com honestidade.

“Voltando ao desenho que lhe entreguei há pouco”, continuou o homem. “Ele é a fotocópia de certo material arquivado no Departamento Médico do Exército norte-americano. Datado de 27 de julho de 1946, foi feito pelo próprio Chefe, a pedido dos médicos. Fez parte de um trabalho desenvolvido por eles no sentido de descrever as alucinações. Realmente, de acordo com os registros médicos, este carneiro surge com impressionante frequência nos processos alucinatorios que atormentaram o Chefe. Transposto em números, em quase oitenta por cento dos processos, ou seja, o carneiro surge em quatro de cada cinco fenômenos alucinatorios. E não um carneiro qualquer, mas sempre este, castanho, com uma marca em forma de estrela nas costas. Além disso, o brasão gravado nesse isqueiro foi escolhido pelo Chefe como seu selo pessoal, e ele o usa desde 1936. Creio que você já percebeu, mas o carneiro do brasão e o do desenho dos arquivos médicos são exatamente iguais. E os dois são também idênticos ao que aparece na fotografia publicada por você. Bastante curioso, concorda?”

— Mera coincidência, suponho — eu disse num tom que pretendi informal, sem muito sucesso.

— E tem mais — prosseguiu o homem. — O Chefe juntava com incrível persistência todo tipo de material e informação referente a carneiros, tanto no

país quanto no estrangeiro. Uma vez por semana, ele dedicava considerável tempo a examinar todo material publicado durante aquela semana em revistas e jornais japoneses. E durante todo o tempo eu o vim ajudando nesse trabalho. Sua dedicação era notável. Parecia até que procurava alguma coisa. E, desde que o Chefe adoeceu, eu continuei pessoalmente seu trabalho, em caráter privado. Despertou minha curiosidade. Queria saber o que o trabalho revelaria. E foi então que você surgiu. Você e o seu carneiro. E isso não pode ser mera coincidência, por mais que eu pense no assunto.

Sopesei o isqueiro. Peso agradável, nem um grama a mais ou a menos. Como podiam existir no mundo pesos deste tipo?

— E por que estaria o Chefe procurando com tanto empenho esse carneiro? Faz ideia? — perguntou o homem.

— Nenhuma — respondi. — Se quer mesmo saber, pergunte ao Chefe.

— Perguntaria, se pudesse. O Chefe está em coma há duas semanas. Provavelmente nunca mais recuperará a consciência. E, quando ele morrer, levará consigo para as trevas o segredo do carneiro com a marca em forma de estrela nas costas. Essa ideia me é insuportável. Não porque eu tenha interesse pessoal no caso, mas por uma questão mais ampla, de justiça.

Levantei a tampinha do isqueiro, rodei a pedra, fiz saltar a chama e tornei a fechar a tampa.

— Pode ser que você esteja pensando que tudo isso é uma grande bobagem. E talvez seja mesmo. Pode ser uma grande bobagem, realmente. Mas o que eu quero que você compreenda é que nada mais nos resta além disso. O Chefe morre. Uma Vontade morre. E tudo em torno dela também termina por morrer. O que resta são apenas coisas contáveis. Nada mais. Eis por que preciso encontrar esse carneiro.

Pela primeira vez cerrou os olhos durante alguns segundos, mantendo-se em silêncio.

— Vou expor a você minhas suposições. São apenas suposições, veja bem. Se não lhe agradarem, esqueça-as. Eu acho que esse carneiro constitui a forma original da Vontade do Chefe.

— Por um acaso estamos falando dessas bolachinhas em forma de bichos? — apartei.

O homem ignorou o aparte.

— É muito provável que o carneiro tenha se apossado do corpo do Chefe. Isso deve ter acontecido em 1936. Desde então, e durante quarenta anos, o

carneiro morou dentro do Chefe. Ali, ele deve ter encontrado pastos verdejantes e um bosque de vidoeiros. Bem como os da sua foto. Que pensa disso?

— Penso que são suposições bastante divertidas — respondi.

— Um carneiro especial. Um carneiro *muito, muito especial*. Eu quero encontrá-lo. E para isso preciso da sua ajuda.

— E que fará quando o encontrar?

— Nada. Não haverá nada que eu possa fazer, provavelmente. Trata-se de algo grande demais. Meu único desejo é acompanhar com meus próprios olhos esse algo que aos poucos está desaparecendo. E, se acaso o referido carneiro desejar alguma coisa, quero empenhar-me inteiramente para satisfazê-lo. Minha vida, veja bem, deixa de ter sentido depois que o Chefe morrer.

E então ele se calou. Só as cigarras continuavam cantando. As árvores do jardim farfalhavam à brisa do entardecer. Nenhum ruído se ouvia dentro da casa. Partículas de morte espalhavam-se por toda a casa como uma infecção contagiosa invencível. Imaginei a campina no interior do cérebro do Chefe. Uma ampla campina onde a relva secou depois que o carneiro fugiu.

— Vou pedir-lhe uma vez mais: diga-me como conseguiu a foto.

— Não posso — eu disse.

O homem suspirou.

— Penso que lhe falei com toda a honestidade. Espero o mesmo em troca.

— Não estou em posição de falar. Se o fizer, posso estar criando problemas à pessoa que me mandou esta foto.

— Quer dizer — interrompeu o homem — que existe base para você julgar que o carneiro possa trazer algum tipo de problema para essa pessoa?

— Ninguém falou em base alguma. Eu apenas *tenho a impressão* de que é assim. Alguma coisa me incomoda na sua história. Senti que algo cheirava mal durante todo o tempo em que você falou. Digamos que é uma intuição.

— E por isso não quer me contar nada.

— Exato — respondi. Pensei alguns segundos e tornei a dizer: — Sou uma espécie de autoridade em matéria de criar problemas para os outros. Conheço meios de criar problemas para os outros melhor que ninguém. De modo que me esforço por viver o mais longe possível deles. E de tanto me esforçar acabo criando mais problemas ainda. Faça o que fizer, acabo sempre

chegando ao mesmo resultado. Sei disso, mas mesmo assim procuro evitá-los. A esta altura, já é uma questão de princípio.

— Não consigo entendê-lo.

— Estou querendo dizer que a mediocridade é capaz de assumir diferentes formas.

Prendi o cigarro entre os lábios, acendi-o com o isqueiro que tinha na mão e traguei a fumaça. Senti um ligeiro conforto.

— Se não quer me contar, não conte — disse o homem. — Em troca, *você* terá de sair em busca do carneiro. Esta é a minha última proposta. Se for capaz de encontrar esse carneiro dentro de dois meses a partir de hoje, estaremos prontos para recompensá-lo da maneira que quiser. Se não conseguir, tanto você como sua firma estarão acabados. De acordo?

— Tenho escolha? — eu disse. — Mas agora me diga: o que acontecerá na hipótese de tudo não passar de um grande engano, e de não existir nenhum carneiro com sinal em forma de estrela nas costas?

— A mesma coisa. Tanto para você como para mim, só restam duas alternativas: encontrar ou não o carneiro. A alternativa do meio não existe. Sinto muito, mas note que quem subiu as apostas foi você, como aliás já lhe disse antes. E, uma vez que a bola está com você, só lhe resta correr até o gol. Mesmo que se descubra mais tarde que não havia nenhum gol.

— É isso, então — comentei.

O homem tirou um envelope gordo do bolso do paletó e o pôs na minha frente.

— Use isto para cobrir suas despesas. Se faltar, ligue-me. Reforçarei o caixa em seguida. Alguma pergunta?

— Nenhuma pergunta, mas um comentário.

— Que tipo de comentário?

— De um modo geral, sua história é quase inacreditável, de tão boba. Mas contada por você, soa verídica, não sei por quê. Se eu disser a alguém o que me aconteceu hoje, tenho certeza de que ninguém acreditará em mim.

O homem crispou os lábios quase imperceptivelmente. Talvez aquilo fosse o seu sorriso.

— Comece a trabalhar a partir de amanhã. Como já lhe disse há pouco, restam-lhe apenas dois meses, *a contar de hoje*.

— Não é um trabalho fácil. Talvez eu não consiga dar conta do recado em dois meses. Pense bem: tenho de descobrir um carneiro perdido num território imenso.

O homem me olhou fixamente, sem nada dizer. Debaixo daquele olhar, senti-me uma piscina vazia. Uma piscina seca, suja e trincada, que talvez não possa ser usada no próximo verão. O homem continuou a me fitar por mais trinta segundos, sem pestanejar. Em seguida, moveu os lábios lentamente e disse:

— Está na hora de você ir embora.

Eu pensava o mesmo, com certeza.

O carro e o motorista II

— Vai voltar para o seu escritório? Ou deseja ir a outro lugar? — perguntou-me o motorista.

Era o mesmo que me trouxera na ida, mas me pareceu um nada mais cordial agora. Devia ser do tipo que faz amizades facilmente.

Sentado no espaçoso banco traseiro, estendi pernas e braços até não poder mais, e só depois disso pensei aonde iria em seguida. Não tinha intenção alguma de retornar ao escritório. A cabeça doeu só de me imaginar explicando — aliás, explicar como? — isto e mais aquilo para o meu sócio. Ademais, eu estava de férias. Mas nem por isso me senti tentado a voltar para casa. Achei que, antes de mais nada, era melhor eu me encontrar com gente normal andando normalmente com a ajuda de dois pés num mundo normal.

— Estação Shinjuku, saída Oeste — eu disse.

As ruas que levavam a Shinjuku estavam congestionadas, provavelmente porque o dia chegava ao fim. De um determinado ponto em diante, os carros pareciam ter lançado âncora e mover-se alguns centímetros de cada vez, empurrados por ondas. Pensei algum tempo na velocidade da Terra girando sobre o próprio eixo. A quantos quilômetros por hora estaria se movendo a superfície desta rua no espaço sideral? Fiz alguns cálculos mentais e cheguei a um número aproximado, mas não consegui saber se correspondia a uma velocidade maior ou menor que a de uma xícara giratória num parque de diversões. Há no mundo muita coisa que não sabemos. Apenas achamos que sabemos. Se um extraterrestre viesse a mim e me perguntasse: “Escute aqui, amigo: a quantos quilômetros por hora gira a linha do Equador?”, eu me atrapalharia inteiro para responder. Aliás, não saberia lhe explicar sequer por que as quartas-feiras se seguem às terças-feiras. E então, ele riria de mim? Eu li *Os irmãos Karamazov* e *O Don silencioso* três vezes cada um. E li também uma vez *A ideologia alemã*. Sei também de cor o valor do π até a décima sexta casa depois da decimal. Será que ainda assim ele riria de mim? Provavelmente. Morreria de rir.

— Quer ouvir música, senhor? — perguntou o motorista.

— Boa ideia — respondi.

De modo que uma balada de Chopin encheu o interior do carro. Ambiente de antessala de bufê, em dia de festa de casamento.

— Escute — disse ao motorista. — Você conhece o valor do π ?

— Aquele que começa: 3,14 etc. etc.?

— Esse mesmo. Quantas casas depois da decimal você sabe de cor?

— Trinta e duas casas — disse o motorista de maneira informal. — Mais que isso fica um pouco difícil para mim.

— Trinta e duas?

— Sim. Existe um pequeno truque de memorização, sabe? Por que, senhor?

— Nada, nada — eu disse um pouco abatido. — Não tem a mínima importância.

Depois disso, ouvimos Chopin por algum tempo e o carro avançou cerca de 10 metros. Os motoristas dos carros ao redor e os passageiros dos ônibus próximos olhavam com evidente curiosidade a fantasmagórica banheira em que viajávamos. Ser objeto dessa atenção cheia de animosidade não era nada agradável, mesmo sabendo que os vidros especiais do carro me resguardavam.

— Que congestionamento! — comentei.

— É verdade — respondeu o motorista. — Mas, do mesmo jeito que não existe noite que nunca acabe, não há congestionamento que não chegue ao fim.

— Também isso é verdade — eu disse. — Mas você deve ficar nervoso, vez por outra.

— Claro. Eu me irrita e me aborreço. E quando estou com pressa, então, não consigo evitar. Mas procuro sempre pensar que tudo isso faz parte das provações que nos são atribuídas. Irritar-se corresponde a uma confissão de derrota.

— Estarei errado, ou o que acabo de ouvir é realmente a interpretação religiosa de um congestionamento de tráfego?

— Sou cristão. Não costumo frequentar a igreja, mas sou cristão.

— Humm... — gemi. — E não é contraditório ser ao mesmo tempo cristão e motorista de um figurão da direita?

— O Chefe é uma pessoa digna de respeito. Depois de Deus, ele é sem dúvida a pessoa mais respeitável dentre todas que encontrei até hoje.

— E acaso já se encontrou com Deus?

— Claro! Falo com ele todas as noites por telefone.

— Mas... — comecei eu, depois parei. Minha mente estava começando a ficar confusa outra vez. — Mas, se todo mundo começasse a ligar para Deus, as linhas telefônicas se congestionariam e o seu número daria sempre ocupado, não acha? Como por exemplo o número do Auxílio à Lista logo depois do almoço...

— Quanto a isso, não tem por que se preocupar. Deus é uma entidade onipresente. Mesmo que cem milhões de pessoas liguem para ele ao mesmo tempo, Deus falará com todas elas.

— É verdade que não sou entendido no assunto, mas será que essa é uma explicação ortodoxa? Quero dizer, do ponto de vista teológico?

— É que sou radical, sabe? É por isso que não me dou muito bem com a Igreja.

— Não me diga... — murmurei.

O carro avançou cerca de cinquenta metros. Pus um cigarro na boca e, no momento de acendê-lo, percebi que ainda tinha o isqueiro na mão. Eu acabara trazendo, sem perceber, o isqueiro Dupont com o brasão do carneiro que o secretário me havia passado. O objeto de prata se aninhava tão naturalmente na palma da minha mão que parecia ter estado ali desde o dia do meu nascimento. Ele era perfeito, tanto na forma como no peso. Pensei alguns instantes e resolvi ficar com ele. Ninguém naquela mansão haveria de se incomodar só porque um isqueiro desaparecera. Abri e fechei a tampa duas ou três vezes, acendi o cigarro e guardei o isqueiro no bolso. Em troca, joguei meu isqueiro Bic descartável no porta-objetos da porta.

— Foi o Chefe quem me deu alguns anos atrás — disse de repente o motorista.

— Deu o quê?

— O número do telefone de Deus.

Suspirei baixinho, de modo quase inaudível. Quem estava louco: eu ou eles?

— Deu em segredo, só para você? — perguntei.

— Exato. Ele o revelou só para mim, em segredo. Ele é admirável. Quer conhecê-lo também?

— Se possível — eu disse.

— Aí vai: Tóquio, 945...

— Espere um pouco — pedi. Peguei minha caderneta e uma esferográfica e anotei o número. — Tem certeza de que podia ter me revelado esse número?

— Podia, sim, não se preocupe. Não costumo dá-lo para qualquer um, naturalmente, mas o senhor me parece um sujeito bom e decente.

— Obrigado — eu disse. — Mas diga-me: que devo conversar com Deus? Pensando bem, nem sou cristão.

— Isso não é nenhum problema. O senhor deve falar sinceramente sobre o que pensa e sobre as preocupações que o atormentam. Pode lhe falar de tudo, mesmo sobre as coisas mais corriqueiras. Deus nunca vai se aborrecer ou fazer pouco do senhor.

— Ótimo. Vou ligar para ele.

— Faz muito bem — disse o motorista.

O carro começou a desenvolver maior velocidade. À nossa frente, os prédios da área de Shinjuku começaram a surgir. E não conversamos mais até chegar lá.

Fim de verão e começo de outono

A cidade já se envolvia num crepúsculo violáceo quando o carro chegou ao destino. Uma brisa macia, típica de fim de verão, soprava entre os prédios e agitava as saias das mulheres que voltavam do trabalho para casa. Na calçada, os saltos altos dos seus sapatos ressoavam compassadamente.

Subi ao último andar de um gigantesco edifício onde funcionava um hotel, entrei no espaçoso bar e pedi uma cerveja Heineken. Até que a trouxessem, passaram-se dez minutos. Enquanto esperava, fechei os olhos e apoiei o rosto na mão, cotovelo fincado no braço da poltrona, e fiquei ouvindo uma centena de anões varrendo o meu cérebro com suas vassourinhas. O trabalho deles nunca acabava porque ninguém se lembrava de usar uma pá.

Quando a cerveja chegou, tomei-a em dois longos sorvos. Em seguida, comi todos os amendoins que me foram servidos num pratinho. Só então os anõezinhos pararam de varrer. Entrei numa cabine telefônica ao lado do caixa e liguei para a minha amiga das orelhas maravilhosas. Não a achei em sua casa, nem na minha. Saíra para jantar, com certeza. Ela nunca fazia as refeições em casa.

Resolvi então ligar para minha ex-mulher, mas no segundo toque mudei de ideia e desliguei. Pensando bem, não tinha nada a lhe dizer mesmo. Ademais, não queria que ela me achasse um sujeito sem consideração.

Além delas, não tinha mais ninguém a quem eu pudesse telefonar. Numa cidade com um milhão de pessoas perambulando pelas ruas eu só tinha duas a quem ligar. Pior: dessas, uma era a minha ex-mulher. Conformei-me, tornei a guardar no bolso a moeda de dez centavos e saí da cabine. Em seguida, pedi mais duas Heineken a uma garçonete que passava por ali.

E assim mais um dia terminava. Tinha sido, ao que me parecia, o dia mais desprovido de sentido de todos que eu já vivera. O último dia do verão devia ter um sabor especial. Mas o precioso dia se fora enquanto me arremessavam de um lado para outro e me malhavam sem dó. Do outro lado da janela se estendia uma vasta escuridão fria, que prenunciava o outono. Sobre a terra, fileiras de pequenos pontos de luz amarelados se estendiam sem fim. Vistos de cima, pareciam estar à espera de que alguém os pisasse e esmagasse.

As cervejas chegaram. Esvaziei a primeira e, em seguida, despejei os amendoins dos dois pratos na minha mão e os comi um a um. Na mesa ao lado, quatro mulheres de meia-idade saídas de uma aula de natação conversavam alto e bebiam coquetéis tropicais de várias cores. O garçom permanecia ereto e imóvel, mexendo apenas a cabeça para um dos lados quando bocejava. Outro garçom explicava o menu para um casal americano de meia-idade. Comi todos os amendoins e esgotei a terceira cerveja daquele dia. Depois, não me restou mais nada para fazer.

Puxei o envelope do bolso da calça do meu jeans Levi's, rompi o lacre e contei as notas de dez mil ienes de cada bloco. Não pareciam notas, mas cartas de baralho enfiadas com tiras de papel. A meio caminho, as mãos começaram a me arder. Quando contava o nonagésimo sexto, um garçom mais idoso aproximou-se, retirou as garrafas vazias e me perguntou se eu queria mais uma cerveja. Balancei a cabeça afirmativamente, sem parar de contar. O garçom não pareceu nada impressionado pelo fato de eu estar contando tantas notas de dez mil ienes.

Quando terminei de contar as cento e cinquenta cédulas, guardei-as de novo no envelope e, no momento em que as metia no bolso do meu jeans, trouxeram uma nova garrafa de cerveja. Devorei mais um pratinho de amendoins. E, quando acabei, perguntei-me como conseguira comer tantos. Havia uma única resposta: eu estava com fome. Pensando bem, eu só tinha comido uma fatia de bolo de frutas pela manhã.

Chamei o garçom e pedi-lhe que me mostrasse o menu. Não serviam omeletes, só sanduíches. Pedi de queijo e pepino. Perguntei qual era o acompanhamento e fui informado: batatinhas fritas e pickles. Mande suspender as batatinhas e pedi em troca porção dupla de pickles. Aproveitando, perguntei se não tinham um cortador de unhas. Tinham, é claro. É impressionante a variedade das coisas existentes em bares de hotel. Certa vez, chegaram a me emprestar um dicionário francês-japonês num deles.

Com toda a calma do mundo, bebi a cerveja, contemplei a paisagem noturna, cortei as unhas sobre o cinzeiro, tornei a contemplar a paisagem noturna e lixei as unhas. E desse jeito a noite foi passando. Estou alcançando o grau de especialista na arte de matar o tempo em áreas urbanas.

De um alto-falante embutido no teto do bar veio o meu nome. No começo, não o reconheci. Só alguns segundos depois de anunciado é que ele

aos poucos começou a se revestir com as suas características, para afinal transformar-se dentro do meu cérebro em meu próprio nome.

Ergui a mão sinalizando minha localização. Um garçom trouxe então um telefone transistorizado sem fio à minha mesa.

— O plano sofreu alterações — disse uma voz conhecida ao aparelho. — O estado do Chefe agravou-se repentinamente. Não nos resta mais muito tempo, de modo que seu prazo será reduzido.

— Para quanto?

— Para um mês. Não posso esperar mais. Se não encontrar o carneiro dentro de um mês, você estará liquidado. Não lhe restará mais nenhum porto onde atracar.

Um mês. Remoí a ideia. Mas a noção de tempo estava irremediavelmente perdida em minha mente. Parecia-me que tanto fazia um mês como dois. Para começo de conversa, não tinha parâmetros para calcular o tempo médio para se encontrar um carneiro.

De modo que experimentei dizer:

— Como foi que me achou aqui?

— Temos meios para saber a maioria das coisas — respondeu o homem.

— Exceto a localização de um carneiro — espicacei.

— É como você diz — replicou. — Seja como for, mexa-se. Você está desperdiçando seu tempo. Aconselho-o a pensar na situação em que se encontra. Sobretudo porque você é o único responsável por isso.

Ele tinha toda a razão. Extraí a primeira nota de dez mil ienes do envelope, paguei a conta do bar, tomei o elevador e desci ao térreo. Na rua, pessoas normais continuavam a andar normalmente com a ajuda de duas pernas, mas vê-las não me trouxe sensível alívio.

Ao voltar ao meu apartamento, encontrei na caixa de correio o jornal e três cartas. A primeira vinha do meu banco e era o extrato da minha conta corrente, a segunda, convite para uma festa que me pareceu monótona sob todos os aspectos, e a terceira, mala-direta de um revendedor de carros usados. Esta última dava a entender que a vida se torna um pouco melhor quando você compra um carro uma categoria acima desse que você possui no momento. Bando de metidos. Juntei as três cartas, rasguei-as ao meio e joguei tudo no lixo.

Tirei um suco da geladeira, despejei-o num copo, sentei-me à mesa da cozinha e o bebi. Sobre a mesa, havia um bilhete da minha garota. Dizia: “Saí para jantar, volto às 21h30.” O relógio digital sobre a mesa indicava que eram agora exatamente 21h30. Contemplei-o por algum tempo e os números mudaram para 31, e depois para 32.

Aborreci-me de contemplar o relógio, despi-me, entrei no chuveiro e lavei a cabeça. Havia quatro xampus e três condicionadores de marcas diferentes no banheiro. Tudo porque ela tinha o hábito de trazer bugigangas novas cada vez que ia ao supermercado. A cada banho eu notava o acréscimo de algum artigo de toalete. Contei-os e descobri que havia agora quatro cremes de barbear e cinco dentifrícios de tipos diferentes. O número de permutas possíveis era considerável. Saí do banheiro, vesti um short e uma camiseta. Só então me senti revigorado: a vaga sensação de sujeira e mal-estar que me envolvia se desfez.

Às 22h20 ela retornou carregando um saco de supermercado. Ela sempre faz compras no meio da noite. Dentro do saco havia três escovas de limpeza, uma caixa de cliques e uma embalagem com seis latinhas de cerveja supergeladas. E, assim, vi-me uma vez mais bebendo cervejas.

— Era a respeito de um carneiro — expliquei.

— Não lhe disse?

Tiramos uma lata de salsichas da geladeira, esquentamos numa frigideira e comemos. Três para mim, duas para ela. Uma brisa noturna refrescante entrou

pela janela da cozinha.

Contei-lhe os acontecimentos do escritório, falei do carro, da mansão, do estranho secretário, da bolha de sangue, do carneiro robusto com a marca da estrela nas costas. O relato era longo e, quando terminei, o relógio indicava onze horas.

— E isso é tudo — disse-lhe.

Ela não me pareceu nem um pouco surpresa quando terminei. Continuara limpando os ouvidos e bocejando diversas vezes mesmo enquanto eu falava.

— E quando você parte?

— Partir?

— Você vai em busca do carneiro, não vai?

Com o dedo no anel da segunda lata de cerveja, ergui o rosto e olhei para ela.

— Não vou a lugar algum — repliquei.

— Mas vai se meter em apuros se não for, não vai?

— Não vejo como. Eu já estava querendo desfazer a sociedade mesmo, e trabalho que me renda o suficiente para comer arranjo em qualquer lugar, por mais que tentem me impedir. Ademais, não acredito que cheguem a me matar.

Ela apanhou um novo cotonete da caixa e o manuseou por algum tempo.

— Mas o trabalho me parece tão simples! Em suma, é só encontrar um carneiro, não é? Pode até ser divertido.

— Missão impossível. Hokkaido é uma região muito mais ampla do que você pensa, e o número de carneiros deve chegar a algumas centenas de milhares. De que jeito vou achar um único carneiro no meio deles? Impossível, estou dizendo, mesmo que o referido carneiro tenha realmente uma marca em forma de estrela nas costas.

— Cinco mil cabeças.

— Cinco mil cabeças?

— Estou falando do número de carneiros existentes em Hokkaido. Em 1947 havia duzentos e setenta mil. Hoje, são apenas cinco mil.

— Como sabe?

— Pesquisei na biblioteca depois que você saiu.

Suspirei.

— Existe alguma coisa que você não saiba?

— Não vamos exagerar. Eu não sei muito mais do que sei.

— Não me diga! — resmunguei. Abri então a segunda latinha e despejei metade da cerveja no copo dela, metade no meu.

— Seja como for, hoje só existem cinco mil carneiros em toda a Hokkaido de acordo com os dados estatísticos do governo federal. E então? Está se sentindo um pouco melhor?

— Tão mal quanto antes — respondi. — Cinco ou duzentos e setenta mil, não faz grande diferença. O x do problema está em achar um único carneiro num território vasto. Além disso, não disponho de uma única pista.

— Não é verdade. Em primeiro lugar, existe a foto. E depois o seu amigo. Uma das pistas há de levá-lo ao carneiro.

— Duas pistas bastante vagas, convenhamos. A paisagem da foto é das mais comuns naquela área, e, quanto ao Rato, não consegui nem saber de onde me mandou a carta, porque o carimbo postal estava ilegível.

Ela tomou um gole da cerveja. Eu a imitei.

— Não gosta de carneiros? — perguntou.

— Gosto — respondi com simplicidade.

Minha mente estava ficando confusa de novo.

— Mas já resolvi que não vou — acrescentei, mais para me convencer, mas sem muito resultado.

— Quer um pouco de café?

— Quero — respondi.

Ela retirou as latas vazias e os copos sujos da mesa e levou uma chaleira ao fogo. Enquanto esperava a água ferver, foi para a sala ao lado e ficou ouvindo algumas fitas no gravador. Johnny Rivers cantava duas canções seguidas, “Midnight Special” e “Roll Over Beethoven”. Depois, veio “Secret Agent Man”. A água ferveu, e ela cantou então “Johnny B. Goode” acompanhando a fita enquanto coava o café. E durante todo o tempo eu li o jornal. Um tranquilo cenário doméstico. Eu até poderia estar me sentindo muito feliz, não fosse pelo carneiro.

Continuamos a tomar o café e a roer algumas bolachas finas em silêncio até ouvir o estalido indicando que o gravador se desligara. Eu continuei a ler o jornal. Quando enfim já não tinha mais o que ler, reli as mesmas notícias. Um golpe de Estado acontecera em algum lugar, um ator cinematográfico morrera, um gato era capaz de executar números circenses, mas nenhum desses acontecimentos tinha algo a ver comigo. E durante todo o tempo Johnny

Rivers cantou rock 'n' roll antigo. Quando a fita chegou ao fim, dobrei o jornal e olhei para ela.

— Ainda não sei direito o que fazer. Mesmo que a busca resulte em nada, pode ser que seja melhor procurar o carneiro em vez de ficar parado. Mas por outro lado não me agrada receber ordens, ser chantageado ou massacrado por essa gente.

— Mas na vida todos nós recebemos ordens, somos ameaçados e massacrados em maior ou menor grau, não é verdade? Existe gente que, além de tudo, não tem sequer alguma coisa para procurar, sabia?

— Talvez seja verdade — eu disse depois de algum tempo.

Ela continuava a limpar os ouvidos. Vez por outra, um lóbulo macio espiava por entre as mechas dos seus cabelos.

— Hokkaido é maravilhosa nesta época do ano. Quase não há turistas, o tempo é bom, até os carneiros passam os dias ao ar livre. A estação é favorável.

— Deve ser.

— Se... — começou ela mordiscando a última bolacha — se você puder me levar junto, sinto que vou ajudá-lo.

— Por que faz tanta questão de procurar o carneiro?

— Porque também quero ver esse animal.

— Talvez seja um carneiro comum, igual aos outros, e todo o trabalho dê em nada. Além disso, você também vai acabar se envolvendo na confusão.

— Não faz mal. Suas confusões são também minhas, em certo sentido — disse ela, sorrindo de leve. — Gosto muito de você.

— Obrigado — murmurei.

— Só?

Dobrei o jornal e empurrei-o para um canto da mesa. A brisa suave que entrava pela janela carregou a fumaça do cigarro.

— Para ser franco, esta história me desagradou, não sei por quê. Tem alguma coisa estranha nela.

— Em quais pontos?

— Do começo ao fim. De um modo geral ela é estupidamente inverossímil, mas coerente nos pequenos detalhes, os quais no fim se ajustam perfeitamente. E isso me faz sentir mal.

Ela nada comentou, apenas rodando um elástico entre os dedos.

— E depois, o que vai acontecer quando eu achar o carneiro? Se ele é, conforme disse o homem, um animal especial, talvez me veja em apuros muito

mais sérios que os atuais a partir do momento em que o encontrar.

— Mas esse seu amigo já não estará neste exato instante envolvido nesses apuros mais sérios? Do contrário, por que haveria ele de lhe mandar a misteriosa foto?

Ela tinha razão. Eu tinha aberto minhas cartas na mesa, e todas sem exceção perderam para as do meu adversário. Pelo jeito, todo o mundo já conhecia a minha mão.

— Parece-me que não tenho outra saída senão ir a Hokkaido.

Ela sorriu.

— Pode ser que seja a melhor solução também para você. Sinto que encontraremos o carneiro.

Terminou de limpar os ouvidos, enrolou o feixe de cotonetes usados num lenço de papel e os jogou no lixo. Pegou em seguida o elástico e prendeu os cabelos em rabo na nuca, expondo as orelhas. Senti que o ar do aposento se renovava.

— Vamos para a cama — disse ela.

O piquenique da tarde de domingo

Quando acordei, eram nove da manhã. Ela já não estava ao meu lado. Saíra provavelmente para comer algo e, aproveitando, fora direto para a sua casa. Não havia nenhum recado. No banheiro, encontrei seu lenço e suas roupas de baixo secando.

Peguei um suco de laranja da geladeira, bebi e torrei fatias de pão de três dias atrás. Tinham gosto de argamassa. Da janela da cozinha, avistei as espirradeiras do quintal do vizinho. Alguém treinava escalas ao piano num lugar distante. Tocava como se descesse uma escada rolante que sobe. Três pombos rechonchudos pousados num poste arrulhavam sem parar, sem nenhum sentido. Isto é, talvez seus arrulhos fizessem sentido para eles. Quem sabe o calo no pé doesse, e por isso arrulhassem sem parar. Visto pelo lado deles, eu é que podia não fazer sentido.

Quando terminei de empurrar as duas fatias de pão torrado para o fundo da garganta, os pombos já tinham desaparecido, restando apenas o poste e as espirradeiras. De qualquer modo, era manhã de domingo. O jornal estampava a foto colorida de um cavalo saltando uma cerca viva. Montava-o um jóquei pálido usando boné preto. O jóquei fixava um olhar desagradável na página ao lado, onde havia uma interminável descrição de técnicas de cultivo de orquídeas. Centenas eram as espécies de orquídeas, cada qual com sua história. Certo rei de certo país perdera a vida por causa de uma orquídea. Há uma aura de fatalidade nas orquídeas, informava o texto. Todas as coisas no mundo têm seu lado filosófico e fatal.

Seja como for, eu estava me sentindo muito bem porque decidira sair em busca do carneiro. Percebia impulsos vitais chegando-me até a ponta dos dedos. Era a primeira vez que me sentia tão bem desde o dia em que eu cruzara a barreira dos vinte anos. Lancei os pratos sujos na pia, dei comida ao gato e liguei para o homem do terno preto. Ele atendeu depois do sexto toque.

— Espero não tê-lo acordado — eu disse.

— Não se preocupe, sou madrugador — respondeu. — E então?

— Quais jornais você costuma ler?

— Todos os de distribuição nacional e oito regionais, embora os últimos só me cheguem às mãos no fim da tarde.

— E lê todos?

— Faz parte do meu serviço — disse o homem estoicamente. — E então?

— Lê também as edições de domingo?

— Leio — respondeu.

— Viu a foto do cavalo no jornal desta manhã?

— Sim, vi a foto do cavalo — replicou o homem.

— Não lhe parece que cavalo e cavaleiro pensavam em coisas totalmente diferentes?

Através do receptor, o silêncio invadiu a sala como claridade em noite de lua nova. Não consegui ouvir sequer a sua respiração. Silêncio total, de fazer as orelhas arderem.

— Foi para falar disso que me ligou? — perguntou ele afinal.

— Só estou tentando levar um papo com você. Afinal, temos de ter um assunto que seja de agrado mútuo, você e eu.

— Afora esse, existem outros assuntos de interesse para nós dois. Por exemplo, o do carneiro. — Um breve pigarro. — Acontece que, infelizmente, não disponho de tanto tempo quanto você. Não quer me dizer em poucas palavras por que me ligou?

— Pois aí está o x da questão — repliquei. — Se fosse para falar em poucas palavras, eu diria que decidi sair amanhã em busca do carneiro. Hesitei um bocado e, enfim, resolvi. Mas, já que fui forçado a isso, quero ao menos fazer as coisas do meu jeito. Por exemplo, se for para falarmos, quero falar do jeito que gosto. Eu também tenho o direito de conversar sobre amenidades sociais. Não quero ninguém vigiando meus passos, nem pessoas cujos nomes desconheço me empurrando de um lado para outro. Esse é o x da questão.

— Acho que você não compreendeu a situação em que se encontra.

— Pois acho que você também não compreendeu a situação em que me encontro. Preste atenção: eu pensei a noite inteira. E então percebi. Sabe o quê? Que não tenho quase nada a perder. Já estou separado da minha mulher e, quanto ao meu trabalho, decidi abandoná-lo a partir de hoje. O apartamento é alugado, os móveis são todos baratos. Minhas posses se resumem a dois milhões de ienes num banco, um carro meio usado e um gato velho. Minhas roupas estão todas fora de moda, e os discos mais parecem raridades, de tão antigos. Não tenho fama nem posição social, tampouco sex appeal. Não tenho

talento, nem juventude. Vivo dizendo bobagens das quais me arrependo mais tarde. Fazendo uso de suas próprias palavras, sou medíocre. Que tenho eu a perder, diga-me? Se lhe ocorre alguma coisa, fale.

Houve um silêncio momentâneo. Enquanto isso, tirei alguns fiapos enroscados no botão da minha camisa e desenhei treze estrelas com caneta esferográfica num bloco de recados.

— Todo mundo tem uma ou duas coisas que não deseja perder. Isso vale também para você — disse o homem. — E nós somos profissionais em matéria de descobrir as referidas coisas. Em todo ser humano existe um ponto sensível, que se situa entre o desejo e o orgulho, isso é infalível. Do mesmo jeito que todos os seres têm um centro de gravidade. E nós somos capazes de descobri-lo. Você ainda há de compreender. E só depois de perdê-lo perceberá que o possuía. — Ligeira pausa. — Mas vamos deixar este problema de lado, porque ele só vai surgir bem mais tarde. A essa altura, vou apenas afirmar que até compreendo o teor do seu discurso. E resolvi levar em conta as suas reivindicações. Não vou mais intervir indevidamente. Faça do jeito que lhe agradar. Durante *um mês*. Está bem assim?

— Está — concordei.

— Até mais — disse o homem.

E então desligou. Um jeito desagradável de desligar. Fiz trinta flexões e vinte abdominais para apagar o mal-estar e, depois, lavei os pratos e a roupa suja de três dias. Só então recuperei o ânimo. Um agradável domingo de setembro. O verão tinha se ido e parecia agora um acontecimento antigo, difícil de ser lembrado.

Vesti uma camisa limpa, escolhi, dentre os dois jeans Levi's que eu possuía, aquele sem mancha de ketchup, calcei meias da mesma cor, escovei os cabelos. Mesmo assim, não voltei a sentir a agradável sensação do domingo dos meus dezessete anos. É claro. Digam o que disserem, eu vinha envelhecendo.

Depois, tirei do estacionamento do prédio o meu Volkswagen em estado pré-sucata e fui ao supermercado. Comprei uma dúzia de latas de ração para o gato, areia para o banheiro dele, um estojo de barbear para viagem e roupas de baixo. Sentei-me em seguida ao balcão do *donuts shop*, tomei um café quase sem gosto e comi uma rosquinha de canela. A parede de trás do balcão era toda espelhada e nela me vi mordendo a rosquinha. Ainda segurando o doce meio comido na mão, contemplei meu rosto por alguns instantes. De que jeito um

estranho me vê?, pensei. Não havia como saber, é claro. Acabei de comer o resto da rosca, esvaziei a xícara de café e saí da loja.

Havia uma agência de turismo diante da estação e ali reservei dois lugares no voo da manhã seguinte para Sapporo. Depois, entrei no prédio da estação e comprei uma sacola de viagem, de lona, dessas de levar no ombro, e um chapéu de chuva. A cada compra, eu tirava do envelope uma nota de dez mil ienes estalando de nova, mas, por mais que gastasse, o bolo não queria diminuir. Eu era a única coisa que parecia estar pouco a pouco se desgastando. Estranha espécie de dinheiro. Produz irritação só de tê-lo, angústia a cada gasto e autodesprezo quando acaba. E quanto mais aumenta o autodesprezo, maior se torna a vontade de gastar. Mas então já não há mais dinheiro. Nem salvação.

Sentado num banco diante da estação, fumei dois cigarros e desisti de pensar no dinheiro. A praça fervilhava com as famílias e os casais de namorados de todos os domingos. Enquanto contemplava a cena distraidamente, lembrei-me de súbito de minha mulher e do que ela me dissera no momento em que nos separávamos: talvez devêssemos ter tido filhos. Eu já tinha idade para ser pai algumas vezes, sem dúvida. Mas pensar em mim como pai me deprimiu. Achei que, se eu fosse criança, não gostaria de me ter como pai.

Fumei mais um cigarro, ainda sobraçando os dois pacotes de supermercado. E depois deixei a multidão para trás e me dirigi ao estacionamento do supermercado, onde havia deixado meu carro; joguei os dois pacotes no banco traseiro. E, enquanto enchiam o tanque dele e trocavam o óleo dele num posto de gasolina, fui a uma livraria próxima e comprei três livros. Assim se foram mais duas notas novas de dez mil ienes, restando no bolso um bolo de trocados amarfanhados. De volta ao apartamento, meti-os numa jarra de vidro na cozinha e lavei o rosto com água fria. Parecia-me que muito tempo já se havia passado desde o momento em que acordara naquela manhã, mas ao olhar para o relógio vi que era apenas meio-dia.

Minha namorada retornou às três da tarde. Vestia blusa xadrez mostarda e calças de algodão, usava óculos de lentes tão escuras que eu ficava com dor de cabeça só de vê-las e trazia a tiracolo uma sacola grande de lona parecida com a minha.

— Fui arrumar as coisas para a viagem — disse ela, batendo com a palma da mão na sacola estufada. — Vai ser longa, não vai?

— É provável.

Sem tirar os óculos, ela se deitou num sofá velho ao lado da janela e fumou um cigarro mentolado contemplando o teto. Com um cinzeiro na mão, sentei-me ao seu lado e acariciei-lhe os cabelos. O gato se aproximou, saltou sobre o sofá e descansou o queixo e as patas dianteiras no tornozelo dela. Quando se fartou de fumar, ela empurrou o cigarro meio fumado entre meus lábios e bocejou.

— Contente com a oportunidade de viajar? — perguntei.

— Muito. Principalmente porque vou com você.

— Mas lembre-se de que, se não conseguirmos achar o carneiro, não teremos nenhum lugar para retornar. Nossa vida talvez se transforme numa viagem contínua.

— Como a do seu amigo?

— Pode ser. Somos muito parecidos, em certo sentido. A diferença é que ele partiu por vontade própria, enquanto eu estou sendo expulso.

Amassei o cigarro no cinzeiro. O gato ergueu a cabeça, abriu a boca num grande bocejo e depois voltou à posição anterior.

— Já acabou de fazer as malas? — perguntou ela.

— Vou começar agora. Não pretendo levar muita coisa. Algumas mudas de roupa e artigos de toalete. E você, para que carrega uma mala tão grande? Compraremos as coisas que faltarem quando chegarmos lá. Dinheiro é o que não me falta.

— Mas eu gosto — disse ela, rindo baixinho. — Só me sinto viajando quando carrego uma bagagem bem grande.

— É mesmo?

Um grito agudo de pássaro entrou pela janela escancarada. Um grito que eu nunca tinha ouvido. Um novo pássaro para uma nova estação. Aparei um raio de sol na palma da mão e o deposei mansamente na face dela. E na mesma posição permaneci por longo tempo. Acompanhei distraidamente um floco de nuvem mover-se de um canto a outro da janela.

— Que foi? — perguntou ela.

— Sei que não estou sendo coerente, mas não consigo sentir que agora é agora. Nem que eu sou eu. Ou que aqui é aqui. Eu vivo me sentindo assim. E só bem mais tarde as coisas se ligam. Foi sempre assim nestes últimos dez anos.

— Por que dez anos?

— Apenas por uma questão de limite. Só por isso.

Ela riu, ergueu o gato nos braços com cuidado e o depositou no chão.

— Me abrace.

Nós nos abraçamos no sofá. Quando aproximei o rosto do forro do móvel comprado numa loja de objetos usados, senti o cheiro de uma época antiga. Seu corpo macio combinava com o cheiro. Suave, aconchegante, como velhas e vagas recordações. Com os dedos, afastei cuidadosamente os seus cabelos e beijei-lhe a orelha. O mundo estremeceu de leve. Um mundo pequeno, bem pequeno. Nele, o tempo corria como uma suave brisa.

Desabotoei sua blusa de alto a baixo, envolvi seus seios com as mãos em concha e contemplei-lhe o corpo.

— Parece vivo, não parece?

— Fala do seu corpo?

— A-hã. Do meu corpo e de mim mesma.

— Parecem — concordei. — Parecem vivos, realmente.

Que tranquilidade, pensei. Já não havia nenhum ruído ao redor de nós. Todo mundo, excetuando nós dois, tinha saído para festejar o primeiro domingo do outono.

— Gosto muito desta sensação, sabe? — sussurrou ela.

— A-hã.

— Eu me sinto num piquenique. É muito gostoso.

— Piquenique?

— Isso mesmo.

Passei os braços em torno dela e a abracei com firmeza. Com os lábios, afastei os cabelos da frente do seu rosto e beijei-lhe outra vez a orelha.

— Os dez anos custaram a passar? — perguntou ela baixinho, junto ao meu ouvido.

— A-hã — eu disse. — Tenho a impressão de que custaram muito a passar. Custaram muito, mas nem por isso consegui terminar o que quer que seja.

Ela torceu de leve o pescoço que descansava sobre o braço do sofá e sorriu. Eu já tinha visto aquele sorriso em algum lugar, mas não conseguia me lembrar onde ou em quem. Há uma semelhança espantosa em garotas despidas, e isso sempre me deixa confuso.

— Vamos procurar o carneiro — disse ela com os olhos cerrados. — Tudo passará a dar certo quando o encontrarmos.

Fiquei olhando para seu rosto por alguns instantes e, depois, para suas orelhas. A luz suave do entardecer tinha envolvido seu corpo com delicadeza, como num antigo quadro de natureza-morta.

A respeito do raciocínio limitado e persistente

Às seis da noite, ela já tinha se vestido e penteava os cabelos diante do espelho do banheiro. Borrifou-se com colônia em spray e escovou os dentes. Enquanto isso, sentado no sofá, eu lia *As aventuras de Sherlock Holmes*. A história começava com o seguinte parágrafo: “Meu amigo Watson tem o raciocínio limitado a estreitas fronteiras, mas é incrivelmente persistente.”

— Não me espere esta noite, porque vou chegar bem tarde — disse-me ela.

— Vai trabalhar?

— Vou. Na verdade, esta seria minha noite de folga, mas ela foi cancelada, porque vou entrar de férias a partir de amanhã. Não posso reclamar.

Momentos depois que ela saiu, a porta tornou a se abrir.

— Me diga uma coisa: quem é que vai cuidar do gato enquanto estivermos viajando? — perguntou.

— Não é que eu tinha me esquecido dele? Pode deixar, vou procurar uma solução.

A porta fechou-se de novo.

Peguei leite e *sticks* de queijo da geladeira e os dei ao gato. Ele comeu o queijo com muita dificuldade. Seus dentes estavam muito fracos.

Como não havia mais nada que eu pudesse comer na geladeira, conformei-me em beber uma cerveja enquanto assistia ao noticiário da televisão. Um domingo sem notícias importantes. Em tardes assim, mostram quase sempre cenas de zoológico. Depois de ver a quota habitual de girafas, elefantes e pandas, desliguei a televisão, apanhei o telefone e disquei.

— É a respeito do meu gato — eu disse ao homem.

— Gato?

— Tenho um gato de estimação.

— E...?

— Alguém tem de cuidar dele, ou então não poderei viajar.

— Hotéis para animais de estimação é o que não deve faltar nas suas redondezas.

— Ele está velho e debilitado. Se o prendem um mês inteiro numa gaiola, morre, com certeza.

Pelo aparelho, veio nítido o som de uma unha batendo na mesa.

— E...?

— Quero que vocês cuidem dele. A mansão tem um jardim espaçoso e pode muito bem abrigar um único gato.

— Impossível. O Chefe detesta gatos. Além do mais, tentamos atrair pássaros selvagens ao jardim. Um gato aqui espantaria todos eles.

— Mas seu Chefe está em coma, e o meu gato não está em condições de sequer pensar em pegar passarinhos.

A unha bateu no tampo da mesa mais algumas vezes e depois parou.

— Está bem. Mandarei o motorista apanhar o gato amanhã, às dez da manhã.

— Mando junto areia e ração. Outra coisa: ele só come uma marca de ração. Se ela acabar, mande comprar da mesma.

— Instrua diretamente o motorista quanto a esses pequenos detalhes. Acho que já lhe disse antes e torno a repetir: sou um homem bastante ocupado.

— Prefiro tratar apenas com uma única pessoa. Também por uma questão de atribuição de responsabilidades.

— Responsabilidades?

— Estou querendo dizer que, mesmo que eu venha a descobrir o carneiro, não lhe reportarei nada se o gato morrer ou desaparecer na minha ausência.

— Humm... — rosnou o homem. — Está bem, concordo... Embora eu ache que você extrapola de vez em quando, está se conduzindo muito bem para um amador. Fale devagar, vou fazer anotações.

— Não lhe dê carne gordurosa, porque ele vomita tudo. Nem alimentos muito duros, porque tem os dentes fracos. De manhã, ele toma leite e come ração enlatada. À tarde, um punhado de peixinhos secos, carne ou cubinhos de queijo. Peça que troquem a areia do banheiro todos os dias. Ele detesta sujeira. Costuma ter diarreia, mas, se não melhorar em dois dias, mande alguém ao veterinário para pegar o remédio.

Acabei de falar e prestei atenção ao ruído da esferográfica correndo sobre o papel.

— Algo mais? — perguntou.

— Suas orelhas estão começando a infeccionar por causa dos ácaros. É preciso limpá-las uma vez por dia com um cotonete embebido em azeite. Ele

não gosta e se debate, de modo que é preciso muito cuidado para não romper o tímpano. E, se você receia que ele afie as unhas em seus móveis, apare-as uma vez por semana. Use um cortador de unhas comum. Acho que não tem pulgas, mas por via das dúvidas é melhor dar-lhe um banho com xampu pulgicida de vez em quando. Você encontra o xampu em pet shops. Depois do banho, enxugue-o bem com uma toalha, escove-o e, por último, seque-o definitivamente com um secador de cabelos. Caso contrário, ele é capaz de resfriar-se.

Mais ruído de esferográfica.

— E que mais?

— Isso deve ser tudo.

O homem leu suas anotações ao telefone. Um bom trabalho.

— Tudo certo? — perguntou.

— Perfeito.

— Até mais ver, neste caso.

Desligou.

Já tinha escurecido. Guardei alguns trocados, cigarros e isqueiro no bolso da calça, calcei um par de tênis e saí. Fui à lanchonete perto de casa onde como sempre e pedi milanesa de frango com pãozinhos. Enquanto preparavam, bebi mais uma cerveja ao som de um novo lançamento do Brothers Johnson. Comi a milanesa ouvindo Bill Withers e tomei café com “Star Wars”, de Maynard Ferguson. Acabei de comer, mas não me senti bem alimentado.

Depositei três moedinhas de dez centavos no telefone cor-de-rosa depois que retiraram a xícara de café e liguei para a casa do meu sócio. Quem atendeu foi o filho mais velho, já em idade escolar.

— Boa tarde — eu disse.

— Boa noite — corrigiu ele. Conferi as horas no meu relógio de pulso. Ele estava certo.

Momentos depois, meu sócio me atendeu.

— Como foi? — perguntou.

— Posso falar agora? Não estou interrompendo seu jantar, nem nada?

— Estou jantando, mas não faz mal. A comida não está lá grande coisa, e tenho mais interesse em ouvir sua história.

Contei resumidamente minha conversa com o homem do terno preto. Falei da banheira, da mansão, do velho à beira da morte, essas coisas. Não mencionei o carneiro. Primeiro, porque ele não ia acreditar, segundo, porque a

conversa ficaria longa demais. Em consequência, tudo que disse não fez sentido, como seria de esperar.

— Não entendi nada — reclamou meu sócio.

— Proibiram-me de revelar certas coisas. Não sei o que poderá lhe acontecer se eu contar. Isto é, você tem família... — eu disse, pensando no seu apartamento de luxo de quatro quartos, na mulher, sempre se queixando de pressão baixa, e nos dois filhos atrevidos. — Compreendeu?

— Acho que sim.

— Seja como for, vou ter de partir amanhã. Acho que esta viagem vai ser longa. Talvez dure um mês, talvez dois ou três, nem eu sei direito. Ou talvez eu nunca mais volte para Tóquio.

— Não me diga...

— Assim sendo, quero que você assuma a direção da empresa. Eu me retiro. Não quero prejudicá-lo, entende? Concluímos todos os trabalhos começados, e considero que esta é uma boa oportunidade. Somos sócios, é verdade; mas, pensando bem, era você quem controlava efetivamente a empresa, enquanto eu mais me divertia do que trabalhava.

— Mas, se você se for, quem é que vai me pôr a par das particularidades do mercado?

— Restrinja a frente de batalha, meu amigo. Volte às origens. Cancele todo trabalho de propaganda e publicação de revistas e reabra o escritório de traduções. Do jeito que você me falou no outro dia. Conserve só uma funcionária e livre-se de todo o pessoal temporário. Você não vai precisar deles mesmo. Pague-lhes dois meses de salário como indenização e acho que ninguém reclamará. Mude o escritório para um menor e menos dispendioso. Vai ganhar menos, mas suas despesas também diminuirão. Não tem mais que me pagar, de modo que sua parte no bolo vai aumentar e acabará não fazendo muita diferença para você. Seus problemas com imposto e com a sensação de estar sendo explorado também diminuirão. É ideal para você.

Meu sócio permaneceu em silêncio por instantes, pensando.

— Não vai dar — disse ele. — Tenho certeza de que não vai dar certo.

Pus um cigarro na boca e apalpei o bolso em busca do isqueiro. Enquanto procurava, a garçonete riscou um fósforo e o acendeu para mim.

— Vai dar, sim. Quem lhe assegura é este seu amigo que veio trabalhando todos estes anos com você. Confie em mim.

— Deu certo porque você estava comigo — replicou. — Você não sabe, mas nada do que eu empreendi sozinho até hoje deu certo.

— Preste atenção: não o estou aconselhando a ampliar os negócios, estou sugerindo restringi-los. Estou lhe dizendo que volte aos trabalhos de tradução pré-revolução industrial que costumávamos fazer. Você, uma secretária, cinco ou seis tradutores freelance para fazer o trabalho bruto e dois profissionais. Não é possível que não dê certo.

— Você não me conhece direito.

Uma moedinha caiu dentro do aparelho com um tinido metálico. Enfiei mais três no aparelho.

— Sou muito diferente de você — disse ele. — Você é capaz de se virar sozinho. Eu não sou assim. Não consigo progredir se não tenho uma pessoa comigo a quem me queixar ou pedir conselhos.

Apertei o bocal na mão e suspirei. Estávamos dando voltas no mesmo lugar. O bode preto come as cartas do bode branco, que por sua vez come as do bode preto.

— Alô...? — disse ele.

— Estou ouvindo — eu disse.

Do outro lado da linha, os dois meninos disputavam o controle da televisão.

— Pense em seus filhos — eu disse. Golpe baixo, mas eu não via outro recurso. — Você pode se dar ao luxo de ficar se lamuriando? Se achar que não dá conta do recado, aí sim estará tudo perdido. Se está descontente com a vida, não ponha filhos no mundo. E, se os pôs, trabalhe direito e pare de beber.

Ele permaneceu em silêncio por um longo tempo. A garçonete me trouxe um cinzeiro. Gesticulei pedindo mais uma cerveja.

— Você tem razão — disse ele. — Vou tentar, embora não tenha muita certeza de que vai dar certo.

— Claro que vai dar. Lembre-se de que seis anos atrás não tínhamos nem dinheiro nem contatos e, mesmo assim, realizamos muita coisa — disse depois de despejar um pouco de cerveja no meu copo e beber um gole.

— Você não faz ideia de quanto sua companhia me dava segurança — resmungou meu sócio.

— Ligo outra vez qualquer dia.

— Está certo.

— E obrigado por tudo. Foi muito bom trabalhar com você — tornei a dizer.

— Se você terminar o serviço e retornar a Tóquio, trabalharemos juntos de novo.

— Pode ser — eu disse, desligando.

Mas tanto eu como ele sabíamos que eu nunca mais haveria de voltar ao trabalho. Seis anos em companhia um do outro serviam ao menos para perceber esse tipo de coisa.

Carreguei a garrafa de cerveja e o copo para a mesa e continuei a beber.

Depois de largar o emprego, senti certo alívio. Eu estava me simplificando aos poucos. Eu tinha perdido minha cidade natal, minha adolescência, meu amigo e minha esposa e, dali a três meses, os meus vinte anos. Como estaria quando chegasse aos meus sessenta? Pensei nisso algum tempo. Inútil. Eu não era capaz de prever o que me aconteceria no mês seguinte...

Voltei para casa, escovei os dentes, vesti o pijama e continuei a ler *As aventuras de Sherlock Holmes* na cama. Às onze, apaguei as luzes e caí em sono profundo. Não acordei nem uma vez até a manhã seguinte.

O nascimento do Sardinha

Às dez da manhã, o carro absurdamente grande, que mais se parecia com um submarino, estacionou diante da porta do apartamento. Visto da janela do terceiro andar, lembrava muito mais uma monstruosa forma de bolo emborcada que um submarino. Na certa produziria um doce tão grande que trezentas crianças juntas levariam quase duas semanas para devorar tudo.

Sentados à janela, ficamos ela e eu contemplando o carro do alto por alguns momentos.

O céu estava limpo a ponto de irritar. Lembrava cena de filme expressionista pré-guerra. O helicóptero sobrevoando a cidade chegava a parecer irreal de tão pequeno. Céu sem nuvens, um apavorante olho sem pálpebras.

Fechei todas as janelas do apartamento e as tranquei, desliguei a geladeira, examinei o registro do gás. As roupas do varal tinham sido todas recolhidas, a cama estava coberta com colcha, os cinzeiros, lavados, e os remédios do banheiro, postos na devida ordem. Dois meses de aluguel pagos antecipadamente, e entrega de jornal suspensa pelo mesmo período. O apartamento vazio que eu contemplava da porta estava irrealmente silencioso. Ainda o contemplando, pensei nos quatro anos em que ali vivera com minha mulher e nos filhos que eu poderia ter tido.

A porta do elevador se abriu e minha namorada me chamou. Então, fechei a pesada porta de ferro.

O motorista estava totalmente absorto, limpando o para-brisa com um pano seco enquanto esperava por nós. Carro imaculadamente limpo, como sempre, resplandecendo ao sol de um jeito quase anormal. Na certa queimaria a pele de quem se atrevesse a tocá-lo.

— Bom dia — disse o motorista. Era o homem da inclinação religiosa de dois dias antes.

— Bom dia — eu disse.

— Bom dia — disse minha namorada.

Ela trazia o gato nos braços, e eu carregava um saco de papel com a ração e a areia do banheiro.

— Está um dia maravilhoso! — disse o motorista erguendo o olhar para o alto. — Transparente, eu diria.

Balançamos a cabeça, concordando.

— Deve ser fácil receber uma mensagem de Deus em dias claros iguais a este — sugeri.

— Engana-se — respondeu-me ele com um sorriso —, a mensagem divina já está em todas as coisas do mundo. Em flores, em pedras e em nuvens...

— E em carros? — perguntou ela.

— Também em carros.

— Mas carros são produzidos em fábricas — observei.

— Independente de quem produz, a vontade divina está em todas as coisas.

— Como ácaros em orelhas? — quis saber ela.

— Como o ar — retificou o motorista.

— Isto quer dizer que em carros produzidos na Arábia Saudita está Alá — concluí.

— A Arábia Saudita não produz carros.

— Mesmo? — perguntei.

— Mesmo.

— Nesse caso, qual Deus estará em carros produzidos nos Estados Unidos e exportados para a Arábia Saudita? — perguntou minha namorada.

Pergunta difícil.

— Ei, não podemos nos esquecer de lhe falar sobre os cuidados com o gato — intervim, lançando-lhe uma tábua de salvação.

— Gatinho bonito — comentou ele com evidente alívio.

Bonito? O gato não era nada bonito: pelo seco parecendo tapete velho esfarrapado, ponta de rabo quebrada em ângulo de sessenta graus, dentes amarelados, olho direito ainda infeccionado depois de uma briga três anos antes e deixando-o quase cego nos últimos tempos. Eu duvidava de que ele conseguisse diferenciar um tênis de uma batata. Tinha as almofadas das patas secas e enrugadas como grãos de feijão velho, orelhas fatidicamente infestadas por ácaros, e peidava cerca de vinte vezes por dia por causa da idade. Quando minha mulher o recolheu de sob o banco do parque e o trouxe para casa, ele

ainda era um jovem macho apresentável, mas a partir de meados da década de setenta transformara-se numa bola de boliche posicionada no topo de uma ladeira, rapidamente rolando para a catástrofe. Além de tudo, nem sequer tinha nome. E eu não conseguia decidir se o fato de não ter nome era um fator agravante ou atenuante nessa tragédia.

— Gatinho, gatinho — chamou o motorista sem estender os braços, mais que compreensivelmente. — Como é que ele se chama?

— Ele não tem nome.

— Como assim? De que jeito o chamam, nesse caso?

— Não o chamo, simplesmente — respondi. — Ele apenas existe.

— Mas ele não é um objeto; tem vontade própria e deve se mexer de acordo com ela, não é? Acho estranho que um ser dotado de vontade e que se locomova não tenha um nome.

— Sardinhas também têm vontade própria e se locomovem, mas nem por isso as pessoas lhes dão nomes.

— Ah, mas isso é diferente. Para começar, não existe intercâmbio afetivo entre sardinhas e seres humanos. E, depois, as sardinhas não compreenderiam, mesmo que fossem chamadas. Mas ainda assim nada impede que alguém lhes dê um nome.

— Isto quer dizer que estão aptos a ter nome apenas os animais dotados de vontade própria, capazes de se locomover de acordo com ela, de manter intercâmbio afetivo com seres humanos e, além de tudo, de escutar?

— É, acho que é isso — disse o motorista, meneando diversas vezes a cabeça, como se agora compreendesse. — Incomodam-se se eu lhe der um nome por minha conta?

— Nem um pouco. Mas que nome?

— Que acham de Sardinha? Pois ele não vinha sendo tratado como uma sardinha até hoje?

— Nada mau — respondi.

— Não é mesmo? — disse o motorista com ar triunfante.

— Que acha? — perguntei à minha namorada.

— Nada mau — respondeu ela também. — Até parece parte do Gênese.

— E faça-se o Sardinha! — eu disse.

— Vem, Sardinha — disse o motorista, agora pegando-o no colo.

Assustado, o gato mordeu-lhe o dedão e peidou.

O motorista nos levou até o aeroporto. O gato permaneceu quieto, sentado ao lado do motorista. Peidando de vez em quando. Eu sabia disso porque o motorista abria e fechava a janela com frequência. Fui dando as instruções quanto aos cuidados com o animal no trajeto. Como limpar seus ouvidos, onde vendiam o desodorante do seu banheiro, a quantidade de comida, essas coisas.

— Fique tranquilo — disse o motorista. — Vou cuidar dele com muito carinho. Afinal, sou o padrinho.

A estrada estava incrivelmente vazia, e o carro deslizou rumo ao aeroporto com a leveza de um salmão rio acima na época da desova.

— Por que é que navios têm nome e aviões não? — perguntei ao motorista. — Por que são chamados “Voo 971” ou “Voo 326”, e não aeronave Campânula, ou Margarida?

— Com certeza porque existem muito mais aviões que navios. São produtos massificados.

— Será? Afinal, navios também são produtos massificados, e o número deles supera o de aviões.

— Mas veja bem... — disse o motorista após pensar alguns segundos — não podemos dar nome a todos os ônibus urbanos, por exemplo. Não é prático.

— Pelo contrário. Penso que seria maravilhoso se cada ônibus urbano tivesse um nome — disse minha namorada.

— Mas nesse caso os passageiros começariam a preferir determinados ônibus a outros. Por exemplo, para ir, digamos, de Shinjuku a Sendagaya, alguns andariam sempre num certo ônibus chamado Antílope, mas nunca no Mula.

— Que acha? — perguntei à minha garota.

— No Mula eu não andaria, com certeza — respondeu ela.

— E, no caso, como ficaria o condutor do Mula? — disse meu motorista, falando por todos da sua categoria. — O homem que dirige o Mula não tem culpa.

— Concordo — eu disse.

— Pode ser — disse ela. — Mas no Antílope eu andaria, com certeza.

— Está vendo? — disse o motorista. — É disso que estou falando. Navios têm nome por uma questão de hábito. Era assim antes da massificação, assim continuou. Obedece ao mesmo princípio dos nomes de cavalos. É por isso que

alguns aviões que funcionaram como cavalos tiveram nome. Por exemplo o Spirit of Saint Louis, ou o Enola Gay. Existe um intercâmbio consciente entre esses aparelhos e os homens que os pilotaram.

— Isso quer dizer que existe neles, implícito, o conceito de vida?

— Exato.

— No caso, finalidade seria um fator secundário em nomes?

— Isso mesmo. Números seriam mais que suficientes se apenas a finalidade contasse. Veja o caso dos judeus em Auschwitz.

— Estou vendo — comentei. — Mas se o intercâmbio consciente com seres humanos é condição básica para se dar nome às coisas, por que é que estações de trens, parques e estádios de beisebol têm nomes? Afinal, eles não têm vida.

— Porque estações precisam de nomes. Caso contrário, as pessoas se perderiam.

— Você está falando de uma finalidade. Diga-me agora como a explicação se adapta ao princípio dos nomes de cavalos.

O motorista pôs-se a pensar seriamente no assunto e não reparou que o sinal tinha ficado verde. Uma van de campistas atrás do nosso carro buzinou uma estridente introdução de *Sete homens e um destino*.

— Talvez porque não sejam substituíveis. Por exemplo, só temos uma estação Shinjuku, a qual não pode ser trocada, vamos dizer, pela estação Shibuya. Não são substituíveis, e não são produtos massificados. Ofereço estas duas explicações. Que acha? — disse o motorista.

— Mas que seria divertido termos a estação Shinjuku em Ekoda, ah, isso seria! — comentou minha namorada.

— Se a estação Shinjuku estivesse em Ekoda, seria estação Ekoda — contrapôs o motorista.

— Mas a linha expressa Odakyu viria junto — contemporizou ela.

— Vamos voltar ao ponto de partida — intervim. — Se as estações fossem substituíveis, o que aconteceria? Suponhamos, apenas suponhamos, que as estações da Rede Ferroviária Nacional fossem todas produtos massificados do tipo dobrável, e que a estação Shinjuku fosse inteirinha substituída pela estação Tóquio. Que aconteceria?

— Simples: se estivesse em Shinjuku, seria estação Shinjuku, se estivesse em Tóquio, seria estação Tóquio.

— Nesse caso, o nome não teria sido dado ao objeto, mas à sua função. E isso não seria dar um nome por sua finalidade?

O motorista calou-se de novo, mas desta vez por pouco tempo.

— Ocorreu-me de repente — disse ele — se não devíamos considerar essas coisas com maior carinho.

— Ou seja...?

— Ou seja, cidades, parques, ruas, estações, estádios de beisebol e cinemas, todos eles têm nomes, certo? Essas coisas receberam nomes como compensação por terem sido fixadas sobre a superfície terrestre.

Ah, uma teoria nova.

— Nesse caso — eu disse —, será que me dariam também um nome importante se eu renunciasse por completo à minha consciência e me fixasse em algum lugar da superfície terrestre?

O motorista me lançou um olhar de soslaio pelo espelho retrovisor. Olhar avaliador, de quem suspeita de algum tipo de armadilha.

— Como assim, fixar-se?

— Quero dizer: se eu me congelasse ou algo assim. Como a Bela Adormecida.

— Mas o senhor já tem um nome.

— E não é que é verdade? — eu disse. — Tinha-me esquecido.

Retiramos nossos cartões de embarque no balcão da companhia aérea e nos despedimos do motorista que nos acompanhara até ali. Pelo jeito, ele queria ficar conosco até nos ver partir, mas desistiu ao perceber que faltava ainda cerca de uma hora e meia até o horário do embarque.

— Excêntrico, não? — disse ela.

— Existe um lugar habitado apenas por pessoas iguais a ele — expliquei.

— Lá, a vaca leiteira está sempre à procura do alicate.

— Isso me lembra um pouco o seriado *Os pioneiros*.

— Lembra mesmo — eu disse.

Entramos no restaurante do aeroporto e almoçamos, embora fosse ainda um pouco cedo para isso. Pedi um gratinado de frutos do mar, e ela, espaguete. Do outro lado da janela, 747s e Tristars aterrissavam e decolavam com solene imponência. Ela comia seu espaguete examinando os fios um a um com olhar desconfiado.

— Eu estava certa de que nos serviriam o almoço no avião — reclamou.

— Não — eu disse. Deixei uma colherada do gratinado esfriar um pouco dentro da boca antes de engolir e tomei um gole de água em seguida. O gratinado estava apenas quente, não tinha gosto de nada. — Só servem refeições em voos internacionais. Em alguns voos domésticos mais longos são até capazes de servir lanches, que não costumam ser bons.

— E filmes?

— Não há filmes a bordo. Pense bem: Sapporo está a pouco mais de uma hora de voo daqui.

— Nenhuma diversão, nesse caso?

— Nenhuma. Você se senta, lê um pouco e já chegou. É como andar de ônibus.

— Só não tem semáforos, certo?

— Certo. Não tem semáforos.

— Grande! — disse ela suspirando. Depôs o garfo largando meia porção de espaguete no prato e limpou a boca com um guardanapo de papel. — Nem vale a pena dar nome a um voo desses.

— Com certeza. É pura monotonia. A única vantagem é a economia de tempo. São 12 horas de viagem, se formos de trem.

— E aonde vai o tempo economizado?

Eu também desisti do meu gratinado na metade e pedi dois cafés.

— Tempo economizado? — perguntei.

— Pois não economizamos mais de dez horas graças ao avião? Quero saber aonde foi o tempo economizado.

— A lugar algum. O tempo nos é apenas acrescido. Podemos gastá-lo à vontade em Tóquio ou em Sapporo, tanto faz. Em dez horas, você consegue assistir a quatro filmes e comer duas refeições. Certo?

— E se eu não quiser nem assistir a filmes, nem comer?

— Problema seu, e não do tempo economizado.

Ela mordeu os lábios e ficou contemplando em silêncio o robusto corpo do 747. Eu também fiquei. Os 747s me lembram sempre a senhora gorda e brava que morava perto da minha casa antigamente. Seios grandes e flácidos, pernas inchadas, pescoço seco e enrugado. O aeroporto me dava a impressão de ser o ponto de encontro delas. Algumas dezenas dessas senhoras chegavam umas atrás das outras e partiam em seguida. Elas tinham arrancado as sombras dos pilotos e das aeromoças aprumadas que cruzavam o saguão,

transformando-os em estranhos seres bidimensionais. Tinha a impressão de que não era assim nos tempos dos DC7s e dos Friendships, mas não consegui ter a certeza. Era apenas uma impressão que resultava do fato de os 747s se parecerem tanto com matronas gordas e bravas.

— Diga-me: o tempo se expande?

— Não, o tempo não se expande — respondi. Achei que era eu falando, mas não reconheci minha voz. Pigarreei e tomei o café que me haviam trazido.

— O tempo não se expande.

— Mas na realidade o tempo aumentou, não aumentou? Como você mesmo disse, ele foi acrescido.

— Quer dizer apenas que o tempo de viagem diminuiu, mas no total não se alterou. Significa tão somente que podemos assistir a vários filmes.

— Isso, se quisermos assistir a vários filmes — ponderou ela.

De fato, assistimos a dois filmes assim que chegamos a Sapporo.

Capítulo VII

O Hotel do Golfinho

A viagem termina num cinema; rumo ao Hotel do Golfinho

Durante a viagem, ela sentou-se à janela do avião e observou a paisagem que se desenrolava a seus pés. Acomodado ao lado dela, eu continuei lendo *As aventuras de Sherlock Holmes*. O céu permanecia sem uma única nuvem, e o aeroplano projetava sua sombra sobre a terra o tempo todo. Uma vez que viajávamos dentro do aeroplano, nossas sombras deviam estar contidas naquela que deslizava rápida sobre campos e vales. E, nesse caso, estávamos sendo também projetados sobre a superfície da terra.

— Gosto dele — disse ela, tomando um gole do suco de laranja.

— Dele quem?

— Do motorista.

— A-hã — respondi. — Eu também gosto.

— Gosto também do nome Sardinha. Belo nome.

— Concordo. Belo nome. É possível também que o gato seja mais feliz vivendo com ele do que comigo.

— Gato, não. Sardinha.

— Isso mesmo. Sardinha.

— Por que é que você nunca lhe deu um nome?

— Por que, realmente? — perguntei-me. Acendi um cigarro usando o isqueiro do brasão de carneiro. — Na certa porque não gosto de nomes. Eu sou eu, você é você, nós somos nós, eles são eles. Não basta?

— Interessante — murmurou ela. — Gosto dessa palavra “nós”. Tem eco de eras passadas. De era glacial, não acha?

— Era glacial?

— Como por exemplo em “nós ir sul”, ou “nós caçar mamute”.

— Nunca tinha pensado nisso — eu disse.

Depois de retirar nossas bagagens, saí do aeroporto de Chitose e notei que a temperatura estava mais baixa do que eu esperava. Vesti a malha que levava em torno do pescoço sobre a camiseta, e ela, um colete de lã sobre a camisa. O outono havia se instalado naquelas paragens quase um mês mais cedo que em Tóquio.

— Devíamos ter nos conhecido na era glacial, não acha? — perguntou ela dentro do ônibus a caminho de Sapporo. — Você caçaria mamutes, e eu criaria os filhos.

— Teria sido maravilhoso — eu disse.

Ela adormeceu em seguida, e eu contemplei pela janela a floresta densa e interminável que se estendia nos dois lados da estrada.

Assim que chegamos a Sapporo, entramos numa lanchonete e tomamos café.

— Antes de mais nada, vamos estabelecer um plano piloto — eu disse. — Dividi o trabalho em dois: eu vou atrás da paisagem da foto, e você, atrás do carneiro. Desse modo, economizamos tempo.

— Funcional.

— Se tudo der certo, será — emendei. — De qualquer modo, quero que verifique para mim a localização das principais fazendas de criação de carneiros e quantas espécies desse animal existem hoje em dia. Você deve encontrar os dados em bibliotecas ou na sede do governo de Hokkaido.

— Gosto de bibliotecas — comentou.

— Ótimo — eu disse.

— Começamos agora?

Olhei o relógio. Três e meia.

— Já é tarde. Começamos amanhã. Por hoje, vamos descansar bem, procurar um bom hotel, jantar, tomar banho e dormir.

— Quero ir ao cinema — disse ela.

— Cinema?

— E o tempo que economizamos vindo de avião?

— Você está certa.

E assim, mergulhamos no primeiro cinema que encontramos.

Acabamos assistindo a uma programação dupla: filme sobrenatural mais filme policial. Não havia quase ninguém na sala de projeções. Fazia muito tempo que eu não entrava num cinema tão vazio. Contei as cadeiras ocupadas, só para matar o tempo. Oito, incluindo as nossas. Havia muito mais personagens no filme do que isso.

O filme, aliás, não desmerecia o público. Do tipo que provoca vontade de levantar, dar as costas à tela e sair no instante em que o leão da Metro acaba de

rugir e o elenco começa a ser exibido. Esse tipo de filme existe, sim, não estou mentindo.

Apesar de tudo, ela quase devorava a tela com o seu olhar fixo e intenso. Não vi a menor chance de lhe falar, de modo que me conformei e me dispus também a assistir.

Primeiro, o filme sobrenatural. Um demônio dominava certa cidade. Ele habitava o porão úmido e sujo da igreja e usava um padre raquítico. Não entendi direito por que o demônio resolveu dominar justo aquela cidade. Afinal, era um vilarejo miserável, rodeado de plantações de milho.

Qualquer que fosse a razão, o diabo tinha muito apego à cidade e estava furioso porque uma única menina não queria se submeter. Em seus acessos de fúria, o demônio estremecia o corpo verde e disforme, que lembrava gelatina. Aliás, a visão do demônio enfurecido era quase cômica.

Num dos bancos mais adiante, um homem de meia-idade dormia a sono solto, e seus roncos soavam desconsolados como apito de barco perdido num nevoeiro. No canto direito, um casal trocava carícias pesadas. Às nossas costas, alguém soltou um sonoro peido. Tão alto que chegou a interromper por alguns instantes os roncos do homem de meia-idade. Duas colegiais não conseguiram conter-se e caíram na gargalhada.

Por associação, lembrei-me do Sardinha. E, ao lembrar-me dele, dei-me conta de que não estava mais em Tóquio, e sim em Sapporo. Invertendo a ordem das associações, significava que eu só fora capaz de perceber claramente que estava longe de Tóquio depois de ouvir um peido.

Estranho.

Enquanto remoía a ideia, adormeci. E o demônio verde me surgiu no sonho. Só que no sonho o diabo nada tinha de enternecedor. Ele apenas me fitava em silêncio no meio da escuridão.

Acordei quando o filme terminou e acenderam as luzes. Os espectadores bocejaram uns após outros, como se tivessem combinado de antemão. Comprei dois sorvetes na bombonière do cinema e tomamos juntos, ela e eu. Estavam quase petrificados, parecendo sobras do verão anterior.

— Você dormiu o tempo todo?

— A-hã — respondi. — Gostou do filme?

— Demais. No fim, a cidade explode.

— Verdade?

A sala estava estranhamente quieta. Ou melhor: havia um silêncio estranho apenas ao meu redor. Muito esquisito.

— Diga-me uma coisa — disse ela. — Não lhe parece que só agora nosso corpo está se transportando para cá?

Pensando bem, era verdade.

Ela apertou minha mão.

— Estou com medo. Não me solte.

— Está bem.

— Se você me soltar, posso ser transportada para um lugar desconhecido. Um lugar incompreensível.

Quando as luzes se apagaram e os trailers surgiram na tela, afastei seus cabelos e beijei-lhe as orelhas.

— Não tenha medo. Nada vai acontecer.

— Você estava certo — disse ela em voz baixa. — Devíamos ter usado um meio de transporte com nome, afinal.

E durante a hora e meia que durou o segundo filme nós dois continuamos a nos transportar quietamente no escuro. Ela se manteve todo o tempo com a face contra o meu ombro, que acabou morno e úmido do seu hálito.

*

Com o braço em torno dos seus ombros, passei pela cidade ao lusco-fusco. Agora, estávamos mais íntimos que antes. O burburinho das pessoas que cruzavam conosco soava agradável, e estrelas começavam a despontar em forma de suaves pontos luminosos.

— Estamos mesmo na cidade certa? — perguntou ela.

Ergui o olhar. A Estrela do Norte brilhava na posição correta, mas me parecia falsa, não sei por quê. Grande demais, brilhante demais.

— Não sei ao certo — respondi.

— Tenho a impressão de que há algo deslocado.

— Cidades desconhecidas costumam dar essa impressão. O corpo não se adaptou direito, sabe como é?

— E se adapta, com o tempo?

— Creio que em dois ou três dias — eu disse.

Quando nos cansamos de andar, entramos no primeiro restaurante que nos surgiu à frente, tomamos dois copos de cerveja cada um e pedimos salmão com batatas. Para ser de um restaurante escolhido às cegas, a comida era até muito boa. Cerveja gostosa e creme branco leve, mas de sabor consistente.

— Muito bem — eu disse tomando o café. — É hora de decidir: onde vamos ficar?

— Quanto a isso, já tenho uma ideia formada — respondeu ela.

— Que ideia?

— Não importa, leia em voz alta os nomes dos hotéis, um a um.

Pedi ao garçom pouco receptivo que me trouxesse a lista telefônica e comecei a ler em voz alta todos os nomes que figuravam sob o cabeçalho Hotéis e Pousadas. Já tinha passado por cerca de quarenta nomes quando ela me interrompeu:

— É esse.

— Esse qual?

— O que você acabou de ler.

— Hotel do Golfinho — li de novo.

— Esse mesmo. É nele que vamos ficar.

— Nunca ouvi falar.

— Mas eu sinto que não existe nenhum outro onde possamos ficar.

Agradei ao garçom, devolvi a lista e liguei para o Hotel do Golfinho. Uma voz masculina não muito nítida me disse que no momento só tinham quartos de casal ou de solteiro vagos. Em dúvida, perguntei que outro tipo de quarto havia além dos de casal ou de solteiro. Nenhum, informou-me a voz. Fiquei um pouco confuso, mas, de qualquer modo, reservei o de casal e perguntei o preço. Era quarenta por cento mais barato que o esperado.

Chegamos ao Hotel do Golfinho andando três quadras na direção oeste a partir do cinema e descendo em seguida um quarteirão na direção sul. O hotel era pequeno, sem nenhuma personalidade. Eu duvidava de que pudesse haver hotel mais impessoal. Tão impessoal que chegava a ser transcendente. Não havia cartaz luminoso ou de qualquer outra espécie, nem mesmo uma entrada digna desse nome. Apenas uma placa de bronze com o nome Hotel do Golfinho, pregada ao lado de uma porta de vidro, em tudo semelhante às pouco convidativas “entradas só para funcionários” de restaurantes. Nem desenho de golfinho havia em lugar algum.

O prédio tinha cinco andares e era retangular e liso como uma caixa de fósforos gigante. Visto de perto, não parecia ser antigo, mas ainda assim era velho bastante para chamar a atenção. Por certo já tinha esse aspecto desde o tempo em que fora construído.

Apesar de tudo, ela tomou-se de amores pelo hotel tão logo o viu.

— Simpático, não acha? — comentou.

— Simpático? — devolvi.

— Aconchegante e sem coisas supérfluas.

— Sem coisas supérfluas — repeti. — Para você, lençóis limpos, lavabos que não gotejam, ar-condicionado regulável, papel higiênico macio, sabonete novo e cortinas não queimadas de sol devem ser supérfluos.

— Você só vê o lado negativo das coisas — disse ela rindo. — Seja como for, lembre-se sempre de que não somos simples turistas.

Ao abrir a porta, deparei-me com um vestíbulo mais espaçoso do que eu esperara. No centro, um jogo de sofás e um televisor em cores grande sintonizado num programa de perguntas e respostas. Não havia viva-lua.

Vasos com plantas ornamentais perfilavam-se dos dois lados da porta. As folhas estavam começando a amarelar. Fechei a porta atrás de mim, parei entre os dois vasos e contemplei o vestíbulo. Observando melhor, não era tão espaçoso quanto parecera. Apenas dera essa impressão por ser escassamente mobiliado. Um jogo de sofás, um relógio de pêndulo, um espelho de corpo inteiro, e só.

Aproximei-me de uma das paredes e observei de perto o relógio e o espelho. Eram ambos brindes de firmas desconhecidas. O relógio estava sete minutos atrasado, e a minha imagem refletida no espelho tinha a cabeça levemente deslocada do resto do corpo.

O jogo de sofás parecia quase tão velho quanto o hotel. A cor alaranjada do tecido era intrigante. Você só chegaria àquele tom deixando o sofá no sol por muito, muito tempo, expondo-o depois à chuva durante uma semana inteira e, finalmente, jogando-o no porão para embolorar. Eu me lembrava de ter visto aquele tom específico nos primórdios do technicolor.

Quando me aproximei, descobri um homem careca de meia-idade deitado num dos sofás, parecendo um peixe seco. A princípio, pensei que estivesse morto, mas ele dormia, apenas. As abas do nariz estremeciam de vez em quando. Havia ainda marcas de óculos no alto do nariz, mas não vi nem

sombra deles. Portanto, ele não caíra no sono enquanto assistia à televisão. Não dava para entender.

Parei no balcão da recepção e espiei o outro lado. Não havia ninguém. Ela bateu a mão na campainha. O tinido repercutiu no saguão deserto.

Esperamos trinta segundos, mas não vimos nenhum movimento. O homem de meia-idade deitado na espreguiçadeira também não acordou.

Ela tornou a tocar a campainha.

O homem sobre a espreguiçadeira gemeu. Percebi laivos de autocensura no gemido. Ele abriu em seguida os olhos e nos fitou com um olhar vago.

Ela tocou a campainha pela terceira vez, com ênfase.

O homem pôs-se em pé num salto, cruzou o vestíbulo, passou rente a mim e escorregou para trás do balcão. Ele era o recepcionista.

— Queiram desculpar-me — disse o homem. — Foi imperdoável. Acabei adormecendo enquanto os esperava.

— Desculpe se o acordei — eu disse.

— Que é isso? Quem lhe deve desculpas sou eu — disse o recepcionista. Empurrou na minha direção o formulário de registro e uma esferográfica. Ele não tinha a ponta dos dedos mínimo e médio da mão esquerda.

Eu tinha escrito meu nome verdadeiro no formulário, mas pensei melhor, amassei a folha e meti-a no bolso. Escrevi então um nome fictício e um endereço qualquer. Nome comum e endereço comum, mas bastante convincentes levando-se em conta que tinham sido improvisados. Na área “profissão”, registrei: corretor imobiliário.

O recepcionista apanhou um par de óculos de lentes grossas e aro de celuloide ao lado do telefone, acavalou-o no alto do nariz e leu cuidadosamente o meu formulário.

— Cidade de Tóquio, bairro Suginami... vinte e nove anos, corretor imobiliário.

Tirei um lenço de papel do bolso e limpei os dedos sujos de tinta da esferográfica.

— Está na cidade a negócios? — perguntou o recepcionista.

— Mais ou menos — respondi.

— Quantos dias pretende ficar conosco?

— Um mês — eu disse.

— Um mês? — repetiu ele, olhando-me como se eu fosse uma folha de papel em branco. — Vai ficar aqui um mês inteiro?

— Algum inconveniente?

— Não é bem um inconveniente, mas... o senhor terá de acertar as contas a cada três dias, de acordo com nossos regulamentos.

Depositei minha sacola no chão, tirei o envelope do meu bolso, contei vinte cédulas de dez mil ienes estalando de novas e as depus sobre o balcão.

— Avise-me quando precisar de mais — eu disse.

O recepcionista apanhou o maço com os três dedos sãos da mão esquerda e contou duas vezes as cédulas com os dedos da mão direita. Preencheu um recibo com o valor correspondente e me entregou.

— Quanto aos quartos, tem alguma preferência?

— Quero ficar o mais longe possível do elevador e, de preferência, num canto.

O recepcionista deu-me as costas, fixou um olhar feroz no painel das chaves e, depois de muito hesitar, retirou a chave número 406. O painel estava quase completo. Pelo jeito, o Hotel do Golfinho não era um empreendimento dos mais bem-sucedidos.

Como não havia carregadores, tivemos de levar nossas próprias bagagens para o elevador. Realmente, não havia nada supérfluo no hotel, como ela bem observara. O elevador estremecia como um grande cão asmático.

— Estes hotéis pequenos e despojados são sempre melhores em estadas prolongadas — disse ela.

Hotéis pequenos e despojados. Bela figura de retórica. Parecia até extraída da seção Turismo de alguma revista feminina. “Se pretende prolongar sua estada, nada melhor que ficar em hotéis pequenos e despojados.”

Mas as primeiras providências que tive de tomar ao entrar no quarto do hotel pequeno e despojado foram dar uma chinelada numa barata que andava na moldura da janela e apanhar dois pelos púbicos caídos ao pé da cama para jogá-los no cesto de lixo. Era a primeira vez que eu via uma barata em Hokkaido. Enquanto isso, ela ajustava a temperatura da água e preparava o banho. A torneira despejava água com um estrondo ensurdecedor.

— Podíamos ter ficado num hotel melhor — gritei, abrindo a porta do banheiro. — Dinheiro é o que não falta.

— Não é uma questão de dinheiro. Nossa busca do carneiro começa aqui. Tem de ser este hotel, compreende?

Joguei-me na cama, fumei um cigarro, liguei a televisão, dei um giro por todos os canais e desliguei em seguida. A imagem pelo menos era boa. O ruído

da água cessou e as roupas dela vieram voando pela porta do banheiro. Em seguida, ouvi a água do chuveirinho correndo.

Afastei as cortinas e vi do outro lado da rua uma carreira de prédios pequenos semelhantes ao hotel abrigando atividades igualmente enigmáticas. Todos sujos, como se tivessem tomado um banho de cinza, e cheirando a urina, bastava vê-los para sentir. Já eram quase nove da noite, mas ainda havia diversas janelas com luzes acesas. Dentro das salas, muitos vultos trabalhavam freneticamente, embora eu não conseguisse perceber em quê. Fosse o que fosse, não pareciam muito felizes. Pensando bem, aos olhos deles eu também não devia parecer muito feliz.

Fechei as cortinas, voltei para a cama, deitei-me sobre os lençóis engomados, duros como asfalto, e pensei na minha ex-mulher e no homem com quem ela vivia agora. Sobre o homem eu sabia muita coisa. Tinha de saber, já que ele fora meu amigo. Vinte e sete anos, guitarrista não muito famoso de banda de jazz. Sujeito até decente para guitarrista de jazz não muito famoso. Também não era dos piores em matéria de caráter. Ele só não tinha estilo próprio. Andou uns tempos indeciso entre Kenny Burrell e B.B. King e, mais tarde, entre Larry Coryell e Jim Hall.

Eu não entendia por que ela o escolhera para me suceder. Cada pessoa tem preferências inatas, é certo. Ele era melhor que eu apenas num ponto: sabia tocar guitarra. Em troca, eu era melhor que ele apenas em outro: sabia lavar pratos. Quase nenhum guitarrista lava pratos. Eles têm medo de machucar a mão e perder a razão de ser.

Em seguida, pensei em nossa vida sexual. Só para matar o tempo, calculei quantas vezes fizéramos sexo em toda a nossa vida de casados. Mas no final das contas cheguei apenas a um número aproximado; e não achei que um número aproximado fosse significativo. Eu devia ter mantido um diário. Ou ao menos ter feito anotações numa agenda. Só assim seria capaz de calcular com precisão o número de vezes que tínhamos feito sexo no decorrer dos quatro anos. Era disso que eu precisava: de realidade capaz de ser expressa em números.

Minha ex-mulher tinha um registro preciso das nossas relações. Não porque mantivesse um diário. Ela anotava seus períodos menstruais num caderno desde a ocorrência da menarca, e mais tarde incluía também registros das suas experiências sexuais como simples referência. No total, eram oito os cadernos, e ela os guardava zelosamente numa gaveta trancada, em companhia de cartas e fotografias que considerava importantes. Nunca os mostrara a

ninguém. Não faço ideia do teor das suas observações sexuais. E, agora que me separei dela, jamais saberei.

— Se eu morrer — costumava ela dizer —, queime todos os cadernos. Encharque-os em gasolina e queime-os até o fim. Depois, enterre as cinzas. Se você ler uma letra que seja, jamais o perdoarei.

— Esqueceu-se de que sou o homem com quem você dorme? Conheço todos os cantos e recantos do seu corpo. De que se envergonha a esta altura dos acontecimentos?

— As células se renovam a cada mês, até mesmo neste exato momento em que conversamos — disse ela estendendo a mão delicada diante dos meus olhos. — Quase tudo o que você pensa saber a meu respeito são apenas lembranças.

Ela possuía — pelo menos até um mês antes do nosso divórcio — esse jeito cristalino de pensar. Era capaz de apreender a realidade com admirável precisão. Ou seja, o princípio de que se você fechou uma porta, não deve abri-la de novo, mas que nem por isso você pode deixá-la sempre aberta.

O que sei hoje a respeito dela são apenas lembranças. E as lembranças se desfazem rapidamente, como células decrépitas ou mortas. E eu nem sei com exatidão quantas vezes fizemos sexo.

Entra em cena o Doutor Carneiro

Acordamos às oito, trocamos-nos e descemos de elevador ao térreo. Saímos depois para a rua e tomamos café da manhã numa lanchonete próxima. No Hotel do Golfinho não existia nem restaurante nem cafeteria.

— Como já lhe disse ontem, vamos trabalhar separados — eu disse, entregando uma cópia da foto do carneiro para minha namorada. — Eu vou sair em busca do local onde esta foto foi tirada usando as montanhas ao fundo como referência. Quero que você centralize sua pesquisa nas fazendas de criação de gado ovino. Sabe como proceder, não sabe? Siga qualquer pista, por mais tênue que ela seja. É muito melhor que procurar às cegas por esta região imensa.

— Já sei, já sei. Deixe por minha conta.

— Encontramo-nos então no fim do dia no quarto do hotel.

— Tente não se preocupar demais — disse ela pondo os óculos escuros.

— Estou certa de que vamos achá-lo facilmente.

— Assim espero — eu disse.

Mas é claro que não foi fácil. Fui à sede do Departamento de Turismo de Hokkaido e percorri diversos escritórios de informações, assim como inúmeras agências de turismo e associações de alpinistas. Bati todos os locais que julguei estarem de algum modo vinculados ao turismo ou ao alpinismo, mas ninguém se lembrava de ter visto as montanhas da foto.

— Estas montanhas têm aspecto bem comum — diziam. — Ademais, a foto mostra apenas uma parte da cadeia.

Isso foi tudo que obtive depois de um dia inteiro de andanças. Significava que era muito difícil identificar montanhas por intermédio de uma foto que mostrava apenas parte da cadeia, a não ser que houvesse algum detalhe marcante nela.

Na metade do dia entrei numa livraria, comprei um mapa de Hokkaido e o livro *Montanhas de Hokkaido*, sentei-me numa lanchonete e os folheei enquanto tomava dois refrigerantes. Era inacreditável a quantidade de

montanhas existentes na região de Hokkaido, todas elas com formato e coloração semelhantes. Comparei uma a uma as montanhas do livro com as da foto que o Rato me mandara, mas dez minutos foram suficientes para me dar dor de cabeça. Além de tudo, as montanhas que constavam do livro eram apenas uma pequena parte do total existente na região. Sobretudo, descobri que uma mesma montanha vista de ângulos diferentes assumia aspectos totalmente diversos. “Montanhas têm vida”, dizia o autor no prefácio. “Elas mudam por completo sua aparência de acordo com o ângulo, a estação do ano e a hora do dia em que são vistas, ou até com o estado de espírito da pessoa que as vê. Precisamos, portanto, ter sempre a consciência de que somos capazes de conhecer verdadeiramente apenas pequenos pedaços de uma montanha.”

— Beleza! — exclamei alto.

Retomei então o trabalho, de cuja inutilidade já tinha consciência, e ao ouvir as cinco badaladas do sino fui para um parque, sentei-me num banco e roí uma espiga de milho em companhia dos pombos.

O tipo de pesquisa que coubera à minha amiga era um pouco menos ingrato que o meu, mas mostrou-se igualmente improfícuo. Reunimo-nos num pequeno restaurante situado na rua de trás do hotel e jantamos frugalmente enquanto trocávamos informações sobre os insucessos do dia.

— Não consegui saber quase nada no Departamento Agropecuário de Hokkaido — disse ela. — Criar carneiros já é coisa do passado. Não dá mais lucro hoje em dia. Pelo menos a criação em grande escala e em pastos.

— Mas num certo sentido fica até mais fácil achar o nosso carneiro, se os rebanhos são pequenos.

— Aí é que você se engana. Se a criação de ovinos continuasse próspera, haveria um sindicato ativo dos criadores e registros de suas atividades nos respectivos órgãos governamentais. Mas nas atuais circunstâncias é quase impossível saber quantos e quem são os pequenos e médios criadores. Eles estão criando carneiros do mesmo jeito que o cidadão comum cria gatos ou cachorros. Anotei os endereços de cerca de trinta criadores conhecidos, mas os dados são de quatro anos atrás. E em quatro anos os dados podem ter mudado muito. A política agropecuária japonesa sofre mudanças de regra a cada três anos. Tão fácil quanto mudar de roupa, você sabe.

— Beleza! — tornei a dizer com um suspiro, bebendo cerveja sozinho. — Parece que estamos num beco sem saída: em Hokkaido existem mais de cem

montanhas parecidas, e não temos ideia de quantos são realmente os criadores de gado ovino na região.

— Mas só se passou um dia ainda. A pesquisa apenas começou.

— E suas orelhas? Já não captam nenhuma mensagem?

— Não vou recebê-las por um bom tempo — murmurou ela comendo nacos de peixe e tomando um pouco da sopa de missô. — Sou capaz de prever isso vagamente. Quero dizer, as mensagens costumavam chegar apenas quando me via sem saber o que fazer, ou espiritualmente insatisfeita, o que não tem acontecido.

— Está querendo me dizer que precisa estar se afogando para que lhe lancem a tábua de salvação?

— Exato. Eu me sinto realizada só de estar aqui com você e, se me sinto realizada, não há mensagens. De modo que só nos resta procurar o carneiro por nossa conta.

— Não entendi direito — eu disse. — Sejamos realistas: nós estamos encurralados. Se não conseguirmos encontrar o carneiro, ficaremos ambos em situação bem difícil. Não tenho ideia de quanto, mas se eles dizem que ficaremos em situação difícil, pode acreditar, a situação será *realmente* difícil. Eles são profissionais. Mesmo que o Chefe morra, a organização permanece. Ela tem ramificações por todo o país, como rede de esgoto subterrânea, e vai tratar de nos pôr em situação difícil. É uma história boba, difícil de acreditar, mas acabamos sendo personagens dela.

— Não lembra um pouco o seriado de TV *Os invasores*?

— No quesito “história boba”, pode ser. Seja como for, fomos envolvidos, e quando digo “fomos”, quero dizer você e eu. No começo era apenas eu, mas você acabou entrando no meio da história. E agora? Nem assim você se sente prestes a se afogar?

— Ah, mas eu gosto dessas situações. Muito melhor que dormir com estranhos, expor as orelhas aos refletores ou corrigir um dicionário só de nomes de gente. Isto aqui é viver de verdade.

— Concluindo — eu disse —, você não se sente quase se afogando, então a tábua de salvação não virá.

— Correto. Vamos procurar com nossos próprios recursos. Não somos de jogar fora, você logo vai ver.

Talvez não fôssemos.

Voltamos ao hotel e transamos. Gosto muito desta palavra, *transar*. Faz imaginar uma possibilidade que foi de certa forma delimitada.

*

O terceiro e quarto dias em Sapporo também foram infrutíferos. Acordávamos às oito, tomávamos o café da manhã numa lanchonete, separávamo-nos para pesquisar, tornando a nos encontrar à tarde, e trocávamos informações enquanto jantávamos. De volta então ao hotel, transávamos e dormíamos. Joguei fora meu par de tênis velhos, comprei outro e mostrei a foto a algumas centenas de pessoas. Ela elaborou uma longa lista de criadores de carneiros com base em dados obtidos nas repartições públicas e bibliotecas, e telefonou para cada um deles. Nenhum resultado. Ninguém conseguia identificar a montanha, e nenhum criador sabia de um carneiro com marca em forma de estrela nas costas. Um velho me disse que viu uma montanha parecida com a da foto em algum lugar ao sul das Sakalinas, mas eu não conseguia acreditar que o Rato tivesse ido para as Sakalinas. Não havia jeito de me mandar cartas de lá para Tóquio.

E assim se passaram o quinto e sexto dias, e outubro se instalou definitivamente na cidade. O sol continuava morno, mas o vento esfriara um pouquinho, obrigando-me a vestir um abrigo leve de algodão nos fins de tarde. A cidade de Sapporo era extensa, cortada por ruas desanimadoramente retas. Eu não sabia até então como era extenuante percorrer uma cidade feita só de ruas retas.

Aos poucos, fui me esgotando. No quarto dia, já tinha perdido a noção dos pontos cardeais. Quando comecei a sentir que o Sul se opunha ao Leste, entrei numa papelaria e comprei uma bússola. E enquanto andava, bússola em punho, a cidade começou rapidamente a perder a realidade. Os prédios começaram a me parecer cenário de filme, e as pessoas andando nas ruas, figuras recortadas em papelão. O sol se erguia a um canto de uma terra plana e descrevia um arco no céu, como bala de canhão disparada para depois mergulhar no outro canto.

Passei a tomar sete xícaras de café por dia, e urinava a cada hora. Aos poucos, fui perdendo o apetite.

— E se pusermos um anúncio no jornal? — sugeriu ela. — Peça ao seu amigo que entre em contato com você.

— Boa ideia — eu disse. Independente do resultado, valia a pena tentar. Muito melhor que não fazer nada.

Percorri as redações de quatro jornais e pedi que inserissem um anúncio de três linhas na edição matutina do dia seguinte.

RATO: ATENÇÃO!

Entre em contato urgente
Hotel do Golfinho, 406

Nos dois dias seguintes permaneci no quarto do hotel à espera do telefonema. Recebi três, no decorrer do mesmo dia. O primeiro foi de um cidadão querendo saber o que eu quisera dizer com Rato.

— É o apelido de um amigo — respondi.

Satisfeito, o cidadão desligou.

O segundo era um trote. Do outro lado da linha, alguém guinchou. Desliguei o telefone. Centros urbanos são lugares realmente estranhos.

O último provinha de uma mulher de voz terrivelmente fina.

— Todo mundo me chama de Ratinha — disse ela. Sua voz fazia imaginar fios telefônicos distantes balançando ao vento.

— A pessoa que procuro é um homem. De qualquer modo, obrigado por telefonar — eu disse.

— Eu já imaginava — tornou ela a dizer. — Mas, como meus amigos me chamam de Ratinha, achei melhor telefonar, por via das dúvidas.

— Agradeço-lhe a boa vontade.

— Não tem de quê. E então, ele ligou?

— Ainda não — respondi. — Infelizmente.

— Que pena. Seria tão bom se a pessoa que procura fosse eu...

— É verdade. Uma pena, realmente.

A mulher se calou por instantes. Enquanto isso, cocei atrás da orelha com o dedinho.

— Para ser franca, eu queria conversar com você — disse ela rompendo o silêncio.

— Comigo?

— Eu tentava decidir se lhe telefonava ou não desde que li seu anúncio no jornal desta manhã. Não queria incomodá-lo.

— Quer dizer que inventou a história de que seus amigos a chamam de Ratinha?

— Isso mesmo — respondeu ela. — Ninguém me chama de Ratinha. Para começo de conversa, nem amigos eu tenho. Mas eu queria conversar com alguém, entende?

Suspirei.

— De qualquer modo, muito obrigado — tornei a dizer.

— Desculpe-me. Você mora em Hokkaido?

— Em Tóquio — respondi.

— Quer dizer que veio de Tóquio até aqui para procurar o amigo?

— Exato.

— Quantos anos ele tem?

— Acaba de fazer trinta.

— E você?

— Vou fazer trinta dentro de dois meses.

— Solteiro?

— Sou.

— Eu tenho vinte e dois anos. Pode me dizer se com o passar dos anos a vida se torna mais fácil para a gente?

— Quem sabe? — eu disse. — Eu mesmo não sei dizer. A vida se torna mais fácil em alguns aspectos, mais difícil em outros.

— Gostaria de me encontrar com você e de conversar calmamente, enquanto jantássemos, por exemplo.

— Sinto muito, mas não posso sair. Tenho de ficar neste quarto à espera do telefonema.

— É verdade — disse ela. — Desculpe-me mais uma vez.

— Seja como for, obrigado por ligar.

E então a linha caiu.

Pensando bem, a chamada tinha jeito de cantada de prostituta, por sinal muito bem elaborada. Ou então era simplesmente o que aparentava, isto é, telefonema de uma garota solitária. Para mim, tanto fazia: o resultado tinha sido nulo.

No dia seguinte recebi apenas um telefonema. Vinha de um maluco que disse coisas do tipo: “Ratos? Deixe-os por minha conta.” Discorreu durante cerca de quinze minutos a respeito da sua luta contra ratos no período em que esteve confinado na Sibéria. Relato bastante interessante, aliás, mas inútil para mim.

À espera de um novo telefonema, sentei-me ao lado da janela na poltrona de mola saltada e passei o dia inteiro inspecionando a atividade da firma estabelecida no terceiro andar do prédio em frente. Apesar da longa observação, não consegui perceber o que faziam. Cerca de dez funcionários trabalhavam ali, e pessoas entravam e saíam às carreiras o tempo todo, como num apertado final de partida de basquetebol. Alguém entregava documentos para alguém, que batia um carimbo neles, outro punha a papelada num envelope e saía correndo. Na hora do almoço, uma funcionária de seios avantajados passou servindo chá para todo mundo. Na parte da tarde, um entregador trouxe café para alguns funcionários. Quando os vi, fiquei também com vontade de tomar café. Pedi ao recepcionista que anotasse os telefonemas e saí para uma cafeteria próxima. Aproveitei e trouxe duas latinhas de cerveja na volta. Quando retornei, o número de funcionários da firma em frente tinha se reduzido a quatro. A funcionária do busto grande pilheriava com outro, mais jovem. Ainda bebendo a cerveja, observei o movimento centralizando a atenção nela.

Quanto mais observava, maior começou a me parecer seu busto. Ela devia usar sutiã com alças da grossura dos cabos que sustentam a ponte Golden Gate. Tive a impressão de que alguns funcionários mais jovens queriam dormir com ela. O desejo deles atravessou duas vidraças e uma rua e me alcançou. É estranho perceber o desejo dos outros. Aos poucos comecei a sentir que o desejo deles se tornava meu.

Às cinco, a moça se trocou e foi-se embora num vestido vermelho. Fechei então a cortina e assisti a uma reprise do Pernalonga na televisão. O oitavo dia no Hotel do Golfinho chegava ao fim.

*

— Beleza! — eu disse. Dizer “Beleza!” começava a se tornar um hábito. — E assim se passou um terço do mês, e nós não conseguimos nenhuma informação.

— É mesmo — disse ela. — E o Sardinha, como andarás?

Tínhamos jantado e estávamos descansando no horroroso sofá cor de laranja do vestíbulo do hotel. Além de nós, estava ali apenas o recepcionista dos três dedos. Com a ajuda de uma escada, ele se dedicava à tarefa de trocar lâmpadas e limpar vidros, ou ainda dobrava jornais. Devia haver outros

hóspedes além de nós, mas eles tinham se metido nos respectivos quartos, quietos como múmias na sombra.

— Como vão os negócios? — perguntou o recepcionista timidamente enquanto aguava os vasos.

— Não posso dizer que vão bem — respondi.

— Parece-me que o senhor pôs um anúncio no jornal.

— É verdade — eu disse. — Estou à procura de certa pessoa para resolver um problema de herança relacionado com propriedades.

— Herança?

— A-hã. O problema é que ninguém sabe onde anda esse herdeiro.

— Vejam só... — disse o homem. — Profissão interessante, a sua.

— Nem tanto.

— Não sei por que, mas faz lembrar *Moby Dick*.

— *Moby Dick*? — perguntei.

— Isso mesmo. É muito divertido procurar alguma coisa.

— Um mamute, por exemplo? — perguntou minha namorada.

— Mamutes, ou outra coisa qualquer. Dá tudo na mesma — respondeu o recepcionista. — Sabem por que chamei este hotel de Hotel do Golfinho? Por causa da cena dos golfinhos no *Moby Dick*, de Melville.

— Não me diga! — eu disse. — Mas então por que não o chamou de Hotel da Baleia?

— Baleias não têm boa imagem — respondeu ele com certo pesar.

— Mas Hotel do Golfinho é um nome lindo — consolou-o minha amiga.

— MUITÍSSIMO obrigado — sorriu o recepcionista. — Mudando um pouco de assunto, estou muito feliz por terem escolhido o meu hotel para sua longa estada. Deve haver algum desígnio por trás de tudo isso. Em sinal de agradecimento eu gostaria de lhes oferecer uma garrafa de vinho. Aceitam?

— Com prazer! — disse ela.

— Obrigado — eu disse.

O homem desapareceu num quarto ao fundo e voltou pouco depois com uma garrafa de vinho gelado e três copos.

— Não costumo beber durante o expediente, mas vou abrir exceção para um rápido brinde.

— Muito bem, vamos brindar.

E bebemos. O vinho não era dos melhores, mas de qualquer modo tinha um sabor suave e agradável. Copos elegantes, com desenhos transparentes de uvas.

— *Moby Dick* é a sua leitura predileta? — perguntei.

— Sim. Quando criança, eu queria ser marujo, por causa do livro.

— E acabou gerente de hotel? — perguntou ela.

— É porque perdi meus dedos, como podem ver — respondeu o homem.

— Prendi-os num guincho enquanto descarregava um cargueiro.

— Coitado! — disse minha namorada.

— Na ocasião, achei que a vida tinha se acabado para mim. Mas o mundo dá muitas voltas, e aqui estou eu, dono de um hotel. Não é grande coisa de hotel, realmente, mas dá para tocar a vida. E já lá se vão dez anos.

Então ele era o gerente, e não um simples recepcionista.

— Seu hotel é de primeira qualidade — encorajou-o ela.

— Muito obrigado — disse o gerente vertendo mais vinho em nossos copos.

— Não parece que tenha apenas dez anos. O prédio tem, digamos, um certo estilo... — aventurei-me.

— É verdade. Foi construído pouco depois do fim da guerra. Por sorte, eu o comprei baratinho.

— Este prédio era o quê, antes de ser transformado em hotel?

— Era sede da Associação dos Criadores de Gado Ovino de Hokkaido. Todos os dados e todas as questões burocráticas relativas a gado ovino...

— Gado ovino? — perguntei.

— Carneiros — disse o homem.

*

— O prédio pertencia à Associação dos Criadores de Gado Ovino, e assim continuou até 1968. Mas a criação de carneiros foi aos poucos diminuindo em todo o estado e, em virtude disso, resolveram fechar a associação — explicou o homem, bebendo um gole de vinho. — Na época, meu pai era o presidente da associação e não suportou a ideia de ver encerrada para sempre a agremiação que ele tanto prezava. De modo que negociou com a entidade e adquiriu o prédio e o terreno por um preço relativamente baixo, com a condição de manter e conservar todos os documentos referentes ao gado ovino. Por isso,

todo o segundo andar do prédio é, ainda hoje, uma enorme sala de arquivo. Os documentos são muito antigos e já não têm nenhum valor, mas servem para o meu velho distrair-se. No resto do prédio funciona o hotel.

— Que coincidência! — exclamei.

— Coincidência?

— Na verdade, a pessoa que eu procuro tem a ver com carneiros. E a única pista de que disponho é uma foto de carneiros que essa pessoa me mandou.

— Não diga... — murmurou ele. — Gostaria de ver a foto, se não se incomoda.

Tirei do bolso a foto presa entre as folhas de uma caderneta e entreguei-a. O homem apanhou os óculos de trás do balcão e a examinou com cuidado.

— Já vi esta foto — comentou.

— Já viu?

— Com certeza.

Assim dizendo, o homem retirou a escada que continuara armada sob uma lâmpada, levou-a para a parede oposta, removeu o quadro que pendia quase junto ao teto e desceu da escada. Limpou então com um pano úmido a poeira acumulada na moldura e o passou para nós.

— É esta paisagem, não é?

A moldura em si já era velha, mas a foto o era ainda mais. Suas cores tinham se desbotado e ficado acastanhadas. Nela havia carneiros, cerca de sessenta ao todo. Lá estavam também a cerca, o bosque de vidoeiros e as montanhas. O bosque tinha um aspecto completamente diverso do da foto mandada pelo Rato, mas as montanhas ao fundo eram idênticas, sem dúvida alguma. Até a composição era semelhante nas duas fotos.

— Beleza! — comentei para minha amiga. — Isto quer dizer que passávamos todos os dias debaixo desta foto.

— Não lhe disse que tínhamos de ficar no Hotel do Golfinho? — replicou ela em tom informal.

— Muito bem, então — tornei a dizer, depois de uma breve pausa para respirar. — Onde fica o local fotografado?

— Não sei — respondeu o homem. — Esta foto está no mesmo lugar desde os tempos da Associação dos Criadores de Gado Ovino.

— Humm... — gemi.

— Mas sei como obter essa informação.

— Como?

— Pergunte ao meu pai. Ele mora num quarto no segundo andar. Quase nunca sai de lá, e passa os dias lendo matérias concernentes a carneiros. Faz quase meio mês que não o vejo, mas sei que está vivo porque a bandeja com a sua refeição está sempre vazia trinta minutos depois que a deixo diante de sua porta.

— Quer dizer que, se eu perguntar ao seu pai, ele pode me informar onde esta foto foi tirada?

— Provavelmente. Como já lhe disse antes, meu pai era o presidente da Associação dos Criadores de Gado Ovino e sabe tudo a respeito desses animais. Sabe tanto que todos o chamam de Doutor Carneiro.

— Doutor Carneiro! — exclamei.

O Doutor Carneiro come muito e fala muito

Segundo nos contou o filho do Doutor Carneiro, que era também gerente do hotel, não se podia dizer que o Doutor tivesse tido uma vida feliz.

— Meu pai nasceu em 1905, na província de Sendai. Era o primogênito de uma família tradicional de guerreiros — disse o filho. — Vou situar os fatos no calendário ocidental, se não se importam.

— À vontade — apressei-me em dizer.

— A família não era particularmente rica, mas possuía casa própria e propriedades. Nossa linhagem é antiga, e alguns dos nossos antepassados chegaram a exercer a função de conselheiro e representante de senhores feudais. Em fins do período Edo,⁴ tivemos até um agrônomo famoso na família.

O Doutor Carneiro tinha sido um aluno brilhante desde pequeno, criança prodígio famosa em Sendai. Ele se destacou não só nos estudos, mas também como violinista. Durante o colegial, chegou a tocar uma sonata de Beethoven para um representante da Casa Imperial em visita à província e ganhou um relógio comemorativo de ouro.

A família queria vê-lo formado em direito, mas o Doutor Carneiro recusou-se categoricamente a seguir a carreira.

— Não me interesse por leis — teria dito o jovem Doutor Carneiro.

— Seja músico, então — condescendeu o pai. — Não vejo mal algum em termos um músico na família.

— A música também não me interessa — disse o Doutor Carneiro.

Seguiu-se um breve silêncio.

— Nesse caso — tornou o pai —, que carreira você pretende seguir?

— Interesse-me por agricultura. Quero estudar agronomia.

— Tem o meu consentimento — disse o pai depois de uma breve pausa. Ele não tinha outra alternativa. O Doutor Carneiro era dócil e meigo, mas jamais voltava atrás nas decisões. Nem o pai era capaz de demovê-lo.

No ano seguinte, o Doutor Carneiro entrou, conforme seu desejo, na Faculdade de Agronomia da Universidade Imperial de Tóquio. Sua genialidade tornou-o famoso também na faculdade. Todos, a começar pelos mestres, o

respeitavam. Seu aproveitamento era excelente, sua popularidade, grande. Em suma, elite. Nunca se envolveu em badernas, lia nas horas vagas e, quando se cansava, saía para o jardim da faculdade e tocava violino. Levava sempre o relógio de ouro no bolso do uniforme.

Ao se formar com louvor na faculdade, entrou para o Ministério da Agricultura, a nata da nata das carreiras. Apresentou como tese de formatura um plano agrícola unificado que abarcava Japão, Coreia e China. O tema tinha algo de delírio idealista, mas foi muito comentado na época.

Depois de servir dois anos no ministério, o Doutor Carneiro foi para a Coreia pesquisar a rizicultura. Publicou então um relatório sob o título *A rizicultura planejada na península coreana*, o qual foi posteriormente adotado.

Em 1934, o Doutor Carneiro foi chamado de volta a Tóquio e apresentado a um jovem general do Exército japonês. O general lhe solicitou a elaboração de um programa que visasse à autossuficiência do Exército em lã de carneiro, tendo em vista a iminente campanha na China e os acontecimentos no norte do continente. Esse foi o primeiro contato do Doutor com carneiros. Depois de estabelecer as regras gerais de um plano destinado a aumentar a produção de carneiros tanto em terras japonesas quanto na Mongólia e na Manchúria, ele partiu para esta última região no ano seguinte com o intuito de fazer uma inspeção in loco. E aqui começam seus problemas.

A primavera de 1935 transcorreu pacificamente na Manchúria. Os acontecimentos tiveram início em julho: certo dia desse mês, o Doutor Carneiro partiu sozinho a cavalo para inspecionar o gado ovino e desapareceu.

Três, quatro dias se passaram sem que ele voltasse. Grupos de busca com a participação de militares procuraram desesperadamente por toda a terra selvagem, mas não o encontraram. Conjeturou-se na época se ele não teria sido devorado por lobos, ou raptado por bandoleiros. Uma semana depois, quando todos principiavam a perder as esperanças, o Doutor Carneiro de repente reapareceu certa tarde no acampamento. Abatido, faces encovadas e cheio de cicatrizes, só os olhos brilhavam de forma estranha. Além de tudo, não tinha mais o cavalo e o relógio consigo. “Eu me perdi, e o cavalo se feriu”, explicou ele. Todos acreditaram.

Um mês depois, porém, estranhos boatos começaram a circular na repartição. Os boatos davam conta de que ele tinha tido uma “relação especial” com um carneiro. Mas ninguém sabia dizer em que consistia a referida “relação

especial”. Seu chefe o chamou para apurar a verdade dos fatos. Numa sociedade colonial, boatos não podiam ser ignorados.

— Você teve realmente uma relação especial com um carneiro? — perguntou o superior.

— Sim, senhor — respondeu o Doutor Carneiro.

Seguem-se as perguntas e as respostas da ocasião.

P: Por relação especial entende-se “relação sexual”?

R: Não, senhor.

P: Explique-se.

R: A relação é espiritual.

P: Isso não é uma explicação.

R: Não encontro palavras adequadas, mas julgo que comunicação espiritual seja uma boa definição.

P: Está querendo me dizer que se comunicou espiritualmente com um carneiro?

R: Correto.

P: Está me dizendo que durante a semana em que esteve desaparecido comunicava-se espiritualmente com um carneiro?

R: Correto.

P: Não acha que praticou um ato incompatível com sua função?

R: Estudar carneiros é a minha função.

P: Não reconheço comunicação espiritual como parte do estudo. Quero que se abstenha dessa relação doravante. Não se esqueça de que você se formou com louvor na Faculdade de Agronomia da Universidade Imperial de Tóquio e que tem um passado de trabalhos notáveis no ministério. No futuro, está destinado a estabelecer a política agrícola do Leste Asiático, lembre-se.

R: Compreendi.

P: Esqueça essa história de comunicação espiritual. Carneiros são apenas animais domésticos.

R: É impossível esquecer.

P: Explique-me por quê.

R: Porque o carneiro está dentro de mim.

P: Isso não é uma explicação.

R: Não sei explicar melhor.

Em fevereiro de 1936, o Doutor Carneiro foi chamado de volta ao Japão e, depois de ser submetido a diversos interrogatórios semelhantes, remanejado para a Sala de Arquivos do ministério, onde passou a compilar índices e a organizar estantes. Em outras palavras, tinha sido alijado do comando da política agrícola do Leste Asiático.

— O carneiro retirou-se de mim — disse o Doutor para amigos íntimos, na época. — Mas eu o tive em mim — acrescentava.

Em 1937, o Doutor Carneiro deixou o Ministério da Agricultura e, aproveitando uma cláusula do “Plano Nipo-Manchuriano de Expansão da Pecuária Ovina: Meta Três Milhões de Cabeças” elaborado por ele mesmo no passado, levantou um empréstimo junto ao referido ministério e se transferiu para Hokkaido, tornando-se criador de carneiros. Lote inicial: 56 cabeças.

1939: Doutor Carneiro casa-se. Lote: 128 carneiros.

1942: Nasce o primogênito (atual gerente do Hotel do Golfinho). Lote: 181 carneiros.

1946: A fazenda do Doutor Carneiro é desapropriada pelas tropas americanas de ocupação. Lote: 62 carneiros.

1947: Entra a serviço da Associação dos Criadores de Gado Ovino de Hokkaido.

1949: Sua mulher morre de tuberculose.

1950: Nomeado presidente da Associação dos Criadores de Gado Ovino de Hokkaido.

1960: O primogênito perde a ponta de dois dedos no porto de Otaru.

1967: A Associação encerra as atividades.

1968: O Hotel do Golfinho inicia as atividades.

1978: Um jovem corretor imobiliário surge fazendo perguntas sobre um carneiro.

Este último sou eu.

*

— Beleza! — exclamei.

*

— Preciso me encontrar com seu pai de qualquer jeito — eu disse.

— Não tem nenhum problema. Meu pai, porém, não gosta de mim, de modo que vocês terão de ir sozinhos ao encontro dele. Importam-se? — perguntou o filho do Doutor Carneiro.

— Não gosta de você?

— É que, além de não ter dois dedos, estou começando a ficar careca.

— Não me diga... — murmurei. — Ele é um bocado excêntrico, não?

— Não é bonito um filho dizer isso do próprio pai, mas ele é bastante excêntrico, sem dúvida alguma. Ele se tornou uma pessoa totalmente diferente depois do contato com o carneiro. Está bastante irascível e chega a ser cruel, às vezes. Mas no fundo é uma pessoa muito doce. Basta ouvi-lo tocando violino para perceber. O carneiro o maltratou. E através dele o carneiro também me maltrata.

— Vejo que gosta muito do seu pai — observou minha amiga.

— É verdade. Gosto muito dele — disse o gerente do Hotel do Golfinho.

— Meu pai, porém, não gosta de mim. Ele nunca me pegou no colo, nem me dirigiu palavras de carinho desde o dia em que nasci. E desde que perdi os dedos e os cabelos, ele vive me atormentando.

— Acho que não tem essa intenção — consolou minha namorada.

— Também acho — acrescentei.

— Muito obrigado — disse o gerente.

— Acha que ele nos receberá se formos até lá pessoalmente? — perguntei.

— Não tenho certeza — respondeu o gerente. — Mas se vocês cuidarem de dois pontos, acho que ele os verá. Primeiro, devem dizer-lhe claramente que querem fazer algumas perguntas a respeito de carneiros.

— E segundo...?

— Não lhe digam que fui eu quem os mandou.

— Bem pensado — eu disse.

Agradecemos ao filho do Doutor Carneiro e subimos a escada. O andar superior era frio e úmido. A iluminação era precária e havia pó acumulado nos cantos do corredor. O ar estagnado tinha um forte cheiro de papel velho e de corpo humano. Percorremos um corredor comprido e, no fim dele, batemos numa porta velha, conforme nos instruiu o filho. Havia uma tabuleta de

plástico bastante antiga, com a inscrição “Sala do Presidente” pregada no alto da porta. Bati de novo. Nada de resposta ainda. Ao bater pela terceira vez, ouvi alguém gemendo do lado de dentro.

— Não me amole — disse uma voz de homem. — Não me amole.

— Vim para lhe fazer algumas perguntas a respeito do carneiro.

— Vai pastar bosta, vai! — berrou o Doutor Carneiro de dentro do quarto. Voz poderosa para ser de alguém com setenta e três anos de idade.

— Preciso vê-lo de qualquer jeito! — gritei da porta.

— Não tenho nada a falar de carneiros, idiota! — berrou de volta o Doutor Carneiro.

— Mas *tem* de falar — repliquei. — É a respeito do carneiro que desapareceu em 1936.

Um breve silêncio se seguiu. E então a porta se abriu com violência. O Doutor Carneiro estava em pé diante de nós.

Seus cabelos eram longos e brancos como a neve. As sobrancelhas também, e pendiam como pingentes de gelo diante dos olhos. Tinha cerca de um metro e sessenta e cinco de altura, postura ereta, ossatura grande, e o nariz se projetava num ângulo desafiador, semelhante ao de uma prancha de salto de esqui.

O cheiro do seu corpo estava em todo o quarto. Aliás, aquilo não podia ser definido propriamente como cheiro de corpo. Além de um determinado ponto, abria mão da qualidade de odor corporal para se dissolver no tempo, para se mesclar com a luz. Pilhas de livros e documentos velhos preenchiam todos os cantos e recantos da espaçosa sala, ocultando quase totalmente o piso. A maioria dos livros era estrangeira, e todos sem exceção estavam manchados. A um canto da parede do lado direito havia uma cama imunda, e havia ainda uma enorme escrivaninha de mogno e uma cadeira giratória diante de uma janela na parede frontal. Comparativamente, a mesa estava bem arrumada, e sobre os documentos havia um peso de vidro em forma de carneiro. A iluminação da mesa provinha de um único abajur empoeirado com lâmpada de parcos 60 watts.

O Doutor Carneiro usava um cardigã preto sobre uma camisa cinza, e disformes calças de tecido em padrão espinha de peixe. À luz incerta do quarto, seu cardigã preto e sua camisa cinza pareciam às vezes cardigã cinza e camisa branca. Essas talvez fossem as cores originais das peças, quem sabe.

O Doutor Carneiro sentou-se na cadeira giratória perto da mesa e com um dedo nos indicou a cama. Abrimos caminho até ela transpondo pilhas de livros, como se o aposento fosse um campo minado, e nos sentamos. A sujeira da cama era tanta que pensei por instantes se minha calça Levi's não grudaria nela para sempre. O Doutor Carneiro cruzou as mãos sobre a escrivaninha e nos observou atentamente. Pelos pretos cobriam seus dedos até nas articulações. Os pelos pretos faziam notável contraste com o branco quase cegante dos seus cabelos.

O Doutor Carneiro apanhou então o telefone e berrou ao bocal: "Tragam de uma vez a droga do meu jantar!"

— Bem — disse ele. — Quer dizer então que vocês vieram me falar do carneiro que desapareceu em 1936?

— Isso mesmo — confirmei.

— Certo. — disse ele. Assoou o nariz estrepitosamente num pedaço de papel. — Vocês querem me falar dele? Ou querem informações sobre ele?

— Ambos.

— Comecem então falando.

— Sei o que aconteceu ao carneiro depois que ele o deixou na primavera de 1936.

— Essa é boa — resmungou o Doutor Carneiro. — Você está me dizendo que sabe a respeito daquilo que tem dado sentido à minha vida nos últimos 42 anos?

— Sei — afirmei.

— Na certa lorotas.

Tirei do bolso o isqueiro de prata e a foto que o Rato me mandou e os deposei sobre a escrivaninha. Ele estendeu a mão peluda e apanhou as duas coisas, ficando a examiná-las longamente à luz do abajur. O silêncio flutuou na sala em partículas finas durante muito tempo. As janelas de vidro duplo deixavam de fora a balbúrdia urbana e o som crepitante proveniente do velho abajur servia apenas para acentuar o pesado silêncio.

O velho terminou de examinar foto e isqueiro, apagou o abajur com um estalido e esfregou com força os dois olhos com seus dedos grossos, dando a impressão de que queria afundá-los na caixa craniana. Quando afastou os dedos, seus olhos estavam vermelhos e turvos, semelhantes aos de um coelho.

— Perdoe-me — disse o Doutor Carneiro. — Perdi a confiança na humanidade porque vivo rodeado de imbecis.

— Não tem importância — eu disse.

Minha namorada sorriu gentilmente.

— Você é capaz de imaginar-se numa situação em que a realidade lhe foi arrancada pela raiz, deixando-lhe apenas uma obsessão? — perguntou-me ele.

— Não — respondi.

— É o inferno. A obsessão é um inferno que redemoinha. Um inferno nas profundezas da terra, onde não existe nem uma réstia de luz, nem uma gota d'água. Assim tem sido minha vida nestes últimos 42 anos.

— Por causa do carneiro?

— Sim. Por causa do carneiro. O carneiro me abandonou nesse inferno. Era primavera de 1936.

— E foi então que se demitiu do ministério para sair em busca do carneiro?

— Esses funcionários públicos são todos uns incompetentes. São incapazes de apreender o valor real dos fatos. Se depender deles, nunca compreenderão a importância desse carneiro.

Uma batida na porta, e uma voz feminina anunciou do lado de fora:

— Sua refeição, senhor.

— Deixe-a aí mesmo! — berrou o Doutor Carneiro.

Um leve baque indicou que a bandeja tinha sido depositada no chão do corredor. Em seguida, passos se afastaram. Minha namorada abriu a porta e transportou a bandeja até a escrivaninha do Doutor Carneiro. Sobre a bandeja havia sopa, salada, pãozinho e bolinhos de carne para o Doutor, e duas xícaras de café, uma para mim e outra para minha garota.

— Vocês já jantaram? — perguntou ele.

— Já — respondemos.

— Que comeram?

— Vitela ao molho madeira — eu disse.

— Camarões grelhados — disse ela.

— Humm... — gemeu o Doutor. Tomou a sopa, roeu os croutons. — Desculpem meus modos, mas conversaremos enquanto como. Estou com fome.

— À vontade, à vontade — dissemos.

O Doutor Carneiro tomou a sopa, nós sorvemos nossos cafés. Ele tomava a sopa contemplando fixamente o fundo do prato.

— Sabe onde fica a área retratada nessa foto? — perguntei.

— Sei. Sei muito bem.

— Pode nos dar sua localização?

— Espere, espere um pouco — disse ele. Afastou o prato de sopa agora vazio. — Todas as coisas têm sua ordem. Vamos segui-la. Deixe-me falar-lhes primeiro dos acontecimentos de 1936. Eu falo primeiro, depois você fala.

Assenti com um movimento de cabeça.

— Resumindo — disse ele —, o carneiro entrou em mim no verão de 1935. Eu andava estudando as pastagens próximas à fronteira da Manchúria, me perdi e passei uma noite no interior de uma caverna que descobri por acaso. Um carneiro me surgiu em sonhos e me perguntou se podia passar para dentro de mim. Disse-lhe que sim. Na ocasião, o pedido não me pareceu nada extraordinário. Sobretudo porque eu tinha plena consciência de estar sonhando — disse o velho homem, rindo furtivamente e comendo a salada. — O carneiro era de uma espécie totalmente desconhecida para mim. Por causa do meu trabalho, eu conhecia todas as raças de carneiro existentes em todo o mundo, mas este era especial. Seus chifres torciam-se num ângulo estranho, as patas eram grossas e curtas, e os olhos, translúcidos como água de nascente. O pelame era de um branco puro, mas nas costas havia uma área com pelos castanhos em forma de estrela. Não havia carneiros dessa espécie em lugar algum do mundo. E foi por isso que eu lhe respondi que podia entrar em mim. Como pesquisador, não podia perder de vista um espécime tão raro, entendem?

— Qual a sensação de ter um carneiro entrando na gente?

— Nenhuma em especial. Eu só sentia que o carneiro *estava* em mim. Era o que eu sentia de manhã, quando acordava: o carneiro estava dentro de mim. Uma sensação muito natural.

— Alguma vez teve enxaqueca?

— Nem uma única vez em toda a minha vida.

O Doutor Carneiro mergulhou o bolinho de carne no molho, empurrou-o para dentro da boca e o mastigou vigorosamente.

— Em regiões ao norte da China e na Mongólia, não é raro ouvir falar de carneiros entrando em seres humanos. Esses povos acreditam que é uma bênção divina ter um carneiro no corpo. Por exemplo, num livro publicado no período Yuan,⁵ consta que havia um “carneiro branco com uma estrela nas costas” dentro de Gengis Khan. Interessante, não?

— Muito.

— Acredita-se que um carneiro capaz de entrar num ser humano seja imortal. Por tabela, humanos que os abrigam também se tornam imortais. Mas no instante em que o carneiro os abandona perdem a imortalidade. Tudo depende da vontade do carneiro. Se lhe agrada, permanece no mesmo corpo dezenas de anos. Se não, passar bem, vai-se embora num piscar de olhos. Os abandonados pelo carneiro são chamados *descarneirados*. Isto é, sujeitos como eu.

Mastigou mais um pouco.

— Desde que o carneiro entrou em mim, passei a estudar todo o folclore e todas as lendas referentes a esses animais. Ouvi relatos do povo local, pesquisei antigos escritos. E foi então que começou a circular no seio da população o boato de que eu abrigava um carneiro. Logo a história chegou aos ouvidos do meu superior hierárquico. Ele não gostou nada do que ouviu. Rotulou-me de “mentalmente perturbado” e me mandou de volta para cá. Longe da pátria por muito tempo, afetado pela distância, sabe como é.

Depois de acabar com os três bolinhos de carne, o Doutor Carneiro atacou o pãozinho. Dava gosto vê-lo comer.

— Foi total idiotice (a idiotice, aliás, é a essência do Japão moderno) não termos aprendido absolutamente nada dos povos asiáticos com quem mantivemos contato no passado. Idem no caso dos carneiros. A pecuária ovina no Japão terminou em fracasso porque a vimos apenas pelo prisma da autossuficiência em carne e lã. Faltou pensar nela no plano cotidiano, do dia a dia. Pensou-se apenas em colher resultados com eficiência, sem levar o fator tempo em consideração. Tudo é feito desse modo neste país. Em outras palavras, não temos os pés no chão. Não é de estranhar que tenhamos perdido a guerra.

— E o carneiro veio para o Japão em sua companhia? — perguntei, tentando voltar ao assunto.

— Correto — respondeu o Doutor Carneiro. — De Pusan, tomei um navio e voltei para cá. O carneiro veio junto.

— Qual era o objetivo do carneiro? Faz ideia?

— Não — disse ele, quase cuspiendo as palavras. — Não faço a menor ideia. O carneiro não me revelou seus propósitos. Mas sei que ele tinha algo grande em mente. Até esse ponto mesmo eu podia perceber. Um plano monumental, algo que mudaria por completo o mundo e a humanidade.

— Um único carneiro planejava tudo isso?

O Doutor Carneiro assentiu balançando a cabeça. Meteu o último pedaço de pão na boca e bateu as mãos de leve espanando as migalhas.

— Não sei por que se admira. Lembre-se de tudo que Gengis Khan realizou.

— Quanto a isso, é verdade — eu disse. — Mas por que é que o carneiro escolheu justo o Japão a essa altura dos acontecimentos?

— Acho que eu despertei o carneiro de um longo sono. Ele devia estar dormindo havia algumas centenas de anos naquela caverna. E eu, este sujeito que aqui está, o acordei.

— A culpa não foi sua — eu disse.

— Engana-se — disse o Doutor Carneiro. — A culpa foi minha. Eu devia ter percebido mais cedo. E então poderia ter agido. Mas não, tive de demorar para perceber. E, quando percebi, o carneiro já tinha fugido de dentro de mim.

O Doutor Carneiro calou-se e esfregou os tufos brancos de sobrancelha que lhe caíam como pingentes sobre os olhos. O peso dos quarenta e dois anos de busca parecia ter-se infiltrado em cada recanto do corpo.

— Quando acordei certa manhã, já não encontrei o carneiro. Só então compreendi o verdadeiro sentido da expressão *estar descarneirado*. É o inferno. O carneiro se vai, deixando apenas uma obsessão. Mas sem o carneiro é impossível eliminar a obsessão. *Estar descarneirado* é isso.

O Doutor Carneiro assoou o nariz outra vez num pedaço de papel.

— É sua vez de falar — disse.

Eu então lhe contei sobre os passos do carneiro depois de sair do corpo do Doutor. De como o carneiro entrara num jovem prisioneiro militante da direita. De como esse jovem havia-se transformado num influente personagem político da direita. De como ele cruzou em seguida o oceano e arribou no continente chinês, onde construiu uma rede de informações e fortuna pessoal. De como fora preso como criminoso de guerra Classe A, e de como obtivera sua liberdade em troca da rede de informações sobre o continente chinês. De como se apossara do lado escuro dos mundos político, financeiro e informativo do Japão pós-guerra alavancado por sua fortuna etc. etc. etc.

— Já ouvi falar nesse personagem — disse o Doutor Carneiro em tom amargo. Pelo jeito, o carneiro encontrou a pessoa certa.

— Mas durante a primavera deste ano o carneiro abandonou o corpo desse homem, que hoje está em coma, às portas da morte. O homem tinha um mal crônico no cérebro e, até agora, o carneiro vinha-lhe protegendo a vida.

— Ele tem de se dar por feliz. Para o *descarneirado*, é muito mais confortável perder a consciência.

— Por que o carneiro o abandonou depois de ter se empenhado durante tantos anos em construir essa gigantesca organização?

O Doutor Carneiro suspirou profundamente.

— Ainda não compreendeu? Tanto ele como eu tivemos o mesmo fim. Perdemos a utilidade. Todo ser humano tem um limite e, para o carneiro, um ser que chegou ao limite não tem mais utilidade. Acredito que esse homem não compreendeu inteiramente o que o carneiro queria. Coube a ele apenas a tarefa de construir uma gigantesca organização e, no instante em que conseguiu o que queria, o carneiro o abandonou. Do mesmo jeito que me utilizou como meio de transporte e me abandonou em seguida.

— E depois disso, que estará o carneiro fazendo?

O Doutor Carneiro apanhou a foto sobre a escrivaninha e lhe deu alguns piparotes.

— Perambula por todo o território japonês em busca de um novo hospedeiro, entendeu? Tenho a impressão de que ele pretende posicionar esse novo personagem no topo da sua organização.

— Que quer esse carneiro, afinal?

— Como já lhe disse antes, não sou capaz de expressar em palavras o que ele quer, infelizmente. Só posso lhe dizer que o carneiro procura materializar sua obsessão ovina.

— Uma obsessão nobre?

— Do ponto de vista de um carneiro, sim, sem dúvida.

— E para o senhor?

— Não sei dizer — respondeu o velho. — Não sei, realmente não sei. Depois que o carneiro se foi, não consigo mais saber até onde sou eu e até onde é a sombra do carneiro, ainda.

— Que quis dizer há pouco, quando disse que se tivesse percebido mais cedo poderia ter agido?

O Doutor Carneiro balançou a cabeça negativamente.

— Não pretendo revelar-lhe isso.

Um pesado silêncio envolveu o aposento mais uma vez. Do lado de fora da janela começava a desabar uma chuva torrencial. Era a primeira vez que chovia desde que chegáramos a Sapporo.

— Por último, gostaria que me dissesse onde esta foto foi tirada.

— Numa fazenda onde morei durante nove anos. Ali criei carneiros. Ela foi requisitada pelo Exército norte-americano logo depois que a guerra acabou e, quando a devolveram, vendi-a para um ricoço. Deve pertencer ainda hoje à mesma pessoa.

— Essa pessoa continua criando carneiros?

— Não sei ao certo. Acredito que sim, pelo que vejo nessa foto. Seja como for, a fazenda fica num lugar ermo, longe da civilização. Não há nenhuma casa nas proximidades. O tráfego também se interrompe no inverno. O proprietário deve usá-la apenas durante dois ou três meses por ano. Apesar de tudo, é um lugar tranquilo e agradável.

— Sabe se tem caseiros tomando conta da casa nos períodos em que ela fica fechada?

— Não acredito. Ninguém exceto eu se disporia a passar um inverno inteiro naquele local. Durante o inverno, você pode pagar para a prefeitura para que cuidem dos seus carneiros no Centro de Ovinocultura Municipal. A casa que é a sede da fazenda foi projetada com o teto em declive acentuado, de modo a não acumular neve, e não existe sequer o perigo de roubo, porque não é fácil transportar o produto pilhado a partir daqueles ermos. Lembre-se de que a quantidade de neve que cai naquelas bandas é simplesmente estarrecedora.

— Acha que tem alguém morando lá neste momento?

— Não sei dizer. Acredito que não haja mais ninguém por lá. O período das nevascas se aproxima, ursos já começam a vagar em busca de comida antes de hibernar... Por quê? Pretende ir até lá?

— É provável que eu precise ir. Não vejo nenhuma outra alternativa.

O Doutor Carneiro permaneceu alguns momentos em silêncio. Ele tinha molho de tomate dos bolinhos de carne em torno dos lábios.

— Para falar a verdade, outra pessoa esteve aqui antes de vocês perguntando sobre a fazenda. Acho que foi em fevereiro deste ano. Aliás, ele se parecia com você e tinha mais ou menos a sua idade. Disse que se interessou quando viu a fotografia no vestíbulo do hotel. E eu andava cansado desta

monotonia, de modo que o atendi e lhe dei informações minuciosas. Ele me disse que usaria o material para escrever um romance.

Tirei do bolso uma foto em que aparecíamos juntos, o Rato e eu, e a entreguei ao Doutor. Ela tinha sido tirada em 1970, no J's Bar, pelo próprio J. Eu apareço de lado, fumando, e o Rato está olhando para a câmera com o polegar para cima. Éramos ambos jovens e bastante bronzeados, então.

— Este é você — disse o Doutor Carneiro, acendendo a luz do abajur e contemplando a foto. — Mais novo do que hoje.

— Essa foto é de oito anos atrás.

— O outro deve ser o homem que me procurou. Estava mais velho e usava bigode, mas não deve haver engano.

— Bigode?

— Um bigode bem cuidado, no meio de uma barba descuidada.

Tentei imaginar o Rato de bigode, mas não deu certo.

O Doutor Carneiro me fez um mapa minucioso da fazenda. Era preciso baldear para uma ferrovia secundária nas proximidades de Asahikawa e dali viajar quase três horas para se chegar a uma pequena cidade na base de uma montanha. A fazenda ficava a três horas de carro dessa cidade.

— Obrigado por tudo — eu disse.

— Francamente, acho melhor deixarem o carneiro em paz nesta altura. Veja o que me aconteceu. Ninguém que tenha entrado em contato com esse carneiro conseguiu ser feliz. Porque valores humanos não significam nada para esse animal. Mas você deve ter seus motivos, pelo que percebi.

— Exatamente.

— Cuidem-se — disse o Doutor Carneiro. — E ponham essa bandeja do lado de fora da porta antes de irem.

[4](#) 1600-1867. (N. T.)

[5](#) Dinastia mongol que reinou na China de 1279 a 1368. (N.E.)

Deixamos o Hotel do Golfinho

Levamos um dia inteiro preparando-nos para a viagem.

Numa casa de material esportivo compramos equipamento de alpinismo e comida desidratada, além de suéteres de pescador e meias grossas de lã numa loja de departamentos. Numa livraria, adquirimos um mapa da localidade na escala 1:50.000 e um livro de história local. Escolhemos sapatos resistentes com ferrões, próprios para caminhar na neve, e roupas de baixo térmicas e ásperas.

— Este tipo de roupa não combina com a minha profissão — observou ela.

— Você não terá tempo para pensar nisso quando se vir no meio da neve — eu disse.

— Pretende ficar até a época das neves?

— Não faço ideia. Sei apenas que já começa a nevar em fins de outubro, de modo que é melhor nos prepararmos. Ninguém sabe o que pode acontecer.

Retornamos ao hotel, embalamos todas as compras numa mochila grande e confiamos a bagagem supérflua trazida de Tóquio ao gerente do hotel. Na verdade, quase tudo que ela trouxera de Tóquio era supérfluo. Um jogo inteiro de produtos de beleza, cinco livros, seis fitas cassete, vestidos e sapatos de salto alto, roupas íntimas e meias-calças suficientes para encher um saco de supermercado, camisetas e shorts, um relógio despertador para viagem, um caderno de desenho e um jogo de lápis de cor de vinte e quatro cores, papel de carta e envelopes, toalhas de banho, um estojo de emergência, secador de cabelos e cotonetes.

— Para que os vestidos e sapatos de salto alto? — perguntei.

— E se fôssemos a uma festa? — perguntou ela por sua vez.

— Festa? Festa onde?

No final das contas, ela acabou enfiando na mochila um vestido cuidadosamente dobrado e um par de sapatos de salto alto. Quanto aos seus produtos de beleza, compramos um jogo compacto para viagem.

O gerente concordou com prazer em guardar nossas coisas. Acertei a conta da hospedagem até a do dia seguinte e lhe disse que voltaríamos em uma ou

duas semanas.

— Meu pai lhes foi de alguma utilidade? — perguntou ele com visível preocupação.

Disse-lhe que de muita.

— Bem que eu queria ter também alguma coisa para procurar, sabe? — disse o gerente. — Mas, para começo de conversa, não sei nem o que procurar... Meu pai passou a vida inteira em busca de alguma coisa. Aliás, ele continua. Cresci ouvindo-o contar a história de um carneiro branco que lhe apareceu em sonhos. A vida é isso, pensei. Isto é, pensei que a vida tem de ser uma busca contínua.

O vestíbulo do Hotel do Golfinho estava silencioso como sempre. Uma empregada idosa subia e descia as escadas empunhando um esfregão.

— Mas meu pai já está com setenta e três anos e ainda não encontrou o seu carneiro. E eu não consigo sequer saber com certeza se ele existe ou não. Nem se a vida foi boa para o meu próprio pai. Eu gostaria de vê-lo feliz, mesmo que fosse a partir de hoje, mas ele me despreza, não quer ouvir meus conselhos. Tudo porque não tenho um objetivo na vida.

— Mas você tem este hotel — disse minha namorada gentilmente.

— Além de tudo, acredito que a busca do carneiro já terminou para o seu pai — acrescentei. — Porque nós nos encarregamos de continuá-la daqui para a frente, entende?

O gerente sorriu.

— Nada mais tenho a reclamar, nesse caso. Talvez possamos ser felizes a partir de agora, um em companhia do outro.

— Assim espero — eu disse.

*

— Acredita realmente que aqueles dois serão felizes? — perguntou-me ela momentos depois, quando ficamos sozinhos.

— Vai demorar um pouco, mas acredito que sim. Pois ele conseguiu preencher um vácuo de quarenta e dois anos, não conseguiu? A missão do Doutor Carneiro terminou. E cabe agora a nós dois encontrar a pista do carneiro, entendeu?

— Gosto muito daqueles dois.

— Também gosto.

Depois de ajeitar nossas coisas, transamos e fomos para a cidade assistir a um filme. Do mesmo jeito que nós dois, muitos casais transavam no filme. Não era nada mau ver os outros transando.

Capítulo VIII

Em busca do carneiro III

Fundação, progresso e decadência da cidade de Junitaki

No trem que partiu cedo de Sapporo para Asahikawa, tomei cerveja e li o livro *História da cidade de Junitaki*, uma edição volumosa, em caixa. Junitaki é a cidade onde se situa a fazenda do Doutor Carneiro. A leitura talvez não fosse proveitosa, mas mal não me faria. Nascido em Junitaki em 1940, o autor se formara em letras pela Universidade de Hokkaido e vinha se destacando desde então como historiador especializado em sua cidade natal, dizia o prólogo. Não obstante estar se destacando, o autor produzira apenas aquele único livro até o momento. Data da publicação: maio de 1970. Primeira edição, naturalmente.

De acordo com o livro, os primeiros colonizadores da área em que hoje se situa a cidade de Junitaki tinham chegado no início do verão de 1880. O grupo era composto de dezoito miseráveis pequenos lavradores originários de Tsugaru. Suas posses resumiam-se a alguns instrumentos agrícolas, roupas e cobertores, além de panelas e facas de cozinha.

Eles se detiveram inicialmente num povoado ainu nas proximidades de Sapporo, e juntando o pouco dinheiro de que dispunham, contrataram um jovem ainu como guia. O guia era magro e tinha olhos negros. Seu nome em língua ainu significava “Fases da Lua”. (Aqui, o autor observa que o jovem talvez tivesse tendências maníaco-depressivas.)

Apesar disso, acabou se revelando um guia muito mais eficiente do que esperavam. Liderando o grupo dos dezoito lavradores de natureza sombria e extremamente desconfiada, e com os quais mal conseguia se comunicar por desconhecê-los a língua, o guia ainu rumou para o norte subindo o rio Ishikari. Ele sabia perfeitamente onde encontrar terras férteis.

No quarto dia, o grupo chegou ao seu destino, uma vasta planície muito bem irrigada. Flores desabrochavam por todos os lados.

— Bom lugar, este — disse o jovem ainu com satisfação. — Poucos animais ferozes, terra fértil, bastante salmão.

— Nada feito — disse o líder dos agricultores sacudindo a cabeça. — Acho melhor seguir mais para o fundo.

Talvez os lavradores imaginassem que havia terras melhores interior adentro, pensou o guia. Muito bem, vamos seguir adiante nesse caso.

O grupo continuou mais dois dias rumo norte. E então descobriram terras não tão férteis quanto as primeiras, mas a salvo de enchentes por se situarem numa elevação.

— E agora? — perguntou o guia. — Bom lugar também. Achar como?

Os lavradores tornaram a sacudir a cabeça, discordando.

Depois de repetirem algumas vezes o mesmo tipo de diálogo, acabaram finalmente alcançando a área do rio Asahikawa. Estavam então a sete dias de viagem e a quase 140 km de distância de Sapporo.

— E aqui? — perguntou o jovem, sem muita esperança.

— Nada feito — responderam os lavradores.

— Mas daqui para a frente, ter de andar montanhas — avisou o guia.

— Não faz mal — responderam os lavradores alegremente.

E assim transpuseram o passo de Shiogari.

É claro que havia um motivo para os lavradores recusarem as campinas férteis e prosseguirem de propósito rumo ao interior selvagem. Na verdade, aquela gente havia praticamente fugido no meio da noite da vila onde viviam, deixando pesadas dívidas para trás. Eles precisavam evitar as planícies convidativas e de fácil acesso, onde seriam de imediato localizados por seus credores.

O jovem ainu não tinha como saber desses pormenores, é claro. De modo que, ao ver seus lavradores recusarem as terras férteis apropriadas para a lavoura e seguirem cada vez mais para o norte, espantou-se, preocupou-se, perturbou-se e aos poucos perdeu a autoconfiança.

Mas a personalidade desse guia era com certeza bastante complexa, pois a partir da altura em que todos transpuseram o passo de Shiogari, ele tinha se identificado por completo com a fatídica — e para ele incompreensível — compulsão dos lavradores para prosseguir rumo norte. E então passou a incluir os caminhos mais áridos e os pântanos mais traiçoeiros em sua rota, para grande alegria dos lavradores.

A quatro dias de viagem do passo de Shiogari sempre na direção norte, o grupo se deparou com um rio que corria do leste para o oeste. E depois de uma breve discussão resolveram unanimemente prosseguir para o leste.

A rota e a região escolhidas eram indiscutivelmente horríveis. Os homens abriram caminho através de um denso mar de bambus, cruzaram levando quase a metade de um dia uma campina de relva tão alta que chegou a encobri-los, vadearam um pantanal metidos na lama até o peito, escalaram montanhas rochosas e prosseguiram sempre para o leste. À noite, armaram tendas rústicas na beira do rio e dormiram ouvindo o uivo dos lobos. As mãos se ensanguentaram cortadas por folhas de bambus, moscóes e pernilongos picaram-nos sem dó, entrando por seus ouvidos para sugar-lhes o sangue.

No quinto dia de marcha para o leste viram-se barrados por montanhas altas: não havia mais como prosseguir dali para a frente. Que tivessem paciência, declarou o jovem ainu, mas ele não via nenhum jeito de um ser humano se estabelecer além daqueles limites. E então os lavradores finalmente pararam. Era 8 de julho de 1880, e estavam a duzentos e sessenta quilômetros de distância de Sapporo.

Os homens examinaram a topografia, a qualidade da água e da terra, e concluíram que a região era adequada para atividades agrícolas. Repartiram as terras e no centro delas construíram uma cabana comunitária com toras.

O guia perguntou então a um grupo ainu que por acaso caçava nas proximidades: “Como se chamam estas terras?” Os ainus lhe responderam: “Quem pensaria em dar nome a um lugar que mais se parece com o cu do mundo?”

Por tudo isso, o povoado permaneceu sem nome por algum tempo. Para que dar nome a uma vila no meio do nada, sem vestígio humano (mesmo que houvesse, os habitantes não haveriam de querer contato) num raio de sessenta quilômetros? Em 1888, um funcionário do governo de Hokkaido surgiu para recensear a população do povoado. Na ocasião, o recenseador achou que a localidade precisava de um nome, mas os colonizadores acharam que não. Não só acharam que não, como também fizeram uma reunião na cabana comunitária carregando pás e enxadas, ao fim da qual votaram a resolução: “Não daremos nome ao povoado.” Sem ter a quem apelar, o recenseador deu ao lugarejo, por sua própria conta e risco, o nome Povoado Junitaki, ou seja, “Povoado das Doze Quedas”, inspirado nas doze quedas existentes no rio que corria ao lado, e assim reportou ao governo. Desde então, a colônia passou a ser oficialmente conhecida por esse nome, sendo mais tarde elevada à categoria de vila. Isso, porém, aconteceu bem mais tarde. Voltemos agora ao ano de 1881.

As terras se achavam presas entre duas montanhas que se abriam num ângulo aproximado de sessenta graus, e bem no meio delas corria o rio formando um vale profundo. Cu do mundo era sem dúvida uma definição adequada para a paisagem. Macegas de bambu se enredavam por toda parte, e coníferas gigantescas espalhavam suas grossas raízes por baixo da terra. Lobos, alces, ursos e ratos almiscarados, pássaros grandes e pequenos de todos os tipos vagavam por ali disputando a folhagem, as carnes e os peixes, aliás escassos no local. Borboletas e rãs abundavam.

— Vocês morar aqui de verdade? — perguntou o jovem ainu.

— Com certeza! — responderam os lavradores.

O guia não retornou aos seus, permanecendo no local com os colonizadores por motivos que não estão claros. O autor sugere que a curiosidade o reteve. (Aliás, sugestões do autor era o que não faltava na obra.) Uma coisa, porém, é certa: sem o guia, os pioneiros não teriam conseguido sobreviver aos rigores do primeiro inverno. O jovem ainu ensinou aos colonizadores como colher vegetais durante o inverno, proteger-se da neve, pescar em rio congelado, preparar armadilhas para lobos, espantar ursos afoitos em período de pré-hibernação, reconhecer mudanças climáticas pela direção do vento, cuidar de membros congelados, grelhar raízes de bambus para torná-las mais saborosas e derrubar coníferas numa direção preestabelecida. E assim os lavradores passaram a valorizar o jovem ainu, e este por sua vez recuperou a autoconfiança. Posteriormente, casou-se com a filha de um dos colonizadores, teve três filhos e adotou nome japonês. Deixara de ser Fases da Lua.

Mas, apesar de todo o empenho do jovem ainu, a vida dos colonizadores foi uma sucessão interminável de contratemplos. Em agosto, todas as famílias já tinham as próprias cabanas, que por terem sido construídas às pressas com toras de diferentes tamanhos e grossuras, permitiam a entrada dos ventos enregelantes no inverno. Os lavradores não raro encontravam, ao despertar, pela manhã, quase trinta centímetros de neve acumulada junto aos travesseiros. Além disso, cada família possuía em média apenas um jogo de cobertores, de modo que os homens enrolavam-se em esteiras e deitavam-se junto ao fogo. Quando as provisões se esgotaram, os colonizadores procuraram peixes no rio, ou ainda ruibarbos e samambaias enegrecidos pelo frio debaixo da espessa camada de neve. O inverno foi particularmente rigoroso, mas não houve

baixas. Ninguém brigou ou chorou. A única arma de que se valeram aquelas pessoas para sobreviver foi a pobreza, que as acompanhava desde o nascimento.

A primavera chegou. Duas crianças nasceram no povoado, aumentando para vinte e um o número de habitantes. As parturientes trabalharam nos campos até duas horas antes de dar à luz, e no dia seguinte já estavam de volta à lavoura. Batata e milho foram plantados nos roçados virgens. Os homens derrubaram árvores, queimaram raízes e prepararam a terra virgem. Brotos espontaram, frutos germinaram e, quando enfim as pessoas respiraram aliviadas, uma enorme nuvem de gafanhotos os atacou.

Os gafanhotos tinham vindo do outro lado das montanhas. A princípio, os pioneiros pensaram que uma extensa nuvem escura se aproximava. Em seguida, um zumbido ensurdecedor lhes chegou aos ouvidos. Ninguém entendeu o que estava por acontecer. O único a entender foi o jovem ainu. Ele ordenou aos homens que acendessem fogueiras em diversos pontos da lavoura. Os homens assim fizeram juntando todos os móveis das casas, encharcando-os com todo o óleo combustível de que dispunham e ateando-lhes fogo. As mulheres receberam ordens de bater com força em panelas com pilões. Tudo que era possível o jovem ainu fez, como mais tarde todos reconheceram. Em vão. Centenas de milhares de gafanhotos desceram sobre a lavoura e a devastaram. Nada restou.

Quando os gafanhotos se foram, o ainu jogou-se no chão e chorou. Nenhum dos lavradores, porém, chorou. Eles apenas juntaram os insetos mortos e queimaram-nos. E, quando acabaram de queimar, voltaram a preparar a terra.

Os colonizadores passaram outro inverno comendo peixes, assim como ruibarbos e samambaias desenterrados da neve. E, quando a primavera chegou, mais três crianças nasceram, e novas sementes foram lançadas à terra. No verão, nova nuvem de gafanhotos os atacou, devastando uma vez mais toda a plantação. Desta vez, o jovem ainu não chorou.

A invasão dos gafanhotos cessou no terceiro ano. Um prolongado período de chuvas tinha gorado seus ovos. Em contrapartida, as chuvas prejudicaram a lavoura. No ano seguinte besouros transformaram-se em praga, e no outro ainda fez muito frio.

Quando cheguei a esse ponto da leitura, fechei o livro, bebi mais uma latinha de cerveja, abri um lanche de ovas de salmão e comi.

Ela dormia de braços cruzados no banco dianteiro. O sol de outono entrava pela janela e cobria suavemente os seus joelhos com uma tépida manta de luz. Uma borboleta pequena entrara no vagão e flutuava como um pedaço de papel ao vento. Logo a borboleta pousou sobre um dos seios dela, descansou alguns instantes e se foi. Depois, ela me pareceu um tanto mais envelhecida.

Fumei um cigarro, abri o livro e retomei a leitura da *História da cidade de Junitaki*.

No sexto ano, o povoado mostrou, enfim, sinais de vitalidade. A lavoura frutificou, as cabanas foram melhoradas, as pessoas foram se acostumando ao frio daquelas paragens. As rústicas moradias de tora transformaram-se em robustas casas feitas de pranchas de madeira, fornos foram construídos, e lampiões penderam dos tetos. Os homens juntaram a pouca colheita excedente, peixes secos e chifres de alces, embarcaram todas as coisas num bote e levaram dois dias transportando-as para a cidade mais próxima, onde trocaram por sal, roupas e óleo. Alguns aprenderam a técnica de obter carvão queimando as toras resultantes do desmatamento. Aldeias e vilas iguais às deles nasciam a jusante do rio, e o intercâmbio entre elas floresceu.

Conforme o povoado se expandia, a falta de mão de obra tornava-se crucial. Os lavradores se reuniram e, depois de dois dias de acalorados debates, decidiram trazer reforços da vila natal. O problema era a dívida. Sondaram a situação cuidadosamente por intermédio de uma carta e receberam resposta comunicando que os credores pareciam ter desistido de cobrar. Só então o lavrador mais idoso mandou cartas a alguns de seus velhos amigos, convidando-os a juntarem-se a ele no trabalho de colonizar aquelas terras. Estavam em 1888, ano em que o recenseador surgira por lá e dera o nome de Junitaki ao povoado.

No ano seguinte, seis famílias, totalizando dezenove pessoas, vieram para Junitaki. Elas foram recebidas na cabana de toras de uso coletivo, agora melhorada, e todos choraram na emoção do reencontro. Cada família recebeu sua porção de terra e com a ajuda dos pioneiros preparou sua lavoura e construiu sua casa.

Em 1892 chegaram mais quatro famílias, totalizando dezesseis pessoas. Em 1896 juntaram-se a elas outras sete famílias e vinte e quatro pessoas.

E a população continuou a crescer. A cabana de uso coletivo foi ampliada e transformada em imponente prédio de reuniões, e erigiram até um pequeno santuário ao seu lado. O povoado de Junitaki foi elevado à categoria de vila. A refeição principal dos pioneiros continuava a ser painço, mas agora misturado com alvos grãos de arroz. A cidade passou a fazer parte da rota do carteiro, muito embora ele só surgisse a intervalos irregulares.

Nem tudo porém era um mar de rosas. Fiscais do governo começaram a aparecer com frequência, cobrando impostos e recrutando homens para o serviço militar. Quem mais se ressentiu disso foi o ex-guia ainu, que a essa altura já estava na casa dos trinta. Ele não conseguia compreender a obrigatoriedade dos impostos e do alistamento militar.

— Era melhor nos velhos tempos — dizia.

Apesar de tudo, a vila continuou a se expandir.

Em 1902, verificou-se que o solo de um platô nas cercanias da vila era apropriado para pasto, e nele a comunidade iniciou uma criação de carneiros. Técnicos do governo surgiram para ensinar aos colonizadores como construir cercas e curral para o gado, e como canalizar água para a irrigação. Em seguida, o caminho que beirava o rio foi melhorado com mão de obra recrutada em prisões. Logo, rebanhos de carneiros fornecidos a preço irrisório pelo governo vieram tangidos pela nova estrada. Por que o governo se mostrava tão generoso constituía um enigma total para os lavradores. Muitos consideraram que já era mais que tempo de alguma coisa boa lhes acontecer, uma vez que tinham sofrido demais até então.

Obviamente, o governo não estava sendo generoso a troco de nada. Instigado pelos militares que almejavam tornar-se autossuficientes em lã de carneiro para agasalhar seus exércitos durante a próxima campanha militar no continente asiático, o governo havia apenas ordenado ao Ministério da Agricultura e do Comércio que incentivasse a pecuária ovina, e o ministério por sua vez impusera a medida às autoridades provinciais de Hokkaido. A guerra russo-japonesa se aproximava.

Na vila, quem mais se interessou pela criação de carneiros foi o ex-guia ainu. Sob a supervisão de um técnico enviado pela província, aprendeu os segredos da criação de ovinos e tornou-se administrador do pasto comunitário. Os motivos que levaram o ex-guia a interessar-se pelos carneiros não estão

claros. Talvez ele não estivesse conseguindo adaptar-se à vida na comunidade, tornada subitamente complexa em virtude do aumento populacional.

Ao pasto chegaram inicialmente trinta e seis cabeças de carneiro southdown, vinte e um shropshire e dois cães pastores border collie. O antigo guia ainu logo se tornou um eficiente pastor, e o número destes e dos cães só fez aumentar nos anos seguintes. Ele aprendeu a amar profundamente tanto os carneiros como os cães. Os funcionários provinciais mostraram-se satisfeitos. As crias dos cães pastores logo alcançaram fama por sua eficiência e foram compradas por outros centros pecuários.

Quando a guerra russo-japonesa eclodiu, cinco rapazes da vila foram convocados e remetidos para as frentes de batalha no continente chinês. Os cinco foram servir num mesmo batalhão e, durante uma escaramuça em torno de uma colina, uma bomba inimiga explodiu na ala direita do batalhão, matando dois e arrancando o braço esquerdo de outro. A guerra terminou três dias depois, e os dois sobreviventes juntaram os pedaços dos amigos espalhados pelo campo. Todos os rapazes eram filhos de colonos da primeira e da segunda leva. Um deles era o filho mais velho do jovem ainu que se tornou pastor de ovelhas. Todos tinham morrido vestindo casacos militares feitos da lã dos seus carneiros.

— Por que temos de ir a terras estranhas para guerrear? — perguntou o pastor ainu a diversas pessoas. Ele já estava com quarenta e cinco anos.

Ninguém foi capaz de lhe dar uma resposta. O pastor ainu afastou-se então da vila e passou a viver em companhia dos carneiros. A mulher morrera cinco anos antes, das complicações de uma pneumonia, e as duas filhas que lhe restavam já tinham se casado. A comunidade passou a lhe pagar uma certa quantia, em dinheiro e em provisões, para cuidar dos carneiros.

Depois de perder o filho, o pastor ainu tornou-se ranzinza e morreu aos sessenta e dois anos de idade. Um menino que o ajudava a tomar conta dos carneiros encontrou-o caído no curral certa manhã de inverno. *Causa mortis*: congelamento. Dois cães de olhares desesperados, netos dos collies originais, ladeavam o cadáver e ganiam baixinho. Alheios a tudo, os carneiros continuavam a se alimentar no cercado repleto de feno. O ruído dos seus dentes mascando e batendo uns contra os outros ressoava no interior do curral como um concerto de castanholas.

A história da vila de Junitaki prosseguia, mas a do jovem ainu terminava nesse ponto. Ergui-me, fui ao banheiro e urinei as duas latas de cerveja. Ao retornar, encontrei-a acordada e contemplando distraidamente a paisagem pela janela. Fora, arrozais se estendiam a perder de vista. Às vezes, silos quebravam a monotonia da paisagem. Um rio se aproximou e logo se afastou. Fumei por instantes, observando em silêncio a paisagem e o perfil dela contemplando a paisagem. Ela não disse nada. Quando acabei de fumar, voltei à leitura. Sombras de uma ponte de ferro dançaram sobre o livro.

Quando o triste relato do jovem ainu que terminou seus dias como pastor de ovinos chegou ao fim, a história restante tornou-se bastante monótona. Exceto por ocorrências do tipo dez carneiros morrendo de timpanismo em certo ano, e frio afetando temporariamente a colheita, a vila prosperou em ritmo normal e foi elevada à categoria de município no decorrer do período Taisho.⁶ A cidade enriqueceu e modernizou-se cada vez mais. Logo surgiram a primeira escola primária, a sede da prefeitura e o posto do correio. A essa altura o povoamento de Hokkaido estava praticamente concluído.

Com as terras aráveis escasseando, os filhos dos pequenos agricultores começaram a emigrar para a Manchúria e as Sakalinas em busca de novos horizontes. Por volta de 1937, surgem algumas referências ao Doutor Carneiro. “O dr. ... (32), que na qualidade de conselheiro técnico do Ministério da Agricultura desenvolveu estudos na Coreia e na Manchúria, demitiu-se do seu posto por motivos particulares e iniciou sua criação de gado ovino num platô na área montanhosa ao norte da cidade de Junitaki”, dizia o livro. Essa era a única referência ao Doutor Carneiro. O próprio autor do livro, historiador e compatriota do Doutor, parecia bastante entediado com os rumos da história da sua cidade a partir do período Showa,⁷ pois desse ponto em diante os dados tornam-se aos poucos fragmentários e estereotipados. O estilo também perde a vivacidade, quando comparado ao das páginas em que falava do jovem ainu.

Resolvi saltar o período de treze anos compreendido entre os anos de 1938 a 1965 e fui para o capítulo “A cidade nos dias atuais”. Mas os “dias atuais” a que o autor se referia correspondiam aos de 1970, e não aos atuais dias atuais. O atual, atualmente, é outubro de 1978. Mas é claro que se você se dispõe a escrever a história de uma cidade, tem de terminá-la com “A cidade atual”, pois mesmo que a atualidade logo se perca, ninguém será capaz de negar a verdade

de que esse atual é atual. Se o atual deixasse de ser atual, a história deixaria de ser história.

De acordo com o livro, a população da cidade de Junitaki era de quinze mil habitantes em abril de 1964, uma redução de seis mil habitantes quando comparada à de dez anos antes. A redução se devia na maior parte ao abandono da lavoura. Às mudanças acarretadas pelo rápido avanço da industrialização acrescia-se, para aumentar a porcentagem dos que abandonavam o trabalho nos campos, o caráter estressante da lavoura de clima frio, típica de Hokkaido, dizia o autor.

E então, que acontecera às lavouras abandonadas? Tinham sido reflorestadas. As terras desflorestadas com o suor e o sangue dos primeiros colonizadores tinham sido reflorestadas na geração dos seus netos e bisnetos. Mundo louco.

E assim a silvicultura e o processamento da madeira eram agora as principais atividades produtivas do município de Junitaki. Nela existiam nesse momento algumas serrarias e marcenarias pequenas produzindo gabinetes de televisão, toucadores e lembrancinhas de ursos e bonecos ainus. A cabana de toras inicialmente construída para uso comunitário tinha sido transformada em Museu Histórico e expunha utensílios de lavoura e cozinha usados pelos primeiros colonizadores, assim como objetos de uso pessoal dos rapazes mortos na guerra russo-japonesa, marmitas com a marca dos dentes de um urso e a carta remetida pelos pioneiros à cidade natal, indagando acerca do paradeiro dos credores.

Mas, verdade seja dita, Junitaki era agora uma cidade extremamente tediosa. A maioria dos cidadãos voltava todos os dias do trabalho para as respectivas casas e assistia em média quatro horas de televisão antes de ir para a cama. A taxa de comparecimento às urnas era alta, mas o resultado da eleição, sempre previsível. O lema da cidade era: “Povo generoso de uma terra generosa.” Ao menos é o que se lê no cartaz afixado diante da estação de trem.

Fechei o livro e bocejei. Em seguida, adormeci.

[6](#) 1912-1926. (N.T.)

[7](#) 1926-1989. (N.T.)

Cidade de Junitaki: decadência adicional e os carneiros

Em Asahikawa fizemos baldeação e vencemos o passo de Shiogari, rumo norte. Quase refazíamos a rota percorrida noventa e oito anos antes pelo jovem ainu e pelos dezoito lavradores miseráveis.

O sol de outono revelava nítida e brilhantemente o que ainda restava de floresta virgem, assim como as folhas dos vidoeiros, flamejantes com a aproximação do frio. Ar transparente e silencioso. Os olhos chegavam a arder depois de algum tempo de contemplação fixa.

Nosso vagão, a princípio vazio, logo se abarrotou de colegiais a caminho das respectivas escolas. As vozes, os gritos, o cheiro das cabeças cheias de caspas, os diálogos incompreensíveis e o incontido desejo sexual dos adolescentes quase extravasavam o pequeno compartimento. A situação perdurou cerca de trinta minutos, passados os quais desapareceram todos juntos instantaneamente numa pequena estação. O trem estava outra vez vazio, nenhuma voz se ouvia.

Partilhamos, ela e eu, uma barra de chocolate, cada um contemplando a seu modo a paisagem externa. Uma luminosa claridade banhava mansamente a superfície da terra. Tudo me parecia pequeno e distante, como paisagem vista pelo lado errado de um binóculo. Ela assobiou “Johnny B. Goode” em tom baixo e rascante por algum tempo. Nunca tínhamos estado tanto tempo sem nos falar até então.

Passava do meio-dia quando descemos do trem. Estiquei-me quanto pude e inspirei profundamente mal pus os pés na plataforma. O ar puro pareceu contrair meus pulmões. O sol aquecia a pele de modo agradável, mas a temperatura ambiente era redondos dois graus mais fria que em Sapporo.

Armazéns de tijolo aparente erguiam-se à beira dos trilhos e, ao lado deles, toras de três metros de diâmetro empilhavam-se formando uma pirâmide. A madeira tinha escurecido depois de absorver a chuva da noite anterior. O trem partiu e não restou viva alma na plataforma com exceção de nós dois e dos cravos da jardineira agitando-se na brisa fria.

Vista da plataforma, a cidade tinha o aspecto típico de uma comunidade interiorana. Lá estavam a pequena loja de departamentos, a confusa rua

principal, uma estação rodoviária de dez plataformas, o posto de informações turísticas. Uma cidade sem atrativos.

— É aqui que ficamos? — perguntou ela.

— Nada disso. Daqui tomamos outro trem. A nossa meta é uma cidade muito, muito menor.

Bocejei e respirei mais uma vez profundamente.

— Descemos nesta estação só para baldear. Foi aqui que os pioneiros mudaram o curso para o leste.

— Que pioneiros?

Sentei-me diante do fogareiro apagado da sala de espera e contei-lhe resumidamente a história da cidade de Junitaki enquanto esperávamos pelo próximo trem. Confundi as datas, de modo que anotei os principais acontecimentos em ordem cronológica numa folha limpa da minha caderneta com base no sumário do fim do livro. Numa coluna à esquerda, relatei as datas históricas da cidade de Junitaki e, em outra à direita, os principais acontecimentos da história do Japão. O resultado foi uma respeitável cronologia.

Por exemplo, no ano XXXVIII do período Meiji (ou seja, 1905), Port Arthur cai, e o filho do guia ainu morre na guerra. Se eu bem me lembrava, esse também era o ano do nascimento do Doutor Carneiro. A História faz interligações nas pequenas coincidências.

— Visto desse jeito, parece que a vida dos japoneses transcorreu em meio a guerras — disse ela, comparando as colunas à direita e à esquerda no papel.

— Parece, realmente — eu disse.

— Por que acabamos desse jeito?

— A questão é complexa, difícil de ser explicada em poucas palavras.

— Sei...

Como acontece com a maioria das salas de espera, esta também era deserta e pouco atraente. Os bancos eram absurdamente desconfortáveis, os cinzeiros estavam repletos de tocos de cigarros encharcados e o ar parecia estagnado e sujo. Nas paredes, cartazes anunciavam pontos turísticos e criminosos procurados pela polícia. Além de nós, havia apenas um velho vestindo malha cor de camelo e uma mãe em companhia de um filho de cerca de quatro anos. Absorto na leitura de uma revista literária, o velho permanecia totalmente imóvel, apenas mexendo a mão para virar as páginas. Seu gesto lembrava o de

alguém descolando um esparadrapo. Ele levava cerca de quinze minutos para virar uma nova página. A mãe e o filho tinham um ar de casal em crise.

— No fundo, acho que éramos todos pobres e tínhamos a esperança de que, se tudo desse certo, nos livrariamos da pobreza para sempre — eu disse.

— Assim como o povo de Junitaki?

— Exato. É por isso que se dedicaram desesperadamente à lavoura. Mas a maioria dos pioneiros morreu na pobreza.

— Por quê?

— Por causa da terra. Hokkaido é uma região gelada, e de tempos em tempos é atingida por uma onda de frio excepcionalmente rigorosa que lhes dizima a colheita. E, se não há colheita, não têm o que comer, nem dinheiro para adquirir combustível ou sementes e mudas para a próxima colheita. Hipotecam então as terras e levantam empréstimos com agiotas. Mas a produção agrícola não é suficiente para pagar os juros do empréstimo. De modo que, no final, os agiotas tomam-lhes as terras. E desse modo muitos agricultores acabam se tornando arrendatários.

Folheei o livro *História da cidade de Junitaki*.

— Por volta de 1930, o número de lavradores proprietários em Junitaki tinha caído para quarenta e seis por cento do total de habitantes. Efeito da dupla desgraça, inverno anormalmente rigoroso e recessão econômica, que se abateu sobre a cidade no início do período Showa.

— Em outras palavras, eles não conseguiram escapar do endividamento mesmo depois de dar o sangue para desmatar e produzir terras aráveis.

*

Faltavam ainda cerca de quarenta minutos para o trem chegar e ela foi passear sozinha pela cidade. Eu continuei na sala de espera, bebendo Coca-Cola. Abri o livro na página marcada, mas logo me aborreci e o fechei, guardando-o no bolso. Meu cérebro não registrava mais nada. Dentro dele, os carneiros de Junitaki devoravam com ruídos de castanholas todas as letras impressas remetidas para lá. Fechei os olhos e suspirei. Um trem de carga passou apitando.

*

Dez minutos antes de o trem partir, ela retornou trazendo um saco de maçãs. Almoçamos as frutas e embarcamos em seguida.

O trem era um forte candidato a sucata. A madeira do piso estava começando a ondular a partir das áreas menos resistentes, desestabilizando as pessoas que andavam pelo corredor. O tecido dos bancos tinha se desgastado e perdido toda a felpa, e os assentos pareciam pão velho de mês. Uma atmosfera fatídica, em que se mesclavam o cheiro do banheiro e do óleo combustível, reinava no interior do vagão. Levei dez minutos para abrir uma janela na tentativa de renovar o ar, mas logo levei mais dez minutos para fechá-la, porque partículas de areia passaram a entrar pela janela com o trem em movimento.

Dois vagões compunham o trem, ocupado no momento por quinze pessoas, todas elas firmemente unidas por laços de indiferença e tédio. O velho do suéter cor de camelo continuava a ler a revista. No ritmo em que lia, a edição era no mínimo de três meses atrás. A mulher gorda de meia-idade mirava fixamente um ponto no espaço com ar de crítico musical avaliando a execução de uma sonata de Scriabin. Segui furtivamente a direção do seu olhar, mas não vi nada no espaço.

As crianças eram todas bem-comportadas. Nenhuma gritava ou corria, nem ao menos tentava ver a paisagem externa. Alguém tossia de vez em quando, uma tosse seca que lembrava batidas de tenazes em crânio de múmia.

A cada parada do trem alguém descia. E, quando alguém descia, o cobrador também descia e recolhia o bilhete. Quando ele retornava, o trem partia. O cobrador nem precisaria de máscara para assaltar um banco, tão impassível era o seu rosto. Nenhum novo passageiro embarcou no trem.

Fora, um rio nos acompanhava. Suas águas tinham ficado escuras e barrentas por causa da chuva e cintilavam ao sol de outono. Era café com leite canalizado. Uma estrada pavimentada corria ao longo do rio, ora surgindo ora se escondendo. Vez por outra, um gigantesco caminhão carregado de toras passava rumando para o oeste, mas de um modo geral era escasso o tráfego. Em ambos os lados da estrada, cartazes voltados para o espaço enviavam mensagens para ninguém. Para amenizar o tédio, fiquei olhando os anúncios de teor urbano e chique que surgiam uns após outros. Ali estavam a garota de biquíni lindamente bronzeada tomando uma Coca-Cola, o famoso ator de meia-idade franzindo o cenho e contemplando um copo de uísque semi-inclinado, um relógio de mergulho tomando um espetacular banho de água, uma modelo pintando as unhas numa sala cuja decoração devia ter custado os olhos da cara.

Pelo jeito, os novos pioneiros da indústria publicitária estavam desbravando com eficiência seu extenso território.

Eram 14h40 quando chegamos à cidade de Junitaki, ponto final da linha. Sem perceber, tínhamos ambos adormecido profundamente e não ouvimos o alto-falante anunciando o nome da estação. Quando o motor a diesel expeliu seu último alento e o trem parou por completo, sobreveio um pesado silêncio, do tipo que arde na pele. Foi ele que me despertou. Quando percebi, só restávamos nós dois dentro do vagão.

Retirei às pressas a bagagem da rede sobre nossa cabeça, bati diversas vezes nos ombros dela até despertá-la e descemos do trem. O vento que varria a plataforma já trazia em seu bojo a frigidez típica do fim de outono. O sol estava abaixo do meridiano, e as sombras das montanhas eram manchas de danação rastejando sobre o solo. Duas montanhas se erguiam formando um ângulo fechado diante da cidade. Elas abarcavam a localidade inteira como mãos em concha protegendo a chama de um fósforo. A longa e estreita plataforma parecia uma frágil prancha de surfe pronta a mergulhar numa gigantesca onda.

Aturdidos, contemplamos a paisagem por alguns instantes.

— Onde fica a antiga fazenda de criação do Doutor Carneiro? — perguntou ela.

— Em cima da montanha. São três horas de carro daqui.

— Pensa em ir até lá neste instante?

— Não — eu disse. — Se formos agora, só chegaremos no meio da noite. Vamos dormir hoje na cidade e partir amanhã cedo.

Diante da estação, havia uma pequena rotatória vazia, pouco atraente. No ponto de táxi não havia sombra de táxi, e na fonte em forma de passarinho não havia água. O passarinho de pedra apenas olhava para o céu de bico aberto, sem objetivo algum. Um canteiro de cravos circundava a fonte. Um único olhar foi suficiente para perceber que a cidade decaíra nos últimos dez anos. Não havia quase ninguém andando na rua, e a fisionomia das poucas pessoas com quem cruzávamos era vaga, típica de moradores de cidade em decadência.

Meia dúzia de velhos armazéns construídos no tempo em que a estrada de ferro era o único meio de transporte erguiam-se à esquerda da rotatória. Eram prédios altos de tijolo aparente, e suas portas de ferro tinham sido retiradas e

abandonadas depois de passar por diversas repinturas. Corvos assustadoramente grandes enfileiravam-se sobre o telhado e contemplavam a cidade em silêncio. O mato tinha crescido no terreno baldio ao lado do armazém, quase formando uma selva, e no meio dele dois carros velhos enferrujavam, abandonados ao tempo. Ambos estavam sem pneus e sem suas peças internas, retiradas pela capota aberta.

Na rotatória, que lembrava um ringue de patinação abandonado, havia uma placa com um guia da cidade, mas o tempo tinha-se encarregado de torná-la ilegível. Os únicos caracteres ainda legíveis eram: JUNITAKI — ZONA DE RIZICULTURA DO EXTREMO NORTE.

Diante da rotatória havia uma rua de comércio miúdo semelhante à de muitas outras cidades, mas com uma diferença: era excepcionalmente larga, aumentando a aparência gelada da cidade. As folhas dos freixos que se enfileiravam em ambos os lados da rua tinham adquirido o quente colorido do outono, mas nada amenizava a sensação de frieza. Aquelas árvores desfrutavam sua própria vida como melhor lhes convinha, indiferentes ao destino da cidade. Apenas os moradores e suas desprezíveis atividades diárias tinham sido inteiramente engolfadas pelo frio.

Com a mochila às costas, caminhei até o fim os quinhentos metros da rua comercial em busca de uma pousada. Não havia nenhuma. Um terço das lojas fechara as portas. O cartaz do relojoeiro tinha se desprendido parcialmente e batia, agitado pelo vento.

No ponto em que a rua acabava abruptamente encontrei um amplo estacionamento tomado de mato. Um Honda Fairlady creme e um Toyota Celica vermelho, ambos novos, estavam estacionados ali. Era estranho, mas a impessoalidade dos carros novos não deixava de combinar com o ambiente deserto da cidade.

Além da área comercial não havia quase mais nada. A larga rua descia suavemente até o rio e, ali chegando, bifurcava em T, à direita e à esquerda. Dos dois lados do trecho em declive erguiam-se pequenas casas térreas de madeira e, em seus jardins, árvores de aspecto empoeirado lançavam galhos desfolhados para o alto. Os galhos brotavam em posições estranhas em todas as árvores. Em todas as varandas havia um jogo constituído de tanque para combustível e caixa de leite combinando. Em todos os telhados havia antenas de televisão espantosamente altas. As antenas espalhavam seus braços metálicos no céu parecendo desafiar as montanhas que se avolumavam além da cidade.

— Este lugar não tem pousadas? — perguntou minha amiga em tom que denotava preocupação.

— Calma, não existe cidade sem pousada — assegurei.

Retornamos à estação e indagamos acerca da localização da pousada a dois funcionários. Os dois homens, de idades tão distantes quanto pai e filho, com certeza morriam de tédio, pois iniciaram uma minuciosa explicação.

— Existem duas pousadas — disse o mais velho. — Uma é relativamente cara, e a outra, relativamente barata. A mais cara é usada pelos figurões do governo quando aparecem por aqui, ou em eventos mais importantes.

— A comida lá é muito boa — disse o mais novo.

— A outra é usada por caixeiros-viajantes, jovens e gente comum. Seu aspecto não é dos melhores, o que não quer dizer que seja suja, nem nada. A banheira coletiva é das melhores.

— Mas as paredes são finas — interveio o mais novo.

Nesse ponto, os dois se lançaram numa intensa discussão sobre a espessura das paredes.

— Vou para a mais cara — eu disse.

Havia ainda muito dinheiro no envelope e nenhum motivo para economizá-lo.

O mais novo destacou uma página de uma caderneta e desenhou o caminho até a pousada.

— Muito obrigado — eu disse. — É impressão minha ou a cidade está bem mais deserta do que dez anos atrás?

— Está, sim — disse o mais velho. — Agora, só temos uma única marcenaria e nenhuma indústria digna desse nome. A lavoura chegou ao fundo do poço, o número de habitantes caiu...

— Tanto que está até difícil compor as classes escolares, segundo o que eu ouvi dizer — interrompeu o mais novo.

— Quantos são os habitantes atualmente?

— Cerca de sete mil, dizem eles, mas eu não acredito. Cinco mil, quando muito — tornou a dizer o mais novo.

— Sabia que até esta linha férrea pode ser desativada a qualquer momento? Esta é a terceira linha mais deficitária do país; não que eu me orgulhe disso — disse agora o mais velho.

O que realmente me espantou foi saber que existiam outras duas linhas mais deficitárias que aquela, mas evitei comentar em voz alta, agradei e me

afastei.

Chegava-se à pousada andando pelo caminho em declive até o fim, dobrando-se então à direita e prosseguindo cerca de trezentos metros sempre beirando o rio. A pousada tinha um aspecto antiquado e simpático, e conservava ainda traços da vitalidade dos antigos e áureos tempos. Um jardim bem conservado se abria na direção do rio e, a um canto dele, um filhote de cão pastor jantava cedo com o nariz enterrado num comedouro.

— Vai escalar montanhas? — perguntou-me a mulher que nos conduziu aos nossos aposentos.

— Vou — respondi brevemente.

Havia apenas dois quartos no segundo andar. O aposento era amplo, e pela janela do corredor se avistava o mesmo rio cor de café com leite que eu vira da janela do trem, mais cedo naquele mesmo dia.

Como a minha companheira queria tomar banho em seguida, resolvi ir sozinho até a prefeitura. O prédio da prefeitura ficava numa rua deserta, duas além da rua do comércio para o lado ocidental. A construção era mais recente e também muito mais imponente do que eu esperara.

Encaminhei-me para o guichê da Seção de Pecuária e apresentei o cartão de visitas de uma revista para a qual tinha trabalhado dois anos antes, posando de escritor freelance. Eu disse que queria fazer algumas perguntas sobre a pecuária ovina. O funcionário que me atendeu prontificou-se imediatamente a me levar para dentro da sala, sem estranhar o fato de uma revista semanal feminina estar se interessando por criação de carneiros.

— Temos atualmente cerca de duzentos carneiros nesta cidade, todos da raça suffolk. Quer dizer, rebanho de corte. A carne está sendo vendida a pousadas e restaurantes das redondezas e tem tido excelente aceitação.

Puxei uma caderneta e fiz as esperadas anotações. Daqui para a frente, o pobre coitado vai comprar esta revista feminina toda semana, pensei. A ideia me deprimiu.

— Sua pesquisa vai fazer parte de alguma matéria sobre culinária? — perguntou-me ele depois de me dar informações gerais sobre a ovinocultura local.

— Em parte — respondi. — Na verdade, o tema central da reportagem é o carneiro visto de um ângulo abrangente.

— Uma imagem abrangente?

— Exato. Caráter, hábitos, esse tipo de coisa.

— Não diga... — murmurou ele.

Fechei a caderneta e tomei o chá que me serviram.

— Ouvi dizer que existe um antigo pasto no topo da montanha. É verdade?

— Existe, realmente. Antes da guerra, era uma fazenda bem estruturada, mas foi requisitada pelo Exército norte-americano no pós-guerra. Hoje em dia não tem mais ninguém por lá. Quando o Exército a devolveu, passou para as mãos de um rico e lhe serviu de casa de veraneio durante quase dez anos. Mas com o passar do tempo, ninguém da família apareceu mais, em parte porque o acesso é difícil. Hoje, está quase abandonada. De modo que o município a arrendou. Devia ser comprada e não arrendada, e explorada, digamos, como hotel-fazenda para turistas. Mas sabe como é... município pobre, sem recursos suficientes... A começar pela estrada, que tem de ser melhorada.

— O município a arrenda?

— No verão, o zelador do Centro de Ovinocultura Municipal sobe a montanha levando cerca de cinquenta carneiros. O pasto gerenciado pelo município é insuficiente para todo o rebanho, e o dessa fazenda é de excelente qualidade, compreende? De modo que quando setembro chega a meio e o tempo começa a piorar, nosso homem desce da montanha trazendo os carneiros de volta.

— Em que período os carneiros permanecem lá em cima, sabe me dizer?

— Varia de ano para ano, mas eles ficam geralmente desde o começo de maio até meados de setembro.

— Quantas são as pessoas encarregadas de tanger o rebanho?

— Uma só. Sempre o mesmo homem nestes últimos dez anos.

— Eu gostaria de poder falar com ele.

O funcionário ligou para o Centro.

— Se for para lá neste instante, poderá falar diretamente com ele — informou-me em seguida. — Posso levá-lo de carro.

Recusei o oferecimento a princípio, mas, ouvindo suas explicações, concluí que não havia outro meio de se chegar ao referido Centro. Não existiam táxis ou carros de aluguel na cidade, e a pé levaria cerca de uma hora e meia.

O automóvel guiado pelo funcionário municipal passou diante da minha pousada e rumou para o oeste. Cruzou então uma ponte de concreto comprida, atravessou um terreno pantanoso gelado e subiu uma ladeira suave que conduzia para o interior das montanhas. Os grãos de areia deslocados pelas rodas produziam estalidos metálicos.

— Para quem vem de Tóquio, isto aqui deve parecer uma cidade morta — comentou ele.

Dei-lhe uma resposta pouco comprometedora.

— A verdade é que ela está entre a vida e a morte, realmente. Enquanto a ferrovia funcionar, nem tudo estará perdido, mas no momento em que ela for desativada, a cidade morrerá, com certeza. É estranho dizer que uma cidade vai morrer. Pessoas morrem, mas as cidades...

— Que acontece quando uma cidade morre?

— Que acontece, realmente? Ninguém sabe direito. Mesmo sem saber, todo mundo começa a abandonar a cidade. E, se a população municipal cair abaixo de mil habitantes, o que não é difícil acontecer, não nos restará a nós, funcionários públicos, muito que fazer por aqui, entende? Na verdade, acho que a nossa categoria também devia abandonar a cidade.

Ofereci-lhe um cigarro e o acendi com o isqueiro Dupont do brasão do carneiro.

— Tenho um bom emprego me esperando em Sapporo, caso eu decida ir para lá. Um tio meu tem uma gráfica e está precisando de mais gente. Sua clientela é composta de escolas, de modo que o negócio é estável. Seria a melhor solução para mim, realmente. Muito melhor do que ficar contando quantas cabeças de bois e carneiros saem daqui.

— Concordo — eu disse.

— Mas quando penso realmente em deixar a cidade, não consigo. Faz sentido para você? Se uma cidade é capaz de morrer de verdade, eu quero presenciar sua morte com estes olhos que a terra há de comer. É mais forte que eu.

— Você nasceu aqui? — perguntei.

— Nasci — respondeu ele, calando-se em seguida.

Um terço de um sol de cores melancólicas tinha se posto atrás das montanhas.

Na entrada do Centro, dois postes sustentavam um cartaz: CENTRO DE OVINOCULTURA DO MUNICÍPIO DE JUNITAKI. Passamos por baixo dele e

vimos surgir à nossa frente uma suave subida, que se perdia no meio de um bosque exuberantemente colorido.

— Depois do bosque fica o curral. E, atrás dele, a casa do zelador. De que jeito pretende retornar à cidade?

— Vou embora a pé. Não vai ser difícil, porque a volta é uma descida só. Muito obrigado.

Depois que o carro desapareceu, passei entre os postes e subi a ladeira. Os últimos raios de sol acrescentavam um toque alaranjado às folhas douradas dos bordos à espera do inverno. As árvores eram altas, e manchas de luz tremiam no caminho de cascalho que cortava o bosque.

Saindo do bosque, avistei um curral estreito e comprido construído na encosta de um morro e senti o cheiro do gado. O telhado do curral era de telhas de zinco vermelhas e em estilo mansarda. Três dutos de ventilação emergiam dele.

Na entrada do curral havia uma casinha de cachorro, e acorrentado a ela estava um border collie de porte pequeno. Ao me ver, latiu duas ou três vezes. O cão era velho e de olhar sonolento, e não havia animosidade em seus latidos. Acariciei-o em torno do pescoço, e ele logo se calou. Diante da casinha havia duas vasilhas de plástico amarelo, contendo ração e água. Quando afastei minha mão, o cachorro se recolheu para dentro da casinha com expressão satisfeita e se deitou, juntando educadamente as patas dianteiras.

Dentro do curral escuro não havia ninguém. Um corredor de concreto espesso atravessava-o de ponta a ponta. Dos dois lados do corredor ficavam os cercados onde eram mantidos os carneiros. Uma canaleta em U percorria as duas beiradas do corredor de concreto e servia para drenar a urina dos carneiros e a água da limpeza. Nas paredes forradas de madeira havia de espaço em espaço aberturas envidraçadas, através das quais se avistava a silhueta das montanhas. O sol poente tingia de vermelho os carneiros da direita e lançava uma sombra azulada sobre os da esquerda.

Quando entrei no curral, as cabeças de todos os duzentos carneiros voltaram-se instantaneamente para o meu lado. Metade estava em pé e metade sentava-se no chão forrado de capim seco. Seus olhos eram de um azul quase artificial e pareciam dois minúsculos poços cavados de cada lado da cabeça. Quando a luz incidia frontalmente sobre eles, brilhavam como se fossem de vidro. Os carneiros continuavam a me fitar fixamente, sem se mover. Parte deles continuava a mascar o feno produzindo um barulho seco, mas, exceto por

isso, o silêncio era total. Alguns tinham projetado a cabeça para fora do cercado a fim de beber água, mas se imobilizaram no instante em que me viram, apenas contemplando-me de baixo para cima. Aqueles animais pareciam pensar em conjunto. E o pensamento coletivo tinha se interrompido momentaneamente porque eu parara na entrada do curral. Toda atividade paralisada, toda decisão postergada. No instante em que comecei a me mover, o processo mental dos animais ativou-se uma vez mais. Os carneiros começaram a se mover no interior das oito baias que compunham o cercado. Na área onde as fêmeas tinham sido isoladas, as ovelhas se agruparam em torno do macho reprodutor, e nos cercados só de machos todos recuaram alguns passos e se resguardaram de alguma forma. Somente alguns mais curiosos não se afastaram da cerca e, estáticos, ficaram me contemplando.

Os carneiros tinham todos pequenos chips de plástico presos à ponta das orelhas pretas, estreitas e compridas, que se projetavam horizontalmente de ambos os lados da cabeça. Os chips eram azuis, verdes ou vermelhos. Além disso, os animais tinham vistosas marcas nas costas feitas com marcadores coloridos.

Caminhei pelo corredor silenciosamente, a fim de não espantar os animais. E, esforçando-me por aparentar desinteresse, aproximei-me da cerca e estendi a mão furtivamente, tocando num jovem macho. Este fez um pequeno movimento de sobressalto, mas não fugiu. Os demais ficaram contemplando-nos com olhares desconfiados. O jovem macho me examinava rijo de tensão, como se tivesse sido transformado de súbito em tateantes antenas exploradoras cuidadosamente estendidas pelo rebanho todo.

Os carneiros da raça suffolk têm um aspecto estranho. O corpo é inteirinho preto, mas coberto de lã branca. As orelhas são grandes e se projetam dos lados da cabeça como asas de mariposa. Seus olhos azuis que brilham no escuro e o nariz longo e volumoso lhes dão um aspecto estrangeiro. Sem aceitar ou rejeitar minha presença, eles apenas me contemplavam como se eu fosse uma cena temporária. Alguns carneiros resolveram urinar de súbito com estrépito. A urina percorreu o piso, caiu na canaleta em U e passou rente aos meus pés. O sol estava prestes a se esconder atrás das montanhas. Uma escuridão azulada escorria pelas encostas como índigo dissolvido em água.

Saí do curral, acariciei uma vez mais a cabeça do border collie e inspirei algumas vezes profundamente. Contornei então o curral até os fundos, cruzei a ponte de madeira sobre um riacho e me dirigi para a casa do zelador. Era

térrea, pequena e bem arrumada, e tinha ao lado um celeiro gigantesco, destinado a guardar feno e equipamentos agrícolas. O celeiro era muito maior que a casa.

O zelador ocupava-se em empilhar alguns sacos plásticos de desinfetante ao longo de uma canaleta de concreto de quase um metro de profundidade por um de largura. Ele percebeu minha aproximação de longe e relanceou o olhar uma vez em minha direção. Depois disso, continuou a trabalhar, parecendo totalmente desinteressado. Quando enfim cheguei ao seu lado, parou o que fazia e enxugou o suor do rosto com a toalha que pendia do pescoço.

— Pretendo desinfetar todos os carneiros amanhã — disse o homem. Tirou um cigarro amassado do bolso do macacão, alisou-o com os dedos e o acendeu. — Encho isto aqui com líquido desinfetante e faço os carneiros passarem nadando um por um nesse líquido. Caso contrário, eles se enchem de bichos durante o inverno, porque ficam presos no curral.

— Você faz tudo isso sozinho?

— Claro que não. Dois homens vêm me ajudar. Esses dois, eu e o cão pastor damos conta de tudo. O mais eficiente é o cachorro. Os carneiros confiam nele, sabe? Se não confiam, não pode se tornar um cão pastor.

O homem era quase cinco centímetros mais baixo que eu, e do tipo robusto. Devia ter cerca de quarenta e cinco anos, e os cabelos duros, aparados bem curtos, pareciam cerdas de escova. Puxou com força as luvas de borracha, como se estivesse arrancando a pele da mão pelos dedos, bateu com elas nas coxas e guardou-as no bolso da calça. Ele parecia muito mais instrutor de escola militar que tratador de carneiros.

— Ouvi dizer que você quer me perguntar alguma coisa.

— Exato.

— Pois então pergunte.

— Há quanto tempo está neste trabalho?

— Dez anos — respondeu o homem. — Tempo de mais, ou talvez de menos, dependendo do ponto de vista. Mas uma coisa eu garanto: sei tudo a respeito de carneiros. Antes disso, eu fazia parte das Forças de Autodefesa.

Enrolou a toalha em torno do pescoço e ergueu o olhar para o céu.

— Você costuma passar o inverno neste lugar?

— Mais ou menos — disse o homem. — É, passo sim. — Pigarreou. — Não tenho para onde ir e, além do mais, serviço é o que não falta por aqui durante o inverno. Costumam cair dois metros de neve nestas redondezas, e, se

você não removê-la, é capaz de derrubar o telhado e esmagar os carneiros. Tenho de dar ração para o rebanho, limpar o curral, fazer isto e mais aquilo, sabe como é.

— E, quando chega o verão, sobe a montanha com a metade do rebanho?

— Exato.

— É difícil tanger o rebanho?

— É muito fácil. A humanidade vem fazendo isso desde tempos imemoriais. Foi somente nos últimos tempos que os pastores se fixaram em currais junto a pastos. Antes disso, eles viviam andando de pasto em pasto tangendo o rebanho. Na Espanha do século XVI, por exemplo, havia estradas frequentadas apenas por pastores que nem mesmo o rei podia usar.

Cuspiu no chão e passou a sola do sapato sobre o catarro.

— Seja lá como for, carneiros são animais realmente mansos, desde que não se assustem. Eles seguem atrás do cachorro sem protestar.

Tirei do bolso a foto que o Rato me mandara e entreguei ao homem.

— Esta foto é do pasto no topo da montanha?

— É — respondeu o homem. — Não tem erro. Os carneiros são meus também.

— E este? — perguntei, apontando com a ponta da esferográfica o carneiro robusto com a marca de estrela nas costas.

O homem observou a foto intensamente por alguns segundos.

— Este não é. Este carneiro não faz parte do meu rebanho. Estranho. Ele não devia ter se misturado com os meus. Existe uma cerca de arame fechando esta área, e eu costumo conferi-los um a um todas as manhãs e tardes. Além disso, o cachorro perceberia se um animal estranho entrasse no bando. Sem falar nos próprios carneiros, que ficariam agitados. Para começo de conversa, nunca em toda a minha vida vi um carneiro desta raça.

— Não aconteceu nada estranho desde maio, quando subiu com os carneiros para a montanha, até hoje?

— Absolutamente nada — respondeu o homem. — Tudo esteve na mais completa paz.

— E você ficou sozinho lá em cima durante o verão inteiro?

— Sozinho, não. A cada dois dias, um dos funcionários do Centro aparecia por lá e, vez por outra, fiscais do governo vinham inspecionar. E uma vez por semana eu descia até a cidade e um outro se encarregava de cuidar do rebanho. Eu tinha de estocar provisões e miudezas, sabe como é?

— Isto significa que não passava o verão inteiro sozinho no topo da montanha?

— É claro que não! Daqui ao pasto é uma hora e meia de jipe, contanto que não esteja nevando. É quase um passeio. Mas quando a neve cai, as estradas tornam-se intransitáveis e, aí sim, você se vê praticamente hibernando.

— Não há ninguém lá em cima no momento?

— Fora o dono da casa de veraneio, mais ninguém.

— O dono da casa? Como assim? Ouvei dizer que a casa estava abandonada nos últimos tempos.

O tratador jogou o toco do cigarro no chão e apagou-o com a sola do sapato.

— Estava, mas agora não está mais. Aliás, a casa está sempre pronta para o uso a qualquer tempo. Eu sempre cuidei de sua manutenção. Luz, gás e telefone estão ligados, e não tem nem uma única vidraça quebrada.

— Mas o funcionário da prefeitura me assegurou que não havia ninguém morando lá no momento.

— Tem muita coisa que esses caras não sabem. Eu trabalho particularmente para o dono da mansão, independente do serviço que presto para a prefeitura. Ademais, não tenho a língua solta, sobretudo porque me pediram para não dizer nada.

O homem procurou mais um cigarro no bolso do macacão, mas o maço estava vazio. Dobrei uma nota de dez mil ienes, introduzi-a num maço de Larks e o dei ao zelador. O homem ficou olhando por algum tempo em silêncio e depois o aceitou. Apanhou um cigarro do maço e guardou o restante no bolso do peito.

— Não precisava se incomodar — disse ele.

— E quando foi que o dono da casa chegou?

— Na primavera. Era março, e o degelo nem tinha começado. Fazia cinco anos que ele não vinha. Não sei por que resolveu aparecer a essa altura, mas isso não é da minha conta. E, se me pediu silêncio, acredito que tinha motivos. Desde então, ele tem estado lá em cima. Provisões e combustível eu compro em segredo e carrego no jipe pouco a pouco até lá. Com tudo aquilo de estoque, ele deve se aguentar um ano por lá.

— Esse homem era mais ou menos da minha idade e usava bigode?

— A-hã — respondeu o zelado. — Isso mesmo.

— Beleza! — exclamei. Nem precisava mostrar a foto.

Uma noite em Junitaki

O dinheiro que eu dera ao encarregado do Centro facilitou os entendimentos. O homem concordou em vir nos pegar na pousada às oito horas da manhã seguinte e nos levar ao pasto no topo da montanha.

— Bem, a desinfecção dos carneiros pode ser feita na parte da tarde — disse o zelador. Gostei do seu modo de falar, objetivo e prático. — Mas existe um ponto que me preocupa — continuou ele. — A terra amoleceu por causa da chuva de ontem, e a estrada talvez não permita a passagem do carro num certo ponto. E, nesse caso, terão de andar; sinto muito. A culpa não é minha, entende?

— Entendo — eu disse.

Voltando a pé pela estrada, lembrei-me afinal de que, realmente, o pai do Rato possuía uma casa de veraneio no alto de uma montanha. O Rato tinha me falado dela algumas vezes nos velhos tempos. Topo de montanha, campina que se perdia de vista, casa antiga de dois andares. Estou sempre me lembrando tarde demais de coisas muito importantes. Eu devia ter me recordado disso logo no começo, quando recebi a carta. Porque então eu teria tido meios de averiguar.

Irritado comigo mesmo, vim lentamente pela estrada, que escurecia minuto a minuto. Durante a hora e meia de caminhada, cruzei três veículos apenas. Dois eram caminhões carregados de madeira, e o terceiro, um trator pequeno. Todos iam ladeira abaixo, mas nenhum dos motoristas se deu ao trabalho de me perguntar se eu queria uma carona. Melhor assim.

Já passava das sete quando enfim retornei à pousada. Noite fechada. Sentia-me gelado até a alma. O filhote do cão pastor pôs a cabeça para fora da sua casinha e me farejou. Minha garota vestia meu suéter de gola rulê por cima da calça jeans e entretinha-se jogando video game numa saleta ao lado da entrada. O aposento devia ter sido sala de visitas antigamente, pois nele restava ainda uma imponente lareira. Uma lareira de verdade, dessas de queimar toras. Na sala, havia ainda quatro aparelhos de video game e duas mesinhas de pebolim. Estas últimas eram de modelo espanhol, inúteis de tão velhas.

— Estou quase morta de fome — disse-me ela parecendo cansada de tanto esperar.

Encomendei o jantar e fui tomar um banho rápido enquanto o preparavam. E, ainda me enxugando, pesei-me pela primeira vez em muito tempo. Sessenta quilos, o mesmo peso de dez anos antes. A gordurinha incipiente em torno da cintura desaparecera por completo durante a última semana.

Quando retornei ao aposento, o jantar já tinha sido servido. Contei a ela a respeito do Centro de Ovinocultura e do ex-militar transformado em zelador do Centro enquanto beliscava o fumegante cozido e bebia minha cerveja. Ela achou uma pena eu não ter encontrado o carneiro por lá.

— Mas tenho a impressão de que enfim estamos vendo a luz no fim do túnel.

— Tomara — eu disse.

*

Assistimos a um Hitchcock na televisão, mergulhamos nas cobertas e apagamos a luz. O relógio no corredor bateu onze horas.

— Temos de acordar cedo amanhã — avisei.

Não houve resposta. Ela dormia a sono solto, respirando pausadamente. Acertei o despertador de viagem e fumei um cigarro à luz do luar. Nada mais se ouvia além do murmúrio do rio. Pelo jeito, a cidade inteira já tinha adormecido.

Eu estava fisicamente extenuado das peripécias desse dia, mas a mente excitada não me deixava dormir. Um ruído incômodo continuava a soar dentro da minha cabeça.

Deitado no escuro, em rígido silêncio, eu via cenas da cidade dissolvendo-se lentamente ao meu redor. Casas apodrecidas e abandonadas, trilhos irrecuperavelmente enferrujados, lavouras tomadas pelo mato. Os breves cem anos de história da cidade chegavam ao fim, e a terra tragava tudo. O tempo voltou atrás, como filme rebobinado. Alces, ursos e lobos ressurgiram sobre a face da terra, bandos de gafanhotos enegreceram o céu, ramas de gigantescos bambus agitaram-se ao vento frio de outono como mar revolto, uma floresta sombria de araucárias vedou o sol.

E, nesse cenário de onde toda a atividade humana desaparecera, só os carneiros restavam. Olhos luzindo na escuridão, eles me fitavam imóveis. Nada diziam, nada pensavam, apenas me fitavam. Dezenas de milhares de carneiros. O ruído dos seus dentes achatados, batendo uns contra outros como castanholas, repercutia sobre a terra.

Quando o relógio do corredor bateu as duas horas, os carneiros desapareceram.

E eu enfim adormeci.

Contornando a curva sinistra

O dia amanheceu nublado e frio. Eu não podia deixar de ter pena dos pobres carneiros, obrigados a nadar numa piscina cheia de inseticida num dia tão frio. Talvez os carneiros não se incomodassem com o frio. Com certeza não se incomodavam.

O curto outono de Hokkaido chegava ao fim. As nuvens, pesadas e cinzentas, pressagiavam neve. Eu sentia que perdera todo o outono por ter saído em setembro de Tóquio e saltado para o outubro de Hokkaido. Tinha havido apenas o começo e o fim do outono, mas não o meio.

Acordei às seis, lavei o rosto, saí para o corredor e fiquei sozinho contemplando o rio, à espera do café da manhã. As águas tinham baixado um pouco, em comparação ao dia anterior, e perdido o aspecto barrento. Um extenso arrozal se estendia do outro lado do rio. Cachos de arroz ondulavam em padrões estranhos à inconstante brisa da manhã. Um trator atravessou a ponte de concreto rumo às montanhas. O ruído pipocante do motor veio carregado pelo vento e persistiu muito tempo no ar, baixinho e a distância. Do bosque dos vidoeiros coloridos pela aproximação do frio, três corvos surgiram e descreveram uma curva sobre o rio. Pousaram então no parapeito da ponte e ali permaneceram como atores secundários em peça de vanguarda. Logo, porém, aborreceram-se do papel, levantaram voo e rumaram um por um para a nascente do rio.

*

Às oito em ponto o velho jipe do tratador de carneiros estacionou diante da pousada. Era um veículo em forma de caixote e provido de teto removível, com o nome de um destacamento militar das Forças de Autodefesa ainda visível na lateral da lataria, atestando a condição de sobra do Exército.

— Estranho — disse o tratador logo que me viu. — Liguei para a casa no topo da montanha ontem à noite a fim de confirmar nossa visita, mas não consegui completar a ligação.

Minha amiga e eu embarcamos no banco de trás. Havia um leve cheiro de gasolina no interior do veículo.

— Quando foi a última vez que ligou para ele? — perguntei.

— Deixe-me ver, foi no mês passado. Lá pela altura do dia 20. Pensando bem, nunca mais nos comunicamos desde então. Normalmente, era ele quem me ligava quando precisava de alguma coisa. Tipo lista de compras, entende?

— O telefone não toca?

— Não dá sinal de vida. Talvez tenha ocorrido queda de fio em algum ponto. Costuma acontecer depois de uma nevasca, por exemplo.

— Mas não nevou até agora.

O tratador voltou o rosto para o forro do jipe e moveu o pescoço, provocando pequenos estalos.

— Não tem jeito, vamos até lá. Só assim saberemos.

Assenti com um movimento de cabeça, que me parecia oca, em virtude do forte cheiro de gasolina.

O carro atravessou a ponte de concreto e rumou para as montanhas pelo mesmo caminho que eu percorrera no dia anterior. Passando diante do Centro de Ovinocultura, voltamo-nos os três para olhar o cartaz preso entre os dois postes. Silêncio total no interior do Centro. Imaginei os carneiros contemplando o espaço em silêncio com aqueles olhos azuis.

— Pretende fazer a desinfecção no período da tarde? — perguntei.

— Bom, hum, não é nada urgente. Só tenho de fazer isso antes que comece a nevar.

— E quando será isso?

— Não me espantaria se começasse na próxima semana — disse o tratador. Com uma mão sobre a direção, voltou o rosto para baixo e tossiu por alguns instantes. — Mas a neve só começa a acumular depois de novembro. Você conhece o inverno desta região?

— Não — respondi.

— Pois quando a neve começa a cair, nada a segura. E, quando ela começa a se acumular, não resta outra coisa a fazer senão trancar-se em casa e se encolher. Para começo de conversa, isto aqui não é terra para seres humanos habitarem.

— Mas você sempre morou por aqui, não morou?

— Porque gosto de carneiros. Eles são dóceis e reconhecem a gente. Os anos passam num piscar de olhos, enquanto você cuida dos carneiros. E a vida

é a repetição disso. Eles copulam no outono, passam o inverno, procriam na primavera e pastam no verão. Os cordeiros crescem e no outono já copulam. E o ciclo começa de novo. Os carneiros são substituídos a cada ano, só eu envelheço. E, com a idade, a preguiça de sair da cidade se torna cada vez maior.

— E que fazem os carneiros durante o inverno? — perguntou ela.

Só então o tratador pareceu dar-se conta da presença dela no carro. Mão apoiada no volante, ele se voltou inteiro para trás e a encarou com um olhar que pareceu verrumar-lhe o rosto. Por sorte, a estrada era reta e asfaltada, e não havia carros vindo em direção contrária. Apesar de tudo, gelei.

— Durante o inverno, eles permanecem quietinhos no interior dos currais — disse o tratador, enfim voltando-se de novo para a frente.

— Eles não se entediam?

— Você acha a sua própria vida entediante?

— Não sei ao certo.

— Nem os carneiros — disse o tratador. — Eles não pensam nisso. Mesmo que pensassem, não saberiam. Comem feno, mijam, brigam um pouco, pensam nos filhotes que carregam na barriga e assim passam o inverno.

Aprofundamo-nos na montanha, e a estrada aos poucos tornou-se íngreme, descrevendo ao mesmo tempo amplas curvas em S. Cenas tipicamente rurais deram lugar a paredões de sombrias florestas virgens, que passaram a ocupar os dois lados da estrada.

— Não dá para correr por aqui quando a neve se acumula — disse o tratador. — Aliás, correr para quê?

— Não existem pistas de esqui ou de alpinismo nas redondezas?

— Nem umas, nem outras. Não tem nada por aqui. E, como não tem nada, não tem turistas também. E assim a cidade vai ficando cada vez mais abandonada. Até meados da década de cinquenta, isto aqui era considerado cidade agrícola modelo da zona fria e tinha certa vitalidade. Mas, a partir do momento em que o arroz começou a sobrar no mercado, todo mundo perdeu o interesse em continuar a arar numa geladeira. Bastante compreensível, eu acho.

— E as madeiras? Que aconteceu a elas?

— Faltou mão de obra, de modo que se mudaram para áreas mais favoráveis. Ainda restam algumas na cidade, mas são pequenas, sem importância. As árvores derrubadas em nossas montanhas passam direto por nossa cidade e se vão para Nayori ou Asahikawa. Em consequência, as estradas

se tornam cada vez melhores, e a cidade se degrada. Esses caminhões que correm com pneus providos de cravos são capazes de vencer a maioria das estradas nevadas.

Eu tinha posto um cigarro na boca distraidamente, mas o forte cheiro de gasolina me alarmou e me fez devolvê-lo ao maço. Conformei-me então com um drops de limão que me restara do dia anterior. Gostos de limão e de gasolina mesclaram-se em minha boca.

— Os carneiros costumam brigar entre si? — perguntou ela.

— Brigam com muita frequência. — respondeu o tratador. — Acontece com todos os animais que andam em bandos. Os carneiros estabelecem uma ordem hierárquica minuciosa no interior do próprio bando. Num cercado com cinquenta carneiros, por exemplo, existem desde o carneiro número um, até o número cinquenta. E cada um tem clara noção de sua posição.

— Que maravilha — disse ela.

— Isso facilita o nosso trabalho. Basta levar o carneiro número um para que os demais o sigam sem que ninguém os obrigue.

— Mas se o número um já está estabelecido, por que brigam?

— Quando um deles briga e se fere, a ordem hierárquica se desestabiliza. É então que o carneiro logo abaixo tenta subir um posto e desafia o de cima. E então o grupo fica em rebuliço por uns dois ou três dias.

— Coitadinhos.

— Nada mais que um revezamento. O carneiro que cai um posto também derrubou algum que lhe era superior quando mais novo. Além disso, uma vez tosquiados, não há mais graduação, nem primeiro nem último. Todos eles viram churrasco juntinhos.

— É mesmo? — disse ela.

— Mas quem mais sofre é o macho reprodutor. Vocês já ouviram falar de harém de carneiros, não ouviram?

Dissemos que não.

— O mais importante na pecuária ovina é supervisionar o cruzamento. De modo que eles são sempre mantidos separadamente, machos com machos, fêmeas com fêmeas. E então jogamos um macho, quase sempre o mais forte, o número um do rebanho, no cercado das fêmeas. Isso é feito para que as fêmeas recebam o melhor sêmen. Um mês depois, quando o macho termina sua tarefa, é devolvido para o cercado só de machos. Mas durante sua ausência uma nova hierarquia se estabeleceu no grupo que restou no cercado. O macho

reprodutor, por seu lado, perdeu metade do peso por ter sido intensamente solicitado. Nessas condições, ele não consegue vencer nenhuma disputa. Apesar disso, é obrigado a se bater com todos os carneiros do grupo, um por um. Dá pena vê-lo nessa situação.

— De que forma eles brigam?

— Batem as cabeças uns contra os outros. As testas dos carneiros são duras como rochas e ocas por dentro.

Ela calou-se, pensativa. Na certa imaginava a cena do carneiro batendo a testa e lutando.

Trinta minutos depois, o asfalto desapareceu repentinamente, e a largura da estrada reduziu-se à metade. A sombria floresta virgem que marginava o caminho avançou sobre o veículo como uma gigantesca onda. A temperatura caiu alguns graus.

A estrada, pessimamente conservada, fazia o carro saltar para cima e para baixo como agulha de sismógrafo. Aos meus pés, o vasilhame de polietileno contendo gasolina começou a chocalhar de modo aterrador. O barulho parecia-se em tudo com o de um cérebro espatifando-se e espirrando contra a parede interna da caixa craniana. Estava me dando dor de cabeça só de ouvi-lo.

Tenho a impressão de que prosseguimos cerca de vinte ou trinta minutos desse jeito. Eu não conseguia sequer ler os ponteiros do relógio. Ninguém conversou. Eu me agarrava firmemente à alça instalada nas costas do banco dianteiro, ela abraçava com força meu braço direito, o zelador concentrava sua atenção no volante.

— Esquerda — disse ele laconicamente, depois de instantes.

Sem entender direito, eu me volvei para o lado esquerdo da estrada. O paredão de floresta escura e viscosa desapareceu subitamente, arrancado da face da terra, e o solo cedeu lugar ao vácuo. Um despenhadeiro impressionante. A vista era sem dúvida grandiosa, mas desprovida de qualquer sugestão de calor. O penhasco vertical, não contente em apenas rejeitar e lançar ao fundo do precipício qualquer tipo de vida, ainda bafejava seu hálito sinistro sobre a paisagem ao redor.

Diante da estrada que corria rente ao despenhadeiro surgiu uma elevação lisa de estranho formato cônico. Um poder descomunal parecia ter torcido a ponta do cone.

Segurando com força o volante que teimava em balançar, o tratador apontou na direção do morro com o queixo.

— Vamos dar a volta por trás daquilo.

Uma lufada poderosa proveniente do fundo do abismo varreu de baixo para cima a relva da encosta à direita da estrada. Uma areia fina bateu na vidraça do jipe produzindo um ruído áspero.

Conforme o veículo vencias curvas fechadas e se aproximava do topo do cone, a encosta à direita da estrada foi-se transformando em superfície rochosa e, mais adiante, em paredão de rocha íngreme. E então estávamos correndo precariamente equilibrados sobre uma estreita aba cortada num paredão liso.

O tempo começava a piorar rapidamente. O céu, que até havia pouco mesclava leves traços de azul a cinza-claro, pareceu cansar-se desse tom indefinido e se decidiu por um cinza plúmbeo, que aos poucos se impregnou de um preto irregular e fuliginoso. Influenciadas, as montanhas ao nosso redor tornaram-se sombrias e escuras.

O vento redemoinhava nos bolsões, produzindo um sibilar desagradável como o de alguém soprando com a língua enrolada. Enxuguei o suor da testa com as costas da mão. Suava frio por baixo do suéter.

Com os lábios firmemente cerrados, o tratador de carneiros continuava contornando as curvas sempre para a direita. Vergado para a frente, foi aos poucos desacelerando o carro, como se procurasse ouvir alguma coisa, e freou no ponto em que a estrada se alargava quase imperceptivelmente. Quando o motor morreu, fomos lançados no meio de um silêncio enregelante. Só o barulho do vento vagava sobre a terra.

Com a mão no volante, o tratador não disse nada por longos minutos. Desceu depois do jipe e bateu no solo com a sola do sapato. Desci também do carro e, em pé ao seu lado, observei a superfície da estrada.

— Não vai dar, conforme eu temia — disse ele. — Por aqui, choveu muito mais do que eu imaginava.

A estrada não me pareceu tão encharcada. Ao contrário, deu-me a impressão de estar seca e dura.

— Está molhada por dentro — explicou-me ele. — E engana todo mundo. O terreno, daqui para a frente, passa a ter características um pouco diferentes.

— Diferentes?

Sem responder diretamente à minha pergunta, ele tirou um cigarro do bolso do casaco e riscou um fósforo.

— Vamos caminhar um pouco — convidou.

Andamos cerca de duzentos metros até a curva seguinte. Um frio pegajoso e desagradável me cercou. Puxei o zíper do meu abrigo até o pescoço e ergui a gola, mas a sensação de frio persistiu.

O tratador de carneiros parou bem no ponto em que a curva começava e, com o cigarro pendendo de um canto da boca, fixou duramente o paredão à direita. À meia-altura do paredão brotava um fio de água que caía na estrada e a cruzava devagar, formando uma fraca correnteza. A água continha argila dissolvida e tinha uma coloração acastanhada. Passei os dedos na área úmida do paredão e percebi que a rocha era muito mais porosa do que parecia e se desmanchava ao contato.

— Esta curva é bem desagradável — resmungou o tratador. — O solo é arenoso. Mas não é só isso. Tem alguma coisa sinistra nela. Até carneiros se apavoram sempre neste ponto.

O homem tossiu convulsivamente por algum tempo e jogou em seguida o cigarro no chão.

— Desculpem-me, mas não vou forçar a passagem do jipe por aqui.

Assenti, balançando a cabeça em silêncio.

— Acha que conseguiremos passar se formos a pé? — perguntei.

— O simples caminhar não representa perigo. O problema é a vibração que o carro provoca.

Com a sola do sapato, o tratador de carneiros bateu de novo com toda a força na superfície da estrada. Um som cavo, arrepiante, se fez ouvir do fundo da terra com uma diferença quase imperceptível de tempo.

— Está certo. Não é perigoso andar a pé.

Retornamos ao jipe.

— A partir deste ponto são quatro quilômetros, mais ou menos — disse ele enquanto andávamos. — Uma hora e meia é o tempo que você levará para chegar ao local, mesmo que sua companheira não seja boa andarilha. A estrada é uma só, e daqui para a frente não tem muita subida. É uma pena que não possa acompanhá-los até o fim.

— Não tem importância. E obrigado por tudo.

— Vai ficar por lá?

— Não sei ao certo. Talvez eu retorne amanhã mesmo, ou talvez fique uma semana. Depende dos acontecimentos.

Ele tornou a pôr um cigarro na boca, mas dessa vez começou a tossir antes de acendê-lo.

— Aconselho-o a tomar cuidado. Pelo jeito, vai começar a nevar mais cedo este ano. Com o caminho coberto de neve, não poderão sair daqui até a primavera.

— Vou me cuidar — respondi.

— Há uma caixa de correio na entrada da casa. A chave está presa no fundo dela. Se não houver ninguém por lá, use-a e entre.

Descarregamos nossas bagagens do jipe sob o céu sombrio. Tirei o abrigo fino que usava, vesti uma parca grossa de alpinista e cobri a cabeça com o capuz, mas nem assim fui capaz de me proteger do frio que se infiltrava aos poucos em meu corpo.

Batendo e raspando diversas vezes a lataria do jipe no paredão, o tratador de carneiros manobrou na estrada estreita e aos poucos voltou o carro na direção oposta. A cada batida, a rocha do paredão se desfazia, e pedaços despencavam pelo abismo. Quando enfim conseguiu o seu intento, o homem buzinou e abanou a mão. Abanamos de volta. O jipe contornou a curva e desapareceu, deixando-nos sozinhos na estrada. Eu me senti abandonado num canto do mundo.

Depusemos nossas mochilas no chão e, sem ter nada em especial para dizer, ficamos contemplando a paisagem. No vale que se abria no fundo do abismo aos nossos pés, o rio era uma faixa sinuosa e prateada, ambas as margens tomadas de densas florestas verdes. Para além do vale, morros de vegetação exuberantemente colorida pelo outono sobrepunham-se ondulando uns sobre outros e, mais além ainda, via-se uma extensa planície enevoadas. Fios de fumaça provenientes da queima do restolho dos arrozais subiam em diversos pontos dessa planície. A vista era maravilhosa, mas não proporcionava prazer, por mais que a contemplássemos. Tudo me parecia pouco familiar, e bárbaro.

Nuvens cinzentas e úmidas tinham vedado o céu por completo. Não pareciam nuvens, mas sim um tecido espesso e uniforme. Abaixo dele, mais flocos negros corriam com incrível velocidade rumo leste, tão baixo que pareciam estar ao alcance da mão. Provenientes do continente asiático, aquelas nuvens pesadas transpunham o mar do Japão e cruzavam Hokkaido rumo ao mar de Okhotsk. Contemplando o desfile incessante desse bando escuro, a

consciência de que nossos pés se apoiavam em terreno tão frágil se tornou quase insuportável para mim. Com um único sopro, arrastar-nos-iam para o nada nas profundezas do abismo, a nós e a essa curva instável, precariamente agarrados à escarpa porosa.

— Temos de nos apressar — eu disse erguendo a pesada mochila. Eu queria chegar o mais perto possível de um bom telhado antes que a chuva desabasse, não suportava a ideia de me encharcar nesse lugar gelado.

Vencemos a “curva sinistra” a passos rápidos. Conforme dissera o tratador dos carneiros, a curva tinha algo sinistro. Primeiro, o corpo percebia esse algo indefinível, que batia em seguida em algum ponto do cérebro, disparando um alarme. Era o mesmo que vadear um rio e meter repentinamente o pé numa depressão onde a água tem temperatura diferente do resto da correnteza.

Enquanto andávamos os quinhentos metros da curva, nossos passos soaram diferente muitas vezes. Diversos filetes de água jorravam do paredão e cruzavam o pavimento, sinuosos como cobras.

Mesmo depois de vencida a curva, não reduzimos o passo, na ânsia de nos afastar o mais rápido possível daquele lugar tão sinistro. Trinta minutos depois, quando o paredão à nossa direita perdeu o prumo transformando-se em suave encosta, e árvores surgiram aqui e ali, conseguimos enfim relaxar um pouco e respirar aliviados.

Daquele ponto em diante não haveria mais problemas. A estrada tornou-se plana, a paisagem perdeu a agressividade e aos poucos foi-se transformando em cenário tranquilo de esplanada. Pássaros voavam aqui e ali.

Mais trinta minutos e nos afastamos definitivamente do estranho cume em forma de cone e chegamos a um platô extenso e plano como uma mesa. O platô era cercado por picos agudos, dando a impressão de que estávamos numa enorme cratera vulcânica. Um bosque de vidoeiros ricamente coloridos estendia-se a perder de vista. Relva macia e arbustos de cores vivas cresciam sob os vidoeiros. Árvores derrubadas pelo vento jaziam aqui e ali, podres e escuras.

— Que lugar agradável — murmurou ela.

Comparado à curva pela qual acabáramos de passar, o lugar era sem dúvida agradável.

Um único caminho atravessava o bosque de vidoeiros em linha reta. Tinha largura suficiente para dar passagem a um jipe e era reta a ponto de me dar dor de cabeça. Nem uma curva, nem uma ladeira. No outro extremo havia um

ponto que parecia estar tragando tudo. Um floco de nuvem escura corria sobre esse ponto.

O silêncio era assustador. Até o sibilar do vento tinha sido absorvido pelo gigantesco bosque. Um pássaro preto e gordo rasgava agressivamente o ar com seus gritos, projetando a língua vermelha para fora do bico aberto. Mas, depois que ele se foi, o silêncio preencheu seu vazio viscosamente, como gelatina. As folhas que forravam o chão haviam absorvido a chuva de dois dias antes e continuavam úmidas. Fora os pássaros, nada havia para quebrar o silêncio. O bosque de vidoeiros se estendia sem fim, o caminho reto prosseguia sem fim. Vistas de dentro do bosque, as nuvens baixas que até havia pouco tanto nos tinham pressionado pareciam agora ligeiramente irreais.

Quinze minutos depois, deparamo-nos com um regato de águas cristalinas. Sobre ele, haviam atravessado uma ponte robusta, feita de troncos de vidoeiros enfeixados e provida de gradil. Ao redor, havia uma clareira para descanso. Ali paramos, descarregamos as mochilas dos ombros e descemos o barranco do regato para beber água. Eu nunca tinha provado água tão saborosa. Gelada a ponto de deixar as mãos vermelhas, e doce. Com um macio aroma de terra.

As nuvens continuavam ameaçadoras, mas o tempo dava mostras de se manter. Ela se abaixou para arrumar os cordões dos sapatos e eu me sentei no gradil da ponte para fumar. Da jusante me chegou o barulho de uma cascata. A julgar pelo som, devia ser uma cascata pequena. Uma lufada caprichosa veio da esquerda do caminho, agitou as folhas acumuladas no solo e se foi soprando para a direita.

Terminei de fumar e procurava apagar o toco esmagando-o com a sola do sapato quando descobri mais um. Apanhei-o e examinei-o com cuidado. Era um Seven Stars esmigalhado. O fato de não estar úmido indicava que fora fumado depois da chuva. Isto é, no dia anterior ou naquele em que estávamos.

Esforcei-me por lembrar a marca de cigarro do Rato. Não consegui. Nem mesmo me recordava se ele fumava ou não. Desisti e joguei o toco no rio. A correnteza o levou num piscar de olhos, rio abaixo.

— Que foi? — perguntou ela.

— Achei um toco de cigarro recém-fumado — respondi. — Não faz muito tempo, alguém se sentou neste mesmo lugar e fumou, exatamente como eu.

— Seu amigo?

— Quem sabe?

Ela sentou-se ao meu lado, juntou os cabelos com as mãos, e mostrou-me as orelhas. Fazia muito tempo que ela não as mostrava. O barulho da cascata se apagou por alguns momentos e logo voltou.

— Ainda gosta das minhas orelhas? — perguntou.

Sorri, estendi a mão e as toquei com a ponta dos dedos.

— Gosto — eu disse.

Andamos mais quinze minutos, e o caminho terminou abruptamente. O extenso bosque de vidoeiros também terminava nesse ponto, como se o tivessem decepado. À nossa frente, abria-se agora uma campina ampla, semelhante a um lago.

Ao redor da campina, havia estacas sobressaindo a cada cinco metros, e por elas passavam fios de arame velho e enferrujado. Pelo jeito, tínhamos enfim chegado ao pasto dos carneiros. Empurrei a porteira e entrei. A relva era macia, e a terra, úmida e preta.

Nuvens negras galopavam sobre a campina. Na direção em que corriam erguia-se uma montanha escarpada. Seu aspecto variava de acordo com o ângulo de observação, mas aquela era sem dúvida alguma montanha retratada na foto do Rato; nem era preciso comparar para saber.

Deparar com uma paisagem vista centenas de vezes numa foto provoca uma sensação de fato estranha. A profundidade me pareceu assustadoramente artificial. Não me dava a impressão de que chegara enfim ao local fotografado, e sim de que alguém tinha arrumado às pressas uma paisagem semelhante à da foto naquele local.

Suspirei, amparado na porteira. Seja como for, eu tinha afinal encontrado o que procurava, muito embora não soubesse o que isso significava. Eu apenas sabia que o encontrara.

— Chegamos, afinal — disse-me ela, apertando de leve o meu braço.

— Chegamos — repeti. Nada mais havia para ser dito.

À nossa frente, e com a campina de permeio, havia uma casa de madeira de dois andares no estilo das encontradas antigamente no interior dos Estados Unidos. Era a casa construída quarenta anos antes pelo Doutor Carneiro, e comprada posteriormente pelo pai do Rato. De longe, tornava-se difícil avaliar

seu tamanho real, já que não havia nada que me servisse de parâmetro. Transmitia apenas a impressão de sólida impassividade. A pintura branca parecia turva e fúnebre debaixo do céu nublado. Uma chaminé quadrada revestida de tijolinhos se destacava no meio da cumeeira cor de mostarda, quase ferrugem. Não havia cercas em torno da casa. Em troca, um grupo de coníferas idosas espalhava os galhos protegendo-a contra chuva, vento ou neve. Era estranho uma construção parecer tão vazia. Aliás, ela própria era estranha. Não que fosse feia ou fria, nem mesmo malconstruída ou irremediavelmente velha. Era apenas... estranha. Parecia uma criatura gigantesca que acabara envelhecendo sem saber expressar seus sentimentos. Não *como*, mas *o que* expressar.

Havia um forte cheiro de chuva ao nosso redor. Era melhor nos apressarmos. Cruzamos a campina em linha reta, rumo à casa. Do oeste, aproximavam-se agora nuvens espessas carregadas de chuva, e não em flocos, como até então.

A campina era desanimadoramente vasta. Não tínhamos a sensação de estar avançando, por mais que apressássemos o passo. Faltava-nos noção de distância.

Pensando bem, eu nunca havia andado num terreno tão amplo e plano. Eu era até capaz de perceber nitidamente a direção do vento soprando a quilômetros de distância. Um bando de pássaros cruzou o curso das nuvens e passou voando sobre nossa cabeça, rumo norte.

Pingos de chuva já tinham começado a cair quando, enfim, muito tempo depois, alcançamos a construção. Era maior e mais velha do que parecera de longe. Em diversos lugares a tinta branca e envelhecida formara bolhas e caíra como casca de ferida, e, nos pontos onde ela se destacava, a madeira surgia enegrecida pelos longos anos de exposição à chuva. Para refazer uma pintura nesse estágio de deterioração é preciso descascar totalmente a camada antiga antes de iniciar a nova. Desanimei só de imaginar o trabalho, muito embora o problema não fosse meu. Uma casa desabitada decai, isso é uma certeza. E aquela havia ultrapassado o ponto de recuperação, sem sombra de dúvida.

Contrapondo-se à construção que aos poucos envelhecera, as árvores tinham crescido sem parar, envolvendo a casa por completo e compondo um quadro que me lembrou a história dos Robinsons suíços. Havia muito

ninguém podava as árvores, de modo que os galhos se estendiam livremente em todas as direções.

Pensei nas dificuldades do caminho que eu percorrera e não consegui imaginar como o Doutor Carneiro transportara quarenta anos antes o material necessário para aquela construção. Ele com certeza enterrara ali muito esforço físico e toda a sua fortuna. Meu coração pesou quando pensei no Doutor, enclausurado no quarto escuro do segundo andar do Hotel do Golfinho, em Sapporo. Se em verdade existiam no mundo vidas que não valiam a pena ser vividas, a do Doutor Carneiro era uma delas. Em pé na chuva gelada, ergui o olhar para a casa.

Agora que a via de perto, ela me parecia tão vazia quanto a distância. Areia fina e pó tinham se acumulado sobre as venezianas das janelas altas e estreitas, de folha dupla. A chuva tinha fixado uma camada inicial de areia, formando estranhas manchas, e sobre estas remontaram novas camadas de areia e pó que outras chuvaradas voltaram a fixar.

Na porta de entrada havia uma janelinha quadrada de vidro de cerca de dez centímetros de lado, bem na altura dos olhos, mas uma cortina a vedava pelo lado de dentro. A areia tinha se infiltrado também nos interstícios da maçaneta de cobre e escorreu para o chão no momento em que a toquei. A maçaneta balançava como um molar velho, mas a porta antiga, feita de três pranchas de carvalho unidas, era muito mais resistente do que parecia. Bati experimentalmente com o nó dos dedos, mas ninguém respondeu, conforme eu já esperava. Servira apenas para deixar minha mão dolorida. O vento sacudiu os galhos de um gigantesco castanheiro, produzindo sobre nossa cabeça um ruído de duna desmoronando.

Conforme as instruções do tratador de carneiros, tateei o fundo da caixa de correio. A chave pendia de um gancho pregado na parede posterior da caixa. Era de cobre, antiquada, e tinha se descorado nas áreas mais manipuladas.

— Eles são um tanto descuidados em deixar a chave aí, não acha? — perguntou ela.

— Que ladrão se daria ao trabalho de vir tão longe para roubar? Não se esqueça de que ele tem de carregar o que roubou — eu disse.

A chave se ajustou à fechadura com uma precisão quase irreal. Girou uma vez na minha mão e, com um agradável estalido, destravou a porta.

O interior estava anormalmente escuro, porque as venezianas estavam fechadas, e levamos um certo tempo para acostumar nossos olhos. A escuridão parecia ter se infiltrado em todos os recantos do primeiro aposento.

A sala era ampla. Ampla, tranquila e cheirando a celeiro velho. Um cheiro que fazia lembrar infância e passado, e que só móveis antigos e objetos abandonados têm. Fechei a porta às minhas costas e, no mesmo instante, o barulho do vento cessou.

— Olá! — gritei. — Ninguém em casa?

Inútil gritar, naturalmente. Era óbvio que não havia ninguém. Apenas o relógio de pêndulo ao lado da lareira marcava a passagem do tempo em tique-taques compassados.

Senti-me confuso por alguns breves segundos. No meio do escuro, o tempo regrediu, e uma série de lugares sobrepuseram-se uns aos outros em minha mente. Lembranças pesadas de emoção ruíram como castelos de areia. Tudo no intervalo de alguns segundos. Quando abri os olhos, todas as coisas tinham voltado ao normal. Diante de mim, havia apenas um espaço cinzento e vazio, que chegava a ser estranho em sua banalidade.

— Tudo bem com você? — perguntou-me ela, preocupada.

— Não foi nada — respondi. — Vamos, vamos entrar.

Enquanto ela procurava pelo registro da luz, examinei o relógio de pêndulo na semiescuridão. Era do tipo a que se dá corda puxando três correntes e erguendo até o topo os pesos presos às suas extremidades. Os três pesos já tinham descido até o fim, mas o relógio continuava a trabalhar num último e desesperado esforço. Calculando pelo comprimento da corrente, seria preciso quase uma semana para que os pesos descessem até o fim. Isto queria dizer que alguém estivera ali até uma semana antes e dera corda ao relógio.

Puxei as correntes para levar os pesos até o topo e, depois, sentei-me num sofá e estendi os pés. O móvel velho parecia de antes da guerra, mas era confortável. Nem macio nem duro demais, acomodava bem o corpo. Cheirava ligeiramente a palma de mãos.

Um pequeno estalido soou algum tempo depois, a luz se acendeu, e ela apareceu da cozinha. Moveu-se com gestos decididos e examinou diversos pontos da sala, sentou-se numa poltrona e acendeu um cigarro mentolado. Eu também fumei um dos dela. Desde que começara a andar em sua companhia, eu passara a apreciar os mentolados.

— Acho que seu amigo pretendia passar o inverno nesta casa — disse ela.
— Só olhei superficialmente pela cozinha, mas encontrei lenha e provisões suficientes para um inverno inteiro. Aquilo parece um supermercado.

— E nem sinal dele.

— Vamos verificar o andar de cima.

Subimos os degraus ao lado da cozinha. A meia altura, a escada se quebrava abruptamente num curioso ângulo. Chegar ao andar superior foi como mudar de camada atmosférica.

— Estou com dor de cabeça — disse ela.

— Dói muito? — perguntei.

— Nada de mais, não se preocupe. Estou acostumada a esse tipo de coisa.

Havia três quartos no pavimento superior. O maior ficava à esquerda do corredor, e os dois menores, à direita. Abrimos uma a uma as portas dos três quartos. Todos eles vazios e escuros, mobiliados apenas no essencial. No maior, uma cama de casal e um toucador. Cama sem lençóis ou cobertores. Havia cheiro de horas mortas no ar.

Apenas no quarto menor ao fundo restavam vestígios de cheiro humano. A cama estava perfeitamente arrumada, e o travesseiro conservava leve concavidade. Havia um pijama verde dobrado ao lado dele. Sobre o criado-mudo, um modelo antiquado de abajur, e junto dele, um livro aberto e voltado para baixo. Um romance de Conrad.

Ao lado da cama havia uma robusta cômoda de carvalho, e guardados em suas gavetas, suéteres, camisas, calças e meias masculinas, assim como roupas de baixo, tudo perfeitamente organizado. As malhas e as camisas estavam velhas e puídas, descosturadas aqui e ali, mas eram todas de boa qualidade. Eu me lembrava de algumas. Eram do Rato. Camisas tamanho 34-36, calças 38. Não tinha erro.

Ao lado da janela havia escrivaninha e cadeira, ambas antigas e de design simples, raramente encontradas hoje em dia. Na gaveta da escrivaninha encontrei uma caneta-tinteiro barata, três caixinhas sobressalentes de tinta e conjuntos de papel de carta e envelopes. Os papéis estavam em branco. Na segunda gaveta havia uma latinha de pastilhas contra tosse pela metade e algumas miudezas. A terceira estava vazia. Não havia sinais de diário, caderno de notas ou bloco de anotações. Parecia que alguém andara juntando tudo que era supérfluo e jogado fora. Arrumado demais. Não gostei do que vi. Passei um

dedo pelo tampo da escrivaninha. Saiu com uma fina camada de pó branco. Poeira insignificante, de uma semana, mais ou menos.

Ergui o vidro da janela que dava para a campina e abri as venezianas. O vento que percorria a campina aumentara de intensidade, e as nuvens negras pareciam mais baixas ainda. A campina contorcia-se como um ser vivo. Além dela, avistei o bosque de vidoeiros e as montanhas. Paisagem idêntica à retratada na foto. Faltava apenas o carneiro.

*

Retornamos ao andar inferior e sentamo-nos no sofá. O carrilhão do relógio de pêndulo disparou, e doze badaladas soaram logo em seguida. Ficamos em silêncio até o último toque desvanecer no ar.

— Que pretende fazer agora? — perguntou ela.

— Não me resta mais nada a fazer senão esperar — eu disse. — O Rato estava aqui até uma semana atrás. Suas coisas estão aqui. Ele tem de voltar.

— Mas se a neve se acumular antes disso, teremos de passar o inverno inteiro neste lugar. Além disso, seu prazo de um mês também se esgota.

Precisamente.

— E suas orelhas, que dizem?

— Nada. Me dói a cabeça quando tento ouvi-las.

— Nesse caso, vamos esperar calmamente pelo retorno do Rato aqui mesmo — eu disse.

Em outras palavras, não me restava outra alternativa.

Enquanto ela preparava o café na cozinha, dei uma volta pelo aposento e examinei cuidadosamente cada recanto. No centro de uma das paredes havia uma lareira de verdade. Não vi vestígios de uso recente, mas estava pronta para ser usada a qualquer momento. Algumas folhas de carvalho tinham entrado pela chaminé. Além da lareira, havia ainda um aquecedor a querosene para os dias menos frios. O mostrador de combustível mostrava que o tanque estava cheio.

Ao lado da lareira havia um armário embutido com portas de vidro, e em suas prateleiras se enfileirava uma assombrosa coleção de livros antigos. Apanhei alguns exemplares e folheei-os. Todos editados antes da guerra, a maioria sem nenhum valor. Livros de geografia, ciências, história, filosofia e política, só serviam nesse momento para estudar a educação básica de um

intelectual de quarenta anos antes. É verdade que havia também alguma coisa editada depois da guerra, mas de valor semelhante. Apenas *As vidas de Plutarco* e *Coletânea de tragédias gregas* e mais dois ou três volumes escapavam do desgaste que o tempo impõe. Apesar de tudo, a coleção talvez fosse útil para ajudar a passar os longos dias e noites de inverno. Seja como for, essa era a primeira vez que eu via tantos livros de tão pouco valor reunidos.

Ao lado da estante havia prateleiras decorativas e, nelas, um jogo de alto-falantes, amplificador e toca-discos, tão na moda em meados da década de sessenta. Os quase duzentos discos eram todos antigos e arranhados, mas ao menos tinham algum valor. A música não sofre a ação do tempo tanto quanto as ideologias. Apertei a tecla do amplificador, peguei um disco qualquer e pousei a agulha sobre ele. Nat King Cole cantava “South of the Border”. O ambiente pareceu regredir para os anos cinquenta.

Na parede dianteira havia quatro janelas de quase um metro e oitenta de altura a intervalos regulares. Da janela avistei a campina cinzenta varrida pelo vento. A chuva tinha se intensificado, e a linha das montanhas parecia distante e enevoada.

A sala era assoalhada, e no centro dela havia um tapete de cerca de dois metros e meio por três metros e meio. Um jogo de sala de estar e um abajur de pé tinham sido dispostos sobre o tapete. Os móveis robustos da sala de jantar estavam afastados em um canto e encontravam-se cobertos de poeira branca.

Uma sala realmente despojada.

A porta camuflada na parede levava a um espaçoso depósito de quase dez metros quadrados, atulhado de bugigangas, que iam desde móveis excedentes, tapetes, painéis, tacos de golfe, enfeites, violão, colchão, casacos, sapatos de alpinista a revistas velhas. Até mesmo apostilas de nível ginásial e um avião controlado por rádio. Quase tudo produzido de meados dos anos cinquenta até meados da década seguinte.

O tempo passava em ritmo estranho no interior daquela casa. O mesmo acontecia com o antiquado relógio de pêndulo na sala de estar. Pessoas apareciam e lhe davam corda ao sabor dos seus caprichos. E, enquanto o peso estivesse no alto, o tempo passava tiquetaqueando. Mas no momento em que as pessoas se iam e o peso baixava, o tempo estacionava nesse exato ponto. E então nacos do tempo parado acumulavam-se no chão, formando camadas de vida descorada.

Apanhei algumas revistas de cinema antigas, retornei à sala de estar e as folhee. A capa de uma delas trazia uma cena de *Alamo*. Estreia de John Wayne como diretor, com apoio total de John Ford, dizia o artigo. “Quero fazer um filme que cale fundo no coração dos americanos”, declarava John Wayne. Mas o chapéu de pele de castor não lhe ia nada bem.

Ela veio da cozinha com o café, e nós dois o tomamos sentados um diante do outro. Gotas de chuva batiam intermitentes na janela. Aos poucos, o tempo começou a pesar e a dissolver-se no frio lusco-fusco, espalhando-se pelo aposento. A luz amarelada da lâmpada flutuava como pólen no ar.

— Cansado? — perguntou ela.

— Acho que sim — respondi, contemplando distraidamente a paisagem externa. — Esta parada brusca depois dos últimos dias de procura intensa... Ainda não consegui me adaptar, entende? E, depois de tudo o que fizemos para achar o cenário da foto, não encontramos nem o Rato nem o carneiro.

— Durma. Eu preparo o almoço enquanto isso.

Ela trouxe um cobertor do andar de cima e me cobriu com ele. Ligou o aquecedor, introduziu um cigarro entre os meus lábios e o acendeu.

— Ânimo. Tenho certeza de que tudo vai dar certo.

— Obrigado — eu disse.

Ela se foi para a cozinha.

Senti o corpo pesar assim que fiquei sozinho no aposento. Dei duas baforadas, apaguei o cigarro, puxei o cobertor até a cabeça e fechei os olhos. Levei apenas alguns segundos para adormecer.

Ela abandona a montanha; a fome me atormenta

Acordei no sofá quando o relógio bateu seis vezes. A luz tinha sido apagada, e a escuridão se adensava no quarto com a chegada da noite. O corpo todo estava dormente, desde o âmagô até a ponta dos dedos. A escuridão era tinta infiltrando-se em meu corpo pelos poros.

A chuva parecia ter parado, e gritos de pássaros noturnos me vinham pela janela. Apenas a chama do aquecedor iluminava a sala, projetando sobre a parede branca sombras tênues e incrivelmente alongadas. Ergui-me do sofá, acendi o abajur, fui para a cozinha e bebi dois copos de água gelada. Um guisado numa panela sobre o fogão conservava ainda um resto de calor. Dois tocos de cigarro restavam esmagados no cinzeiro.

Percebi instintivamente que ela tinha ido embora. Não estava mais na casa.

Apoiei as duas mãos na bancada da cozinha e tentei ordenar meus pensamentos.

Ela não está mais aqui, pensei. Era certeza, e não teoria ou inferência. Ela simplesmente não estava mais ali. A atmosfera vazia da casa me dizia isso. Era o mesmo vazio que eu cansara de sentir nos dois meses que intermediaram a partida da minha ex-mulher e o meu encontro com ela.

Apenas para desincumbimento de consciência, subi as escadas e examinei um a um os três quartos, espiando até dentro dos armários. Não a encontrei, nem a sua bolsa, nem o seu casaco. Seus sapatos também tinham desaparecido da entrada da casa. Ela se fora de verdade. Procurei um a um todos os cantos e recantos onde possivelmente ela me deixaria uma nota de despedida, mas não achei nada. Àquela hora, ela já estaria na base da montanha.

Eu não conseguia ainda aceitar a verdade do seu desaparecimento. Tinha acabado de acordar, e o raciocínio andava lento. E, mesmo que eu estivesse raciocinando direito, havia muito eu perdera a capacidade de atribuir sentido aos acontecimentos que se sucediam ao meu redor. Em outras palavras, só me restava deixar o barco correr.

Enquanto me perdia em pensamentos no sofá da sala, dei-me conta repentinamente de que estava com fome. Uma fome desmedida.

Desci as escadas da cozinha e entrei no porão transformado em despensa, tirei a rolha de um vinho tinto e o provei. A bebida tinha sabor honesto, mas estava um tanto fria demais. Retornando à cozinha, cortei um naco do pão que achei sobre a bancada e aproveitei para descascar uma maçã. E, enquanto o guisado esquentava, tomei três copos do vinho.

Quando o guisado ferveu, levei tudo para a mesa da sala e jantei ao som de “Perfídia”, executado pela Percy Faith Orchestra. Depois do jantar, tomei o café que restava numa panelinha e joguei paciência com o baralho que encontrei sobre a lareira. O passatempo inventado por um inglês no século XIX tinha sido bastante popular em certa época, mas fora relegado ao esquecimento por causa das regras, complexas demais. Segundo cálculos de um matemático, a porcentagem de sucesso nesse jogo era de uma em cada 25 vezes. Joguei três vezes. Sem sucesso, naturalmente. Devolvi o baralho ao lugar sobre a lareira, arrumei os pratos e tomei o terço restante de vinho que sobrara no fundo da garrafa.

Do lado de fora da janela, a noite cobria tudo. Fechei as venezianas, deitei-me no sofá e continuei ouvindo uma série de discos velhos e chiantes.

Será que o Rato voltaria?

Era quase certo de que sim. Provisões e lenha para passar um inverno inteiro tinham sido estocadas na casa.

Quase, mas não certo. Talvez o Rato tivesse se aborrecido de tudo e voltado à civilização. Ou talvez tivesse descido a montanha e morasse agora com alguma garota lá embaixo. Impossível não era.

Mas, se isso acontecera realmente, eu estava em maus lençóis. Rato e carneiro continuariam desaparecidos, e o prazo de um mês que me fora concedido se esgotaria. E então o homem do terno preto me arrastaria sem sombra de dúvida para aquilo que ele chamara de *Götterdämmerung*, o crepúsculo dos deuses. Ele com certeza sabia que não havia sentido algum em me arrastar para lá, mas assim faria. Típico dele.

Metade do prazo estava passando. Segunda semana de outubro, época em que as cidades mais se parecem com cidades. E eu estaria a esta altura em algum barzinho, tomando minha dose de uísque e comendo omelete, se nada disso tivesse acontecido. Aquela era uma boa hora de uma estação agradável. Fim de dia, ar lavado depois da chuva, um copo de uísque com o gelo tinindo,

o contato de um balcão maciço de madeira, o tempo escoando como mansa correnteza.

Enquanto divagava sobre isso, comecei a sentir que existia um outro eu no mundo, bebendo descontraidamente um uísque num barzinho qualquer na mesma hora. E, quanto mais pensava, mais me parecia que o outro era o eu real. Algo se desfocara em algum ponto, e o eu verdadeiro deixara de ser o eu real.

Sacudi a cabeça espantando tais imagens.

Fora, pássaros noturnos continuavam a piar baixinho.

*

Subi para o andar superior e arrumei a cama no quarto menor não ocupado pelo Rato. Colchões, lençóis e travesseiros estavam empilhados em ordem num armário a um dos cantos do corredor.

Os móveis nesse quarto eram idênticos aos existentes no quarto do Rato. Criado-mudo, escrivaninha, cômoda e abajur. Nada elegantes, mas fabricados numa época em que a funcionalidade contava mais que qualquer coisa. Nenhum detalhe supérfluo.

Da janela na cabeceira também se avistava a campina. A chuva cessara por completo, e as nuvens densas começavam a se esgarçar em alguns pontos. Uma meia-lua mostrava-se às vezes pelas brechas, revelando com nitidez a paisagem da campina. Lembrou-me fundo de mar à luz de holofotes.

Mergulhei na cama sem me trocar, observando o cenário que se descobria de modo intermitente. À paisagem sobrepôs-se por algum tempo a imagem da minha namorada contornando sozinha a curva sinistra e descendo a montanha. Quando essa imagem desapareceu, surgiram um rebanho de carneiros e o Rato tirando uma foto. A lua se ocultou por trás das nuvens e, quando ressurgiu, também eles tinham desaparecido.

Li *As aventuras de Sherlock Holmes* à luz do abajur.

O que achei na garagem e o que pensei no meio da campina

Um bando de pássaros barulhentos de uma espécie desconhecida para mim agarrava-se ao galho do castanheiro na entrada da casa parecendo enfeites em árvore de Natal. Lá fora, todas as coisas cintilavam úmidas à luz da manhã.

Assei pães numa torradeira de época anterior ao advento da automatização e que me despertou agradáveis lembranças. Deitei um pouco de manteiga na frigideira, fritei um ovo e tomei dois copos de suco de uva que encontrei na geladeira. Sem ela, eu me sentia só e abandonado, mas o próprio fato de estar me sentindo só e abandonado era de algum modo reconfortante. Nada mau sentir um pouco de solidão, ser o silencioso galho do castanheiro depois que os pássaros se foram em revoada.

Lavei os pratos, fui para o banheiro limpar traços de gema dos cantos da boca e escovei os dentes durante bons cinco minutos. E, depois de muito hesitar, decidi me barbear. Um jogo de creme de barbear e barbeador Gillette quase novos estavam sobre a pia do banheiro, assim como escova de dentes, pasta dentifrícia, sabonete, tônico para a pele e até água-de-colônia. Na prateleira, dez toalhas de cores diferentes precisamente dobradas e arrumadas. Tudo muito bem-organizado, típico do Rato. Espelho e pia imaculadamente limpos.

Tanto a latrina como a sala de banho seguiam em linhas gerais o mesmo padrão. As juntas dos ladrilhos, esfregadas uma a uma com escova de dente velha e produto de limpeza, brilhavam impecavelmente brancas. Admirável. O desodorizante dentro da latrina exalava um delicado aroma, parecido com o de gim com limão servido em bares elegantes.

Saí do banheiro, sentei-me no sofá da sala e fumei o primeiro cigarro do dia. Sobravam-me apenas três maços de Lark na mochila e mais nada. Quando acabassem, só me restaria a abstinência. Ainda pensando nisso, fumei mais um. A luz da manhã era agradável, o sofá me envolvia confortavelmente. E assim passei uma hora quase sem perceber. O relógio soou nove da manhã em ritmo tranquilo.

Comecei a entender mais ou menos por que o Rato arrumava a casa, limpava as juntas dos ladrilhos até deixá-las impecavelmente brancas, passava

suas camisas e fazia a barba, mesmo sabendo que não receberia nenhuma visita. Ele precisava estar em constante movimento naquela casa, para não perder a noção do tempo.

Ergui-me do sofá e, braços cruzados, dei uma volta pelo aposento, mas não me ocorreu de imediato nenhuma coisa para fazer. As áreas necessitadas de limpeza já tinham sido limpas pelo Rato. Ele eliminara por completo até teias e sujeiras acumuladas em lugares altos perto do teto.

Não tinha importância. Algo ainda me ocorreria.

Por ora, eu sairia para um passeio em torno da casa. O tempo estava maravilhoso. Alguns fiapos de nuvem corriam em pinceladas brancas pelo céu, e trinados de pássaros partiam de todos os recantos da terra.

Nos fundos da casa descobri uma espaçosa garagem. Um toco de cigarro estava caído diante da velha porta de folha dupla. Um Seven Stars. Este era razoavelmente antigo. O papel tinha-se descolado e o filtro estava inteiramente exposto. Só existia um cinzeiro dentro da casa, lembrei-me. Cinzeiro velho, parecia em desuso havia muito. É isso: o Rato não fumava. Rolei o filtro na palma da mão e tornei a jogá-lo no chão.

Removi a pesada trava e abri a porta. Garagem vazia e espaçosa. O sol se infiltrava pelos vãos entre as tábuas da parede e riscava linhas paralelas na terra preta. Cheiro de terra e gasolina no ar.

O veículo era um velho Toyota Land Cruiser. Não havia marcas de lama nem na carroceria, nem nos pneus. O indicador de combustível apontava tanque quase cheio. Introduzi a mão no lugar onde o Rato costumava esconder a chave e tateei. Ali estava ela, conforme eu imaginara. Introduzi-a no contato e girei. O motor pegou no mesmo instante, roncando agradavelmente. Pelo visto, ele continuava muito bom em matéria de manutenção de carros. Desliguei o motor, devolvi a chave ao seu esconderijo e, ainda sentado à direção, examinei ao redor. Não havia quase nada no interior do veículo. Apenas um mapa rodoviário, uma toalha e meia barra de chocolate. No banco de trás achei um rolo de arame e um alicate. O banco parecia um pouco sujo para os padrões do Rato, o que não deixava de ser surpreendente. Abri a porta traseira, juntei com a mão a sujeira espalhada no estofamento e a examinei à luz que se infiltrava por um dos vãos da parede. Parecia material de estofamento. Ou lã de carneiro. Tirei um lenço de papel do bolso e nele envolvi os detritos, guardando tudo no bolso da camisa.

Não conseguia compreender por que o Rato não usara o carro. A presença do veículo no interior da garagem tanto podia indicar que ele descera a montanha a pé ou que não a descera absolutamente. Nenhuma das duas hipóteses convenciavam: três dias antes, a curva do penhasco ainda permitia a passagem de carros, e eu não conseguia imaginar também que ele estivesse acampando em algum lugar do platô, deixando o conforto da casa.

Cansado de pensar, fechei a porta da garagem e saí para a campina aberta. Por mais que pensasse, jamais chegaria a uma conclusão lógica partindo de premissas falsas.

Uma cortina de vapor começava a subir da campina conforme o sol se erguia no firmamento. Através do vapor, as linhas das montanhas mostravam-se vagas. A relva recendia.

Avancei até o meio da campina pisando a grama úmida. Bem no meio, encontrei um pneu velho abandonado. A borracha já estava branca e partida. Sentei-me nele e passei o olhar em torno. A casa de onde eu saíra havia pouco parecia um promontório branco projetando-se sobre o mar.

Sentado sozinho num pneu no meio da campina, lembrei-me das ocasiões em que participei de travessias a nado no mar. No meio do percurso entre uma ilha e outra, eu parava de nadar e contemplava a paisagem. E a cada vez eu sentia uma estranha sensação. Era realmente estranho estar entre dois pontos equidistantes, assim como era estranha a percepção de que lá longe, em terra firme, pessoas continuavam nesse mesmo momento suas atividades cotidianas.

Quinze minutos depois, ergui-me e caminhei de volta para casa. Sentei-me no sofá e continuei a ler *As aventuras de Sherlock Holmes*.

O homem-carneiro chegou às duas horas.

A chegada do homem-carneiro

No momento em que o relógio acabou de anunciar as duas horas, alguém bateu à porta. Duas pancadas iniciais, pausa suficiente para respirar duas vezes, mais três pancadas.

Precisei de algum tempo para perceber que alguém batia à porta. Nem me passara pela cabeça que isso pudesse acontecer. O Rato não bateria — entraria direto. Afinal, a casa era dele. O tratador de carneiros bateria uma vez e a abria em seguida sem esperar pela resposta. Ela... — não, não era ela, não podia ser. Porque, se fosse, entraria mansamente pela cozinha e a essa altura estaria lá tomando café sozinha. Ela não era do tipo que batia em portas.

Abri a porta e me deparei com um homem-carneiro. O homem-carneiro não parecia muito interessado nem na porta aberta, nem em mim, que a abria. Em pé a quase dois metros de distância, contemplava a caixa de correio com olhar intenso, como se visse um objeto totalmente inusitado. Ele era pouca coisa mais alto que a caixa de correio. Um metro e meio devia ser a sua altura. Era corcunda, além disso, e tinha as pernas tortas.

Do patamar onde me encontrava até o nível do chão havia uma diferença de quase quinze centímetros de altura, de modo que me vi na situação de alguém à janela de um ônibus contemplando um indivíduo andando na rua. O homem-carneiro continuava a fixar com feroz intensidade a caixa de correio, tentando ignorar essa decisiva diferença de altura. A caixa nada continha, naturalmente.

— Posso entrar, posso? — perguntou-me ele rapidamente, ainda voltado para o lado. Falava como se alguma coisa o estivesse irritando.

— Entre, por favor — respondi.

Ele se curvou e, com gestos decididos, desamarrou os cordões dos seus sapatos. Estavam cobertos de barro seco e duro, que lembrava casca de pão-doce. O homem-carneiro apanhou os sapatos que descalçara, um em cada mão, e os bateu sola contra sola com movimentos que pareceram habituais nele. O barro se desprende e rebentou-se no chão. O homem-carneiro foi então buscar os chinelos, como se conhecesse muito bem os hábitos da casa, e entrou

andando decididamente. Não pediu licença e sentou-se no sofá com expressão satisfeita.

O homem-carneiro vestia uma pele de carneiro que o cobria da cabeça aos pés. A vestimenta ajustava-se perfeitamente ao físico atarracado. A pele na região dos braços e das pernas tinha sido costurada posteriormente. O capuz que lhe envolvia a cabeça também era uma fantasia, mas os chifres espiralados que saíam do alto do crânio eram reais. Duas orelhas achatadas, obviamente estruturadas com arame, projetavam-se em sentido horizontal dos lados do capuz. A máscara que lhe envolvia a metade superior do rosto, assim como as luvas e as meias, eram feitas do mesmo couro preto. Um zíper ia desde o pescoço até as entrepernas, para facilitar o trabalho de vestir e despir.

Na altura do peito, havia um bolso também provido de zíper, e ali ele guardava cigarros e fósforos. Pôs um Seven Stars na boca, riscou um fósforo e suspirou profundamente. Fui à cozinha e voltei com o cinzeiro lavado.

— Eu quero beber, não sabe? — disse o homem-carneiro.

Fui outra vez para a cozinha, achei meia garrafa de Four Roses, apanhei dois copos e gelo e retornei à sala.

Preparamos cada qual o próprio *on the rocks* e bebemos sem brindar. O homem-carneiro resmungou palavras ininteligíveis o tempo todo, até acabar de beber. Comparado ao resto do corpo, seu nariz era grande, e as narinas fremiavam como asas à direita e à esquerda cada vez que ele respirava. Inquietos, os olhos que espiavam pelos buracos da máscara fixavam ora um ponto ora outro, saltitando ao meu redor.

Quando esvaziou seu copo, o homem-carneiro pareceu acalmar-se um pouco. Apagou o cigarro, meteu os dedos por baixo da máscara e esfregou os olhos.

— É o pelo. Vive entrando no olho — resmungou.

Sem encontrar um comentário adequado, mantive-me em silêncio.

— Vocês chegaram na manhazinha de ontem, não foi? — disse o homem-carneiro, ainda esfregando os olhos. — Eu vi tudo.

Despejou mais uísque sobre o gelo meio derretido e bebeu num único sorvo, sem misturar.

— E de tarde a moça foi embora sozinha.

— Você viu isso também?

— Eu não vi. Eu a *mandei* embora.

— Você a *mandou* embora?

— A-hã. Meti a cabeça pela porta da cozinha e disse a ela: Ei, moça, é melhor você ir s'embora.

— Por quê?

O homem-carneiro calou-se. Parecia amuado. Na certa “por que” era o tipo da pergunta que não se devia fazer a ele. Desisti de esperar pela resposta. E, enquanto pensava no que lhe perguntar em seguida, seus olhos aos poucos começaram a brilhar de um modo diferente.

— A moça voltou para o Hotel do Golfinho — informou ele.

— Ela lhe disse isso?

— Disse não. Ela voltou para o Hotel do Golfinho, só isso.

— Como sabe?

O homem-carneiro se calou de novo. Mãos apoiadas nas coxas, fixou duramente o copo sobre a mesa.

— Tem certeza de que ela voltou para o Hotel do Golfinho? — insisti.

— A-hã. Esse Hotel do Golfinho é dos bons. Tem cheiro de carneiro — disse ele.

Calamo-nos de novo. Observando melhor, a pele que ele vestia estava imunda, e os pelos, duros e oleosos.

— Ela não lhe pediu para me dar algum recado, antes de partir?

— Pediu não — respondeu o homem-carneiro sacudindo a cabeça. — A moça não disse nada pra mim, e eu também não perguntei nada pra ela.

— Quer dizer que quando você lhe disse que era melhor ela partir, ela simplesmente se foi sem dizer nada?

— Isso, é isso. Mas eu disse pra ela que era melhor ela ir s'embora porque *ela* estava querendo ir embora.

— Mas ela veio até aqui porque quis!

— Errado! — berrou o homem-carneiro. — A moça queria ir s'embora, mas estava toda atrapalhada. E por isso mandei ela chispar-se daqui. Você é o culpado. Foi você que fez ela se atrapalhar.

Ergueu-se e deu uma palmada na mesa com a mão direita. O copo de uísque escorregou cerca de cinco centímetros para o lado.

Ele permaneceu em pé na mesma posição por alguns instantes. Aos poucos, seu olhar perdeu o brilho, e ele voltou a se sentar no sofá, como se estivesse perdendo forças.

— *Você* fez ela se atrapalhar — disse o homem-carneiro, desta vez com calma. — Isso é feio, não sabe? Você não entende nada. Só pensa em você mesmo.

— Está querendo me dizer que ela não devia ter vindo até aqui?

— Isso, é isso. A moça não devia ter vindo até aqui. Você só pensa em você mesmo.

Enterrado na poltrona, beberiquei meu uísque.

— Mas não faz mal. Está tudo acabado, de qualquer jeito — disse ele.

— Acabado?

— Você não vai ver essa moça nunca mais.

— Por quê? Porque só pensei em mim mesmo?

— Isso, é isso. Porque você só pensou em você mesmo. É por causa disso mesmo.

O homem-carneiro levantou-se, foi até a janela, ergueu a pesada vidraça com uma única mão e respirou o ar puro de fora. Era bem forte, o sujeito.

— Tem que deixar a janela aberta quando o tempo está firme como hoje — disse ele.

Percorreu metade da sala e parou diante da estante de livros. Braços cruzados sobre o peito, contemplou os dorsos dos volumes. Havia até um rabinho no traseiro da vestimenta. Visto de costas, ele era a própria imagem de um carneiro em pé sobre duas patas.

— Estou procurando um amigo — eu disse.

— Está mesmo? — disse o homem-carneiro ainda de costas para mim, aparentando total desinteresse.

— Tenho quase certeza de que ele morava nesta casa até a semana passada.

— Sei não...

De pé diante da lareira, mexeu nos baralhos sobre o consolo.

— Estou procurando também um carneiro com um sinal em forma de estrela nas costas — eu disse.

— Nunca vi — replicou.

Estava claro que ele sabia alguma coisa a respeito do Rato e do carneiro. Sua indiferença era forçada. As respostas vinham rápidas demais e em tom artificial.

Resolvi mudar de tática. Bocejei, fingindo ter perdido totalmente o interesse por ele, apanhei um livro sobre a mesa e o folhee. Um pouco

perturbado, o homem-carneiro voltou a se sentar na poltrona. Em silêncio, ficou me observando virar as páginas.

— Ler livro é bom? — perguntou.

— A-hã — respondi laconicamente.

O homem-carneiro permaneceu ainda um tempo indeciso. Eu continuei a ler, sem me incomodar com ele.

— Eu gritei com você, não foi? Me desculpe — disse ele baixinho. — É que às vezes..., às vezes o meu lado carneiro briga com o meu lado homem. E então acontece o que aconteceu. Não foi por maldade, juro. A culpa é um pouco sua, também. Quem mandou você me pressionar?

— Não tem importância — eu disse.

— Acho também que é uma pena você não ver nunca mais aquela moça. De verdade. Mas isso não é culpa minha.

— A-hã.

Tirei os três maços de Lark do bolso externo da minha mochila e os dei ao homem-carneiro. Ele pareceu um pouco admirado.

— Obrigado. Esta marca eu não conhecia. Mas... e você? Não quer mais os cigarros?

— Parei de fumar — respondi.

— Tá certo — disse ele seriamente, sacudindo a cabeça. — Cigarro faz mal.

Guardou com cuidado os maços no bolsinho do peito. Os maços formaram um pequeno volume quadrado saliente.

— Eu tenho de encontrar meu amigo de qualquer jeito, entendeu? Vim de muito, muito longe, só para isso — tornei a dizer.

O homem-carneiro abanou a cabeça mostrando que entendera.

— E tenho de encontrar o carneiro também.

Ele tornou a sacudir a cabeça.

— Mas você não sabe nada a respeito deles. É isso, não é?

Desta vez, balançou tristemente a cabeça à esquerda e à direita. As orelhas artificiais se agitaram. Mas esta negativa foi muito menos enfática que a primeira.

— Este lugar é muito bom — disse ele mudando de assunto. — Paisagem bonita, ar gostoso. Acho que você ia gostar de ficar aqui.

— É verdade, este é um bom lugar — concordei.

— E é ainda melhor no inverno. Fica tudo branco de neve, duro e congelado. Os bichos estão dormindo, e ninguém aparece por aqui.

— E você? Passa aqui o inverno inteiro?

— A-hã.

Decidi não perguntar mais nada. Ele tinha as mesmas reações de um animal selvagem: se a gente se aproxima, ele se afasta; se a gente se afasta, ele se aproxima. Ele passava todo o inverno na área, não havia mais pressa. Eu o sondaria com calma, cuidadosamente.

Com a mão esquerda, o homem-carneiro foi puxando um a um os dedos da luva direita, começando pelo polegar. Alguns puxões depois, a luva se soltou e revelou a mão de pele escura e seca. Uma marca de queimadura antiga começava na base do polegar e ia até a metade das costas da mão, pequena e grossa.

Ele contemplou fixamente as costas da própria mão, e, depois, voltou-a e contemplou a palma. Era o gesto habitual do Rato. Mas o Rato não podia ser o homem-carneiro. Havia uma diferença de quase vinte centímetros de altura.

— Você vai morar aqui? — perguntou.

— Não. Pretendo ir embora assim que encontrar o meu amigo ou o carneiro. Foi para isso que eu vim, você sabe.

— O inverno aqui é lindo — repetiu. — Fica tudo branco, cintilante. E congela tudo.

Riu baixinho para si mesmo, inflando as narinas. Dentes escuros espiaram da sua boca, quando a abriu. Faltavam-lhe dois, na frente. Os pensamentos do homem-carneiro eram erráticos e pareciam distender ou encolher a atmosfera do aposento conforme vagavam.

— É melhor eu ir indo — disse ele de repente. — E obrigado pelos cigarros.

Sacudi a cabeça em silêncio.

— Tomara que você encontre logo esse seu amigo e o carneiro.

— A-hã — eu disse. — Você me avisa, se souber de alguma coisa, não avisa?

Ele pareceu constrangido e se remexeu nervosamente por instantes.

— Humm... Está bem, eu aviso.

Achei graça no seu jeito e me esforcei para não rir. Mentiras não eram o seu forte.

O homem-carneiro calçou as luvas e se ergueu.

— Eu venho de novo. Não sei dizer quando, mas venho — disse ele. Seu olhar se anuviou. — Não vou atrapalhar você, vou?

— Que é isso? — eu disse mais que depressa, sacudindo a cabeça. — Faço questão de vê-lo de novo!

— Nesse caso, eu venho — disse ele. Em seguida, bateu a porta às próprias costas, quase prendendo o rabinho, mas saindo ileso afinal.

Espiei pelas frestas da veneziana. Parado diante da caixa do correio, ele fixava ferozmente a pintura branca que começava a descamar, na mesma atitude de quando chegara. Contorceu-se em seguida diversas vezes para ajustar melhor a roupa ao corpo e foi se embora cruzando a campina a passos rápidos para o leste, rumo ao bosque visível do outro lado dela. As duas orelhas que se projetavam horizontalmente dos lados da cabeça balançavam como pranchas de salto em beira de piscina. Aos poucos, foi se afastando e se transformando num ponto branco, que enfim desapareceu tragado pelo bosque.

Continuei contemplando a campina e o bosque de vidoeiros muito tempo depois que o homem-carneiro desapareceu. E, quanto mais contemplava, menos certo eu ficava de que ele realmente estivera naquele aposento até poucos minutos antes.

Mas sobre a mesa restavam ainda a garrafa de uísque e os tocos dos seus Seven Stars, assim como pelos de carneiro sobre o sofá diante de mim. Comparei-os aos achados no banco traseiro do Land Cruiser. Eram idênticos.

*

Depois que o homem-carneiro se foi, preparei alguns hambúrgueres na cozinha para ordenar os pensamentos. Refoguei cebola picada numa frigideira e, enquanto isso, retirei um naco de carne do congelador, descongelei-o e o moí com lâmina média.

A cozinha era quase despojada, mas ainda assim encontrei muito mais que os utensílios e os temperos básicos. Se apenas melhorassem as condições da estrada, eu podia abrir um restaurante rústico naquele local só com o que tinha ali. Não seria nada mau escancarar as janelas e comer contemplando um rebanho de carneiros pastando sob o céu azul. Pais deixariam filhos correrem e brincarem na campina em companhia dos carneiros, casais passeariam pelo bosque de vidoeiros. Sucesso garantido.

O Rato administraria, e eu seria o chef. Devia haver algum trabalho adequado para o homem-carneiro também. Seus trajes inusitados seriam até bem-aceitos num restaurante rústico de topo de montanha. E eu podia contratar o pragmático funcionário do Centro para pastorear o rebanho. Precisaríamos ao menos de uma pessoa com os pés no chão. E de um cão pastor também. E então o Doutor Carneiro também viria nos ver.

Os pensamentos iam e vinham enquanto mexia a cebola com a colher de pau.

Aos poucos, a ideia de que eu talvez tivesse perdido para sempre a minha namorada das orelhas maravilhosas começou a pesar em minha mente. O homem-carneiro talvez tivesse razão. Eu devia ter vindo sozinho. E devia... Sacudi a cabeça. Decidi continuar sonhando com o restaurante.

J... Se ao menos ele estivesse presente, tinha certeza de que as coisas correriam bem. Tudo devia girar em torno dele. Girar em torno de perdão, compaixão e aceitação.

Sentado à janela, contemplei uma vez mais a campina, enquanto esperava a cebola esfriar.

O caminho do vento

Três dias desprovidos de sentido se passaram. Nada acontecia. O homem-carneiro não apareceu. Eu cozinhava, comia, lia e, ao anoitecer, bebia uísque e dormia. Ao acordar, corria metade da campina perfazendo um semicírculo, retornava para tomar banho e me barbear.

A temperatura na campina baixava rapidamente a cada manhã. As folhas vivamente coloridas dos vidoeiros rareavam dia a dia e, por entre os galhos secos, a primeira lufada de inverno passou uivando, varrendo a terra do sul para o leste. O barulho do vento me chegava nitidamente aos ouvidos toda vez que eu parava de correr no meio da campina. Impossível voltar atrás, parecia me dizer o vento. O curto outono daquela região já se fora.

A falta de exercícios e a abstinência do fumo tinham me feito engordar dois quilos nos três primeiros dias, mas consegui eliminar um quilo nessas corridas matinais. Era penoso abster-me do fumo, mas eu tinha de me conformar, já que não existiam tabacarias num raio de trinta quilômetros em torno de mim. Toda vez que a vontade apertava, eu pensava nela e nas suas orelhas maravilhosas. Comparado ao que tinha perdido até o momento, o cigarro não representava quase nada. Era verdade.

Preparei muitos pratos para preencher as horas vagas. Cheguei até a assar carne no forno. Descongelei um salmão e preparei filés marinados. Sentia falta de verduras frescas, de modo que saí para a campina, colhi alguns vegetais que me pareceram comestíveis, aferventei-os e os comi com raspas de peixe seco. Fiz pickles de repolho. Preparei uma boa variedade de petiscos para servir ao homem-carneiro quando ele viesse me ver. Mas ele não veio.

Eu passava a maior parte das tardes contemplando a campina. Depois de algum tempo de contemplação, eu tinha quase sempre a vívida impressão de que um vulto se destacava repentinamente do bosque e cruzava a campina em linha reta na minha direção. O ilusório vulto era quase sempre o homem-carneiro, mas às vezes era o Rato ou a minha namorada. Outras vezes ainda era o carneiro da estrela nas costas.

Mas no fim ninguém aparecia de verdade. Apenas o vento percorria a campina. A campina devia ser a sua rota especial: o vento passava por ela

correndo, sem se voltar um instante sequer, dando a entender que levava uma mensagem urgente.

A primeira nevasca caiu sete dias depois de eu chegar àquele planalto. O dia amanhecera inusitadamente sem vento, e o céu sustentava a custo pesadas nuvens cor de chumbo. Eu tinha retornado da minha corrida matinal, tomado um banho, e bebia café ouvindo um dos discos, quando a neve começou a cair. Flocos duros, ovalados, estalavam toda vez que batiam na vidraça. O vento tinha despertado, e os flocos riscavam o ar num ângulo aproximado de 30 graus, caindo com rapidez sobre a terra, uns após outros. Enquanto os flocos caíam espaçadamente, os riscos oblíquos compunham no ar um padrão que lembrava papel de embrulho de alguma loja. Logo, a neve se intensificou e a paisagem tornou-se incerta, esfumada e branca. Árvores e montanhas desapareceram. Diferente da neve ordeira que cai vez por outra na região de Tóquio, esta era uma nevasca real, própria das terras do Norte. Envolvia todas as coisas, e gelava a terra até o fundo.

Alguns minutos de fixa contemplação foram suficientes para fazer meus olhos doerem. Fechei as cortinas e fui ler perto do aquecedor. Quando o disco chegou ao fim e a agulha se afastou automaticamente, sobreveio um silêncio assustador, como se toda vida tivesse se extinguido da face da terra. Abandonei o livro e percorri um por um todos os cômodos da casa sem nenhuma razão especial. Saí da sala, fui para a cozinha, examinei o depósito, a sala de banho, o banheiro e o porão, subi para o andar superior e abri todas as portas dos quartos. Não havia ninguém. Só o silêncio impregnara, denso como óleo, cada recanto dos quartos. A única diferença era o jeito como ele ressoava, de acordo com o tamanho do aposento.

Eu estava sozinho no mundo. Nunca em toda a minha vida me sentira tão sozinho. A vontade de fumar vinha me atacando com incrível força nos últimos dois dias, mas que se haveria de fazer, eu não tinha nenhum cigarro.

Para me consolar, tomei uísque puro sem gelo. Talvez me tornasse alcoólatra se eu tivesse de passar um inverno inteiro bebendo naquele ritmo. Mas quem disse que havia na casa bebida suficiente para me viciar? Três garrafas de uísque, uma de conhaque, além de doze caixas de cerveja em lata. E só. Ao Rato talvez tivesse ocorrido a mesma coisa.

E o meu sócio? Será que continuava bebendo? Será que conseguiria encerrar a firma e reabrir seu pequeno escritório de traduções conforme desejara? Ele certamente conseguiria. E continuaria a trabalhar com razoável

sucesso, mesmo sem a minha ajuda. Seja como for, o tempo da nossa separação tinha chegado. Depois de seis anos de trabalho conjunto, estávamos de volta ao ponto de partida.

A neve parou depois do meio-dia. Tão bruscamente quanto começara. A espessa camada de nuvem lembrando argila tinha se partido aqui e ali, e o sol se infiltrava por aqueles espaços abertos formando grossas colunas de luz, que se moviam pela campina. Vista maravilhosa.

Saí da casa e descobri flocos duros de neve espalhados pelo chão, lembrando docinhos de açúcar. Todos eles firmemente compactados, recusando-se a derreter e desaparecer. Mas na altura em que o relógio bateu as três da tarde a neve já tinha se derretido quase por inteiro. A terra estava úmida, e o sol de fim de tarde banhava suavemente a campina. Pássaros cantavam com o entusiasmo de prisioneiros recém-libertados.

*

Depois do jantar, fui ao quarto do Rato e trouxe o livro *Como assar pães* e o romance de Conrad. Este último eu li no sofá da sala. Quando já estava a quase um terço do fim do livro, cheguei a uma página marcada pelo Rato com um recorte de jornal quadrado de cerca de quinze centímetros. Eu não sabia de quando era o jornal, mas pela cor do papel deduzi que era recente. O texto recortado era de notícias locais. Tinham programado um simpósio para discutir os rumos da terceira idade num hotel de Sapporo, e uma corrida de revezamento *ekiden* para certa área próxima ao rio Asahikawa. Haveria também uma palestra sobre a crise no Oriente Médio. Nenhum desses tópicos seria capaz de despertar a atenção do Rato, ou mesmo a minha. No verso, havia um anúncio. Bocejei, fechei o livro, fui à cozinha para esquentar um resto de café e o bebi.

Ao ler o pedaço de jornal depois de tanto tempo sem ver nenhum, percebi agudamente quanto me afastara dos destinos do mundo. Eu não tinha rádio, televisão, jornal ou revista. Tóquio podia estar sendo bombardeada naquele exato instante por mísseis nucleares, uma epidemia podia estar devastando o mundo. Ou marcianos podiam ter invadido a Austrália. E, se estivessem, eu não tinha meios de saber. Se eu fosse até a garagem, podia ouvir o rádio do Land Cruiser, mas não tinha nenhuma vontade. Para que saber de coisas que eu podia muito bem ignorar? Eu já tinha preocupações suficientes.

Alguma coisa dentro de mim me incomodava. Alguma coisa importante passara diante dos meus olhos, mas eu não me dera conta porque pensava em outras coisas. Mesmo assim, a retina registrara a passagem de algo, inconscientemente. Depositei a xícara de café dentro da cuba e retornei à sala para observar uma vez mais o recorte do jornal. Eu estava certo. O que eu procurava estava ali, no verso do recorte.

RATO: ATENÇÃO!

Entre em contato urgente
Hotel do Golfinho, 406

Prendi de novo o pedaço de papel entre as folhas do livro e me afundei no sofá.

Então o Rato sabia que eu o procurava. Pergunta: como foi que ele obteve o anúncio? Casualmente, com certeza numa das vezes em que descera a montanha. Ou será que ele procurava alguma coisa nos jornais e os lia de uma só vez a cada duas ou três semanas?

Apesar de tudo, ele não entrara em contato comigo no Hotel do Golfinho. (Ou talvez eu já tivesse ido embora do hotel quando ele viu o anúncio. Ou talvez o telefone já estivesse mudo quando tentou entrar em contato comigo.)

Não. Nada disso. O Rato podia ter feito contato comigo, mas não quis. Se ele sabia da minha presença no Hotel do Golfinho, ele previra com certeza que eu acabaria aparecendo por ali a qualquer hora. Se quisesse me ver, bastava-lhe permanecer ali mesmo, ou então me deixar um bilhete na casa.

Isto queria dizer que, por algum motivo, ele *não* queria me ver. *Contudo*, ele não estava me rejeitando. Se essa fosse sua intenção, teria tido mil maneiras de evitar que eu entrasse na casa. Pois a casa era dele, no final das contas.

Debatendo-me entre as duas suposições, observei o ponteiro grande do relógio dar uma volta completa sobre a superfície do mostrador. Depois de tanto pensar, não conseguira chegar ao núcleo das questões.

O homem-carneiro sabia de alguma coisa, isso era certo. Aquele sujeitinho perspicaz que prontamente percebera a minha chegada não podia ter deixado de reparar no Rato, que morara quase meio ano naquela casa.

Quanto mais pensava, mais me convencia de que a atitude do homem-carneiro refletia a vontade do Rato. O homem-carneiro mandara minha namorada embora para me deixar sozinho ali. Sua aparição tinha de ser o

prenúncio de alguma coisa. Alguma coisa estava acontecendo ao meu redor, eu tinha certeza. A atmosfera se purificara, alguma coisa ia acontecer.

Apaguei as luzes e subi ao andar superior, mergulhei sob as cobertas e contemplei da cama a lua, a neve e a campina. Estrelas brilhavam geladas entre as aberturas das nuvens. Abri a janela e aspirei o aroma da noite. Em meio ao barulho das folhas, ouvi ao longe o grito de um animal. Um grito estranho, que eu não conseguia definir se partira de um animal ou de um pássaro.

E assim se passou o sétimo dia no platô.

*

Acordei, corri pela campina, tomei banho e tomei meu café da manhã. Manhã igual às outras. O céu continuava nublado como no dia anterior, mas a temperatura tinha se elevado um pouco. Pelo jeito, não nevaria naquele dia.

Vesti meu jeans, um suéter e uma parca por cima, calcei tênis leves e cruzei a campina para o oeste. Mais ou menos no ponto em que o homem-carneiro tinha desaparecido, embrenhei-me no bosque e vaguei por ali. Não vi trilhas nem caminhos, nem vestígios de passagem humana. Vidoeiros velhos jaziam no chão aqui e ali. O terreno era plano, mas vez por outra encontrava valetas com cerca de um metro de largura, lembrando leito de rio seco ou trincheira. As valetas seguiam alguns quilômetros, serpenteando por dentro do bosque. Ora fundas, ora rasas, acumulavam no leito folhas secas suficientes para cobrir o pé até a altura do tornozelo. Acompanhei o curso das valetas e saí pouco depois num caminho que percorria a crista de uma elevação, área que lembrava dorso de cavalo. Os dois lados do caminho desciam em suaves ladeiras e terminavam num vale seco. Um pássaro rechonchudo, da cor das folhas mortas, cruzou o caminho produzindo um som farfalhante e desapareceu por trás de um arbusto na encosta. Rododendros de estonteante vermelho incendiavam diversos pontos do bosque.

Uma hora depois eu tinha perdido o senso de direção. A preocupação maior já não era encontrar o homem-carneiro. Andei acompanhando o vale seco até ouvir o barulho de um regato e, quando enfim cheguei a ele, segui seu curso rumo à foz. Se minhas lembranças estavam certas, eu chegaria à cascata e ao caminho que tínhamos percorrido na chegada, ela e eu.

Quase dez minutos depois, ouvi o barulho da cascata. A correnteza batia contra rochas e era rechaçada em diversas direções, produzindo aqui e ali

pequenos poços de água gelada. Não vi sombra de peixes, mas apenas folhas secas girando lentamente na superfície da água. Saltei de rocha em rocha, desci a cascata, galguei um barranco escorregadio e saí enfim num caminho que me pareceu familiar.

O homem-carneiro estava sentado na beira da ponte, observando-me. Tinha ao ombro um enorme saco de lona cheio de lenha.

— Não fique andando feito bobo por aí, ou vai acabar topando com um urso — avisou ele. — Acho que tem um rondando por este lado. Vi o rastro dele ontem à tarde. Mas, se quer mesmo zanzar, amarre ao menos um sino no cinto, como eu.

Agitou o guizo preso à altura dos quadris com um alfinete de segurança.

— É que eu estava à sua procura — expliquei depois de recobrar a respiração.

— Eu sei — disse ele. — Eu vi você me procurando.

— E por que não me chamou?

— Pensei que você queria me achar sozinho. Foi por isso que fiquei quieto.

Retirou um cigarro do bolso no peito e o fumou com prazer. Sentei-me ao lado dele.

— Você mora por aqui?

— A-hã — respondeu. — Mas não quero que conte pra ninguém. Ninguém sabe disso, entende?

— Mas meu amigo sabe, não sabe?

Silêncio.

— Responda. É muito importante para mim.

Silêncio.

— Se você fosse amigo do meu amigo, eu e você seríamos amigos também, não seríamos?

— Acho que sim — respondeu ele cuidadosamente. — A gente seria, com certeza.

— E, se você é meu amigo, você não mentiria para mim. Certo?

— Humm... — fez ele, algo constrangido.

— Você não gostaria de me contar tudo? Na qualidade de meu amigo, entende?

O homem-carneiro lambeu os lábios secos.

— Não posso. Sinto muito. Sinto de verdade, mas não posso contar. É que a gente combinou que eu não contaria.

— Quem lhe disse para não contar?

O homem-carneiro trancou-se num silêncio de ostra. O vento passou sibilando entre os galhos secos das árvores.

— Ninguém está ouvindo — eu disse baixinho.

Ele me fitou nos olhos intensamente.

— Já vi que você não sabe nada a respeito deste lugar.

— Não sei mesmo — concordei.

— Escute bem. Este lugar não é que nem os outros. É bom você saber, para o seu próprio bem.

— Mas foi você quem me disse há poucos dias que este era um bom lugar.

— Bom pra mim — corrigiu ele. — E, depois, eu não tenho nenhum outro lugar pra morar. Se me mandam embora daqui, não tenho mais pra onde ir, não sabe?

Depois disso, o homem-carneiro calou-se. Senti que ia ser impossível tirar mais alguma informação dele. Transferi o olhar para o saco de lona cheio de lenha.

— É com isso que você se aquece durante o inverno?

Ele concordou balançando a cabeça.

— Estranho. Não vi fumaça em lugar algum.

— Mas eu ainda não acendi o fogo nenhuma vez. Só faço isso depois que a neve começa a acumular. E, depois, se a neve acumular e eu acender o fogo, você não vai ver a fumaça do mesmo jeito. Eu sei fazer fogo sem fazer fumaça.

Sorriu cheio de orgulho.

— E quando é que a neve vai cair para valer?

O homem-carneiro ergueu o olhar para o céu e em seguida voltou-se para mim.

— Vai nevar mais cedo este ano. Daqui a uns dez dias, eu acho.

— Quer dizer que mais dez dias e o caminho congela?

— Pode ser. Ninguém mais sobe nem desce a montanha. É bonito, você vai ver.

— Você sempre morou por aqui?

— Sempre, sempre — respondeu ele. — Sempre, muitos anos.

— De que se alimenta?

— Brotos de samambaia, nozes, pássaros, pequenos peixes e caranguejos.

— Você não sente frio?

— O inverno é sempre frio.

— Me procure, se lhe faltar alguma coisa. Acho que tenho o suficiente para repartir com você.

— Obrigado. Não me falta nada, por enquanto.

O homem-carneiro ergueu-se de repente e começou a andar na direção da campina. Também me levantei e fui atrás dele.

— Por que vive escondido neste lugar?

— Acho que vai rir de mim, se eu contar — disse ele.

— Acho que não — repliquei.

Que tipo de humor eu podia esperar dele? Não fazia a mínima ideia.

— Você não vai contar para ninguém, vai?

— Não vou contar para ninguém.

— É porque eu não queria ir para a guerra.

Continuamos a andar algum tempo em silêncio, lado a lado. A cabeça dele balançava na altura do meu ombro.

— Qual guerra? — perguntei.

— Como vou saber? — disse ele, e tossiu. — Só sei que não quero ir pra guerra. É por isso que continuo carneiro. Continuo carneiro sem poder sair daqui.

— Você é nascido em Junitaki?

— A-hã. Mas não conte pra ninguém.

— Não, não conto — prometi. — Não gosta das cidades?

— Essa cidade aí embaixo?

— Exato.

— Não gosto. Está cheia de soldados. — Tossiu de novo. — E você, de onde vem?

— De Tóquio.

— Ouviu falar da guerra?

— Não.

A resposta fez o homem-carneiro perder todo o interesse em mim. Em silêncio, prosseguimos até a entrada da campina.

— Vamos para a minha casa — convidei.

— Eu tenho de arrumar as coisas para o inverno — disse ele. — Tenho muito que fazer. Vou outra hora.

— Mas eu preciso ver o meu amigo — eu disse. — Por motivos que não vou explicar agora, tenho de encontrá-lo no prazo de uma semana, sem falta.

O homem-carneiro sacudiu a cabeça tristemente batendo as orelhas.

— É uma pena. Mas, como já disse antes, não posso fazer nada.

— Mesmo assim, dê-lhe o recado, se puder.

— Está bem — disse ele.

— Muito obrigado — eu disse.

E assim nos despedimos.

— Não se esqueça do sino quando tiver de andar por aí — disse-me ele no momento em que nos separamos.

E então eu retornei à casa, e o homem-carneiro desapareceu a leste do bosque, do mesmo jeito que antes. Silenciosa, a campina de um verde embaçado pelo inverno interpôs-se entre nós.

*

Nessa tarde, assei alguns pães. O livro *Como assar pães*, que eu achara no quarto do Rato, ensinava minuciosamente o processo. Na capa, estava escrito: “Você também é capaz de assar seu próprio pão facilmente. Basta saber ler.” Era verdade. Segui as instruções do livro e consegui realmente assar os pães com muita facilidade. O cheiro do pão se espalhou pela casa toda e compôs um ambiente aconchegante. O sabor também não era de se desprezar, levando-se em conta que eu era um principiante. Sobretudo, havia uma considerável quantidade de farinha e fermento na cozinha, o que me deixava ao menos livre da preocupação com pães, caso tivesse de passar o inverno inteiro preso naquela casa. Arroz e espaguete também não faltavam.

Comi pão, salada e ovos com presunto ao anoitecer; e pêssegos em lata como sobremesa.

Na manhã seguinte fiz um risoto misturando salmão em lata, algas marinhas e cogumelos.

No almoço, descongelei um cheese cake e o comi acompanhado de chá preto e leite.

Às três, tomei um sorvete de nozes regado a Cointreau.

À tarde, assei um frango inteiro no forno e tomei uma sopa Campbell.

*

Começo a engordar de novo.

*

Na tarde do nono dia, eu contemplava a estante quando descobri que um dos livros de aspecto muito antigo fora lido havia bem pouco tempo. Era o único exemplar livre de poeira, e seu dorso estava ligeiramente deslocado em relação aos demais.

Retirei-o da estante e o examinei, sentado na *chaise longue*. Intitulado *A genealogia do asiatismo*, tinha sido publicado durante a guerra. O papel era de péssima qualidade e exalava um forte cheiro de mofo cada vez que eu virava uma página. O conteúdo era tendencioso e simplista, típico das publicações do período de guerra, tão monótono que me convidava a bocejar a cada três páginas de leitura. Ainda assim, deparei-me aqui e ali com trechos rasurados. Não vi nenhuma menção ao incidente de 26 de fevereiro.⁸

Fui folheando e passando os olhos sem ler precisamente e, perto do fim, encontrei um pedaço de papel branco preso entre as páginas do livro. Depois de tanto tempo olhando apenas as folhas amareladas, aquele pedaço de papel branco constituía quase um milagre. A página marcada continha, sob o título “Dados Complementares”, uma relação de nomes de gente famosa e de ilustres desconhecidos, com o respectivos endereços e datas de nascimento. Fui lendo os nomes um a um a partir da ponta e, quase no meio da lista, topei, para minha surpresa, com o nome do Chefe, o homem que me arrastara até aqueles confins, o indivíduo que fora possuído pelo carneiro num passado longínquo. Local de nascimento: cidade de Junitaki, Hokkaido.

Atônito, permaneci algum tempo com o livro aberto sobre os joelhos. Muito tempo se passou até que palavras voltassem a se formar em meu cérebro. Sentia tontura, como se acabasse de levar uma paulada na nuca.

Eu devia ter percebido. Aliás, era a primeira coisa que eu devia ter notado. Eu devia ter verificado no instante em que soubera que ele era originário de uma miserável comunidade agrária da região de Hokkaido. O Chefe podia ter apagado todas as pistas que levavam ao seu passado, mas algum meio eu teria encontrado para descobri-las. O secretário do terno preto as teria descoberto para mim num piscar de olhos, bastava ter lhe pedido.

Não, estava errado.

Sacudi a cabeça negativamente.

Claro que ele já verificara. Não era possível que ele fosse tão descuidado. Por menor que fosse a pista, ele examinaria todas as possibilidades. Do mesmo jeito que ele tinha verificado todas as minhas ações e reações possíveis.

Ele já sabia de tudo.

Não havia outra explicação possível. E, ainda assim, lançara mão de expedientes trabalhosos e até de ameaças para me convencer, e me mandara para cá. Por quê? Ele dispunha de muito mais recursos que eu para realizar o que quer que fosse. E se acaso alguma coisa o obrigou a me usar, ainda assim ele podia ter me indicado este lugar desde o começo.

Conforme as dúvidas se avolumavam em minha mente, cresceu também dentro de mim uma raiva surda. O Rato sabia de alguma coisa. E o homem do terno preto também sabia de alguma coisa. Só eu estava ali, em pé no olho do furacão, sem saber de nada. Tudo que eu pensara estava errado, tudo que eu fizera tinha sido malcalculado. Podia ser o retrato da minha vida. Nesse sentido, talvez eu não tivesse o direito de culpar ninguém. Mas, diabos, eles também não tinham o direito de me usar desse jeito. Eles tinham me usado, me espremido e me espancado, e o que sobrara de mim era apenas uma única e última gotinha.

Tive vontade de mandar tudo às favas naquele mesmo instante e descer a montanha, mas não podia. A essa altura, eu já estava envolvido demais. A solução mais simples era abrir a boca e chorar, mas nem isso eu podia. Sentia que alguma coisa me aguardava bem mais adiante, alguma coisa que ainda me faria chorar muito.

Fui à cozinha, apanhei a garrafa de uísque, despejei cinco centímetros num copo e bebi. Foi a única coisa que me ocorreu fazer.

[8](#) Malgrado golpe de Estado promovido em 1936 por uma facção do antigo Exército japonês, defensora de uma política de soberania nacional centralizada no poder do imperador. Abafado o golpe, e sob pretexto de expurgar os elementos desleais, fortalece-se posteriormente a ingerência do Exército nos rumos políticos do país. (N.T.)

Coisas que o espelho reflete e coisas que o espelho não reflete

Na manhã do décimo dia, resolvi esquecer tudo. Já tinha perdido tudo que podia perder.

A neve caiu pela segunda vez durante a minha corrida matinal. Os flocos aguados que vinham inicialmente misturados à chuva aos poucos transformaram-se em consistentes partículas de gelo e enfim perderam a transparência, tornando-se neve real. Diferente da primeira nevasca, esta era pegajosa e desagradável. Desisti da corrida na metade, voltei para a casa e aqueci água para um bom banho de imersão. Enquanto a água esquentava, permaneci sentado junto ao aquecedor, mas não consegui me aquecer. Um frio úmido tinha penetrado até a medula dos meus ossos. Descalcei as luvas, mas não consegui dobrar os dedos, as orelhas me ardiam parecendo prestes a cair. Meu corpo inteiro era um áspero pedaço de papel barato.

Depois de trinta minutos no ofurô quente e uma xícara de chá com conhaque fumegante, senti-me enfim quase normal, mas ainda assim calafrios intensos me atormentaram intermitentemente por quase duas horas. Isso era então o inverno daquela região.

A neve continuou a cair até o fim da tarde, cobrindo toda a campina num único manto branco. Quando a noite chegou, a neve enfim parou e uma espessa névoa de silêncio aproximou-se uma vez mais. Um silêncio que eu não conseguia quebrar. Acertei o toca-discos na repetição automática e ouvi “White Christmas”, de Bing Crosby, vinte e seis vezes consecutivas.

A neve não viera para ficar. Conforme predissera o homem-carneiro, levaria ainda algum tempo para a terra congelar. O dia seguinte foi de céu azul sem nuvens, e os brilhantes raios solares surgidos depois de tanto tempo dissolveram pacientemente a neve acumulada. Na campina, restavam agora esparsos trechos cobertos de neve nos quais o sol refletia com intensidade quase cegante. A neve acumulada na mansarda escorregou num único bloco pela superfície oblíqua do telhado e se espatifou no chão, estrondando. A água do degelo gotejava do lado de fora da janela. Toda a paisagem surgia em cores

vívidas e brilhantes. Gotas iridescentes agarravam-se nas pontas de cada folha do carvalho.

Em pé ao lado da janela, mãos metidas nos bolsos da calça, contemplei imóvel a paisagem externa. A natureza se estendia sem fim ao meu redor, independente de mim. Na verdade, tudo se passava independente da existência minha ou de qualquer um. A neve caía, a neve degelava.

Limpei a casa ouvindo-a derreter e desmoronar. Por causa dela, eu me vira forçado à inatividade e, já que era formalmente um intruso em casa alheia, eu podia ao menos conservá-la limpa. Ademais, sempre gostei de cozinhar e de limpar.

Mas logo descobri que não era fácil limpar de modo convincente uma casa grande. Muito mais cansativo que correr dez quilômetros. Espanei cada recanto da casa, passei o aspirador de pó, enxuguei o assoalho com um pano úmido e o encerei engatinhando pelo chão. Na metade da tarefa, já tinha perdido o fôlego. Agora, que eu parara de fumar, porém, a falta de ar era menos desagradável. Não havia aquela sensação de algo enrascado na garganta. Fiz uma ligeira pausa tomando suco de uva gelado na cozinha, voltei ao trabalho e, numa última arrancada, terminei a limpeza antes do almoço. Por causa da cera, o assoalho cintilou quando escancarei todas as janelas. Um cheiro de terra úmida carregado de nostalgia misturou-se ao da cera, numa agradável combinação.

Lavei os seis panos usados para passar cera no assoalho e os pus a secar. Fervi água num caldeirão e cozinhei um pouco de espaguete. Bacalhau, bastante manteiga, vinho branco e molho de soja. Pela primeira vez em muito tempo comia um almoço descontraído, agradável. Um pica-pau cantava em algum lugar do bosque.

Depois de comer todo o espaguete, lavei a louça e continuei a limpeza. Lavei o banheiro, o lavatório e o aparelho sanitário, lustrei os móveis. Graças aos cuidados dispensados pelo Rato, não havia nada especialmente sujo, e uma simples borrifada do spray lustra-móveis foi suficiente para que as madeiras voltassem a brilhar. Puxei em seguida uma mangueira comprida para fora da casa e lavei as janelas e as venezianas. Bastou isso para dar um aspecto de limpeza à edificação inteira. Retornei para dentro da casa e limpei as vidraças com um pano úmido, terminando assim todo o serviço. Gastei as duas horas restantes até o anoitecer ouvindo alguns discos.

No fim da tarde, num momento em que me dirigia ao quarto do Rato para pegar outro livro, dei-me conta de que havia um espelho de corpo inteiro imundo no hall da escada e o limpei com a ajuda de um pano úmido e produto limpa-vidros. Mas, por mais que o esfregasse, não conseguia limpá-lo. Eu não entendia por que cargas-d'água o Rato deixara só o espelho naquele estado de sujeira. Juntei um pouco de água morna num balde, mergulhei nele uma escova de cerdas de náilon e esfreguei. Removi a gordura acumulada na superfície e dei polimento com um pano seco. A sujeira era tanta que chegou a empretecer a água do balde.

Era uma peça obviamente antiga, com moldura de madeira finamente trabalhada. Devia ser da melhor qualidade, pois não restaram manchas nem sombras depois de polido. Ali estava eu refletido fielmente da cabeça aos pés. Parado diante dele, contemplei-me por alguns instantes. Nada especial, digno de nota. Eu era eu mesmo, e ali estava com a mesma expressão ambígua de sempre no rosto. Apenas a imagem refletida era nítida demais. Nela faltava o caráter unidimensional das imagens espelhadas. Ao invés de ser eu contemplando minha imagem no espelho, eu era a minha própria imagem unidimensional contemplando o eu real. Ergui minha mão direita e limpei a boca com as costas da mão. O “eu” refletido no espelho fez o mesmíssimo gesto. Mas talvez fosse eu que tivesse repetido o gesto do meu reflexo. Agora, não sabia mais com certeza se eu realmente limpara a boca com as costas da mão por minha livre e espontânea vontade.

Guardei a expressão “por livre e espontânea vontade” na cabeça e, com o polegar e o indicador da mão esquerda, prendi minha orelha. Meu reflexo no espelho repetiu o gesto. Pareceu-me agora que ele também guardara na cabeça a expressão “por livre e espontânea vontade”.

Desisti e me afastei do espelho. Ele também se afastou.

*

No décimo segundo dia, nevou pela terceira vez. A neve já caía quando acordei de manhã. Uma neve espantosamente silenciosa. Não era sólida demais, nem pegajosa e úmida. Os flocos vinham lentos do céu, dançando, e se dissolviam antes de acumular. Suavemente, como pálpebras se fechando.

Desenterrei o violão velho do depósito, afinei-o com muito custo e tentei tocar algumas melodias antigas. Enquanto praticava “Airmail Special”, de

Benny Goodman, chegou a hora do almoço. Fiz um sanduíche com fatias grossas de presunto e pão caseiro amanhecido e duro e tomei cerveja.

Voltei a me exercitar ao violão e, trinta minutos depois, o homem-carneiro apareceu. A neve continuava a cair mansamente.

— Se atrapalho, posso voltar outra hora — disse-me ele da entrada, ainda com a porta aberta.

— Não, nada disso. Eu estava morrendo de tédio — repliquei, pondo o violão no chão.

O homem-carneiro descalçou os sapatos, bateu-os um contra o outro para derrubar o barro, como da outra vez, e entrou. A roupa grossa de pele de carneiro adaptava-se muito bem ao corpo dele na paisagem nevada. Sentou-se diante de mim, pousou as duas mãos nos braços da poltrona e remexeu-se algumas vezes.

— E a neve? Não vai se acumular ainda? — perguntei.

— Ainda não — respondeu ele. — Não sei se sabe, mas tem um tipo de neve que acumula e outro que não acumula. Esta é do tipo que não acumula.

— Não me diga...

— O tipo que acumula só vai cair na semana que vem.

— Quer cerveja?

— Obrigado. Prefiro conhaque, se não se incomoda.

Fui à cozinha e preparei o conhaque dele, a minha cerveja e alguns sanduíches de queijo. Juntei tudo numa bandeja e transportei para a sala.

— Você estava tocando violão, não estava? — disse ele com uma ponta de admiração na voz. — Eu também gosto de música, mas não sei tocar nada.

— Nem eu. Faz mais de dez anos que não toco.

— Não faz mal. Toque alguma coisa assim mesmo.

Para não o contrariar, toquei “Airmail Special” do começo ao fim e alguns refrões improvisados, mas logo perdi o ritmo e desisti.

— Muito bem — elogiou o homem-carneiro com expressão séria. — Deve ser bom tocar.

— É, se você sabe tocar bem. Mas, para tocar bem, você tem de ter um bom ouvido. E, quando você tem um bom ouvido, você acaba deprimido só de ouvir o que você mesmo toca.

— Será mesmo?

O homem-carneiro despejou um pouco de conhaque no copo e bebericou. Eu fiz saltar a tampa da minha cerveja e bebi diretamente da lata.

— Não consegui passar seu recado — disse ele.

Assenti com um movimento de cabeça, em silêncio.

— Vim só para dizer isso.

Olhei para a folhinha na parede. Faltavam apenas três dias para a data assinalada com tinta vermelha. Mas agora nem isso importava.

— As circunstâncias agora são outras — eu disse. — Eu estou bravo, muito bravo. Nunca em toda a minha vida fiquei tão bravo como agora.

Ainda segurando seu copo, o homem-carneiro permaneceu em silêncio.

Apanhei o violão e bati com força as costas do instrumento contra a quina da lareira. O violão se partiu com um estrondo desarmônico, e o homem-carneiro saltou do sofá. Suas orelhas tremiam.

— Eu também tenho o direito de me zangar — declarei, mais para mim mesmo do que para ele. Eu também tinha o direito de me zangar.

— É pena, pena mesmo, mas não posso ajudar você. Mas quero que você entenda. Eu gosto de você. De verdade.

Contemplamos a neve por alguns instantes em silêncio. Neve suave, macia, como flocos de nuvens caindo do céu.

Fui à cozinha apanhar mais uma lata de cerveja. Ao passar diante da escada, olhei de relance para o espelho. Meu outro eu também estava indo para a cozinha pegar uma nova cerveja. Encaramo-nos mutuamente e suspiramos. Vivemos em mundos diferentes, pensando em coisas parecidas. Como Groucho e Harpo em *O diabo a quatro*.

O espelho refletia a sala às minhas costas. Ou melhor: às costas do outro eu, havia uma sala. A sala às minhas costas e a sala às costas do outro eu eram idênticas. Sofás, tapete, relógio, quadro, estante, tudo igual. Salas aconchegantes, embora não se pudesse afirmar que fossem o suprassumo do bom gosto. Mas havia alguma coisa diferente. Ou seria impressão minha?

Tirei uma nova lata de Löwenbräu azul da geladeira e, com ela na mão, observei outra vez a sala refletida no espelho e em seguida a sala real. Sentado na poltrona, o homem-carneiro continuava a contemplar a neve distraidamente.

Voltei a olhar para o espelho, a fim de confirmar a imagem do homem-carneiro. Mas ela não estava ali. O espelho mostrava apenas uma sala vazia com o jogo de sofás. No mundo refletido no espelho, eu estava sozinho. Um calafrio vibrante percorreu minha espinha.

*

— Você está pálido — disse o homem-carneiro.

Sentei-me no sofá em silêncio, abri a latinha de cerveja e bebi um gole sem nada dizer.

— Aposto que se resfriou. O inverno nestas bandas é frio demais, e você não está acostumado. Tem muita umidade no ar. Acho bom você dormir mais cedo esta noite.

— Nada disso — respondi. — Não vou dormir esta noite. Vou ficar sentado aqui mesmo, esperando a noite inteira pelo meu amigo.

— E você sabe se ele vem esta noite?

— Sei — respondi. — Ele vai aparecer aqui esta noite, às dez horas.

O homem-carneiro nada disse, apenas me contemplou. Os olhinhos que espiavam pelas aberturas da máscara eram completamente inexpressivos.

— Vou fazer as malas esta noite e partir amanhã. Se o vir, diga-lhe isso. Eu acho, porém, que não será preciso dizer.

O homem-carneiro balançou a cabeça para mostrar que compreendera.

— Vou sentir sua falta. Paciência, já que não tem outro jeito. Posso levar este sanduíche de queijo, posso?

— Pode.

Ele embrulhou o sanduíche num guardanapo de papel, meteu-o no bolso e calçou as luvas.

— Tomara que você consiga encontrar seu amigo — disse ele à guisa de despedida.

— Eu vou encontrá-lo — eu disse.

O homem-carneiro se foi para o leste, cruzando a campina. Logo a neve o cobriu como um véu, deixando apenas o silêncio.

Despejei dois dedos de conhaque no copo do homem-carneiro e o bebi num único sorvo. Senti um súbito calor na garganta, e logo o estômago se aqueceu. Trinta segundos depois, meu corpo parou de tremer. Só o tique-taque do relógio marcando a passagem do tempo reboava em minha mente excessivamente estimulada.

Eu precisava dormir um pouco.

Subi ao andar de cima para buscar um cobertor e dormi no sofá. Estava exausto, como uma criancinha perdida que tivesse vagado três dias numa

floresta. Fechei os olhos e adormeci no instante seguinte.

Tive um pesadelo. Um pesadelo muito, muito desagradável, tanto que não consegui me lembrar dele mais tarde.

E as horas vão passando

A escuridão oleosa penetrou em mim pelas orelhas. Alguém tentava quebrar a Terra congelada com um gigantesco martelo. O martelo bateu exatas oito vezes na superfície terrestre. O globo não se partiu. Apenas trincou-se.

Oito horas. Eram oito horas da noite.

Sacudi a cabeça e acordei. Senti o corpo entorpecido e a cabeça doendo. Parecia que alguém me pusera num *shaker* com gelo e me agitara de qualquer jeito. Não existe nada mais desagradável que acordar no meio do escuro. Dá a impressão de que é preciso refazer tudo desde o princípio. Nos primeiros momentos, sinto-me vivendo a vida de outra pessoa. Muito tempo se passa até que eu consiga fazer essa vida alheia sobrepor-se à minha. É estranha a sensação de contemplar sua vida como se ela fosse alheia. A própria existência acaba se tornando incompreensível.

Lavei o rosto na pia da cozinha e bebi dois copos de água. A água estava gelada, quase a ponto de congelar, mas nem assim consegui esfriar a cabeça. Sentei-me uma vez mais no sofá e, no meio do escuro e do silêncio, juntei aos poucos os cacos da minha vida. Não consegui juntar muita coisa, mas ao menos eram meus os cacos. E devagarinho fui voltando a ser eu. Não consigo explicar direito o que significa eu ser eu mesmo. Ademais, ninguém se interessaria por isso.

Parecia-me que alguém me olhava, mas isso não me incomodou particularmente. Estar sozinho numa sala espaçosa costuma provocar esse tipo de sensação.

Comecei a pensar nas células. No fim, a gente vai perdendo tudo, conforme dissera a minha ex-mulher. E, de quebra, a gente se perde também. Apertei as palmas das mãos contra minha face. O rosto que eu tateava no escuro não parecia ser meu. Era o rosto de alguém que tinha os meus traços. Até a memória estava incerta. Os nomes de todos os objetos dissolviam-se e eram tragados pela escuridão.

No meio do negrume, o relógio bateu oito e meia. A neve tinha parado de cair, mas o céu continuava encoberto por espessas nuvens. Escuridão total. Sentado no sofá, continuei roendo a unha do polegar por longo tempo. Eu não

conseguia nem ver minha mão. Sala gelada, eu não ligara o aquecedor. Enrolado na coberta, observei distraidamente a escuridão que me envolvia. Era como se eu estivesse enrodilhado no fundo de um poço.

O tempo passou. Partículas de negrume descreviam um estranho padrão nas minhas retinas. Os padrões se dissolveram silenciosamente com o passar do tempo, e outro padrão começou a se desenhar. No espaço denso e estagnado como mercúrio, só as trevas se moviam.

Parei de pensar e deixei as horas correrem. O tempo me carregou em seu fluxo. Trevas renovadas desenharam um novo padrão.

O relógio bateu nove vezes. Quando a escuridão absorveu devagarinho a nona batida, o silêncio preencheu a lacuna.

— Posso falar com você? — perguntou-me o Rato.

— Claro — respondi.

Habitantes das trevas

— Claro — eu disse.

— Acabei chegando uma hora mais cedo do que a combinada — disse o Rato, como que se escusando.

— Não faz mal. Não tenho nada para fazer, como você mesmo pode notar.

O Rato riu mansamente. Ele estava sentado atrás de mim, suas costas contra as minhas, pelo visto.

— Como nos velhos tempos — disse o Rato.

— Só conseguimos conversar francamente um com o outro quando não temos nada para fazer, não é mesmo? — observei.

— É o que parece.

O Rato sorriu. Mesmo sentado no escuro e de costas para ele, eu conseguia perceber seu sorriso. Uma leve agitação no ar e um certo clima eram suficientes para me revelar inúmeras coisas. Afinal, tínhamos sido íntimos um dia. Um dia tão distante no passado que se tornava até difícil relembrar.

— Mas alguém já não disse que o verdadeiro amigo é o que se dispõe a matar o tempo com a gente? — perguntou o Rato.

— *Você* deve ter dito isso.

— Sua percepção continua aguçada, como sempre. Acertou em cheio. Suspirei.

— Mas, com relação à verdadeira farsa que foram os últimos acontecimentos, devo confessar que minha percepção andou muito lenta. Me dá vontade de morrer. E pensar que vocês me forneceram tantas pistas...

— Paciência. Apesar de tudo, você se saiu muito bem.

Calamo-nos. O Rato parecia estar contemplando a própria mão de novo.

— Sei que lhe dei um bocado de trabalho, meu amigo — disse o Rato. — Sinto muito. Sinto de verdade. Mas não havia nenhum outro jeito, entende? Eu não tinha mais ninguém a quem recorrer. Acho que lhe escrevi isso na carta.

— E é a respeito disso que quero fazer-lhe algumas perguntas. Do jeito como as coisas aconteceram, está difícil compreender.

— Claro! — respondeu o Rato. — Vou explicar tudo que você quiser. Antes, porém, vamos tomar uma cerveja.

Eu ia me erguer, mas o Rato me deteve.

— Eu mesmo busco — disse ele. — Afinal, a casa é minha.

Abri e fechei os olhos no escuro ouvindo seus passos seguros afastando-se rumo à cozinha e o barulho das cervejas sendo tiradas da geladeira. A escuridão da sala tinha uma cor um tanto diferente da escuridão que surgia por trás das minhas pálpebras fechadas.

O Rato retornou e pôs sobre a mesa algumas latas. Tateando, apanhei uma, puxei a argolinha e bebi metade.

— A cerveja não tem gosto no escuro — comentei.

— Desculpe. Sei que é desagradável, mas tenho de ficar no escuro, compreende?

Bebemos em silêncio por alguns momentos.

— Bom — disse o Rato e pigarreou depois.

Pus a latinha vazia de volta sobre a mesa e, enrolado no cobertor, aguardei imóvel as palavras do meu amigo. Mas elas não vinham. Percebi apenas que ele sacudia a latinha, tentando saber quanta cerveja lhe restava. Seu gesto habitual.

— Muito bem — começou o Rato de novo. Ouvi-o sorver de uma vez o resto da cerveja e o barulho seco da latinha sendo depositada sobre a mesa. — Vou começar contando por que decidi vir para cá. Está bem para você?

Não respondi. Meu amigo certificou-se de que eu não tinha intenção de responder e continuou:

— Meu pai comprou estas terras em 1953. Eu tinha cinco anos, então. Não sei muito bem por que ele resolveu comprar terras neste lugar distante. Acho que as obteve barato de contatos dentro do Exército norte-americano. Como você mesmo teve a oportunidade de verificar, o acesso a esta área é difícil. No verão chega a ser agradável, mas, uma vez que a neve se acumula, isto aqui se torna inviável. As Forças de Ocupação tencionavam melhorar as condições da estrada e instalar uma estação de radar ou algo parecido neste topo, mas acabaram desistindo depois de pesar custo e benefício. Sendo pobre, a cidade também não dispunha de recursos para pavimentar a estrada. E, mesmo que o fizesse, os benefícios não trariam vantagens à comunidade, entende? Por tudo isso, esta área foi abandonada.

— E o Doutor Carneiro? Não quis retornar para cá?

— Ele vive no meio das lembranças dele. Aquele homem não quer voltar para lugar algum.

— Pode ser — eu disse.

— Beba mais uma cerveja — ofereceu o Rato.

Recusei. Sentia-me gelar até os ossos, porque não acendera o aquecedor. O Rato retirou o lacre de outra cerveja e bebeu sozinho.

— Meu pai se encantou com estas terras: providenciou o melhoramento parcial da estrada e reformou a casa. Acho que ele investiu um bocado de dinheiro. Mas, graças a isso, a casa tornou-se habitável pelo menos durante o verão, desde que você possuísse um carro. Ele instalou aquecimento central, água corrente no banheiro, chuveiro, telefone e gerador de emergência. Não tenho ideia de como o Doutor Carneiro conseguiu viver aqui antes dessas reformas.

O Rato grunhiu, misto de suspiro e arroteio.

— De 1955 até 1963, costumávamos passar aqui todos os verões. Meus pais, minha irmã e eu, e uma empregada para todo o serviço. Pensando bem, aquele talvez tenha sido o melhor período da minha vida. No verão, isto aqui se enchia de carneiros, porque arrendávamos o pasto para o Centro de Ovinocultura Municipal, do mesmo jeito que hoje. De modo que minhas lembranças de verão estão sempre ligadas a carneiros.

Quanto a mim, não sabia muito bem o que era ter uma casa de veraneio. E provavelmente nunca saberei.

— Mas, a partir de meados dos anos sessenta, minha gente deixou de vir para cá quase completamente. Isso acabou acontecendo porque compramos outra casa de veraneio, mais perto de onde morávamos, porque minha irmã se casou, porque eu não me dava muito bem com minha família e também porque os negócios do meu pai não iam muito bem. Seja como for, estas terras foram novamente abandonadas. Minha última viagem para cá aconteceu em 1967, se não me falha a memória. Nessa ocasião, vim sozinho e passei um mês aqui.

Calou-se por instantes perdido em lembranças.

— Não se sentiu solitário? — perguntei.

— Nem um pouco. Se pudesse, ficava aqui para sempre. Mas a vida não é fácil assim. Não podia me esquecer de que isto aqui era do meu pai e eu não queria depender dele.

— Nem agora, não é mesmo?

— Nem agora — respondeu o meu amigo. — E, por isso, não pretendia nunca mais voltar para cá. Mas a vontade de rever esta casa se tornou premente quando vi por acaso uma foto desta região no saguão do Hotel do Golfinho. Mais por razões sentimentais, compreende? Você também tem esse tipo de vontade, não tem?

— A-hã — respondi. Lembrei-me de repente do meu pedaço de praia aterrado.

— E foi lá que ouvi a história do Doutor Carneiro. A história do carneiro com uma marca em forma de estrela nas costas que lhe apareceu em sonhos. Você está a par disso, não está?

— Estou.

— Nesse caso, vou contar o resto em poucas palavras — disse o Rato. — Ao ouvir a história, me bateu de repente a vontade de passar um inverno aqui. Não conseguia tirar essa ideia da cabeça. Já não me interessava mais se isto aqui pertencia ou não ao meu pai. Preparei-me em seguida e vim para cá. Parecia que alguma coisa me arrastava para esta casa.

— E se encontrou com o carneiro, certo?

— Certíssimo — disse o Rato.

*

— É muito doloroso para mim contar o resto desta história — disse o Rato. — Tenho a impressão de que você não seria capaz de avaliar quanto me dói, por mais que eu explique.

Amassou a segunda lata de cerveja vazia com os dedos.

— Se não se incomoda, eu preferia que você me fizesse perguntas. Já tem uma vaga ideia do que me aconteceu, não tem?

Assenti com um movimento de cabeça.

— As perguntas talvez não obedeçam a uma ordem. Importa-se?

— Absolutamente.

— Você está morto, não está?

Um tempo espantosamente longo transcorreu antes que o Rato me respondesse. Talvez não tenham passado de alguns segundos, mas para mim o silêncio foi tenebroso, de tão longo. Senti a boca seca.

— É verdade — disse o Rato calmamente. — Eu já morri.

O Rato que deu corda ao relógio

— Eu me enforquei na viga da cozinha — disse o Rato. — O homem-carneiro me enterrou num canto da garagem. Morrer não representou um sofrimento muito grande, se é isso que o preocupa. Mas na verdade esses detalhes não têm importância.

— Quando?

— Uma semana antes de você chegar.

— E foi nesse dia que você deu corda ao relógio, não foi?

O Rato riu.

— Pensando bem, é um absurdo. Acredita que a última coisa que eu fiz no último dia dos meus trinta anos de existência foi dar corda a um relógio? Para que haveria um homem prestes a morrer de dar corda a relógios? Absurdo, não acha?

Um silêncio impressionante invadiu a sala quando o Rato se calou. Ouvi apenas o tique-taque do relógio. A neve tinha absorvido todos os sons restantes. Restávamos apenas nós dois em todo o universo.

— Se eu...

— Pare — interrompeu-me o Rato. — Não há mais “ses” possíveis. Esse tanto você também deve ter entendido. Não é verdade?

Sacudi a cabeça. Eu não estava entendendo nada.

— Mesmo *se* você tivesse chegado uma semana antes, eu teria morrido do mesmo jeito. Talvez tivéssemos nos encontrado num lugar mais claro e quente. Mas dá tudo na mesma. Eu teria de morrer, de um jeito ou de outro. Eu ia sofrer muito mais. Só isso. Ademais, é quase certo que eu não teria suportado esse tipo de sofrimento.

— Por que você teve de morrer?

Ouvi-o esfregando as mãos no escuro.

— Não quero falar a respeito disso. Porque no final das contas eu estaria apenas me justificando. E você não acha deprimente ouvir um suicida justificando seu ato?

— Mas se você não me explicar, eu jamais compreenderei.

— Beba mais cerveja.

— Estou com frio — eu disse.

— Já não está tão frio assim.

Com a mão trêmula, puxei a argolinha da lata de cerveja e tomei um gole. Era verdade. Já não estava tão frio.

— Vou lhe explicar em poucas palavras, se você me prometer que não contará a ninguém.

— E, mesmo que eu contasse, quem haveria de acreditar?

— Isso é verdade — disse o Rato rindo. — Ninguém acreditaria em tamanho disparate, não é mesmo?

O relógio bateu uma vez, anunciando que passavam trinta minutos das nove horas.

— Posso parar o relógio? — perguntou o Rato. — O tique-taque me incomoda.

— Claro que pode. O relógio é seu.

Ele se levantou, abriu a portinhola do relógio e parou o pêndulo. E então sons e momentos de qualquer espécie desapareceram da face da Terra.

— Resumindo, eu morri com o carneiro dentro de mim — disse o Rato. — Esperei o carneiro adormecer profundamente, fui à cozinha, amarrei uma corda na viga e me enforquei. Ele não teve tempo de fugir.

— E você tinha de fazer isso de qualquer jeito?

— Eu tinha de fazer isso de qualquer jeito. Porque, se eu demorasse mais um pouco, o carneiro me controlaria completamente. Era a minha última oportunidade.

O Rato esfregou as mãos mais uma vez.

— Queria ter me encontrado com você enquanto eu ainda era eu mesmo. Eu verdadeiro, com minhas memórias e minhas fraquezas, entende? Foi por isso que lhe mandei aquela foto, quase uma mensagem em código. Achei que, no final, haveria salvação para mim se o acaso guiasse seus passos até aqui.

— E houve salvação para você?

— Houve, claro que houve — disse o Rato mansamente.

*

— A chave do mistério está na fraqueza — disse o Rato. — É aí que tudo começa. Você com certeza não entenderia essa fraqueza.

— O ser humano é fraco.

— Você está generalizando — disse o Rato, fazendo as articulações dos dedos estalarem. — Você não chega a lugar algum generalizando. Neste momento, estou lhe falando de coisas muito pessoais.

Calei-me.

— A fraqueza costuma apodrecer a gente por dentro. Feito gangrena. Eu vinha sentindo isso desde os meus vinte e poucos anos. Era por isso que eu vivia irritado. Você é capaz de imaginar o que é sentir-se apodrecendo gradativamente, de sentir-se assim o tempo todo?

Enrolado no cobertor, mantive-me em silêncio.

— Acho que não — continuou o Rato. — Não existe esse lado escuro em sua personalidade. Seja como for, fraqueza é isso. É quase um mal hereditário, compreende? Por mais que você saiba que ele existe, não tem meios de se curar. O mal também não é do tipo que desaparece miraculosamente um belo dia. Só piora cada vez mais.

— De que tipo de fraqueza você está falando?

— De todos os tipos. Fraqueza moral, de ânimo, da própria existência.

Eu ri. Dessa vez, com sucesso.

— Essa não. E onde você vai achar alguém que não sofra desse mal?

— Não vamos generalizar, já disse. É claro que todo ser humano tem suas fraquezas. Mas a fraqueza verdadeira é quase tão rara quanto a força verdadeira. Você não conhece essa fraqueza que arrasta incessantemente para as trevas. Mas ela existe, de fato. Você não pode resolver todos os problemas generalizando-os.

Continuei em silêncio.

— Foi por isso que parti daquela cidade. Não queria que meus amigos testemunhassem minha progressiva degradação. Nem que você visse. Enquanto eu andasse sozinho por terras desconhecidas, não estaria criando problemas para ninguém. Mas no fim... — disse o Rato, afundando um pouco mais no escuro — no fim, foi por causa dessa fraqueza que eu não consegui sair da sombra do carneiro. Não tive forças. E mesmo que você tivesse ocorrido imediatamente, acho que eu não teria conseguido. Ainda que você tivesse me convencido a descer a montanha, eu provavelmente retornaria para cá em seguida. Fraqueza é isso, entende?

— O que o carneiro queria de você?

— Tudo. Todas as coisas possíveis e imagináveis. Meu corpo, minhas memórias, minhas fraquezas, minhas contradições... O carneiro adora esse tipo de coisa. Ele tem uma porção de tentáculos que introduz nos ouvidos e no

nariz das pessoas, e os usa como canudinhos para sugar tudo. Você não se arrepiava só de pensar nisso?

— Em troca do quê?

— Em troca de algo muito bom, bom até demais para mim. Se bem que o carneiro não me mostrou isso claramente. Eu apenas vi uma parte. Ainda assim...

O Rato calou-se por alguns instantes.

— Ainda assim, ele conseguiu me envolver. De tal modo que já não me restou salvação. Não consigo explicar a situação em palavras. É como um cadinho que engole tudo. Lindo a ponto de você perder os sentidos, mas ao mesmo tempo medonho, de tão maldoso. Se você deixa seu corpo afundar nesse cadinho, tudo se apaga. Consciência, noção de valor, emoções e sofrimento, tudo desaparece. Assemelha-se ao dinamismo do instante em que a fonte da vida surgiu num pequeno ponto do universo.

— Mas você o recusou, não foi?

— Isso mesmo. E tudo isso foi enterrado com o meu corpo. E para que fique para sempre enterrado, basta apenas fazer mais uma coisa.

— Mais uma coisa?

— Só mais uma. E eu encarregarei *você* de fazer isso por mim, daqui a pouco. Por ora, falemos de outras coisas.

Bebemos cerveja simultaneamente. Meu corpo começou pouco a pouco a se aquecer.

— E a bolha de sangue funciona como um chicote, nesse caso? — perguntei. — Um chicote para o carneiro manipular seu hospedeiro à vontade?

— Exatamente. Quando a bolha surge, você já não consegue mais se livrar do carneiro.

— Qual era o objetivo do Chefe?

— Ele tinha enlouquecido. Acho que não conseguiu resistir à visão do cadinho. O carneiro usou-o para erigir sua formidável estrutura de poder. E, para isso, o carneiro entrou em seu corpo. O Chefe era um objeto descartável. Era o mesmo que zero como ser pensante.

— E quando o Chefe morresse, o carneiro usaria você para continuar no comando dessa estrutura de poder?

— Exato.

— E depois? Que aconteceria?

— Um reino de concepção totalmente anárquica. Nele, os opostos se integrariam. E no centro desse reino estaríamos o carneiro e eu.

— Por que recusou?

O tempo cessara, morrendo. E sobre o tempo morto a neve se acumulava silenciosamente.

— Eu gosto das minhas fraquezas, entende? Gosto do sofrimento. Gosto da luz do verão, do cheiro do vento, do canto das cigarras. Gosto tanto que chega a doer. Gosto da cerveja que tomo em sua companhia... — disse o Rato, engolindo as palavras seguintes. — Sei lá.

Eu também procurava palavras, inutilmente. Enrolado no cobertor, olhei dentro do negrume.

— Parece-me que acabamos construindo duas coisas totalmente diferentes a partir de um mesmo material — disse o Rato. — Você acredita que este mundo vai melhorar?

— E quem é capaz de dizer o que é melhor e o que é pior?

O Rato riu.

— Se o reino das generalizações existisse, você seria o rei.

— Sem a ajuda do carneiro.

— Sem a ajuda do carneiro, naturalmente.

O Rato esvaziou sua terceira lata de cerveja num único sorvo e depositou o recipiente vazio no chão.

— É melhor você descer a montanha de uma vez, meu amigo. Antes que a neve o encurrale. Você não quer passar um inverno inteiro preso neste fim de mundo, quer? Dentro de quatro ou cinco dias, a neve vai começar a se acumular. E é muito difícil vencer uma estrada congelada em áreas montanhosas.

— E você? Que pretende fazer?

O Rato riu no escuro, um riso de puro prazer.

— *Daqui para a frente* não existe mais para mim. Vou desaparecer depois deste inverno. Não sei o que um inverno representa em termos de tempo, mas de qualquer modo um inverno é um inverno. Foi muito bom ter estado em sua companhia. Ainda que eu preferisse ter me encontrado com você num lugar mais quente e claro, se tivesse escolha...

— J mandou-lhe lembranças.

— Diga-lhe que mandei as minhas.

— Fui vê-la também.

— Como vai ela?

— Muito bem. Ainda trabalha na mesma empresa.

— Quer dizer que não se casou?

— Não — respondi. — Ela me disse que gostaria de saber se está tudo acabado ou não.

— Está, está — respondeu o Rato. — Sei que a decisão não podia ter sido unilateral, mas de qualquer modo está tudo acabado. Minha vida não teve nenhum sentido. Mas é claro que, usando uma das generalizações de que você tanto gosta, vida alguma tem sentido. É isso, não é?

— É — respondi. — Tenho duas últimas perguntas a fazer.

— À vontade.

— A primeira refere-se ao homem-carneiro.

— O homem-carneiro é um sujeito legal.

— Mas o que veio me ver era você, não era?

O Rato moveu a cabeça provocando minúsculos estalidos na região do pescoço.

— Isso mesmo. Eu tomei emprestado o corpo dele. Quer dizer que você percebeu?

— Só depois de algum tempo — respondi. — No começo, eu não sabia.

— Para dizer a verdade, você me assustou um bocado quando quebrou o violão. Nunca o tinha visto tão nervoso. E aquele foi o meu primeiro violão, sabia? Coisa barata, mas mesmo assim...

— Perdoe-me — eu disse. — Eu queria ver se o assustava e o obrigava a manifestar-se.

— Está bem, está bem. De qualquer modo, tudo vai desaparecer amanhã — disse o Rato abruptamente. — E a outra pergunta deve ser referente à sua namorada, não é?

— Acertou.

O Rato permaneceu em silêncio por longo tempo. Ouvi-o esfregando as mãos e depois suspirando.

— Na verdade, não queria tocar nesse assunto. Ela foi um fator extra, inesperado.

— Inesperado?

— A-hã. Esta reunião era para ser íntima. E, então, ali estava ela de repente. Nós não devíamos tê-la envolvido. Como você bem sabe, ela é dona

de um poder extraordinário. O poder de atrair muitas coisas, você sabe. Mas essa moça não devia ter vindo para cá. Existem poderes neste lugar muito superiores aos dela.

— Que aconteceu a ela?

— Está a salvo. E com saúde — disse o Rato. — Só perdeu o poder de atraí-lo. Triste, mas verdadeiro.

— Por quê?

— Acabou-se. Alguma coisa dentro dela se apagou.

Calei-me por um bom tempo.

— Sei o que está sentindo — continuou o Rato. — Mas cedo ou tarde isso tinha de acontecer. Do mesmo modo que muita coisa apagou-se e desapareceu de dentro de mim, de você ou de muitas garotas.

Assenti com um movimento de cabeça.

— Bem, acho que já vou indo — disse o Rato. — Não posso ficar muito tempo. A gente se vê qualquer dia desses.

— Pode ser — eu disse.

— Se possível em algum lugar mais claro. E no verão, de preferência — disse o Rato. — Uma última coisa: quero que você acerte o relógio amanhã, às nove da manhã. Quero também que junte os fios existentes atrás dele. Fio verde com fio verde, fio vermelho com fio vermelho. Às 9h30, quero que saia daqui e desça a montanha. Marquei uma reuniãozinha íntima neste lugar ao meio-dia. Vai fazer tudo conforme pedi?

— Vou.

— Foi bom ter me encontrado com você.

O silêncio nos envolveu por alguns instantes.

— Adeus — disse o Rato.

— A gente se vê de novo — eu disse.

Enrolado no cobertor, fechei os olhos e apurei os ouvidos. Meu amigo cruzou a sala em passadas que soaram secas e abriu a porta. Um frio enregelante invadiu o aposento. Um frio sem vento, pesado, que parecia assentar e penetrar em todos os poros.

Com a porta aberta, o Rato permaneceu parado à entrada da casa. Não parecia estar olhando a paisagem externa, nem o interior da sala, nem o meu vulto enrolado no cobertor. Observava alguma coisa completamente diferente. Tive a impressão de que contemplava a maçaneta, ou a ponta do seu sapato.

Em seguida, fechou a porta com um suave estalido, como se cerrasse a porta do tempo.

Depois disso, silêncio. Nada mais que silêncio restou na sala.

Os fios verdes e vermelhos; a gaivota congelada

Algum tempo depois que o Rato se foi, comecei a sentir um mal-estar intenso, quase insuportável. Fui ao banheiro algumas vezes para tentar vomitar, mas nada além de arquejos roucos me saíram da boca.

Subi ao andar superior, despi o suéter e mergulhei nas cobertas. Ondas intercaladas de frio e de febre me assaltaram. A cada vez o aposento crescia ou diminuía. Os cobertores e as roupas de baixo encharcados de suor passaram a me comprimir como toalhas geladas.

— Às nove, dê corda no relógio — sussurrava alguém ao pé do meu ouvido. — Fio verde com fio verde... fio vermelho com fio vermelho... Vá-se embora às nove e meia...

— Não se preocupe — disse o homem-carneiro. — Vai dar tudo certo, você vai ver.

— As células vão sendo substituídas — dizia minha mulher. Ela trazia uma combinação de renda branca na mão direita.

Inconscientemente, minha cabeça balançou à direita e à esquerda.

Fio vermelho com vermelho... fio verde com fio verde...

— Você não está entendendo nada, não é mesmo? — disse minha garota. Isso mesmo, eu não estava entendendo absolutamente nada.

Ouvi um marulhar distante. Oceano pesado, de inverno. Mar cinzento, ondas brancas como certos pescoços. Uma gaivota congelada.

Estou na sala de exposição hermeticamente fechada do aquário. Diversos pênis de baleia enfileirados, calor intenso e sufocante. Alguém devia abrir a janela.

— Não. É proibido — disse o motorista. — Se você a abrir uma vez, nunca mais poderá fechá-la. E, se isso acontecer, todos nós morreremos.

Alguém abriu a janela. Que frio! Ouço as gaivotas gritando. Seus gritos agudos perfuram minha pele.

— Lembra-se do nome do seu gato?

— Sardinha — respondo.

— Nada disso. O nome dele não é mais Sardinha — me diz o motorista.

— É outro. Nomes mudam num instante. Você nem sabe mais o próprio

nome!

Que frio, que frio. E tem gaivotas demais.

— A mediocridade percorre um longo caminho — disse o homem do terno preto. — Fio verde com fio vermelho, fio vermelho com fio verde.

— Ouviu falar da guerra? — perguntou o homem-carneiro.

A orquestra de Benny Goodman começou a tocar “Airmail Special”. Charlie Christian executa um longo solo. Ele usa um chapéu de feltro cor de creme. É a última imagem de que me lembro.

De volta à curva sinistra

Pássaros cantavam.

Raios de sol infiltravam-se pelas tábuas das venezianas, projetando listras na cama. O relógio de pulso caído ao lado da cama indicava 7h35. Cobertores e camisa estavam encharcados, como se me tivessem despejado um balde de água enquanto eu dormia.

Minha cabeça continuava entorpecida, mas a febre desaparecera. Fora, a paisagem estava inteiramente coberta de neve. A campina luzia prateada na claridade de uma nova manhã. O ar frio era revigorante.

Desci as escadas e tomei uma ducha. Meu rosto estava anormalmente pálido, as faces tinham se encovado numa única noite. Passei três vezes mais que o normal de creme de barbear e fiz a barba cuidadosamente. Em seguida, eliminei uma quantidade inacreditável de urina.

Quando terminei de urinar, senti-me tão fraco que permaneci quinze minutos deitado no sofá, ainda enrolado no roupão.

Pássaros continuavam a cantar. A neve começou seu lento degelo, gotejando pausadamente do telhado. De vez em quando eu ouvia à distância o som agudo de gelo partindo.

Às 8h30, bebi dois copos de suco de uva e comi uma maçã inteira. Juntei minhas coisas. Peguei uma garrafa de vinho e uma barra grande de chocolate Hershey's da despensa no porão, e duas maçãs para completar.

Depois de feitas as malas, a sala adquiriu repentinamente um aspecto melancólico. Tudo ia se acabar.

Certifiquei-me de que o relógio de pulso marcava nove horas, puxei os três pesos do relógio de pêndulo até em cima e acertei os ponteiros. Afastei então o pesado relógio da parede e juntei os fios soltos que sobressaíam atrás dele. O fio verde... com o fio verde. E o fio vermelho com o fio vermelho.

Os fios saíam de quatro buracos abertos com broca na madeira do relógio. Um par em cima e outro par mais embaixo. Eles tinham sido fixados firmemente ao corpo do relógio com o mesmo arame que eu vira no banco de trás do jipe. Devolvi o relógio à posição inicial e, diante do espelho, despedi-me de mim mesmo.

— Espero que tudo dê certo — eu disse.
— Espero que tudo dê certo — disse o outro.

*

Cruzei o centro da campina, do mesmo jeito que cheguei. A neve rangia sob meus pés. A vasta campina ainda livre de pegadas lembrava um gigantesco lago de prata em cratera vulcânica. Olhei para trás e vi minhas pegadas seguindo ininterruptas até a casa. A linha das pegadas coleava, o que era inesperado para mim. Não é fácil andar em linha reta.

De longe, a casa me pareceu uma criatura viva. Oprimida, ela se contorcia e derrubava a neve da cumeeira. Pedacos inteiros deslizavam ruidosamente pela rampa do telhado e se espatifavam no chão.

Continuei a andar e terminei de cruzar a campina. Percorri em seguida o longo, longo caminho do bosque de vidoeiros, atravessei a ponte, contornei o cume cônico e saí na curva sinistra.

Por sorte, a neve ali não tinha congelado ainda. Mas, por mais que eu firmasse o pé, não conseguia me livrar da desagradável sensação de estar sendo arrastado a cada passo para o fundo do precipício. Agarrando-me à rocha porosa do paredão que se esboroava ao contato das minhas mãos, venci enfim a curva maldita. As axilas estavam encharcadas de suor. Como nos pesadelos da minha infância.

A planície surgiu à direita. Também estava coberta de neve. No centro dela, corria cintilante o rio Junitaki. Pensei ter ouvido um distante apito de trem. Tempo maravilhoso.

Depois de recuperar o fôlego, tornei a pôr a mochila ao ombro e desci a suave ladeira. Quando dobrei a curva seguinte, avistei um jipe novo, desconhecido para mim. E, parado diante dele, estava o secretário do terno preto.

Reunião ao meio-dia

— Estive à sua espera — disse o homem do terno preto. — É verdade que só por vinte minutos, mas...

— Como soube?

— Do local? Ou da hora?

— Da hora — eu disse, descarregando a mochila no chão.

— Por que acha que consegui o cargo de secretário do Chefe? Porque sou prestativo? Por ter QI alto? Porque sou esperto? Não me faça rir. Consegui porque tenho poderes. Sexto sentido, no linguajar pobre que vocês usam.

Ele usava uma jaqueta bege, calças de esquiador e um par de óculos verdes Ray-Ban.

— Eu e o Chefe *tínhamos* muita coisa em comum. Coisas que iam além da razão, da lógica e da ética, por exemplo.

— *Tínhamos*?

— O Chefe faleceu há uma semana. Enterro magnífico. Neste momento, Tóquio está em polvorosa, tentando escolher o sucessor. Gente medíocre correndo de um lado para outro em busca de soluções. Os idiotas...

Suspirei. O homem retirou um estojo prateado de cigarro do bolso da jaqueta, escolheu um cigarro sem filtro de dentro e o acendeu.

— Quer fumar?

— Não — respondi.

— Você trabalhou bem. Muito melhor do que eu esperava. Falando com franqueza, estou pasmo. Eu tencionava dar-lhe algumas sugestões ao longo do caminho, caso você se visse sem pistas. De qualquer modo, encontrar o Doutor Carneiro foi pura genialidade. Gostaria até de ter você trabalhando para mim.

— Quer dizer que sabia deste lugar desde o princípio?

— Óbvio. Que pensa que sou?

— Posso fazer-lhe algumas perguntas?

— Faça — disse ele, bem-humorado. — Mas seja conciso.

— Por que não me falou deste lugar desde o começo?

— Porque queria que você viesse para cá por livre e espontânea vontade. E também porque queria que o desentocasse.

— Desentocar?

— Da toca espiritual. Quando um indivíduo é possuído pelo carneiro, perde momentaneamente a consciência de si mesmo. Algo como fadiga de combate. Sua missão era tirá-lo desse estado. Mas você não podia saber de nada, para que ele confiasse em você. Que tal? Simples, não acha?

— Concordo.

— Toda mágica é simples depois que o truque é revelado. Difícil é programar. Um computador não consegue levar em consideração as mudanças das emoções humanas, entende? De modo que a programação é quase artesanal. Mas não existe alegria maior que a de ver o que você programou com tanto cuidado funcionando perfeitamente.

Dei de ombros.

— Muito bem — disse o homem —, a busca do carneiro está chegando ao fim graças aos meus cálculos e à sua ingenuidade. Eu vou finalmente tê-lo em minhas mãos. Estou certo?

— Parece — eu disse. — Ele o espera lá em cima. Disse que terão uma pequena festa particular ao meio-dia, em ponto.

Verificamos a hora simultaneamente nos relógios de pulso. Eram 10h40.

— Nesse caso, vou indo — disse o homem. — Não será delicado fazê-lo esperar. Quanto a você, pegue uma carona no jipe até a base da montanha. E isto é a sua recompensa.

O homem retirou um cheque do bolso da jaqueta e me entregou. Guardei-o sem ao menos verificar o valor.

— Não vai conferir?

— Não me parece necessário.

O homem riu com prazer.

— Foi muito bom trabalhar com você. Mais uma coisa: seu amigo encerrou a empresa. Uma pena. Ele tinha um futuro promissor. A indústria da propaganda vai se expandir muito mais daqui para a frente. Toque sozinho a empresa.

— Você está louco — eu disse.

— Nós nos veremos qualquer dia desses — disse o homem. Em seguida, partiu, contornando a curva rumo ao platô.

— Sardinha está muito bem — disse-me o motorista dirigindo o jipe. — Precisa ver como ele engordou.

Eu ia sentado na frente, ao lado do motorista. Ele me parecia totalmente diferente do homem que guiava a fantasmagórica banheira. Contou-me muitas coisas a respeito do enterro do Chefe e dos cuidados que dispensara ao gato, mas não ouvi quase nada.

Eram quase 11h30 quando o jipe parou diante da estação. Silêncio sepulcral na cidade. Um velho removia com a pá a neve acumulada na rotatória. Ao seu lado, um cachorro magro abanava o rabinho.

— Obrigado pela carona — eu disse ao motorista.

— Não há de quê — respondeu-me ele. — Ah, e quanto ao número do telefone de Deus! O senhor experimentou ligar para lá?

— Não. Não tive tempo, sabe?

— É estranho. Ninguém atende, depois que o Chefe morreu. Que terá acontecido?

— Na certa ele anda muito ocupado — respondi.

— Acho que o senhor está certo — disse o motorista. — Felicidades.

— Adeus — eu disse.

*

Havia um trem partindo ao meio-dia em ponto. Não havia viva alma na plataforma, e os passageiros eram apenas quatro, comigo. Ver gente ao meu redor me deu alívio. Cá estava eu, de volta ao mundo dos vivos, apesar de tudo. Podia ser um mundo medíocre, imerso em tédio, mas não tinha importância: era o meu mundo.

Mordiscava a barra de chocolate quando ouvi a campainha sinalizando a partida. Quando a campainha parou de soar e o trem deu o primeiro solavanco, ouvi uma explosão distante. Ergui a vidraça até o alto e pus a cabeça para fora. Após mais dez segundos veio a segunda explosão. O trem já tinha começado a correr. Quase três minutos depois, um rolo de fumaça preta começou a subir do topo cônico da montanha.

Fiquei contemplando a fumaça escura durante trinta minutos, até o trem começar uma curva à direita.

Epílogo

— Quer dizer que está tudo acabado... — disse o Doutor Carneiro. — Tudo acabado.

— Acabou-se, realmente — eu disse.

— Suponho que eu deva lhe agradecer.

— Perdi tantas coisas...

— Não — contradisse o Doutor Carneiro, sacudindo a cabeça. — Você está apenas começando a viver.

— Quanto a isso, é verdade — eu disse.

Quando deixei o quarto, o Doutor Carneiro tinha se jogado de bruços sobre a escrivaninha e chorava de um modo contido. Eu acabara de roubar todo o seu tempo perdido. Até hoje não sei se fiz bem ou não.

*

— Ela foi-se embora — disse o gerente do Hotel do Golfinho com voz triste.

— Não disse para onde ia. Parece que não se sentia bem.

— Não tem importância — eu disse.

Recebi minhas coisas de volta e dormi no quarto que eu ocupara antes. Da janela, avistei a mesma empresa de atividade misteriosa. Não vi a moça dos seios grandes. Dois funcionários jovens fumavam e trabalhavam em suas mesas. Um deles lia números em voz alta, enquanto o outro traçava com o esquadro um gráfico de linhas quebradas num grande pedaço de papel. A ausência da moça dos seios grandes dava ao escritório um aspecto completamente diferente. A única coisa inalterada era o fato de eu ainda não saber o seu ramo de atividade. Às seis horas da noite todos os funcionários foram embora, e o prédio ficou completamente às escuras.

Liguei o televisor e assisti ao noticiário. Nada sobre a explosão no topo da montanha. Ah, mas a explosão tinha acontecido no dia anterior. E onde teria eu passado um dia inteiro? E o que fizera? A cabeça doía quando tentava me lembrar.

O fato é que já se passara um dia inteiro.

E assim eu iria me afastando dia a dia daquela “lembrança”. Até o momento em que ouviria uma vez mais uma voz distante no meio das trevas.

Desliguei o televisor e me deitei na cama sem me descalçar. Sozinho, contemplei o teto cheio de manchas. As manchas lembravam pessoas de um passado distante, mortas e esquecidas.

Luzes cambiantes néon mudavam as cores do quarto. O relógio de pulso tiquetaqueava junto ao meu ouvido. Tirei o relógio e o joguei no chão. Buzinas de automóveis mesclavam-se suavemente. Tentei dormir, mas não consegui. Impossível adormecer quando o peito está repleto de sentimentos inexprimíveis.

Vesti um suéter, saí para o centro, mergulhei na primeira discoteca e bebi três doses de uísque *on the rocks* duplo ouvindo *non stop soul*. Agora meu mundo entrava nos eixos. Tinha de entrar. Era o que todos esperavam de mim.

Quando retornei ao Hotel do Golfinho, o gerente dos três dedos assistia ao último noticiário sentado numa poltrona diante do televisor.

— Vou embora amanhã, às nove da manhã — avisei.

— Vai voltar para Tóquio?

— Não — eu disse. — Primeiro, tenho de passar em alguns lugares. Acorde-me às oito, por favor.

— Certamente — respondeu ele.

— E obrigado por tudo.

— De nada.

O gerente suspirou em seguida.

— Meu pai recusa-se a comer. Se continuar desse jeito, vai acabar morrendo.

— Dê-lhe um desconto. Ele passou por um momento difícil.

— Sei disso — disse o gerente com ar triste. — Mas meu pai não me conta absolutamente nada.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — eu disse. — É só uma questão de tempo.

*

No dia seguinte, lanchei no avião. Aterrissamos uma vez no aeroporto de Haneda e tornamos a levantar voo em seguida. À minha esquerda, o mar brilhava intensamente.

J descascava batatas, como sempre. Uma ajudante trocava a água dos vasos e passava um pano úmido sobre as mesinhas. Diferente de Hokkaido, o outono ainda se demorava na cidade. As árvores das montanhas que eu avistava da janela do J's Bar continuavam maravilhosamente coloridas. Sentado ao balcão do estabelecimento antes do expediente, eu tomava cerveja. Com uma das mãos, apertei a casca de um amendoim, que se partiu com um agradável estalido.

— Não é fácil conseguir amendoins que estalem desse jeito — comentou J.

— Verdade...? — murmurei, roendo o amendoim.

— E então? De férias outra vez?

— Larguei meu emprego.

— Largou?

— Essa história é muito comprida, sabe...

J, que terminara de descascar as batatinhas, transferiu-as para uma peneira grande, lavou-as e as escorreu.

— E que pretende fazer daqui para a frente?

— Ainda não sei. Vou receber uma certa quantia em troca do emprego e da minha parte na sociedade, mas nada que o deixe de olhos arregalados. E tenho isto também.

Retirei o cheque do meu bolso e o entreguei a J, ainda sem tomar conhecimento do valor. J examinou o cheque e sacudiu a cabeça, admirado.

— Impressionante! Mas será que eu sinto no ar um cheiro suspeito?

— Sente, sim, e está certo em sentir.

— Mas a história é muito comprida, acertei?

Ri apenas.

— Deixo esse cheque aos seus cuidados. Guarde-o no cofre do bar, por favor.

— Cofre? Que cofre, homem?

— Na caixa registradora, então.

— Vou depositá-lo num cofre de banco para você — disse J com ar preocupado. — Mas que é que você pretende fazer com isso?

— Escute, J. Você deve ter gastado um bom dinheiro quando se mudou para cá.

— Gastei mesmo.

— Dívidas?

— Devidamente contraídas.

— Esse cheque as cobriria?

— Cobre, e ainda sobra troco. Mas...

— Você nos aceitaria, ao Rato e a mim, como sócios deste seu bar, se déssemos o cheque como capital? Não queremos participação nos lucros, nem juros, nem nada. Queremos apenas ser sócios nominais.

— Mas isso não está certo.

— Está, sim. Em troca, quero que você nos receba, ao Rato e a mim, neste bar, se alguma vez nos virmos em dificuldades.

— E não tem sido sempre assim?

Ainda com o copo de cerveja na mão, olhei seriamente para o seu rosto.

— Sei disso. Mas essas são as condições.

J sorrii e enfiou o cheque no bolso do avental.

— Ainda me lembro do seu primeiro porre. Há quantos anos foi aquilo?

— Treze.

— Tantos assim?

Em seguida, J falou sobre os velhos tempos por quase trinta minutos, bem contra os seus hábitos. Clientes começaram a pingar, e eu me levantei.

— Mas você acabou de chegar! — reclamou J.

— Meninos bem-educados sabem a hora de ir embora — repliquei.

— Você encontrou o Rato?

Com as mãos apoiadas no balcão, suspirei profundamente e disse:

— Encontrei.

— Já sei, já sei. Essa história também é comprida, certo?

— Mais comprida que qualquer outra história de que você tenha ouvido falar em toda a sua vida.

— Não dá para resumir?

— Se resumir, vai perder o sentido.

— Ele estava bem?

— Muito bem. Disse que tinha saudades de você.

— Será que o vejo um dia desses?

— Claro que sim. Afinal, somos sócios. Esse dinheiro é fruto do nosso trabalho, dele e meu.

— Não faz ideia de quanto me alegra ouvir isso.

Desci do banco e inspirei fundo o ar carregado de nostalgia.

— Mudando um pouco de assunto, e na qualidade de sócio, queria um fliperama e uma vitrola automática neste bar.

— Você os verá aqui da próxima vez que vier — prometeu J.

*

Caminhei pela beira do rio até a foz, sentei-me nos cinquenta metros de praia restantes e chorei durante duas horas. Nunca tinha chorado tanto em toda a minha vida. Só depois de chorar as duas horas senti-me enfim capaz de me levantar. Não sabia aonde iria, mas me ergui do mesmo jeito, espanando os grãos de areia da calça.

O sol tinha se posto por completo. Comecei a andar. Às minhas costas, ondas marulhavam baixinho.